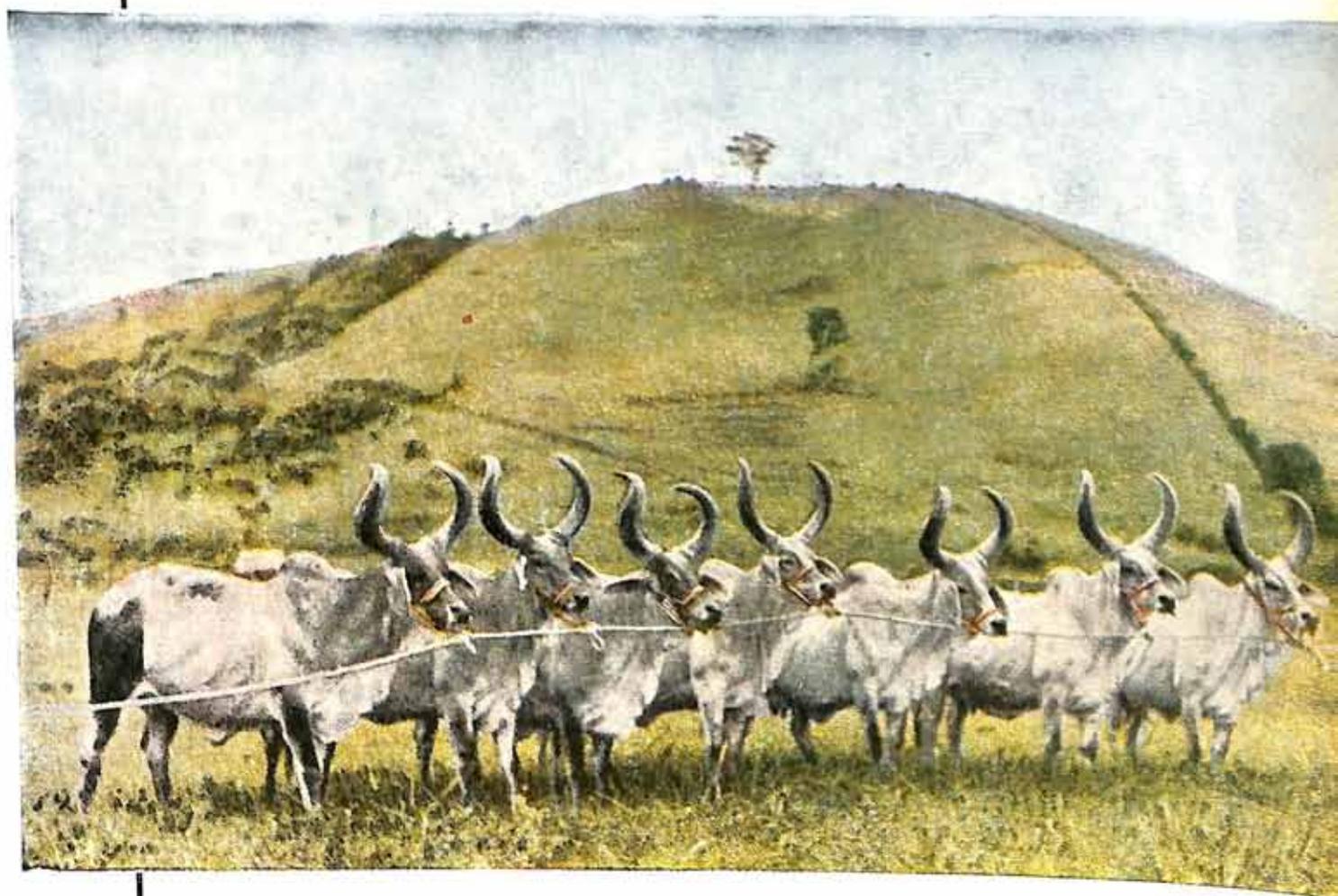


REVISTA DOS CRIADORES

REPORTAGENS:

- O Guzerá importado e a pecuária nacional
- A Fazenda Três Barras dá o exemplo de manejo e melhoramento de pastagens



ANO XXXVII — 1966 — FEVEREIRO — N.º 434

NESTE NUMERO

- EDITORIAL
- MERCADOS PECUARIOS
- COBRANCA DO IMPOSTO TERRITORIAL RURAL
- O CONTROLE LEITEIRO OFICIAL COMO GARANTIA DOS TRABALHOS SELETIVOS ESPECIALIZADOS
- GOVERNAR E ABRIR ESTRADAS
- UM CEARA VERDEJANTE DE PECUARIA NOVA E BRILHANTE

- Cadê o Jeep?
- Tá puxando arado.
- Depois pega êle e vai na cidade buscar semente.



Jeep sempre trabalhando. Faz tanta coisa na fazenda.
Puxa arado. Ajuda a plantar semente.
Ajuda na colheita. Transporta pequenas cargas.
E não tem medo de chuva. Nem de lama, nem de barro.
Leva gente pra lá e pra cá. Até nos passeios.
Quem vai de Jeep vai em frente.
Jeep está sempre trabalhando.
Tal como você precisa. Jeep — êta companheiro!
3 modelos, com 2 ou 4 portas — 3 marchas
sincronizadas, tração nas 4 rodas e reduzida —
alternador em lugar do dinamo,
carrega a bateria mesmo em marcha lenta.

Jeep '66 

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qual

TAARUP

símbolo internacional
de
lucros!

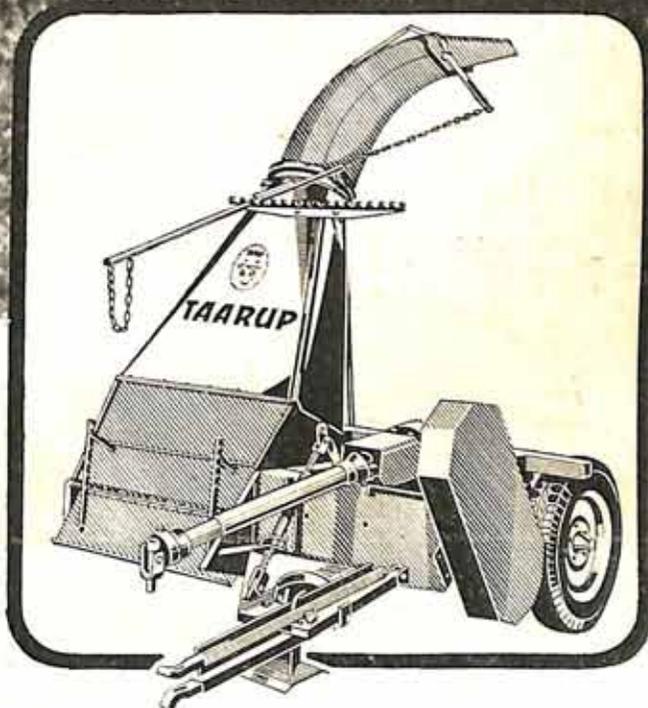


A colhedeira TAARUP faz quase tudo na sua fazenda. É indispensável ao fazendeiro que quer rendimento integral de seu trabalho.

A COLHEDEIRA TAARUP EMPILHA LUCROS EM TODO MUNDO!

Sabe cortar, colhêr, picar, carregar e ensilar qualquer tipo de forragem verde, inclusive soja perene consorciada com napier.

Funciona acionada pela tomada de força do trator, sendo vendida nas melhores condições de financiamento.



**AMIGOS DE SEMPRE.
SEMPRE TÉCNICAMENTE ATUALIZADOS.**

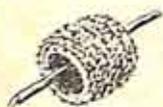


Cia. Fabio Bastos

R. DE JANEIRO • S. PAULO • B. HORIZONTE • P. ALEGRE • J. DE FORA • CURITIBA • PELOTAS • UBERLÂNDIA • CAMPINAS • BRASÍLIA • CAMPOS • RIB. PRÊTO • PONTA GROSSA • PIRACICABA • LONDRINA • S. JOSÉ DO RIO PRÊTO • CRICIÚMA • S. JOSÉ DOS CAMPOS • GOV. VALADARES • PARAÍBA DO SUL • P. PRUDENTE • MARÍLIA • BAGÉ • CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM • VARGINHA • ARROIO GRANDE

Compre na **A.P.C.B.** e lucre **4** vezes.

TEMOS PARA ARTIGOS PARA A PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA



Arame farpado, liso ou ovalado. Grampo para cerca.



Pás, enxadas, foices, facões, machados e escavadeiras.



Laço, baixeiro, pelego, xerxa de feltro, berantes, estribos.



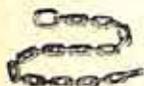
Seringa automática, argola p/ touro, torques p/ castrar, artigos cirúrgicos.



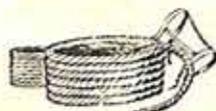
Soros, vacinas, vermífugos e demais produtos veterinários.



Sal puro ou mineralizado, antibióticos.



Correntes para contenção do gado e peia para ordenha.



Cordas, cabrestos, cabo de cabestro.



Botões de alumínio e chapas numeradas p/ identificar gado.



Bota e tamanco de borracha: cano curto e longo.



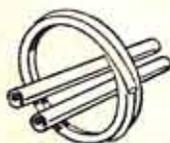
Balde de metal ou de plástico, graduado para ordenha.



Latão de leite. Resfriadores de leite.



Balança de pesar leite. Butirômetro.



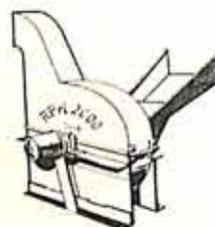
Tubos plásticos e folhas plásticas para lavoura.



Lonas, encerados e sacos para colheita.



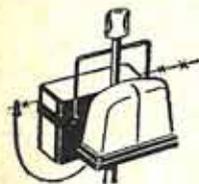
Formicidas, inseticidas, fungicidas e imunizantes.



Picadeira de cana: elétrica, a gasolina ou a óleo cru.



Adubo granulado ou em pó, ensacado ou a granel.



Cerca elétrica e pertences, nacional e importada.



Aparelho para tosquia de bovinos, es-covas e raspadeiras.



Desnatadeira, formas para manteiga e queijo.



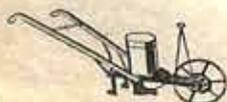
Baladeira, filtro para leite e coalho para queijo.



Vários tipos de balança para gado.



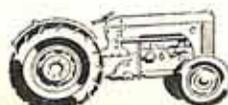
Carrinho de mão de rodas de borracha ou de ferro.



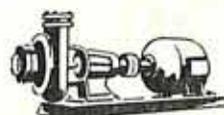
Semeadeira e adubadeira manual e mecânica.



Carrota inteira e desmontável p/ tração animal e mecânica.



Tratores de pneu ou de esteira. Pulverizadores de vários tipos.



Bombas de motor elétrico, diesel ou óleo cru.



Desintegradores, moendas, debulhadores a motor ou manual.



Motor elétrico e a gasolina e gerador a gasolina ou a óleo cru.

na qualidade; 4 nos benefícios que a A.P.C.B. poderá proporcionar-lhe com o produto das vendas

PRONTA ENTREGA:

ARTIGOS PARA O CONFÔRTO E BEM-ESTAR



Japones de lã, ponchos e capas de plástico, lona e borracha.



Sapatos e botas de couro para homens, mulheres e crianças.



Livros técnicos e para registro e controle de animais.



Tambor plástico para transportar gasolina, diversos tamanhos.



Canecas plásticas graduadas, jarras, garrafas e leiteiras.



Garrafas térmicas e geladeiras portáteis de isopor ou de metal.



Lanternas plásticas de pilha e pilhas avulsas.



Lâmpadas a gás ou querosene, camisas, pavios e mangas.



Charrete com ou sem pneu.



Passagens aéreas: linhas domésticas e internacionais.



Canivetes, facas, facões e tesouras de podar.



Cadeira de lona de abrir e fechar, leve e de fácil transporte.



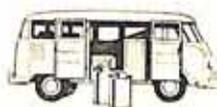
Chapéus finos para campo, de feltro e de palha.



Aviões.



Caixas de madeira e fôrmas plásticas para transporte de ovos.



Kombi para serviços na fazenda e transporte de pessoal.



Churrasqueira e espeto inoxidável para churrasco.



Jeep para transporte de pessoal ou de mercadorias e até para aração.

a A. P. C. B. é

uma entidade de classe fundada em 1927 e presta os seguintes serviços a seus associados:

- assistência técnica agrônômica, zootécnica e veterinária;
- serviço de registro genealógico;
- serviço de controle leiteiro das raças européias e indianas;
- serviço de controle de peso de gado para corte;
- distribui a "Revista" e o "Anuário dos criadores" aos seus associados;
- realiza a Exposição Especializada de Gado Leiteiro do Estado de São Paulo;
- realiza a Feira Nacional de Animais;
- ...e dentro em breve estará oferecendo mais serviços aos associados.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Rua Jaguaribe, 634 - Tel. 51-6963 - 51-6380 - 52-6686 - 52-4388
SÃO PAULO — BRASIL



Filiada à Santa Gertrudis Breeders International

RUA FORMOSA, 367 — 9.º ANDAR
TELEFONE 35-6121

CAIXA POSTAL 4210
SÃO PAULO — S. P. — BRASIL

SANTA GERTRUDIS

A MELHOR RAÇA DO PRESENTE E DO FUTURO

Por que?

Num teste encerrado em 27 de Março de 1965, nos Estados Unidos, o **MAIOR GANHO DE PÊSO** coube à raça **SANTA GERTRUDIS**, a saber:

- 1.º lugar — aumento de peso de 309,628 kg em 140 dias (2,210 kg por dia).
- 2.º lugar — idem de 296,008 kg.

O que é mais importante: total de animais na prova = 7.500, pertencentes a todas as raças! E ainda: total de animais com ganho de peso superior a 227 kg em 140 dias foi de 69. Dêste grupo, 64 eram da raça **SANTA GERTRUDIS**. Sómente **5 DAS OUTRAS RAÇAS**.

Quem desejar:

- maior resistência a doenças e ao calor
- mais peso por idade
- maior rendimento de carcaça
- fêmeas mais leiteiras
- vacas sem problemas de parto

DEVE PREFERIR A RAÇA SANTA GERTRUDIS

Associados da Associação Brasileira de Santa Gertrudis possuidores de gado registrado: **BAHIA**: Cornélio Moreira Souza e Natanael Trajano Costa — Itabuna; Francisco Augusto S. Souza — Salvador; José Franco Sobrinho — Itabuna. **PARANÁ**: Fazenda Califórnia, Leon Israel — Jacarézinho; Theodoro Pinheiro Machado — Curitiba. **RIO GRANDE DO SUL**: Dr. Américo Michelini — Carazinho; Fazendas Reunidas — Dr. José Mariano da Rocha — São Borja; Milton Silva do Nascimento — Pôrto Alegre; Cláudio Taconi — Viamão; Francisco Matheus — Pôrto Alegre. **SÃO PAULO**: Agenor Nogueira Filho — Avaré; Alberto de Paula Leite Moraes — Chavantes; Antonio Carlos Quartim Barbosa — Avaré; Baltazar G. Paraventi — Matão; Dr. Carlos Francisco Alves — São José do Rio Preto; Cia. Agro Industrial e Comercial "Arnoldo Bannwart" — Avaré; Cia. Itaquerê Industrial e Agrícola — São Paulo; Condomínio Fazenda Jangada — Guararapes; Condomínio Fazenda Santa Bárbara — Itapira; Fazenda Maristela — Tremembé; Guilherme Ernesto Constantini — Piedade; Aluizio Rebelo de Araújo — Amparo; Guilherme Campos Salles — Americana; Giannandrea Matarazzo — Araras; Hélio Gouvêa de Mello — Chavantes; Dr. João Francisco Rabelo — Novo Horizonte; Dr. João Boumgartner — Osvaldo Cruz; José de Souza Queiroz Filho — Leme; King Ranch do Brasil S/A — Rancharia; Luiz M. Prates — São Paulo; Marcos Gasparian — São Paulo; Paulo Lacerda Quartim Barbosa — Garça; Dr. Pedro Wirth — Oriente; Renato A. Arens — São Paulo; Dr. Theodoro Quartim Barbosa — São Paulo.

EXISTEM CENTENAS DE CRIADORES EM TODO O BRASIL FAZENDO CRUZAMENTOS COM TOUROS SANTA GERTRUDIS

DIRETOR

Luiz A. Penna

REDATOR-CHEFE

Pedro Ferraz do Amaral

REDATOR-SECRETARIO

Rosemberg Marson

COLABORADORES

Alberto Alves Santiago
Hélio Fernando de Albuquerque
Henrique F. Raimo
Hugo Prata
José Resende Peres
Leovigildo P. Jordão
Luiz Carlos Campos
Nilza Perez de Resende
P. A. Gonçalves
Pimentel Gomes
Walter C. Battiston

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Aldo D'Angelo
Sylvio Barretti
Jayme Dônio
D. Dina Avela
João Baptista Pinto
Laércio C. Noronha

DEPARTAMENTO DE REPORTAGEM

Laércio C. Noronha
Francisco Sciacca
Samuel Lisboa

REDAÇÃO

RUA CANUTO DO VAL, 216
S. PAULO, Z. P.3 (BRASIL)
TELEFONE: 51-9234 - CAIXA
POSTAL: 9194 — END. TELE-
GRÁFICO: "CRIADORES"

ASSINATURA:

1 ano Cr\$ 8.000
2 anos Cr\$ 14.000
3 anos Cr\$ 20.000
1 ano sob registro postal Cr\$ 8.500
Semestre Cr\$ 4.500
Número avulso Cr\$ 800
Número atrasado Cr\$ 900



Revista dos Criadores

ÓRGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

FUNDADA EM 1930

Ano XXXVII — S. Paulo, Fevereiro de 1966 — Nº 434

SUMÁRIO

Quanto custa um rebanho? Que lucro dá a criação?	6
Mercados pecuários	8
Sua carta chegou	10
A Fazenda Três Barras dá o exemplo de manejo e melhoramento de pastagens — José de Rosa	12
O Guzerá importado e a pecuária nacional	13
Seção Jurídica — Cobrança do Imposto Territorial Rural — Nilza Perez de Resende	17
O Brasil pode produzir carne bovina a preço inferior ao do mercado internacional	20
O controle leiteiro oficial como garantia dos trabalhos seletivos especializados — Evandro Bahia Monteiro	26
A querência do gado de corte — Geraldo Leme da Rocha	28
Governar é abrir estradas — Luiz Carlos Campos	32
Um Ceará verdejante de pecuária nova e pujante — Pimentel Gomes	36
A pecuária na Bahia — Cenário baiano para as eurásias — Othello Tormin	40
Veterinária — O porco também pode ficar tuberculoso — Walter C. Battiston	43
Notas zootécnicas — Leovigildo P. Jordão	44

AVICULTURA

Normas para avaliação da produtividade das aves — H. F. Raimo	54
Trocando em miúdos — Últimas da ciência	55
Relatório nº 252 do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.	57
O que vai pelo Controle Leiteiro — F. A. N.	64
As forragens ingeridas pelos bovinos	79
O sistema brasileiro de extensão rural	83
O registro genealógico de zebuínos	87

NOSSA CAPA

Este mês apresentamos em nossa capa a quadricromia de um grupo de vacas Guzerá importadas, cuja pureza racial assegura sua uniformidade. Fazem parte do plantel da FAZENDA CONQUISTA, em Valença, Estado do Rio, propriedade de LANSA — Leônia de Andrade S.A., Pecuária, Indústria e Comércio. A propósito, chamamos a atenção dos leitores para a reportagem que publicamos nesta edição a páginas 13, 14, 15, e 16.

QUANTO CUSTA UM REBANHO? QUE LUCRO DÁ A CRIAÇÃO?

Avoluma-se a nossa correspondência, procedente de todos os pontos do País. Uma que outra publicamo-las na secção "Sua carta chegou". Outras são respondidas diretamente. Outras ainda vão aos nossos consultores, a fim de que respondam às indagações dos interessados. Uma destas chegou-nos recentemente da zona Mogiana, Estado de São Paulo — e foi às mãos do dr. Fidélis Alves Neto, para que oferecesse os esclarecimentos necessários. Tanto o pedido como a resposta constituem contribuições valiosas para o estudo de problemas administrativos da criação — motivo pelo qual vamos abrir espaço à divulgação de ambos.

O missivista é o sr. João Bueno de Aguiar Neto (caixa postal 70 — Amparo) e sua carta está vasada nêstes têrmos:

"Como sócio e criador de gado leiteiro, acompanho com cuidado os artigos publicados por essa ótima e bem feita "Revista." Queria agora propor o seguinte:

Os produtores de leite desta região não conseguimos de modo algum obter renda razoável de nossos rebanhos, os quais, embora não sejam P. O. ou P. C., são cruzados de Holandês e não raro com produção bastante satisfatória.

Nos últimos números da "Revista dos Criadores", li artigos de seu colaborador F. Alves Neto, sobre a Fazenda São Quirino (um dos orgulhos da nossa pecuária), assim como sobre a Fazenda Santana (São José dos Campos) e outras organizações modelo de criação de gado puro, produtoras de leite com alta média por animal. Os artigos são feitos com todo o cuidado e com inúmeros e preciosos detalhes, que nos dão o panorama exato de como funcionam bem essas organizações.

Agora há um detalhe, que infelizmente todos os colaboradores da "Revista dos Criadores" têm esquecido: quanto **custa** e qual o **lucro obtido**? Assim, após ler um artigo cheio de minúcias sobre produção, idade e família dos ani-

mais, pedigree, etc não sabemos quanto custou o animal, quanto custou o trato dele, quanto valem as instalações, quanto custaram ou valem as pastagens, quantos empregados trabalham na organização, o valor dos tratores, picadeiras, silos metálicos, ordenhadeiras, etc enfim, qual o capital empregado? Qual a despêsa? Qual o lucro?

Quem vai ver o gado não deve só ver a beleza ou a produção dos animais, mas deve ver o custo dessa produção se é econômica ou não e relacionar tudo isto para que outros possam ver onde está seu erro e corrigi-lo.

Porque é preciso lembrar que os produtores de leite vivem da sua atividade e não de criar animais para exposição".

A resposta do Dr. Fidelis Alves Neto é a seguinte:

"Estamos de posse de sua carta de dezembro último, na qual nos faz várias referências elogiosas, ao mesmo tempo que expõe impressões interessantes, que nos levam a responder-lhe, dando nossa opinião e esclarecimentos.

Sua missiva, toda ela, traz a impressão bem clara de que V.S. está dominado (e não é só V.S., mas quase todos os produtores de leite desta região) pelas dificuldades financeiras que enfrenta, em razão do tabelamento do leite.

Realmente, é muito difícil pensar com calma e examinar problemas mais elevados, quando a pessoa se acha em condições de inferioridade, e de tanta injustiça, como essa determinada pelo atual tabelamento. Queira Deus que, quando esta chegar às suas mãos, já a situação esteja alterada. Porém, tememos que tal não aconteça tão cedo, e então estaremos muito mais próximos do desastre maior, que é a desesperança que já está alcançando a todos. A manutenção de um tabelamento fixo, por mais de catorze meses seguidos, só pode ser ta-

chada de política suicida e criminosa. Suicida, porque estamos cavando nossas próprias dificuldades para amanhã e criminosa porque ela está levando à desgraça e à situação insolvável milhares de famílias de produtores e seus assalariados.

Portanto, como V.S. pode observar, também estamos sentindo o problema e há muito mais tempo do que se pode imaginar, aliás, de há muito somos pioneiros em estudos de custo de produção de leite e, por isso, não poderíamos estar fora dessa situação ou alheios a tamanho desastre. Compreendemos quando V. S. afirma que "de modo algum conseguem obter renda razoável de seus rebanhos embora não sejam PO ou PC, mas cruzados com Holandês e não raro com produção bastante satisfatória." Certamente, o problema de renda econômica de um rebanho leva sempre a um dado, que a nenhum criador é permitido desconhecer: a produção média de seu rebanho. Isso é calculado tendo em vista o total de vacas e o volume de leite produzido. Qual é o seu? Nesta conta vão pesar seriamente as vacas que não pariram durante o ano, as de lactação curta e as que dão pouco leite. Se a sua média estiver acima de 1.000 ks por vaca, por ano, então V.S. já está no bom caminho, devendo procurar atingir 1.500, 2.000 ou mais. Porém, se estiver abaixo, então pode estar certo de que nem com leite de 300 cruzeiros por litro terá lucro.

Nas reportagens que têm sido publicadas, estamos mostrando um aspecto do problema da pecuária leiteira, aquilo que se está fazendo no Brasil para melhoramento dos plantéis e que, em última análise, mostra o esforço de criadores nacionais no produzir reprodutores para fazendas produtoras de leite, os quais, até há alguns anos atrás, teriam que ser importados. A contribuição dos plantéis nacionais vem sendo de tal ordem que hoje são raros os reprodutores importados e um considerável melhoramento dos plantéis nacionais já pode ser alcançado partindo de reprodutores de criação brasileira. Para isso temos não só excelentes criações, mas também o que é muito importante, um registro fiel de todos os dados e elementos que possam indicar os bons animais e orientar os criadores na escolha de reprodutores. Nessas reportagens, naturalmente não vamos examinar aspectos econômicos de produção, embora considerados em alta conta pelos criadores, sem o que tais organizações já teriam desaparecido. Talvez ainda, em outra oportunidade, tais aspectos venham a ser considerados, pois sua sugestão merece acatamento.

Ainda que se espere uma modificação do atual tabelamento, o que terá que ocorrer de qualquer forma, V.S. e os demais companheiros criadores e produtores terão que atentar permanentemente para os custos de produção,

pois, sempre foram e serão companheiros inseparáveis dos produtores, sendo o aumento da média individual o objetivo permanente. A diminuição dos gastos com alimentos mediante melhores pastos e rações obtidas na propriedade e bem assim a redução da mão-de-obra, mercê da simplificação dos serviços, constituem os companheiros inseparáveis da melhora das médias individuais. Isso tudo poderá levar a lucro se, ao mesmo tempo fôr alcançada, ao lado de mais leite por menos despesas, a criação de boas novilhas, que mais tarde substituirão as boas vacas ou fornecerão uma renda "extra" quando vendidas.

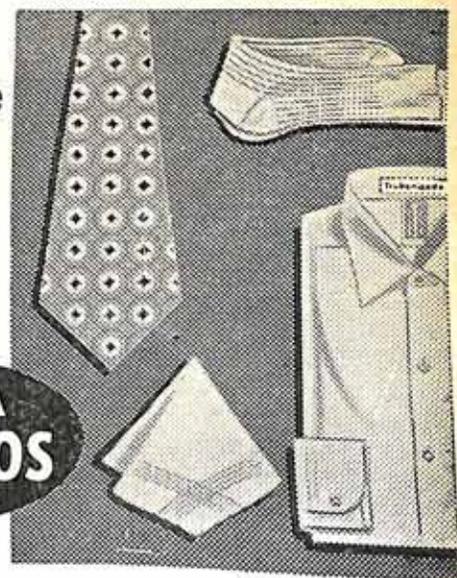
De qualquer forma, todos devemos continuar atentos e sem desânimo, cuidando para não nos perdermos nesta dificuldade, alimentando corretamente as boas vacas e criando bem as novilhas que o mereçam. Fazer economia de ração ou de trato com êsses animais significa assumir compromissos talvez insolúveis para o futuro, pois é muito dispendioso recuperar animais que passaram longos períodos de fome. A economia que pode e deve ser feita, mesmo à custa da redução do volume de leite produzido, é a venda de vacas más produtoras, não parideiras, defeituosas irrecuperáveis e as de baixa produção, mas nunca reduzindo o trato das boas produtoras. Criando apenas metade ou um terço das bezerras, também estará economizando momentaneamente, mas somente se criar bem. Isso, sem falar dos machos que, conforme os preços para abate, devem ser mortos logo na primeira semana ou posteriormente, se os preços compensarem.

Mas, enquanto não se consegue nada nesse setor, cuidemos dos reprodutores e dos bons rebanhos, à espera de melhores dias. Daí as reportagens que certamente prosseguirão".

**Veja
o grande sortimento de**

**CAMISAS
GRAVATAS
MEIAS e
LENÇOS**

**CASA
KOSMOS**



**RUA 7 DE ABRIL, 400 — RUA DIREITA, 150
SÃO PAULO**

Mercados Pecuários

Boi solto sobe e pára naturalmente

Porco aumenta na garupa do novilho

Leite continua detido pelas tabelas

Ovos mostram primeiros sinais da quaresma

Livre da tabela oficial, o novilho subiu em janeiro acima do proprio nivel do mercado paralelo de dezembro, mas acabava o mês com tendência de saturação da alta, devido à entrada da safra e à normalização gradativa dos abates. O gado suíno subiu apreciavelmente, como é proprio da época e valendo-se da garupa do boi. O leite continuou empacado na tabela infeliz. Os ovos subiram, com a entre-safra à vista, mas o frango, com o mercado de carne mais bem abastecido, caiu de maneira acentuada.

BOI AO NATURAL

O novilho gordo, no Estado de São Paulo, tendo em vista a resolução da SUNAB liberando o preço da materia prima da carne, subiu acentuadamente, no mercado livre. Em dezembro, o mercado oficial (inclusive bonificação) era de Cr\$ 9.500 por arroba, livre de frete e imposto, no Interior, e o mercado paralelo girava, nas mesmas condições, em torno de Cr\$ 12 a Cr\$ 13 mil. A partir da liberação, em janeiro, os preços deram um primeiro salto acima de Cr\$ 14 mil, chegando a Cr\$ 15 mil. A media mensal, todavia, oscilou em torno de Cr\$ 14.500, sendo que nos ultimos dias do mês notava-se maior oferta, com tendência de afrouxamento dos preços, estimulada pelo declinio da procura

de carne (ferias e preços demasiado altos). Explica-se a alta pelo natural efeito psicologico da liberação, bem como pelo anuncio precipitado da SUNAB de farta estocagem na safra e de exportação (noticia recolhida posteriormente) e ainda pelo atraso das entradas das boiadas no mercado, devido a muitos abates antecipados entre setembro e dezembro, sobretudo nos frigorificos sob intervenção. De fevereiro a março, a tendencia de alta deveria esmorecer, como já se estava verificando em fins de janeiro, havendo expectativa de estacionamento dos preços da materia prima, salvo matança exagerada para exportação e estocagem. Carne vinda do Rio Grande do Sul para a Guanabara contribuia para ajudar a moderar o mercado, suprindo ao menos parcialmente a lacuna deixada pelos frigorificos sob intervenção, pois, embora esta prosseguisse, os interventores, sem a facilidade de obter boi a preços fixos e abaixo do mercado natural, reduziram consideravelmente as compras.

MAGRO ACOMPANHA GORDO

O boi magro no Brasil Central beneficiou-se naturalmente da liberação do boi gordo, em parte devido à alta desse e em parte devido ao reativamento dos negocios, que se achavam tolhidos em face do regime de desapropriação, a preços tabelados, a favor dos frigorificos sob intervenção da SUNAB. A base de operação em Mato Grosso oscilava em torno de Cr\$ 120 mil por cabeça e, em Goiás, em torno de Cr\$ 150 mil. Em Minas, variava conforme a zona, mas a base assemelhava-se à de Goiás.

FEVEREIRO DE 1966

No Rio Grande do Sul, estava iminente a abertura da safra de 66, com perspectivas de boa exportação. Já estavam fixados os níveis de abate para frio, conserva, charque e estocagem, os quais deveriam superar 400 mil reses. Quanto ao preço, esperava-se uma safra vendida entre Cr\$ 380 a Cr\$ 420 por quilo bruto em pé, ou seja o nível por arroba abaixo de Cr\$ 12 mil, uma vez adotado o sistema de aferição do Brasil Central.

A carne bovina, no atacado, ficou parcialmente tabelada, com o dianteiro para consumo, a Cr\$ 580 o quilo. Essa circunstância, naturalmente, afetou o custo do trazeiro especial, que foi para o mercado livre, e acusou negócios até a Cr\$ 1.500, no atacado paulistano e carioca. O preço médio do mês deve ter rondado por Cr\$ 1.400, tendo havido, nos últimos dias, negócios a bem menos, dada a saturação do mercado e à dificuldade dos açougues no se nutrirem satisfatoriamente de carne de 1.^a e de 2.^a. (Quase todos os abatedores reservam também dianteiros para a indústria, de maneira que não podiam alimentar satisfatoriamente a procura anormal de dianteiros para consumo in natura, estimulada pela grande diferença de preço entre o produto de 1.^a e o de 2.^a qualidade). No varejo, a carne de 1.^a, que chegara a Cr\$ 2.500, e no Rio até além, tinha caído a Cr\$ 2.200, com tendência para cair mais, fixando-se em fevereiro entre Cr\$ 1.800 e Cr\$ 2.000 por kg.

ZIGUEZAGUE DO PORCO

O gado suíno sofreu fortes oscilações, devido às chuvas, cujas idas e vindas permitem repentinas faltas e bruscas entradas. O mercado em São Paulo funcionou numa faixa

de Cr\$ 12 a Cr\$ 14 mil por arroba, mas o preço médio do mês foi inferior a Cr\$ 12.500, contra menos de Cr\$ 11.400 em dezembro. Alta ponderável, própria da época e estimulada

pela subida do boi, que proporcionou mais lugar para operações com a carne de porco. No atacado, esta acusou cerca de Cr\$ 980 por kg, em São Paulo, contra Cr\$ 925, em dezembro.

LEITE TOLHIDO

O leite continua prêso às tabelas, nada recebendo o produtor com os últimos reajustamentos, que encareceram o produto para o consumidor. Goza a SUNABA os últimos tempos da safra, adiando os reajustes, que serão fatais, quando os rebanhos começarem a declinar estacionalmente de produção.

No Interior de São Paulo, a pesquisa mensal da Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura acusou a média de Cr\$ 118 por litro, pago ao produtor, inclusive excesso de gordura. Em janeiro, essa base, que já vinha de outubro-novembro, não deveria ter-se alterado.

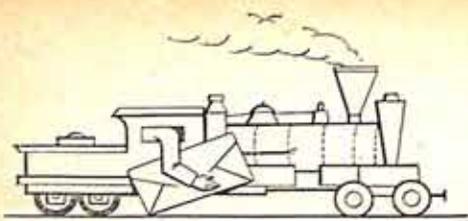
FRANGO E OVO: TENDÊNCIA OPOSTA

O mercado de frangos para o corte sofreu sensível queda em janeiro, no atacado paulistano, tendo descido de Cr\$ 1.100 por quilo no começo do mês, a Cr\$ 900, no fim. As férias, aliadas à crescente melhora da oferta de carne bovina, influíram nessa queda do frango vermelho, acompanhada pe-

las outras categorias de corte avícola. Acontece ainda que as dificuldades anteriores do mercado de bovinos haviam estimulado o preparo de frangos para o corte, avolumando a oferta destes.

Já quanto aos ovos, verificou-se acentuada alta. A cotação do tipo A, por caixa de 30

duzias, em São Paulo, no atacado, ascendeu de Cr\$ 18 mil a mais de Cr\$ 20.400, no transcorrer de janeiro. Trata-se de época de início de menor postura, com a quaresma à vista. O alto preço da carne bovina, que se verificou, deve ter influído ainda na maior procura de ovos.



Sua carta chegou

A "REVISTA DOS CRIADORES" NA FLÓRIDA (U.S.A.)

Do "Flórida Ranch Enterprises Inc." em Miami (EUA), recebemos a seguinte carta:

"Muy señhores nuestros. Agradecemos la atención que han tenido en enviarnos el Anuário Dos Criadores, el cual encontramos magni-

fico. Estamos interessados en suscribirnos a vuestra revista; pueden començar a enviarnosla y le agradeceremos nos digan el importe de la suscripcion a vuelta de correo para remitirselas. Proximamente pienso visitar Brazil y tendre mucho gusto en aprovechar la ocasion para personalmente saludarles. Gregório Escagado Jr., presidente".

Muito agradecemos as referências elogiosas que V.S. faz à nossa publicação e atendendo sua solicitação anotamos em nome do Miami Ranch Enterprises Inc uma assinatura aérea da REVISTA DOS CRIADORES pelo prazo de três anos, a qual importa em dezoito dólares. O pagamento da assinatura poderá ser feito por cheque pagável em New York contra qualquer banco desta praça. E quando visitar o Brasil teremos imenso prazer em recebê-lo em nossa redação para tomar um café e visitar vários criadores de zebu.

Cartas como esta do "Flórida Ranch" frequentemente nos são enviadas, o que demonstra a grande penetração da REVISTA DOS CRIA-

DORES não somente no Brasil mas também no exterior.

QUE O DEPARTAMENTO DE CORREIOS AJUDE-NOS

Sr. Neylton Nunes Souza - Brasília - DF.

Muito obrigado por sua remessa de Cr\$ 14.000 para assinatura de dois anos da REVISTA DOS CRIADORES e também pelas palavras amáveis com que se dignou qualificar o nosso trabalho. Aliás, não podemos deixar de transcrevê-las, o que fazemos a seguir, para elas chamando também a atenção do Departamento de Correios e Telégrafos:

"No desejo de uma constante correspondência com os departamentos especializados dessa magnífica revista, e na esperança de que os Correios me permitam receber todos os exemplares que me mandarem, aqui ficam, na oportunidade meus fraternais votos de prosperidade e franco sucesso para todos quanto aí trabalham no afan de dotar a nossa pecuária de uma bibliografia atualizada cuja falta é por demais sentida nas fazendas do interior do nosso País".

NO 7º REGIMENTO DE CAVALLARIA, EM LIVRAMENTO

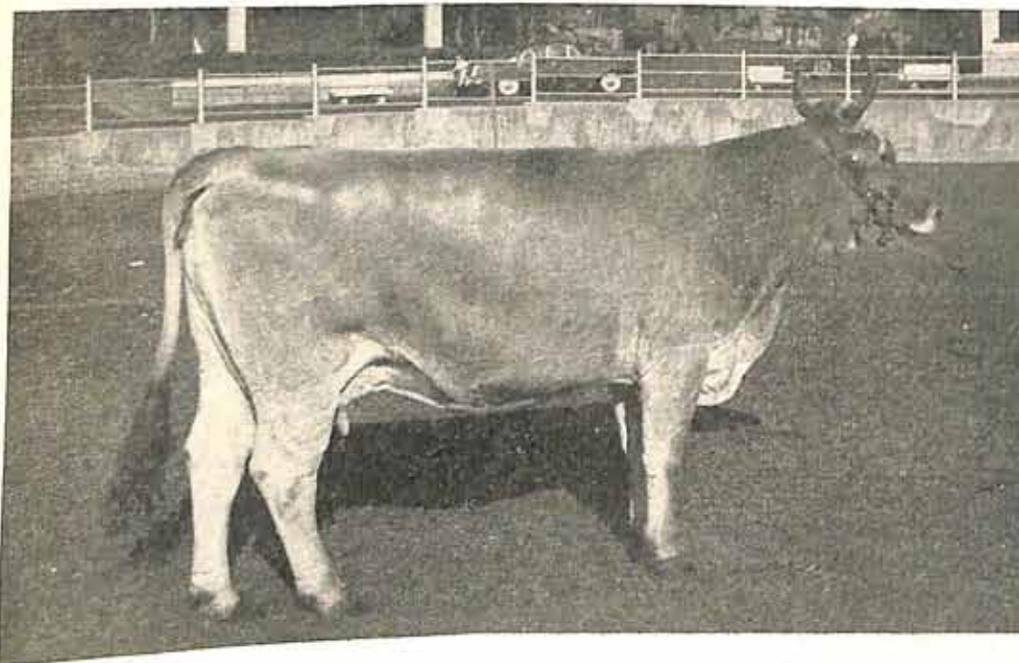
DR. RAIMUNDO JOSÉ DE SOUZA — 7.º Regimento de Cavalaria - Livramento - Rio Grande do Sul — As amáveis palavras de V.S. sobre esta nossa "conceituada revista, onde labutam técnicos de alta capacidade e notória experiência profissional", muito nos desvaneceram, principalmente porque pertencem de um diplomado em medicina veterinária e oficial do Exército, em serviço na tropa. Agradecendo, temos a informar que a assinatura anual da REVISTA DOS CRIADORES custa oito mil cruzeiros e a bienal quatorze mil.

REFLORESTE SUAS TERRAS

Reflorestar é um bom negócio. Quem puder, deve plantar uma floresta; quem não puder, deve plantar pelo menos um bosque. Devem-se reflorestar o terço superior dos morros, as encostas íngremes, as terras pobres, as nascentes dos rios e riachos. Também convém plantar árvores ao longo das cercas, das estradas, dos caminhos e nas divisas. Nas pastagens é indispensável plantar grupos de árvores. Abrigarão o gado dos ventos frios do inverno e do sol forte do verão. Em trabalhos experimentais verificou-se que as vacas leiteiras que se abrigam dos rigores do inverno e do verão produzem mais leite do que as que não o podem fazer.

FOTO DO MÊS

JUREMA - boa produtora Schwyz, que alcançou 5.104 kg de leite em 305 dias



- JUREMA — Esta P.O. da raça Schwyz produziu aos 8 a e 1 m em 305 dias e em 2 x, 5.104 kg de leite e 195,4 kg de gordura com 3,82%. Conta já com 2 LM e 2 LE. Na VIII Exposição-Feira de Gado Leiteiro de São Paulo sagrou-se Reservada Campeã Sênior. Propriedade do tradicional centro criatório D. Pires Agro-Pecuária S.A., em São Carlos, Estado de São Paulo. Tal organização, cujo lema é "rusticidade, sanidade e produtividade", já por quatro vezes conquistou a MEDALHA DE OURO GOVERNADOR DO ESTADO, nos certames de gado leiteiro realizados na Água Branca.

INÉDITO...

...em 1965, tivemos 22 lactações encerradas e tôdas elas inscritas no LIVRO DE MÉRITO (LM), e ainda mais: 13 dessas lactações foram inscritas, também, no LIVRO DE ESCOL (LE). Eis as lactações do resultado INÉDITO alcançado pelo rebanho Holandês Vermelho e Branco da FAZENDA MARAMBAIA, no Serviço de Contrôle Leiteiro da A. P. C. B.

LACTAÇÕES ENCERRADAS DA FAZENDA MARAMBAIA, POR IDADE:

<u>Até 3 anos</u>		Juvenia LM - LE	— 4.870 — 4,35%
Milanesa LM	— 3.819 — 3,82%	Lotus LM	— 4.874 — 4,17%
Mantilha LM - LE	— 3.888 — 3,81%	<u>ATÉ 6 anos</u>	
Mussa LM - LE	— 4.515 — 4,13%	Ilda LM	— 5.625 — 3,99%
Marimba LM - LE	— 3.813 — 3,75%	Jambalaia LM	— 4.749 — 4,17%
<u>Até 4 anos</u>		<u>Mais de 6 anos</u>	
Mariza LM	— 5.085 — 3,80%	Dora 69 LM - LE	— 5.524 — 3,97%
Miss LM - LE	— 4.480 — 3,80%	Castanha LM	— 6.216 — 3,93%
Maravilha LM	— 5.504 — 3,82%	Enfeitada LM	— 4.128 — 4,15%
Luzitania LM	— 5.574 — 3,83%	Eliana LM - LE	— 5.474 — 4,15%
<u>Até 5 anos</u>		Gloria LM - LE	— 5.113 — 3,87%
Josefina LM - LE	— 5.691 — 3,93%	Iara LM - LE	— 5.550 — 3,96%
Japonesa LM - LE	— 5.204 — 3,97%	Epopeia - LM	— 4.569 — 4,30%
Jezebel LM - LE	— 4.931 — 3,43%		

**22 LACTAÇÕES ENCERRADAS:
22 LIVROS DE MÉRITO (LM)
13 LIVROS DE ESCOL (LE)**

Tipo e Produção é o que caracteriza o rebanho da FAZENDA MARAMBAIA

Um touro M A R A M B A I A em seu rebanho significa mais leite!

(VENDAS A VISTA E A PRAZO)

FAZENDA **MARAMBAIA** de Luciano de Carvalho

VINHEDO - Entrada no Km 76 da VIA ANHANGUERA, direção Vinhedo - Tel.: 424

Em SÃO PAULO: RUA GENERAL JARDIM, 703 - 3.ª And. - Tel.: 33-9946

A FAZENDA TRÊS BARRAS DÁ O EXEMPLO DE MANEJO E MELHORA-MENTO DE PASTAGENS

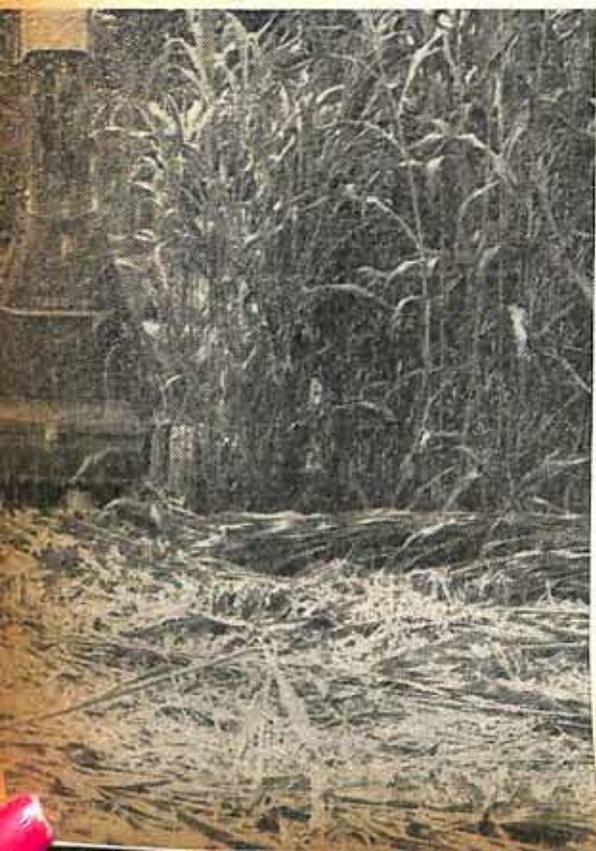
JOSE DE ROSA
Engenheiro Agrônomo

Em foco, com dados obtidos em uma das fazendas que recebem assistência financeira do Banco do Brasil para melhoramento de pastagens e ensilagem do excesso de verão, a Fazenda Três Barras.

No momento em que os leitores da "Revista dos Criadores" de Guaratinguetá, Cunha, Cachoeira Paulista, Santa Rita do Sapucaí e Lorena aguardam as chuvas de novembro, para nova recuperação da terra, visando o melhoramento de pastagens e o plantio de capineiras, fizemos, num exame dos resultados alcançados em Guaratinguetá, uma rápida entrevista com o cooperado Antonio Barbosa Filho, mais conhecido entre os cooperados como o "Toninho Barbosa das Três Barras".

Toninho, como todos sabem, dirige as atividades pecuárias de uma fazenda, no final da linha da Jararaca, entregando o leite produzido, 750 litros (média anual) no Pôsto de Resfriamento da Rocinha, que pertence à Cooperativa de Laticínios de Guaratinguetá. Há cerca de um ano, procurou-nos com o sr. Francisco Rodrigues Al-

Colheita mecânica do sorgo forrageiro.



ves, no Escritório Regional do PLAMAM que funciona na Cooperativa, dizendo-se interessado no planejamento das atividades de melhoramento da alimentação e manejo de pastagens para o rebanho leiteiro da fazenda, e juntos acertamos uma data para atendê-lo.

Lá verificamos que dos quatro fatores necessários para que baixe o elevado custo da produção do leite, três o Toninho já possuía: vacas com aptidão leiteira, interesse de melhorar e um bom sistema de anotações. Faltava apenas alimentação farta e barata, para fugir aos caros concentrados que haveremos de reduzir das despesas da fazenda de leite com a "agricultura de pasto", que estamos ampliando no nôvo ano agrícola que se inicia.

Lembro-me bem de que dos Cr\$ 5.200.000 que solicitamos da Carteira do Banco do Brasil, para um planejamento a curto prazo, apenas não foi financiada a roçadeira de pasto, indispensável no controle e manejo dos excessos de verão, que devem ser guardados para a vaca comer no côcho, na seca. Recebeu Cr\$ 4.600.000 para as seguintes atividades:

20 quilos de semente de sorgo forrageiro; 50 quilos de semente de Soja Perene; 140 rolos de arame farado e gramno para dividir 170 alqueires; 2 toneladas de fosfato de Araxá; mão de obra de aração e plantio de 5 hectares de pastagens consorciadas e 1,2 de Sorgo Forrageiro (variedade Santa Eliza); 5 toneladas de calcáreo dolomítico e Cr\$ 490.000/40 toneladas de silagem produzida.

O pasto de 170 alqueires, era dividido apenas em quatro partes iguais, hoje está dividido em 12 partes, tendo aproximadamente 14 alqueires cada pasto.

O sorgo cominho foi ensilado com pouca soja perene, capim Elefante Napir e 400 litros de melão de cana: medido, produziu 92 toneladas de superior qualidade, como constataram os que lá estiveram de 6 de julho a 20 de setembro em visita à propriedade.

Evidentemente, dos três silos construídos neste primeiro ano, apenas dois receberam a massa verde produzida, o que ainda não



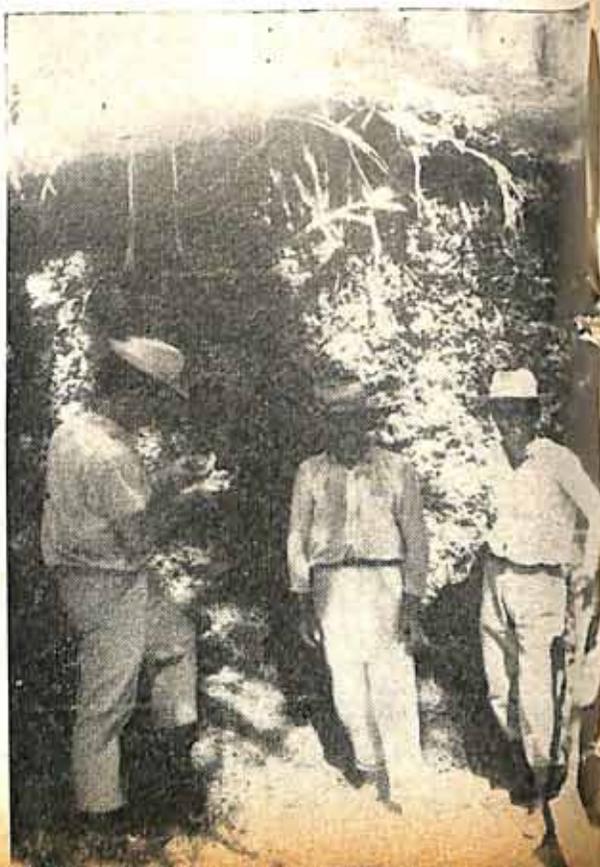
Silo construído (primeira unidade).

foi suficiente para tratar todas as vacas este ano.

Toninho fez as contas e verificou que, com a silagem, este ano ele

(Conclui na página 82)

Silo cheio. Exame da silagem fermentada. No clichê, o engenheiro agrônomo Hélio Vicente, técnico do Plamam, atualmente em Guaratinguetá.



O GUZERÁ IMPORTADO E A PECUÁRIA NACIONAL

Qualquer apreciação sobre qualquer tipo de raça bovina, seja zebuina ou taurina, deverá, obrigatoriamente, para ser objetiva, considerar as características do criatório regional, os rebanhos existentes, para a seguir descobrir se a raça a ser apreciada poderia trazer alguma contribuição ao rendimento econômico da pecuária, no seu duplo aspecto de produzir carne e leite em maior volume e com menor custo.

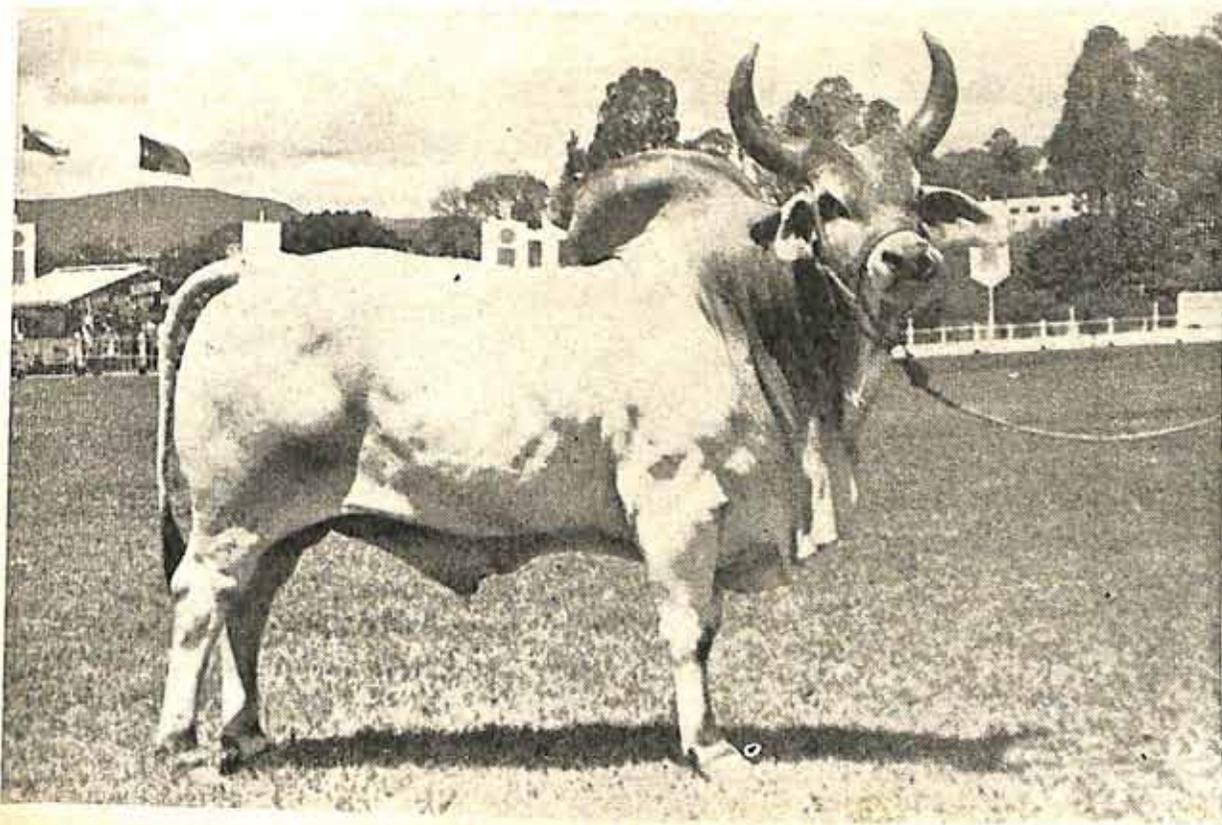
Consideremos a raça Guzerá, divulgando os quadros comparativos obtidos pelos técnicos, em pesquisas que a consagram como ímpar em produzir **mais carne e mais leite por hectare**, sendo ao mesmo tempo a mais rústica e com melhor ecologia para a faixa intertropical em que se situa a maior área do Brasil.

FERTILIDADE — Índice de capital importância para o maior desfrute de um rebanho, deixa o Guzerá em posição destacada. Nos anos de 1956/57 os renomados técnicos Prata e Reis obtiveram, em suas pesquisas em Uberaba, os resultados seguintes:

GUZERÁ	78,9%
NELORE	73,8%
INDUBRASIL	60,5%

Confirmaram-se assim os resultados obtidos pelo conhecido zootecnista Tundisi do DPA de São Paulo que afirma o seguinte: "Os índices de fertilidade foram em média e em 10 anos: GIR 55,1% — INDUBRASIL 56,4% — NELORE 62,7% e GUZERÁ 63,7%. Embora sejam precários os referidos índices, valem para comparar.

RUSTICIDADE — Na Índia, segundo observações do zootecnista João Garcia Cid, é o Kankrej o único zebuino a sobreviver junto com a espécie bufalina, no deserto de Kutch e adjacências, onde as condições de clima são extremamente adversas. Também entre nós, o Guzerá goza deste conceito, haja vista sua adaptação no Nordeste. Em nossas fazendas no Ceará, nos municípios de Quixeramubim e Santa Quitéria, onde



KACHARI — Importado. Campeão Júnior na Índia, oriundo da Fazenda do Ghandi, que faz seleção leiteira.



GHALOR II — Filho de importados, nascido em Barretos, São Paulo. Pesou aos 18 meses 455 kg.

possuimos mestiços das três raças, verifica-se o destaque do Guzerá, tanto pelo maior porte, quanto pela maior resistência nos períodos de seca e mais rápida recuperação à chegada do verde.

DESENVOLVIMENTO PONDERAL — Neste particular, observemos as experiências da Fazenda Experimental de Criação Getúlio Vargas em Uberaba, Minas Gerais.

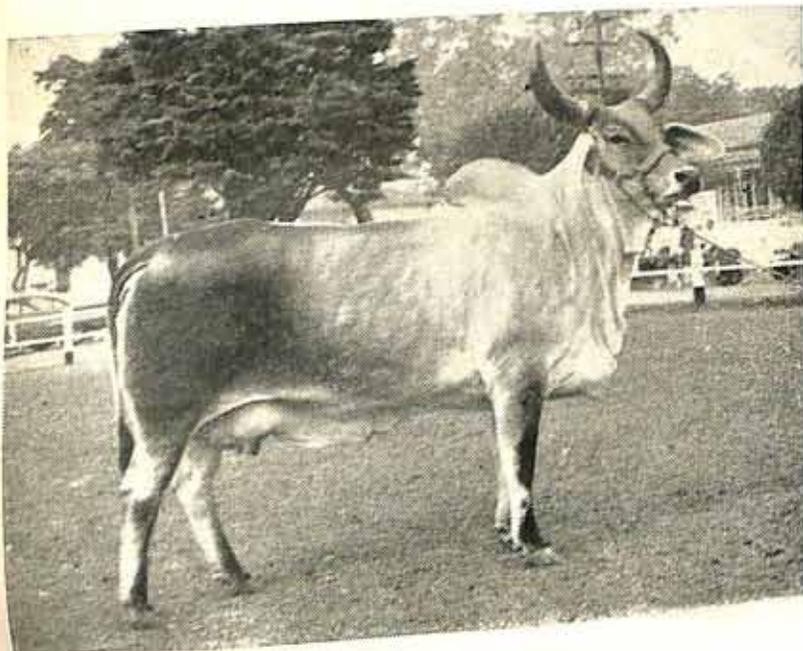
Raça	Ao nascer	12 meses	18 meses
GUZERA	29,1 kg	284,5 kg	438 kg
INDUBRASIL ...	28,8 kg	305,8 kg	404,70 kg
NELORE	26,8 kg	301,0 kg	381 kg

GANHO DE PÊSO — Em oito anos de concursos de ganho de peso em São Paulo, são os seguintes os dados oficiais:

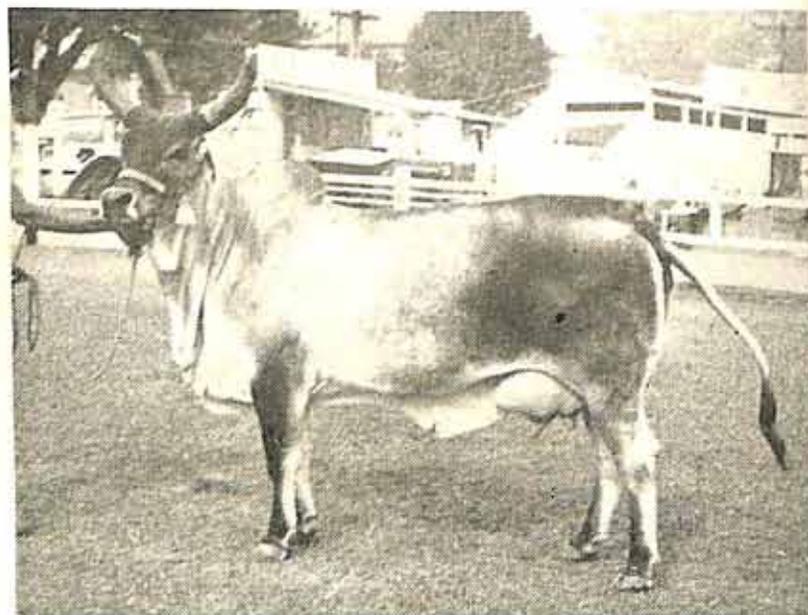
Raça	Sexo	Nº de animais	Ganho de peso
GUZERA	Macho	90	126,9 kg
	Fêmea	53	95,1 kg
INDUBRASIL	Macho	88	124,3 kg
	Fêmea	60	94,2 kg
NELORE	Macho	311	123,3 kg
	Fêmea	146	93,1 kg
GIR	Macho	317	94,4 kg
	Fêmea	203	77,7 kg

PASTOREIO — Nos concursos de ganho de peso a pasto realizados durante anos consecutivos, em Curvelo, Minas Gerais, os animais Guzerá prevaleceram no primeiro plano na fatídica hora da balança, galvanizando ao mesmo tempo as suas qualidades de **Rusticidade, Ganho de Peso e Capacidade de Pastoreio**, no palco adverso dos pastos de Curvelo, que mais se assemelham aos nossos do Nordeste. Não fora assim, os referidos técnicos Prata e Reis não afirmariam que "o Guzerá é mais pesado, ganha peso mais rapidamente, come menos e as fêmeas produzem mais bezerros", nem tão pouco o zootecnista José Rodolfo Torres, da Escola de Viçosa, Minas Gerais, ao concluir pesquisas de peso em 1.109 bezerros de quatro raças, diria: "A raça Gir foi a mais leve, a Nelore a intermediária em peso e as raças Indubrasil e Guzerá, as mais pesadas".

APTIDÃO LEITEIRA — O Kankrej em sua origem é conceituado e criado como leiteiro. Joshi e Phillips, no seu livro "El Ganado de la India y del Pakistan", afirmam: "El ganado Kankrej é uno de los más pesados de la India. Es también bastante buen productor de leche. Esta raza se emplea para mejorar el ganado de la India". Entre nós, podemos citar os plantéis de João de Abreu, Alirio de Abreu, Antonio Ernesto Salvo, José Rezende Perez e José Maria de Couto Sampaio, que, controlados, oferecem média de produção por vaca superior a oito litros diários. Note-se que a média de produção por vaca, na bacia leiteira do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, gira em torno de dois e meio litros diários. Também poderíamos aferir esta aptidão, pesando os bezerros na ocasião da desmama. Ao observar este particular nos magníficos plantéis de Mário de Almeida Franco, em Uberaba, numa mostragem de quase 4.000 fêmeas Nelore e Guzerá, criados em condições semelhantes, às margens do Rio Grande, lembramo-nos da inteligente



BARODHA — Filha de importados, nascida em Fernando de Noronha. Pesou 540 kg aos 45 meses.

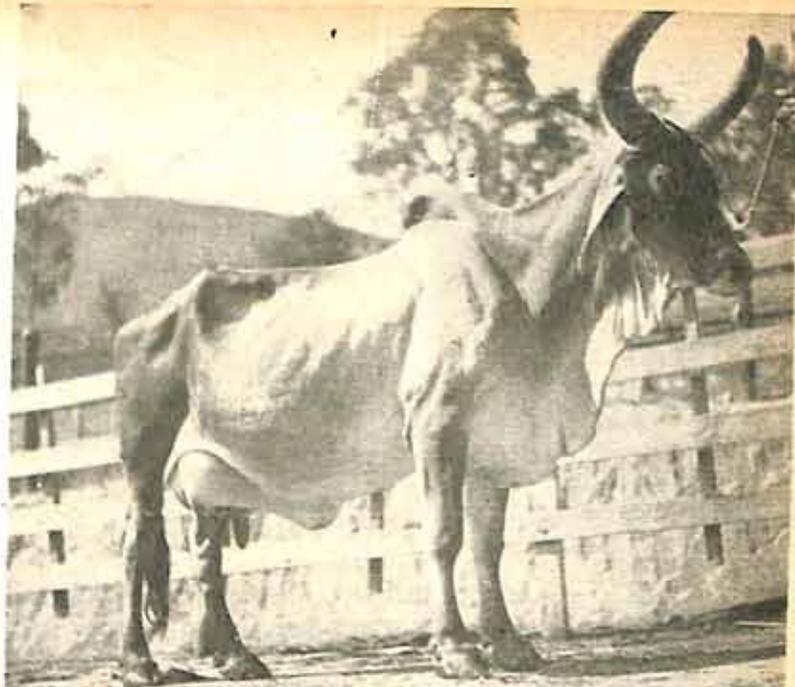


CHARODI — Filha de importados, nascida em Fernando de Noronha. Chegou a produzir cerca de 13 kg por dia durante a primeira lactação.

e sábia observação de Antonio Ernesto Salvo: "a aptidão leiteira deve ser aprimorada, nem que seja para acelerar a precocidade da bezerrama". Deixamos aos céticos o direito de conferir o Guzerá como leiteiro, pesando e comparando o peso dos bezerros após a desmama, nas fazendas que adotam a criação sem custeio e sem controle.

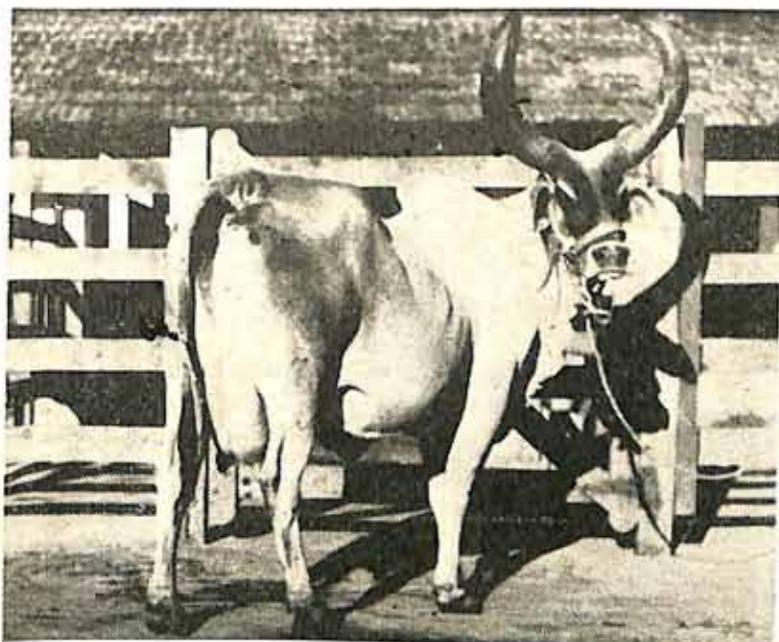
PREPOTÊNCIA GENÉTICA — Este aspecto, que vulgarmente é conhecido de Norte a Sul com o qualificativo de "raçador", quando se considera um reprodutor, e que à primeira vista parece um tanto subjetivo, tem profundo sentido zootécnico e econômico, na ocasião em que se pretende melhorar um rebanho. Sendo o Kankrej a raça mais apurada e talvez a mais antiga, pois a documentação descoberta (6.000 anos A.C.) em Mohen-jo-dahro, assim o comprova, possui acentuada prepotência genética. Talvez por isto e pelas superiores aptidões econômicas, ela tem participado, obrigatoriamente, na formação de todas as raças com sangue zebuino, como sejam Canchim e Indubrasil, entre nós, e Brahama e Santa Gertrudis nos Estados Unidos, como participa preferencialmente nos cruzamentos empregados nos rebanhos leiteiros. Esta qualidade da Guzerá, que a elege como melhoradora excepcional, configura um paradoxo, pois, o cruzamento em matrizes Guzerá, quando da formação do Indubrasil, quase eliminou os numerosos plantéis da época e os tem mantido reduzidos.

CONCLUSÃO — Apesar de aceitarmos as conclusões científicas dos técnicos, que colocam a raça Guzerá como ímpar na dupla função de produzir **mais carne e mais leite por hectare**, não desmerecemos as excelências das demais raças zebuínas, pois todas elas, a seu modo, oferecem excepcionais resultados, tão somente a Guzerá não deve nada a outra raça qualquer. Sua dupla aptidão e outros atributos oferecem melhores condições para uma pecuária racional, na faixa intertropical, razão pela qual não entendemos o injusto ostracismo em que ela viveu nas décadas de 30 a 50, mercê de um artificialismo, despido de qualquer sentido econômico, pois dava-se maior ênfase ao aspecto de pelagem, a direção dos chifres e ao tamanho das orelhas, em vez de atribuir-se maior importância aos índices de produção de leite e carne. Não fora a obstinação e o despreendimento de criadores como Eduardo Duvivier, João de Abreu Júnior, Cristiano Penna, Efreim Pereira, Margarida Monerat e alguns outros, hoje, a balança não teria oportunidade de exaltar e redimir



JAMBU — A melhor produtora de leite do plantel de importados: chegou a produzir cerca de 20 kg de leite por dia em duas tiradas.

a ímpar e milenar Guzerá, pois as nossas características criatórias, a mediocridade da maior parte do nosso rebanho ressaltam a necessidade da utilização de reprodutores Guzerá, que poderão melhorar consideravelmente os índices econômicos de nossa pecuária, se em paralelo cuidarmos de nossas pastagens, adotarmos manejo mais racional e cuidados sanitários mais condizentes. Acreditamos existir um imperativo econômico, social e financeiro neste sentido, pois se por um lado há no mundo falta e fome de carne bovina, por outro a nossa balança cambial necessita de novos suprimentos de moedas fortes, o que só a exportação da carne poderá oferecer com relevância, e diante deste fatalismo a pecuária nacional precisa fazer-se presente.



BHURI — Importada. Boa produtora de leite, cerca de 12 kg por dia, portadora de perfeita conformação de úbere, como, aliás, acontece com a totalidade das importadas.



Gravura de um touro Guzerá descoberta nas escavações em Mohen-jo-dahro, cuja existência é atribuída ao ano de 6.000 A.C.



GHALOR — Importado. Campeão Nacional em Uberaba. Grande raçador, com filhos premiados e campeões de peso ponderal.

AS IMPORTAÇÕES E A EVOLUÇÃO DO GUZERA
— nos primórdios da introdução do Zebu, importamos o que se oferecia mais fácil e acessível, pois as encomendas eram feitas através de firmas comerciais, que remetiam indiscriminadamente os bons e os medíocres. Pediam-se animais da raça Guzerá, cuja denominação define uma região, onde se criava o puro Kankrej, a Hissar, a Haryana e mestiços das mais variadas tonalidades. O melhor conhecimento do Zebu não se fez demorar, e com ele a preocupação de apurar e selecionar, tanto que, já no fim da década de 20, muitos dos nossos fazendeiros foram à Índia para melhor escolher e importar.

Até hoje foram importados cerca de 5.000 reprodutores indianos, que marcaram uma etapa decisiva no desenvolvimento de nossa pecuária. O acasalamento entre eles e a cruzada persistente de bons touros da mesma raça na vacada crioula, formou um plantel de cerca de 300.000, registrados nas diversas raças zebuínas. Não fôra a rusticidade do Zebu e sua adaptabilidade para a faixa intertropical, a descendência destes 5.000 animais, que se desenvolveu em pouco mais de 50 anos, não preponderaria sobre a descendência dos cerca de cem mil reprodutores europeus, introduzidos no Brasil sem interrupção, desde a época do descobrimento.

A inexistência das importações do Zebu entre as décadas de 30 a 60, acarretou um estacionamento quantitativo e qualitativo no progresso dos plantéis, pois forçou a consangüinidade nos diversos núcleos de criação, estreitou o parentesco nas diversas raças, de maneira que somos forçados a admitir que em cada raça exista uma só família, havendo, portanto, a generalização de defeitos específicos, que indevidamente são atribuídos às raças, em vez de serem admitidos como caráter de família, ou defeitos de seleção.

Assim é que se atribui à raça NELORE o defeito de pequena aptidão leiteira; à raça GIR, os defeitos de úberes, tetas e baixo rendimento em peso; como atribuem à GUZERA defeitos da conformação da anca, de inserção da cauda e hipertrofia do sacro.

Nos anos de 1961 e 1962, foram abertas as importações e para a Índia se dirigiram os mais experientados selecionadores, que após dois anos de viagens retornaram ao Brasil com plantéis das raças KANGAYAN, NELORE, GIR e GUZERA, de qualidades inegavelmente superiores ao que se tinha importado até 1930.

A comparação dos campeões de antigamente e dos primeiros importados, estampados no livro de André Weiss "Os grandes reprodutores Indianos do Brasil", com os animais aqui expostos, não deixa dúvidas.

O plantel de Guzerá, ultimamente importado por Veríssimo da Costa Jr., Rubens de Andrade Carvalho e Celso Garcia Cid, os torna dignos da admiração e do reconhecimento de todos os que se interessam pelo progresso da pecuária nacional. Somos muito gratos aos dois primeiros por nos terem cedido todo o plantel que com tanto esmero foi selecionado e apartado.

O plantel de Guzerá importado, que hoje conta com cerca de 60 fêmeas, encontra-se no Estado do Rio de Janeiro, Município de Valença, na Fazenda Conquista, e os adquirimos na objetivação de contribuir para o melhoramento da raça Guzerá, que por sua vez oferece as melhores condições para o melhoramento da pecuária nacional.

Na Fazenda Conquista, manteremos a criação de importados estanque, a fim de podermos assegurar daqui por diante uma linhagem pura de origem, de maneira que seus reprodutores com melhor caracterização racial, com maior prepotência genética, possam constituir uma garantia de evolução e de exaltação das aptidões econômicas da raça Guzerá, que sempre agradece aos seus aficionados com mais carne e mais leite por hectare.

Agradecemos a honra de sua visita pois desejamos que nossas afirmativas sejam conferidas diante da balança, já que entendemos que o aspecto técnico-econômico não deve e não pode ser subordinado ao entusiasmo publicitário.

Seremos encontrados nos endereços:

LANSA — Leôncio de Andrade S.A. — Pecuária, Indústria e Comércio.

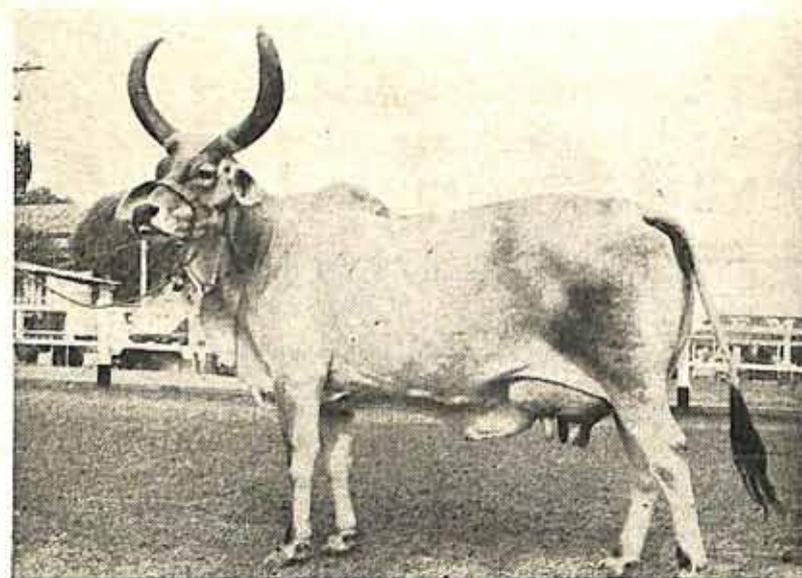
Rua México n.º 11 — Grupo 401 — Estado da Guanabara.

Telefones: 42-1485 — 27-9328

FAZENDA CONQUISTA

Km 23 da Estrada R.J. 20

Valença — Estado do Rio de Janeiro



KUNI — Capaz de merecer o título de padrão da raça, com caracterização e conformação perfeitas, excepcional produtora de leite, tendo produzido por dia cerca de 15 kg.

COBRANÇA DO IMPOSTO TERRITORIAL RURAL — JULGAMENTO DOS RECURSOS — CADASTRAMENTO DOS IMOVEIS RURAIS

Respondendo aos leitores

NILZA PEREZ DE REZENDE
Advogada

O ESTATUTO DA TERRA (Lei n.º 4 504, de 30 de novembro de 1964) que "regula os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais para fins de execução da Reforma Agrária e promoção da Política Agrícola", dispõe longamente sobre a cobrança do imposto territorial rural.

Os dados a serem colhidos para essa tributação e os critérios que o Fisco deverá adotar fizeram desta uma das leis talvez mais complicadas das milhares existentes no País, de difícil execução no nosso meio rural.

Como decorrência de determinações contidas nessa lei, o Governo baixou decretos criando o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA) (Decreto n.º 55.889 de 31 de março de 1965) e o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA) (Decreto n.º 55890, também de 31 de março de 1965) órgãos esses destinados a executar no País os planos da Reforma Agrária.

Agora, porém, a Lei 4.862, de 27 de novembro de 1965 dispõe que o julgamento das questões sobre co-

brança do Imposto Territorial Rural compete, em primeira instância, ao Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA). Se a decisão proferida por esse órgão for contrária ao contribuinte, poderá este recorrer para o Terceiro Conselho de Contribuintes do Ministério da Fazenda.

Nada esclarece a lei sobre o caráter da decisão proferida, em grau de recurso, pelo Terceiro Conselho de Contribuintes, o que nos leva a concluir que esgotará a instância administrativa. Restará, assim, ao contribuinte, que não se conformar com a decisão do Conselho de Contribuinte, levar a questão para a justiça.

Essa Lei 4.862 esclarece também que o contribuinte que não se conformar com os rendimentos fixados para a cobrança do imposto de renda nas "explorações agrícola ou pastoril das indústrias extrativa vegetal ou animal e da transformação de produtos agrícolas e pecuários feitos pelo próprio agricultor ou criador" (artigo 53 dos Estatu-

tos), só poderá ter a reclamação julgada pelo Imposto de Renda depois do pronunciamento do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA) ou de suas repartições regionais.

De tudo isso a conclusão é que estão apenas esboçados os princípios disciplinadores dos recursos de que os fazendeiros poderão usar na defesa de seus direitos em torno de lançamentos de Imposto Territorial e de Renda. Devemos aguardar, agora, os novos decretos, portarias e circulares, com que os atos governamentais serão regulamentados, trazendo cada vez mais dificuldades e complicações para os fazendeiros.

★ ★ ★

O IBRA iniciou no País o cadastramento dos imóveis rurais, que será feito paulatinamente em todos os Estados. Para isso instalou agências, onde devem os proprietários rurais comparecer para preencher o formulário que lhes será entregue com o objetivo de colher os dados necessários para o

NÃO ESQUEÇA

MAIS DE 271 bilhões em depósitos;

300 Agências em 9 Estados da União e no Distrito Federal;

MAIS DE 133.000 acionistas.

São alguns dados referentes ao seu BRADESCO



Banco Brasileiro de Descontos, S.A.

uma garantia de bons serviços

levantamento cadastral das propriedades rurais do País.

Somos de opinião que não devem os proprietários rurais deixar de atender à convocação governamental para cadastramento de suas fazendas, pois a exigência tem fundamento na lei.

Em preenchendo os formulários devem os proprietários rurais agir com cautela e equilíbrio, pois com seqüências danosas poderão advir tanto de informações baseadas em

critério de supervalorização de sua propriedade (por exemplo, pagamento de impostos muito elevados) como de informações substimativas do real valor de sua propriedade, de sua produtividade etc. (indenização baixa em caso de desapropriação, por exemplo).

Os tempos mudaram, as leis são outras e é preciso que a classe rural enfrente com bom senso as exigências que lhe são feitas, desde que baseadas na lei.

Respondendo aos leitores

P.G.F. — SÃO PAULO

A consulta formulada está vasa da nos seguintes termos:

"Aproveitando do grande serviço que a REVISTA DOS CRIADORES vem prestando aos seus assinantes, através da Seção Jurídica, peço esclarecer-me o seguinte: Tenho olarias na minha propriedade que funciona na base de empreitada, com pagamento a mim em porcentagem de tijolos, queimados e empilhados. Todo o necessário para o funcionamento é fornecido por mim, inclusive burros para tração, etc. etc.

Se eu fizer um contrato de empreitada, ficando tudo declarado e esclarecido, inclusive transferência total e cabal de encargos oriundos do Estatuto do Trabalhador Rural e das Autarquias, esta transferência é válida e absoluta?"

Em resposta, informamos:

1 — Parece-nos que no caso não se configura juridicamente contrato de

empreitada, mas sim uma sociedade de fato. O consulente fornece o maquinário da olaria, a matéria prima, todo o necessário para o seu funcionamento.

Os chamados empreiteiros trabalham e, afinal, o lucro é dividido, pois recebe o consulente uma porcentagem, que é paga em tijolos.

2 — Essa situação, como está vigorando, pode criar ônus para o consulente, pois a tendência dos tribunais, no caso, seria considerar o pequeno sócio ou esse que apenas entra na sociedade com o seu trabalho como simples empregado, considerando-se como fraudulenta e nula a sociedade existente.

3 — A solução jurídica recomendável seria a celebração de contrato de locação da olaria com firma ou pessoa idônea, estabelecendo-se nesse contrato condições que afastassem a possibilidade de serem os que trabalham na olaria considerados empregados ou sócios empregados.



**BANCO FEDERAL
ITAÚ S.A.**

Agências

SÃO PAULO - Capital

Agência Central I, Agência Central II, Alto de Vila Maria, Angelica, Augusta, Barão, Belém, Belenzinho, Bom Retiro, Casa Verde, Dom João, Itaim, Jabaquara, Jardim América, Jardim da Saúde, Lapa, Luz, Mooca, Pari, Paula Souza, Pinheiros, Piratininga, Santa Etigênia, Santana, Tatuapé, Vieira de Carvalho, Vila Guilherme, Vila Maria, Vila Medeiros, Vinte e Quatro de Maio

ESTADO DE SÃO PAULO

Aguai, Aguas de Lindoia, Aguas da Prata, Altinópolis, Amparo, Araraquara, Atibaia, Barueri, Bragança Paulista, Campinas, Cosmópolis, Cubatão, Descalvado, Divinolândia, Francada Rocha, Guarujá, Indaiatuba, Itajobi, Itanhaém, Itapira, Jaguaruna, Jundiaí, Jundiaí - Ponte São João, Louveira, Mogi-Guaçu, Mogi-Mirim, Nova Europa, Osasco, Pedreira, Pinhal, Piracicaba, Porto Ferreira, Ribeirão Preto, Rio Claro, Sto. André, Santos, Santos - urbana, S. Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Carlos, S. João da Boa Vista, S. José do Rio Preto, São Sebastião, São Sebastião da Gramma, Serra Negra, Sororro, Sumaré, Valinhos, Vargem Grande do Sul, Vinhedo, Viradouro.

ESTADO DA GUANABARA

Acre, Castelo, Copacabana, Ouvidor, Rosário.

ESTADO DE MATO GROSSO

Campo Grande, Corumbá.

DISTRITO FEDERAL

Brasília.

ESTADO DE MINAS GERAIS

Andradas, Belo Horizonte, Calafate, Parque Industrial, Furnas, Ibiraci, Itamogi, Itaú de Minas, Monte Santo de Minas, Nova Era, Passos, Pratápolis, S. João Batista do Glória, São Sebastião do Paraíso.

ESTADO DO PARANÁ

Apucarana, Araçongas, Araruva, Borrazópolis, Califórnia, Cambé, Cambira, Curitiba, Cornélio Procopio, Faxinal, Ivaiporã, Ivatuba, Jandaia do Sul, Londrina, Mandaguari, Marialva, Maringá, Marumbi, Nova Fátima (ex-Tulhas), Paranaguá, Rancho Alegre, Ribeirão do Pinhal, Rolândia, Santa Mariana, São Pedro do Ivaí, Sertaneja, Uraí.



**PROTEJA SUA
CRIAÇÃO!**

Uma criação forte e sadia depende exclusivamente dos cuidados recebidos.

Faça da

INGLASIL

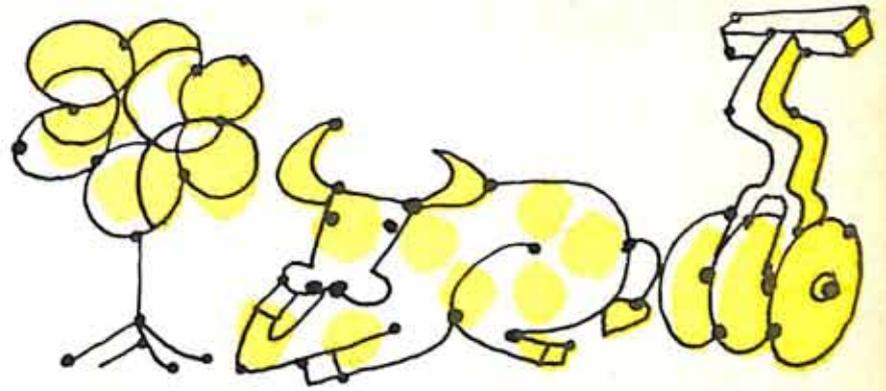
o seu fornecedor permanente de produtos veterinários e agrícolas. 20 anos de tradição e bons serviços. Peça folhetos e informações.



INGLASIL VETERINÁRIA E AGRÍCOLA LTDA.

Av. Rio Branco, 9 - sala 307 - C.P. 2795 - ZC-00

Tel. 23-4780 - Rio de Janeiro - G.B.



O Banco Federal-Itaú trata os assuntos agro-pecuários com especial atenção.

(tanto assim que graças a convênios supervisionados pelo Banco Central da República do Brasil, está ampliando o volume dos financiamentos a fazendeiros e agricultores).

Isso significa que as pessoas que operam no campo agro-pecuário podem contar com financiamento especial para a compra de máquinas e implementos agrícolas, fertilizantes, rações, sementes, arame farpado, etc. Se você já é nosso cliente, é bom saber que podemos prestar-lhe mais esses serviços. A taxa operacional é bastante baixa. Se você ainda não é nosso cliente, procure hoje mesmo uma de nossas Agências.

Banco Federal Itaú S.A.



em convênio com o Banco Central da República do Brasil

O BRASIL PODE PRODUZIR CARNE BOVINA A PREÇO INFERIOR AO DO MERCADO INTERNACIONAL

Mas, para isso, urge modificar métodos de criação, o manejo e melhoramento do gado e a manutenção das pastagens e defender o rebanho

O Sindicato Rural da Alta Noroeste e a Cooperativa Agro-Pecuária do Brasil Central, desejando contribuir para o esclarecimento de alguns aspectos da produção e do consumo de carnes no Brasil Central, no presente e no futuro, elaboraram interessante trabalho em que expõem serenamente alguns pontos que julgam de relevante importância para a economia e para a segurança do País. Em vista da sua oportunidade, abrimos hoje espaço para publicá-lo

O BOI É O ANIMAL QUE MAIS DEMORA A CONVERTER FORRAGEM EM ALIMENTO

Dentre os animais domésticos, explorados pelo homem para a produção de carnes, o boi é, não obstante a alta ciência e a técnica mais apurada atualmente aplicadas em sua criação, mesmo nos países mais avançados, o animal que demanda maior espaço de tempo e que apresenta menores índices de conversão de forragens, para transformá-las em produtos aproveitáveis como alimento.

Segundo T. C. Byerley, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, para se produzir um quilo de carne de ruminantes são necessárias duas vezes mais alimentos que o exigido para a produção de um quilo de ovos ou para a produção de um quilo de carne de animais não ruminantes.

Esta enorme diferença, inerente às próprias características fisiológicas dos ruminantes, não pode, evidentemente, ser totalmente anulada para que esses

animais se igualem, ou se aproximem da eficiência apresentada, por exemplo, pelas aves e pelos suínos.

Uma fêmea bovina de corte, em nosso País, produz seu primeiro bezerro dos 3 a 4 anos de idade. Seu período de gestação é de 9 meses e o novilho, destinado ao corte, não está apto para o abate econômico antes de 3, 4 e até 5 anos de idade, com peso vivo que varia dos 380 a 500 kg.

Em tais circunstâncias, se produzisse um bezerro anualmente, o que geralmente não ocorre, o produto dessa fêmea somente estaria em condições de ser utilizado como alimento pelo homem, quando ela atingisse, na melhor das hipóteses, 7 anos de idade. Nessa oportunidade ela teria produzido, realmente, no máximo, 1 tonelada de peso vivo de produtos representados por um produto de 4 anos, um de 3 anos, um de 2 anos, um de 1 ano e um recém-nascido. A essa quantidade deve ser acrescentando seu próprio peso, porém deduzidos os pesos dos produtos do sexo feminino cuja porcentagem de nascimento equivale a 50%, e que devem ser reservados para garantir a manutenção ou o crescimento do rebanho.

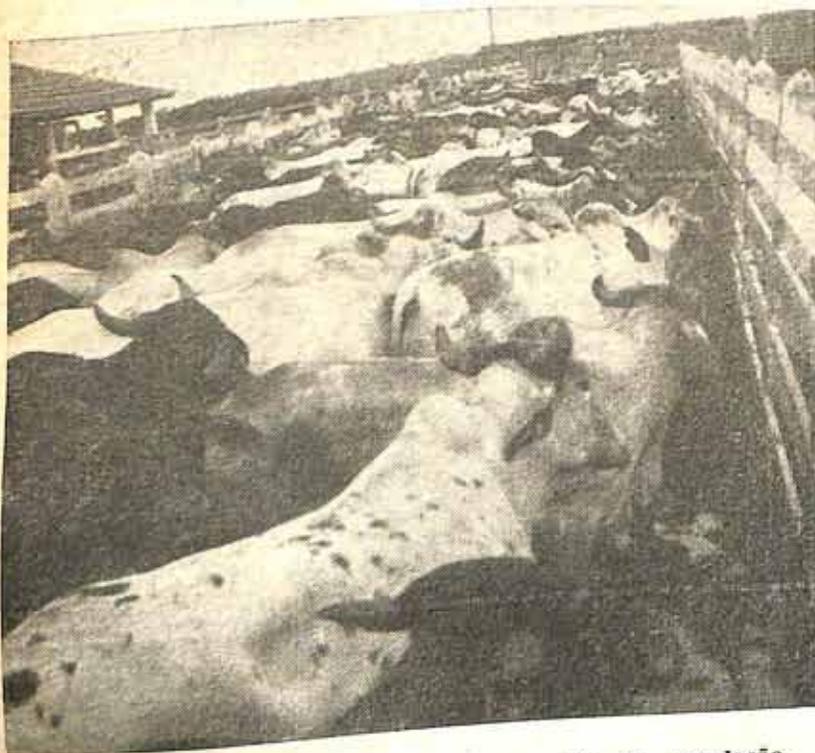
Num tempo útil, pois, de 6 a 7 anos é que uma fêmea bovina pode oferecer seu primeiro produto terminado e pronto para o abate.

Em contrapartida, uma fêmea suína está apta para apresentar sua primeira ninhada aos 11-12 meses de idade e esses produtos estarão em condições de ser consumidos antes que ela atinja 18 meses de idade. Nesse período, isto é, ao atingir os 18 ou 20 meses, uma fêmea porcina já poderá ter tido mais uma ou duas ninhadas.

Ao atingir 20 meses, pois, uma fêmea porcina oferece, da primeira ninhada, (com 7-8 meses de idade), 650 a 700 kg de peso vivo e mais 250 kg da segunda ninhada, 50 da terceira, além de seu próprio peso, 120-130 kg num total de 1070 a 1130 kg, com um ano e meio de idade. De seus produtos não há necessidade de se conservar todas as fêmeas, pois bastam 20 a 30% delas, para se renovarem as fêmeas do plantel a fim de mantê-lo em rápido crescimento.

Por outras palavras, uma fêmea porcina está apta a produzir partindo dos 12 meses de idade, 800 a 1.000 quilos de peso vivo para o consumo por ano e, se fosse comparada à fêmea bovina, que na idade de 7 anos produziria 1.130 kg, nesse período de tempo, já teria produzido, no mínimo 4 toneladas de peso vivo.

Apenas com 7 ou 8 meses de idade, a ninhada de uma fêmea suína alcança cerca de 5 vezes o peso da própria reprodutora, ao passo que um novilho, para alcançar o peso de sua matriz, leva anos e, nesse espaço de tempo, todos os outros seus produtos somados não chegam a atingir o dobro de seu próprio peso.



A carne bovina escasseia em vista do aumento da população. Em vinte anos, a bovina cresceu apenas 17% e a humana 75%. Tem-se que desenvolver outras fontes de proteína animal, carne de aves, de suínos, leite, ovos, pescado, etc.

MEDIDAS APROPRIADAS PARA ABREVIAR A DATA DO APROVEITAMENTO DE NOVILHOS

Na produção de carne hoje, nenhum animal se iguala ao frango de corte, quanto à velocidade de crescimento e à capacidade de converter alimentos em carne. Da desmama até o abate, e nas melhores condições, um novilho exige 4,5 a 5,5 kg e até mais de equivalente de milho, para ganhar 1 kg de peso vivo.

O suíno, para atingir 80 a 100 kg de peso vivo, época em que deverá ser abatido, consome, por quilo de peso ganho 3,7 a 4,0 k de equivalentes de milho e o frango, apenas 2,7 a 3 k.

Com 100 kg de proteínas dos seus alimentos, os suínos e os frangos chegam a produzir 18 a 21 kg de proteínas consumíveis pelo homem, enquanto os novilhos produzem apenas 6 kg.

Essa é a razão pela qual, em qualquer país de economia organizada, as carnes de consumo público apresentam seu valor comercial, partindo da de frango, que é a mais barata, passando pela de suíno e atingindo a de bovino, que é a mais cara.

O Brasil, entretanto, com suas enormes possibilidades territoriais, especialmente com suas particulares características na região central, pode-se colocar em condições de produzir carne bovina, por preços até inferiores aos dos mercados internacionais, desde que se verifiquem sensíveis modificações no sistema de criação, na defesa dos rebanhos, no manejo da criação, no melhoramento do gado e das pastagens.

Entretanto, os efeitos dessas medidas se verificarão a longo prazo e, se não foram ainda tomadas com a profundidade necessária até o presente, precisam ser urgentemente providenciadas, para a própria tranquilidade e segurança de uma nação de crescimento demográfico explosivo, onde as populações estão longe de ter suas necessidades de proteína de origem animal, em nível sequer mínimo.

Ademais, não há possibilidade de se modificarem as características biológicas naturais de uma espécie explorada, a não ser por medidas apropriadas, abreviando, dentro desses limites biológicos, o tempo necessário para seu melhor rendimento.

Por outras palavras, podemos reduzir a idade necessária para uma novilha dar a primeira cria e podemos conseguir que um novilho seja enviado para o abate aos 2 anos de idade, com o mesmo peso atualmente oferecido pelos nossos novilhos de 4 anos.

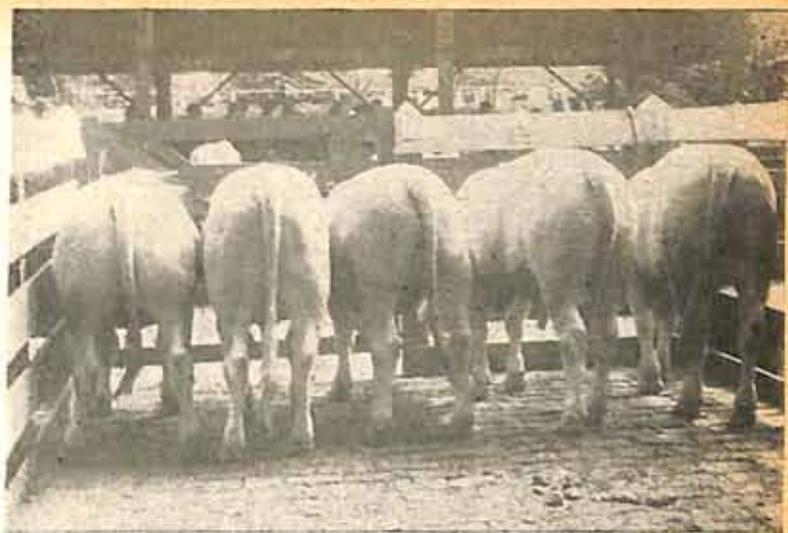
Tudo isso, porém, jamais poderia ser feito da noite para o dia, pois requer entre outras cousas: a) melhoramento genético dos rebanhos; b) melhoramento da alimentação; c) defesa sanitária dos rebanhos; d) emprego de melhores técnicas e, conseqüentemente, melhoramento de própria mão de obra, isto é, do Homem.

AS RAIZES DO BAIXO RENDIMENTO DE NOSSOS REBANHOS

Isto posto, sucintamente, explica-se a razão pela qual um rebanho bovino de corte, em nossas condições atuais, para se manter equilibrado e em crescimento como necessitamos não resiste a um desfrute exagerado ou a uma matança indiscriminada de novilhos inacabados ou de fêmeas aptas para se reproduzirem. Os índices de desfrute de nossos rebanhos são um reflexo claro e preciso das nossas próprias deficiências.

Se não podemos abater mais que 12 a 13% de nosso rebanho, atualmente, sem que venha a se ressentir no crescimento, que nossas necessidades imperiosas exigem, outros países conseguem abater 20 a 25% de sua população bovina, e esta apesar disso, continua a crescer satisfatoriamente.

As raízes desse baixo rendimento de nossos rebanhos estão enterradas nas falhas observadas nos itens acima enumerados e que se resumem: a) no baixo índice de natalidade dos bezerros; b) na alta mortalidade de bezerros; c) na elevada porcentagem de fê-



As raízes do baixo rendimento de nossos rebanhos estão enterradas em fatores tais como baixo índice de natalidade dos bezerros, elevada porcentagem de fêmeas pouco fecundas e outros.

meas pouco fecundas e na esterilidade; d) na incidência de doenças mortíferas ou depauperantes (aftosa, brucelose e verminose); e) nas carências alimentares; f) na falta de melhoramento dos rebanhos; g) nas dificuldades de transportes de animais de uma para outra região, onde passarão suas diferentes fases de preparo; h) nas inesperadas, mas inexoráveis condições climáticas, quando as secas violentas concorrem para desequilibrar por longos períodos, às vezes anos, todo o sistema de produção.

A GRANDE INDAGAÇÃO: A CARNE BOVINA SERÁ A SOLUÇÃO DO PROBLEMA DA PROTEÍNA?

Na atual situação, em face do empolgante surto de desenvolvimento populacional e econômico do País, em face das volumosas concentrações de habitantes nas zonas urbanas, que ocorrem à demanda sempre crescente das novas indústrias e em face, principalmente, da velocidade com que todos estes fatos se desenrolam, sem que o aumento da produção de carnes fosse previsto ou sequer considerado, deveremos insistir, sem outras considerações em buscar na carne bovina a solução para o abastecimento imediato de nossas populações, com proteína de origem animal?

E' fácil deduzir que não há, para isso, nem tempo nem condições materiais ou humanas. Isto não exclui a urgente necessidade, que temos, de reformular o problema, de planificar, de criar condições apropriadas para obtenção de resultados futuros, se desejarmos garantir, como é de nosso dever, a subsistência, a tranquilidade, o bem estar, a segurança e a prosperidade da Nação.

Não há país poderoso, sem alimentos. Nem haverá jamais, um país poderosamente industrializado, sem uma poderosa agricultura e uma desenvolvida pecuária.

O problema da produção de carne bovina no Brasil apresenta-se, no momento, como há muito já se vinha apresentando confuso e complexo. Não há regras, nem disciplina nos mercados e nos negócios da carne. E a inflação destruiu qualquer possibilidade de previsão comercial.

Os preços das carnes sempre atingiram preços elevados nas épocas naturais de escassez (entre-safra, período de seca); nas épocas normais, esses preços regrediam por ocasião das safras. Posteriormente, em pleno desenvolvimento inflacionário, essas regressões não se verificaram e a tendência, como em tudo, era subir cada vez mais o preço. A escassez de

carne, nos meses de outubro e novembro, fazia que os preços atingissem valores até 70% mais elevados que os preços de janeiro. Um boi gordo chegava a ser vendido pelo dobro de preço.

Essa escassez é o resultado do inexorável ciclo estacional, determinando, nas épocas de seca, queda da produção por falta de alimento nos pastos. As tentativas para disciplinar o mercado, regulando-o e tornando-o uniforme, mediante estocagem de carne da safra para as épocas mais difíceis, jamais surtiram o desejado efeito, pois, na realidade, jamais apresentaram condições para esse expediente. Na verdade, nossa indústria de frios era e continua a ser precária. O gado, inaproveitado para o abate na época de produção, tem que ser mantido nos pastos, aguardando o novo período e, nessas condições, atravessando a seca, perde parte considerável de peso e somente o recupera na nova estação das águas. O desenvolvimento ponderal de nossos novilhos de corte, criados no campo, não é uma curva lisa e ascendente. É uma escada, com numerosos degraus, que representam os períodos de seca a que são submetidos. Como conseqüência, por falta de alimentos distribuídos por igual durante todo o ano, nossa capacidade de abate cai violentamente nos períodos de escassez de forragens. Temos safras e entre-safras. As condições climáticas e nossa capacidade econômica de prover alimentos para o ano todo, nos impõem inexoravelmente essa situação. Em países mais adiantados que o nosso, nesse setor os abates se processam regularmente durante todos os meses do ano, não obstante os invernos rigorosos. Mesmo assim, nesses países, os preços oscilam de acordo com os meses do ano, e isso é natural, pois os preços das forragens também oscilam normalmente.

Mas longe estamos de atingir essa estabilidade.

Dentre as causas dessa nossa incapacidade atual para conseguir essa normalização poderíamos citar:

1 — Inexistência de estímulos do mercado comprador de novilhos, que levassem o criador e o invernista ao aperfeiçoamento de seu método de produção. A escassez de carne levou ao abandono a qualidade. Não existe no Brasil uma classificação de animais capaz de estimular, pelos melhores preços, o melhoramento da qualidade.

2 — Falta de conhecimentos técnicos dos criadores e dos invernistas e também de assistência técnica oficial, efetiva, capaz de mudar a ordem das cousas.

3 — Inexistência de recursos creditícios para os que pudessem produzir mais e melhor.

4 — Baixa rentabilidade nos negócios de criar nos sertões, não permitindo maiores inversões e sequer mão de obra apropriada para elevar a natalidade dos bezerros, a fertilidade dos rebanhos, a formação de pastagens artificiais, etc.

5 — As severas distorções no mercado, quando os animais passam pelos recriadores, atividade que se processa nas proximidades das invernadas de São Paulo, em Minas Gerais e em Goiás, quando os animais, passando de dono a dono numerosas vezes, e em mãos dos que aguardam exclusivamente a alta de preços, não recebem os necessários cuidados sanitários e alimentares, apenas vegetando em miseráveis condições e sofrendo, conseqüentemente, um antieconômico retardamento de desenvolvimento e de sua capacidade produtiva. Tudo porque o boi magro se vende por cabeça, raramente pelo peso.

6 — O baixo preço da carne bovina que desestimulou e continua a desestimular, perigosamente, o desenvolvimento da produção de outras carnes.

7 — Finalmente, e provavelmente como corolário de tudo isso, o lento crescimento dos nossos rebanhos, que não alcança, nem sequer de longe acompanha, em número e em capacidade produtiva, o crescimento da

população humana. De 1940 a 1959, a produção bovina do Brasil Central cresceu apenas 17%, enquanto a população humana cresceu de 75%.

O crescimento demográfico do Brasil é explosivo e coloca nosso País entre os países do mundo que mais crescem populacionalmente. Em tais circunstâncias, não podemos deixar de prever sombrias dificuldades alimentares para nosso povo, particularmente com relação a alimentos de origem animal, especialmente carne bovina, cujo consumo, já de si reduzido se comparado ao de outras nações, de ano para ano se rebaixa.

Já evoluímos bastante nos processos de aproveitamento das carnes. Já reduzimos, de muito, proporcionalmente, o obsoleto processo de produzir carne seca, que a falta de transportes e da indústria do frio nos impunha. Os preços dos bois, para produzirem carne verde em São Paulo, concorreram para esse fato, porém não foram ainda suficientes para alterar e influir no melhoramento substancial dos rebanhos e das práticas de criação.

Em 1982, seremos no Brasil o dobro da população que hoje somos. Se desejarmos apenas manter os atuais níveis de fornecimento de carne a essa população, os quais, como já dissemos, são extremamente baixos, deveremos também dobrar a população de nosso campo. Tal possibilidade afigura-se-nos impossível, caso a produção de carnes de outras espécies e medidas apropriadas não venha a socorrer o rebanho nacional imediatamente.

Em 60 anos, a população dos Estados Unidos dobrou e seu rebanho bovino sofreu um acréscimo apenas de 50%. Entretanto, o melhoramento genético do gado, o melhoramento das pastagens, das condições sanitárias e do próprio criador conseguiram, com esse aumento, produzir mais carne, o suficiente para atender à população. Mais, carne não só de bovinos, como é óbvio, mas também de suínos e de aves.

Afirmamos anteriormente que a carne bovina, nos países desenvolvidos, atinge preços mais elevados que a de outras espécies, como aves e suínos. Tal tributo, pago nesses países pela necessidade de grandes inversões de capital para melhoramento dos animais, das pastagens e da defesa sanitária, é agravado pelo baixo índice de conversão de alimentos, nessa espécie. A produção de carne bovina em nosso meio, pelos processos primitivos, como indústria verdadeiramente extrativa, nos imensos campos desprovidos de cercas e à lei da seleção natural, capacitava nos a produzir carne relativamente barata mas em volume que não condizia com o próprio rebanho. Os processos tiveram que ser modificados para que a produção atendesse aos reclamos das populações e, em várias ocasiões, à exportação e, embora se desenvolvessem lenta e precariamente, não deixaram de concorrer para o aumento do produto. A realidade é que o surto da produção de carnes atingiu no Brasil, em determinada época, índices promissores, que nos colocavam entre países exportadores por via das invernadas artificiais de colônia e de Jaraquá, esparramados pelo território de São Paulo. Embora essa simples medida fosse tomada, ainda que de modo não totalmente satisfatório, o impacto na produção foi extraordinário, mas poderia ter sido maior se concomitantemente, se houvesse verificado substancial melhoramento na qualidade genética do boi a ser preparado. Esses fatos precisam ser considerados no planejamento que se torna imprescindível. Muito há que fazer, mesmo em pastagens. De uma pastagem comum de colônia, em São Paulo, retiram-se por ano, 150 kg de peso vivo de boi por hectare; mas há pesquisas que provam que, dessas mesmas pastagens, adubadas, se poderiam retirar 700 kg. Resta saber se os preços dos adubos, seu preparo e distribuição são realmente uma possibilidade econômica para vender carne de boi pelos preços atuais.

Não nos alongaremos, nestas considerações, mesmo porque não é esse nosso intuito expor tudo quanto nos angustia como cidadãos e patriotas, que cuidamos com carinho do futuro dos nossos filhos e do destino da Pátria querida. Ser-nos-ia impossível.

Apenas desejamos, homens afeitos ao trabalho e à luta, jamais divorciados da realidade, apelar para os altos dirigentes do País, para que sintam esta situação, que nos faz temer pelo futuro da Nação.

Apelamos principalmente para que se estudem e se ponham em execução as seguintes providências:

1 — Melhor sistema de comercialização do boi, que venha estimular o melhoramento da qualidade e, assim, possibilitar a exportação de parcelas que proporcionariam divisas ao País. Esse sistema poderia ter repercussão interna pois diferenças de preço, por qualidade, possibilitariam baixas no preço do gado inferior e elevação no de alta qualidade, sem que (e isto é importante) o valor nutritivo do produto sofresse qualquer redução. De fato, a qualidade do novilho, bom ou mau, não afeta o valor nutritivo da carne, propriamente, mas, o tipo e o rendimento.

2 — Eficiente sistema de fomento da produção, supervisionado por um corpo técnico atuante, lesde as fontes iniciais de produção até seu acabamento. Mas, um serviço unificado, orientado, uniforme com possibilidade de ensinar, orientar, sugerir e supervisionar créditos apropriados.

3 — Incrementar e facilitar a criação de cooperativas de produtores, em todos os ramos das atividades da produção de carnes, desde cooperativas de criadores às cooperativas de invernistas e de abatedores.

4 — Para intensificação de pesquisas no setor de produção de carnes, criação de escolas para técnicos, divulgação ampla de técnicas exequíveis e econômicas, serviços de melhoramento dos rebanhos, de plantas forrageiras, etc.

Apelamos para muito, mas a verdade é que tudo está para fazer, embora, sem modéstia, reconhecamos que já fizemos algo.

Mais que tudo, entretanto, apelamos com tôdas nossas forças, homens simples que somos, mas que nos mantemos dentro de nossa realidade, para que meditemos sobre o perigo que nos espera, se consumimos hoje indiscriminadamente o pouco que possuímos, sem atentar para o dia de amanhã.

Os economistas, os zootecnistas, os nossos altos dirigentes poderão, melhor que nós, avaliar o que sucederá nessa conjuntura.

Nós apenas, como homens do campo, percebemos, pelo nosso sexto sentido, que algo de grave sucederá, sem podermos julgar a profundidade das consequências.

Nem porisso, por pequeninos que sejamos, deixaremos de cumprir o inarredável dever de alertar nosos mais ilustres patricios.

NÚMERO E PORCENTAGEM DE ABATE DE BOIS, VACAS E VITELLOS EM 1961 (1.000 CABEÇAS)

Regiões	Bois		vacas		vitelos		Total
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	
Norte	95	75,3	25	19,8	6	4,9	126
Nordeste e leste setentrional	915	74,5	295	24,0	17	1,5	1 227
Brasil Central	2 898	62,8	1 517	32,9	195	4,3	4 610
Sul	764	64,8	405	34,3	9	0,9	1 173
Brasil	4 672	65,4	2 242	31,3	227	3,3	7 141

Fonte: Miguel Cione Pardi e Hugo Macarenhas, do M.A.

O quadro ilustra a importância do Brasil Central no cenário pecuário nacional. Essa região contribuiu com 64% do número de bois abatidos em 1961. Essa carne destinou-se a suprir os mercados da região e as grandes metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro.

ÍNDICES DE PRODUTIVIDADE E RENDIMENTO DA PECUÁRIA EM 1961

Regiões Geo econômicas	Superfície 1 000 km ²	Rebanho 1 000	Densidade por km ²	Habitantes 1 000 ano de 1960	Relação Boi x homem 1960	1 000 Abate	Desfrute
Norte	3 500	1 484	0,41	2 321	0,60	126	8,4
Nordeste e Leste	1 155	14 446	9,28	22 477	0,62	1 227	8,4
Brasil Central	3 001	48 718	16,23	35 478	1,33	4 610	9,4
Extremo Sul	337	11 528	30,55	7 519	1,49	1 178	10,2
Brasil	8 513	76 176	8,94	67 795	1,09	7 141	9,3

Fonte: Miguel Cione Pardi e Hugo Mascarenhas, do M.A.

A importância do Brasil Central, como região de grandes possibilidades para produzir carnes pode ser julgada neste quadro. Essa região dispõe de vastas áreas aproveitáveis de pastagem artificial e a densidade do rebanho está muito longe de atingir o ponto de saturação. A capacidade de desfrute é baixa e a concentração humana, elevada. Muito pode ser melhorado e conseguido no aumento de produtividade dessa área, por um serviço organizado de fomento, de estímulo e de educação.

POPULAÇÃO DO BRASIL EM MILHÕES DE HABITANTES

Anos	População Milhões	Crescimento anual
		Porcentual
1900	18,2	2,4
1915	23,0	1,6
1930	33,0	2,4
1940	40,0	2,0
1950	51,0	2,4
1960	72,0	3,5
1970	100,0	3,5
1982	150,0	3,5
2000	275,0	3,5

Fonte: Glycon de Paiva em "População e desenvolvimento" publicado no Digesto Econômico N.º 185 de Setembro e Outubro de 1965.

Em 1960, éramos 72 milhões de habitantes. Seremos 100 milhões em 1970 e 275 milhões no ano dois mil. Daqui a 4 anos precisamos alimentar, e devemos alimentar melhor, com proteínas de alta qualidade, 100 milhões de bocas para podermos sobreviver como Nação forte e tranqüila.

CONSUMO DE TÓDAS AS CARNES "PER CAPITA" NO BRASIL (EM KG)

Ano	Kg per capita
1956	29,0
1957	29,2
1958	29,0
1959	26,7
1960	24,5

Fonte: "Conjuntura Econômica", abril de 1962

Em 1956 cabiam a cada habitante do Brasil 29 kg de carne, por ano, o que já era irrisório. Mas em 1960 já estávamos consumindo apenas 24,5 kg. Que nos espera no futuro?

CONSUMO "PER CAPITA" DE CARNE VERMELHA EM 1957

País	Pela ordem segundo o consumo de tódas as carnes. (1)	Tódas as carnes (excluindo banha) (2)	Carne de gado vacum	Porcentagem de carne vacum em relação a tódas as carnes
1 — Argentina		110	95	87
2 — Nova Zelândia		104	51	49
3 — Austrália		100	57	57
4 — Uruguai		76	59 (3)	77
5 — Estados Unidos		72	42	58
6 — Dinamarca		65	24	38
7 — Canadá		62	38	61
8 — Inglaterra		61	25	41
9 — França		55	29	52
10 — Alemanha Ocidental		49	18	36
Brasil (4)		19,55	19	—

- (1) Foreign Agricultural Service, USDA, by Mr. M. A. Drisko, Director
 (2) Novilho, novilha, vaca, vitela, carneiro, cabrito, cavalo, segundo o peso da carcaça.
 (3) Exclui carne enlatada e vitelo.

Enquanto na Argentina cada habitante em 1957, consumiu 110 kg de carne, dos quais 95 de carne bovina (87%), os americanos consomem 76 kg, dos quais 42 apenas de carne bovina (58%), o que demonstra a diversificação de produção nesse país. O mesmo sucede com países como a Dinamarca, a França, a Inglaterra e a Alemanha Ocidental.

Mas, no Brasil, ao mesmo tempo, cada habitante consumiu apenas 19 kg de carne, dos quais quase nada, além da carne bovina. Esta, dia a dia escasseia, em face do aumento da população. Há que prover ao desenvolvimento de outras fontes de proteína animal, carne de aves, de suínos, leite, ovos, pescado, etc., sem o que nossa população subnutrida passará verdadeiramente à total privação desses alimentos.

- (4) Dados de 1961, colhidos no trabalho de Miguel Cione Pardi e Hugo Mascarenhas, denominado "Aspectos Conjunturais da Pecuária Brasileira de corte — Perspectiva de desenvolvimento até o ano 2 000". Inclusive carne de novilho, novilha, vaca, vitelo, carneiro e cabrito.

V FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS

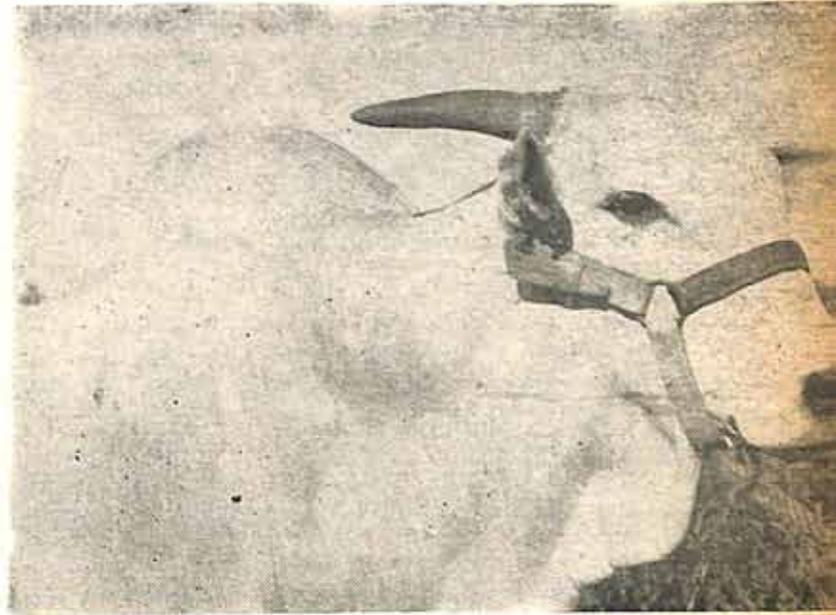
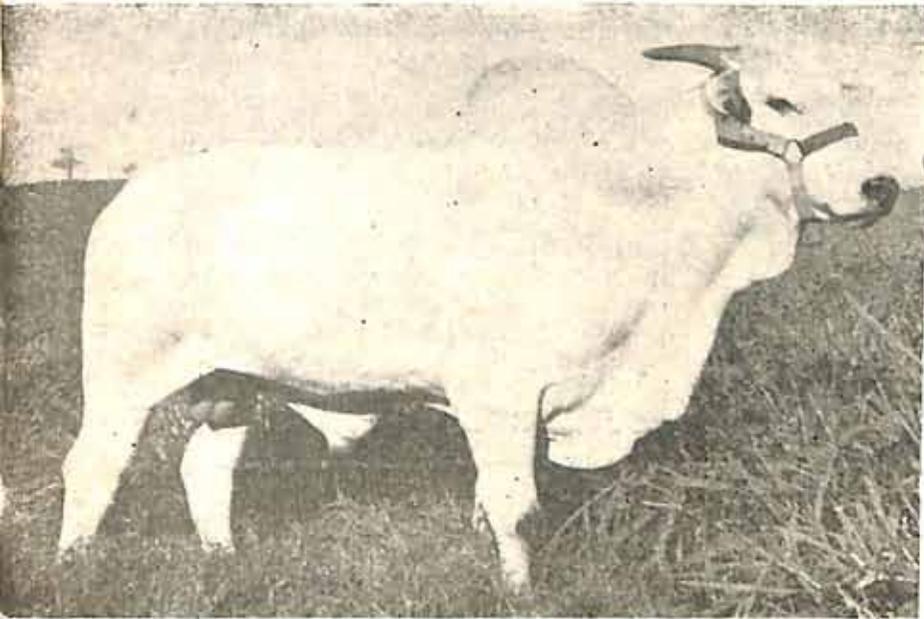
A A.P.C.B. fará realizar no
Parque da Água Branca, no
período de

6 a 12 de outubro

5 TOUROS IMPORTADOS

MELHORAM O MAIS ANTIGO E PURO NELORE, O DA

FAZENDA INDIANA



D A N D A — importado. Impressionante, de rara beleza racial e grande porte. Seus filhos lideram o pêso aos 9 meses.

RENOVE O SANGUE DO SEU REBANHO, UTILIZANDO
FILHOS DE IMPORTADOS DA

I N D I A N A

VENDA PERMANENTE DE MACHOS E FÊMEAS

Quilômetro 31, da antiga Rio-São Paulo — Est. da Guanabara
Av. Heitor Beltrão, 29 — Tel 48-3125 — Est. da Guanabara

O CONTROLE LEITEIRO OFICIAL COMO GARANTIA DOS TRABALHOS SELETIVOS ESPECIALIZADOS

O caminho escolhido pelo grupo de criadores nacionais é árduo e áspero, e o êxito dependerá da tenacidade, da continuidade de ação, da resignação para os percalços surgidos e da paciência na espera dos resultados

EVANDRO BAHIA MONTEIRO
Zootecnista da SAIC e da CIPB

Em hora feliz para a pecuária brasileira, um grupo de criadores do Centro e Sul do País, muito pequeno é verdade, mas de elite, deliberou proceder a seleção dos animais da raça Gir, a fim de torná-los especializados em produção de leite. Em resumo, essa idéia, que vem sendo transformada em trabalho dinâmico e operoso objetiva dar à pecuária brasileira um dos elementos que ela mais carece para solucionar, na sua mesologia intertropical, o grave e, por isso, palpitante problema de um dos seus mais importantes ramos de atividade pastoril, qual seja exploração leiteira em bases econômicas e em volume capaz de atender à demanda populacional.

Esse elemento, como não desconhecem, especialmente aqueles que tem sentido na própria carne o resultado infrutífero das suas lidas diárias em currais, através dos anos, criando e explorando raças leiteiras européias de difícil aclimação no nosso meio quente e adverso, são as raças que, por sua natureza genética e fisiológica, se ajustem às nossas condições climáticas, topográficas, de alimentação, de higiene sanitária etc., pelo menos, para uma razoável produção nos nossos campos.

O caminho escolhido pelo grupo de criadores nacionais é árduo e áspero, o êxito dependerá da tenacidade, da continuidade de ação, da resignação para os percalços surgidos, da paciência na espera dos resultados.

Sabemos que não é com o aventureirismo que se pode pensar e realizar um trabalho de seleção da raça Gir, que no território brasileiro vinha sendo julgada como especializada para corte, como também não se poderá formar uma raça leiteira pelo cruzamento de animais de raças indianas de mais acentuada aptidão leiteira com raças européias já consagradas por esse atributo.

Ambos os caminhos, que constituem perspectivas de solução para o nosso problema de pecuária leiteira, exigem o emprêgo de medidas técnicas planejadas, de conhe-

cimentos, de argúcia, de visão e de tato criador, de assistência quotidiana no campo das operações.

Quem se propõe a realizar trabalhos dessa ordem, tem que dar toda a ênfase à escolha de reprodutores tanto machos como fêmeas, devendo uns e outros, preencher requisitos que orientem a seleção e os cruzamentos programados.

Se a seleção é a norma ou o método da reprodução a seguir, três aspectos fundamentais serão objeto para a sua aplicação:

a) *seleção fonotípica*, segundo a raça e a conformação dos indivíduos; b) *seleção funcional*, na qual se atende precipuamente às aptidões funcionais; c) *seleção genotípica*, através da qual, com o aproveitamento dos controles de produção, se busca criar famílias e linhagens.

A larga experiência dos que têm praticado esses três métodos seletivos afirma que, sem sombra de dúvida, é o terceiro dos processos indicados o mais positivo, o básico para que se alcance a meta almejada. Isto porque a seleção genotípica exige o registro da produção de leite e da matéria gorda produzida pelo material trabalhado, registro que fornece ao criador os dados da capacidade de produção de leite e de gordura de cada uma das fê-

meas, e, "pelas modificações das funções normais, indica as influências externas e outras, frizando os limites determinantes do grau de seleção".

É justamente esse método de seleção — a genotípica — que está sendo posto em prática pelo grupo de criadores nacionais; na formação e melhoramento dos rebanhos da raça Gir, juntamente com a seleção individual, que julga os caracteres leiteiros pelo exterior dos animais e outros dos seus atributos de raça e de conformação, para que seja mantido, tanto quanto possível harmônico, o tipo racial a que pertencem.

Numa fase de trabalho seletivo em que a principal dificuldade e a maior necessidade são a descoberta de valores com acentuada aptidão leiteira para posterior fixação e formação consequente de famílias e linhagens dentro da raça, o *controle leiteiro* se encarrega da notável operação de reconhecimento desses valores auxiliando ainda ao criador, na indicação das necessidades de nutrição e até mesmo do valor das pastagens de sua propriedade.

Contudo, apesar de ser o controle leiteiro uma arma imprescindível na revelação dos indivíduos de escol, pela sua elevada produção do precioso alimento, não deve ser feito pelo criador em seu próprio rebanho. Não obstante o criador obtenha resultados que serão de grande valia para o trabalho seletivo que enceta, o controle da produção assim efetuado terá valor por demais relativo, sempre que pretenda vender reprodutores machos e fêmeas de seu rebanho já melhorado. "Esse material poderá ser aceito e considerado entre os criadores e compradores seus conhecidos, porém dificilmente terá um reconhecimento geral, mesmo sendo executado dentro da máxima correção" — diz Fidelis A. Neto.

Por isso mesmo para conferir seriedade e toda a autenticidade ao labor que vêm levando a efeito, os criadores a que nos vimos referindo, entregaram à responsabilidade da Associação Paulista de Cria-



A ordenha é atentamente observada pelo controlador da A.P.C.B.

dores de Bovinos, o serviço de controle leiteiro dos seus rebanhos da raça Gir. Tal iniciativa teve por fim não só a obtenção de um verdadeiro controle quantitativo e qualitativo das suas vacas, individualmente e em conjunto, mas também a conveniência de imprimir ao mesmo controle, com salutar reflexos em seus negócios de venda de produtos, a indispensável fé pública, porque realizados por uma sociedade que tem atribuições, delegadas por quem de direito para os fazer e os divulgar.

Por três vezes consecutivas já estivemos na fazenda "Brasília" em S. Pedro dos Ferros — Minas, propriedade do esclarecido criador Rubens Resende Peres, um dos pioneiros da criação selecionada do Gir leiteiro. Ali, nos tornamos testemunha da justeza com que ele se comporta na efetivação de várias práticas auxiliares do fabuloso serviço que, cumprindo, ele prestará à pecuária brasileira, inclusive a do controle leiteiro. Para tanto, examinamos, apreciamos e nos identificamos com tudo que lhes diz respeito graças ao bom entendimento que aquele criador mantém com a técnica e com os técnicos. Naturalmente que, como ele, os demais que in:provisações e de deslealdade.

Esse, realmente, é o exemplo que deve ser dado e tomado por todos aqueles que enveredarem pelo mesmo caminho. Nada de fantasia, de improvisações e de deslealdade.

O trabalho de seleção da raça Gir leiteira tem que se impor pela verdade. E muitas dessas verdades só poderão ser denunciadas pelo controle leiteiro. E, como todos devem perceber, é um trabalho a longo prazo e de resultados parciais.

Com boa orientação, persistência, confiança na técnica, escrupulo e com outros fatores que emulam qualquer trabalho sério, se chegará ao fim colimado.

A evolução do gado leiteiro nos países que perfilharam esses princípios corroboram esta afirmação. Mercê da seleção e da escolha cuidadosa de reprodutores, ambas orientadas pelo controle da produção, foi possível a muitos países alcançar o nível de progresso que no presente se observa nos seus rebanhos. Esse conjunto de providências tem permitido a criação de raças especializadas, que formam hoje o grande patrimônio pecuário de muitos deles.

Portanto, o que os nossos pecuaristas devem gravar bem, tomando isso como norma, é que os resultados da aplicação de um correto controle leiteiro, abrangendo o controle de alimentação, podem ser resumidos nos seguintes itens que F. Alves Neto, emunera:

a) aumento da média de produção de leite por animal;

b) aumento de porcentagem de gordura;

c) melhor e mais econômica utilização das forragens distribuídas às vacas, em consequência do balanceamento das rações, orientadas pelas sociedades de controle;

d) possibilidade da eliminação das más produtoras;

e) em consequência, ampla possibilidade de selecionar as boas leiteiras, dirigindo a seleção de acordo com as aptidões das raças selecionadas e necessidades do mercado de leite;

f) maior valorização dos rebanhos controlados, e, portanto, maiores facilidades na venda dos descendentes em bases remuneradas; e g) possibilidade de um reerguimento seguro nas rendas e ainda um incentivo ao criador para aprimorar os conhecimentos, fugindo assim do ambiente de rotina dominante entre nós.

A técnica e os técnicos falam aos pecuaristas esclarecendo as verdades dos fatos. Esperamos que particularmente na iniciativa da seleção do Gir leiteiro, haja reciprocidade de atitudes dos criadores e seus colegas de profissão, que irão bater e abrir sua cancela para deles obter informações a respeito do trabalho que realizam e, possivelmente, também para lhes adquirir um tourinho com aptidão, produto do anunciado "Plantel Gir Leiteiro".

Revelem a verdade, apresentando, sempre que oportuno a todos eles e a nós mesmos, o certificado do controle leiteiro que assiste aos seus rebanhos, feito por entidades

Roupas Esporte

de qualidade



paletôs e calças excelentes para usar no campo ou na cidade, em tecidos de superior qualidade e padronagem moderna.

camisas esporte da famosa confecção Epsom, são de ótima qualidade, em padrões cores e modêlos maravilhosos.

CRÉDITO IMEDIATO

Casa José Silva
serve bem para servir sempre

SÃO BENTO - BRIGADEIRO - BRÁS - TATUAPÉ

oficiais ou associações de classe ou de raças. Só agindo dessa maneira eles se acreditarão e demonstrarão que trabalham certo, sério e sobriamente, em ações, pronunciamentos e atitudes de um bom e perfeito criador.

RESULTADOS PARCIAIS DE VACAS GIR LEITEIRAS DO CRIADOR RUBENS RESENDE PERES, EM SÃO PEDRO DOS FERROS, M.G., EXTRAÍDOS DO RELATÓRIO N.º 251 DO S.C.L. DA A.P.C.B.

Controle em 27/10/1965.

Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

11.855	Brasília de Brasília	PO	7-1	3º	52	15,350	0,627	4,08
11.977	Alegria B. de Brasília	PO	11-7	5º	87	20,300	0,972	4,74
12.306	Troia de Brasília	PO	9-1	2º	31	14,850	0,773	5,20
12.307	Gaivota de Brasília	PO	12-6	5º	89	8,500	0,427	5,02
12.430	Japonesa de Brasília	PO	13-9	1º	14	12,300	0,566	4,60
12.506	Maconha T. de Brasília	PO	11-6	5º	95	15,150	0,750	4,95
12.508	Sibonel de Brasília	PO	12-8	3º	55	13,850	0,653	4,72
13.019	Lagoinha de Brasília	PO	—	6º	158	8,800	0,461	5,24
13.413	Bateria de Brasília	RE	6-0	3º	82	9,600	0,414	4,31
13.415	Frisia de Brasília	PO	8-8	3º	55	17,350	0,860	4,96
13.556	Bandeira T. de Brasília	RE	10-9	1º	22	14,400	0,677	4,70
13.684	Jóia Titã de Brasília	RE	—	3º	52	13,900	0,770	5,53
13.685	Sota B. de Brasília	PO	6-8	2º	34	18,150	0,778	4,28
13.688	Veneza de Brasília	PO	8-8	2º	31	12,850	0,655	5,09
14.265	Delicada de Brasília	RE	—	9º	295	8,400	0,480	5,72
14.754	Juranda de Brasília	RE	—	7º	188	9,300	0,408	4,39
15.010	Rumba de Brasília	RE	—	6º	136	10,500	0,460	4,38
15.096	Renuncia de Brasília	RE	8-0	5º	118	10,850	0,618	5,70
15.363	Baioneta de Brasília	RE	—	4º	97	12,050	0,799	6,63
15.364	Caratinga de Brasília	RE	5-0	5º	79	10,900	0,555	5,09
15.365	Calibrosa de Brasília	PO	8-0	5º	75	15,250	0,649	4,26
15.627	Angola de Brasília	PO	13-0	3º	72	12,150	0,531	4,37
15.628	Escovada de Brasília	RE	8-0	3º	59	12,850	0,690	5,37
15.629	Orvalhada de Brasília	RE	5-1	3º	56	13,500	0,613	4,51
15.630	Figueira de Brasília	RE	13-0	2º	42	13,550	0,647	4,77
15.933	Indiana de Brasília	RE	3-9	1º	13	10,500	0,498	4,75
15.934	Alsacia de Brasília	RE	3-4	1º	11	11,500	0,511	4,44
15.935	Varsovia de Brasília	RE	4-8	1º	2	16,400	0,739	4,50



A característica predominante das invernadas no Brasil Central é a grande extensão: pastos de 250 a 500 hectares são comuns nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

ALIMENTAÇÃO DOS BOVINOS

A QUERÊNCIA DO GADO DE CORTE

Ninguém deve deixar-se levar por notícias poucos precisas de que os novilhos ficam nervosos com o rodízio e chegam a perder peso. O que é indispensável é manejar os animais com cuidado.

GERALDO LEME DA ROCHA
Engenheiro Agrônomo DPA-S.P.

Toda a vez que se procura introduzir uma nova técnica nas lides do campo, surge, por parte do fazendeiro, uma resistência natural. Esta reação é perfeitamente compreensível, pois, não se pode, da noite para o dia, mudar os hábitos que foram acumulados através da história. A função dos inovadores está principalmente no demonstrar que o novo conhecimento influirá favoravelmente na economia da propriedade. O homem do campo só se convence, diante de provas cabais — e estas devem ser fornecidas de maneira prática, através de demonstrações bem claras.

Um bom exemplo, que poderá ilustrar esse fenômeno, é o referente à engorda de bovinos no Brasil Central. A característica predominante das invernadas lotadas nessa faixa é a grande extensão: pastos de 250 a 500 hectares são comumente encontrados em regiões de maior expressão econômica, como ocorre no Estado de São Paulo. Em outros Estados, como Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, essas unidades de pastejo são multiplicadas por 10 ou mais, com grande frequência.

Dentro de invernadas muito grandes, os rebanhos se utilizam de determinadas partes do pasto, onde a planta forrageira se ofereça mais apetecível, deixando grande superfície, em que o relvado cresce livremente, tornando-se fibroso. Pode-se, então, inferir que no apascentamento contínuo, com lotação fixa, estão presentes dois principais tipos de utilização da forragem: o superpastejo e o sub-pastejo.

Nas manchas de pasto muito castigadas pelo super-pastejo, as espécies botânicas, por estarem sendo continuamente cortadas, enfraquecem e não conseguem competir com as plantas invasoras. A área restante da invernada, onde o capim foi pouco consumido no pastejo leve, a forragem engrossa, perde a apetibilidade e o resultado final é bem conhecido de todos. O fogo passa a ser, nessa situação, o único recurso viável para nivelar a vegetação, com vistas a uma rebrota igualada do relvado.

Nesse sistema de exploração pecuária, as boiadas permanecem, durante todo o período de engorda, em um único pasto, recebendo apenas a visita periódica do campeiro, que renova o suprimento de sal e verifica o estado dos animais. Afirma-se que esse método tem a virtude de assegurar o sossego indispensável à boa engorda. Tal afirmativa procura contrariar a recomendação de subdividir as invernadas em unidades que permitam o manejo orientado dos pastos e rebanhos. Parece que não há muito fundamento nisso; pelo menos, são ainda raros os exemplos de pastejo rotacionado entre nós, que permitam qualquer generalização. O que se vem observando entre os pecuaristas favoráveis ao rodízio dos pastos, já fornece elementos seguros para recomendar essa prática. Os próprios invernistas e criadores que se beneficiam da técnica de rotação dos pastos passam a fornecer informações úteis, que enriquecem o acervo de dados visando facilitar o manejo dos pascigos.

FEVEREIRO DE 1966

Pode-se aprender com os fazendeiros interessados na racional utilização dos pastos. Estão aí os exemplos das propriedades dos srs. A Nogueira Filho, em Avaré, do Dr. Raul Simões, em Iepê, do Dr. E. L. Monteiro, em Conchas, além de muitos outros, com uma série de novos conhecimentos de natureza aplicada, que vão transformando, aos poucos, a arte de manejar pasto em uma técnica segura. Tome-se um exemplo bem estudado pelo Dr. E. L. Monteiro, referente à movimentação dos lotes. Afirma esse pecuarista que a querência pela invernada, que o boi pode ter no pastejo contínuo, passa a ser nitidamente observada no rotacionado. A boiada quase que "sabe" que nos outros pastos há capim descansado, tenro, à espera. O boi fica "querenciado" na rotação e, tão logo tenha comido a forragem do piquete em que se encontra, vai-se aproximando da cerca de divisa, onde o espera um melhor bocado.

É, ainda, da experiência desse criador, um expediente que merece ser divulgado. Ao introduzir nos pastos subdivididos, animais criados em região de pastejo contínuo, convém misturar no lote algumas cabeças já acostumadas ao novo sistema; animais que irão "ensinar" à nova boiada o que é o rodízio e, por essa forma, se estabelece um processo contínuo toda a vez que os lotes forem renovados.

Ninguém deve deixar-se levar por notícias pouco precisas de que os novilhos ficam nervosos com o rodízio e chegam a perder peso. O que é indispensável é manejar os animais com cuidado. A primeira mudança de um para outro pasto pode ser feita, abrindo simplesmente a porteira de comunicação entre as duas unidades. Basta que umas poucas cabeças passem, descobrindo o capim tenro, para que o resto da boiada as acompanhe.

Serão suficientes duas ou três rodadas para que os animais adquiram a querência pela rotação, em benefício de seu desenvolvimento e da manutenção das espécies úteis, que formam a comunidade botânica do pasto.



Para frieira, bicheira e ferimentos em geral, devido ao seu grande poder de cicatrização. PREVENTIVO E CURATIVO DAS INFECÇÕES DO UMBIGO DE BEZERROS.

INDÚSTRIAS BIO-QUÍMICAS MIOZOL LTDA.
Rua Clélia, 2.184 — Caixa Postal, 11.818 — Endereço
Telegráfico: CORUJA — São Paulo — SP.

EDIÇÕES ESPECIAIS SOBRE A CARNE E O LEITE

SOBRE A CARNE — A "Revista dos Criadores" publicará, em abril próximo, o número especial dedicado à **CARNE**. Além de vários trabalhos técnicos, dele constarão reportagens ilustradas a respeito de criações nacionais. Se de alguma forma V.S. estiver interessado em apresentar sua organização ou seu trabalho, queira comunicar-se com urgência com a direção da "Revista dos Criadores".

SOBRE O LEITE — A "Revista dos Criadores" publicará no número especial **SOBRE LEITE**, a ser editado em junho próximo, amplo noticiário e reportagens acerca de fazendas de criação e indústrias de laticínios. A fase preparatória da edição encerrar-se-á em fins de abril. Estando V.S., de alguma forma interessado em participar da publicação, através de sua organização, é favor dirigir-se à direção desta Revista.

BRASILEIROS EM SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EMPRESAS

Cinco diretores brasileiros de companhias de fertilizantes, durante o recente Seminário Internacional de Direção de Empresas (9 e 11 de novembro) em Skokie, Illinois, Estados Unidos, patrocinado pela International Minerals & Chemical Corporation, a maior produtora mundial de fertilizantes químicos e materiais fertilizantes. A partir da esquerda, James MacFarland, diretor executivo da Companhia Petroquímica Brasileira de São Paulo, Luiz Boccalato, presidente da Companhia Paulista de Adubos de São Paulo; Erich Pudler, diretor executivo da Companhia Riograndense de Adubos do Rio Grande do Sul; Eduardo Camargo, diretor executivo da Manah S.A. de São Paulo; Wilson Alves de Araújo, diretor comercial da Companhia Paulista de Adubos de São Paulo. Os delegados discutiram o papel da indústria de fertilizantes no aumento da produção agrícola, em face da demanda de um mundo faminto.

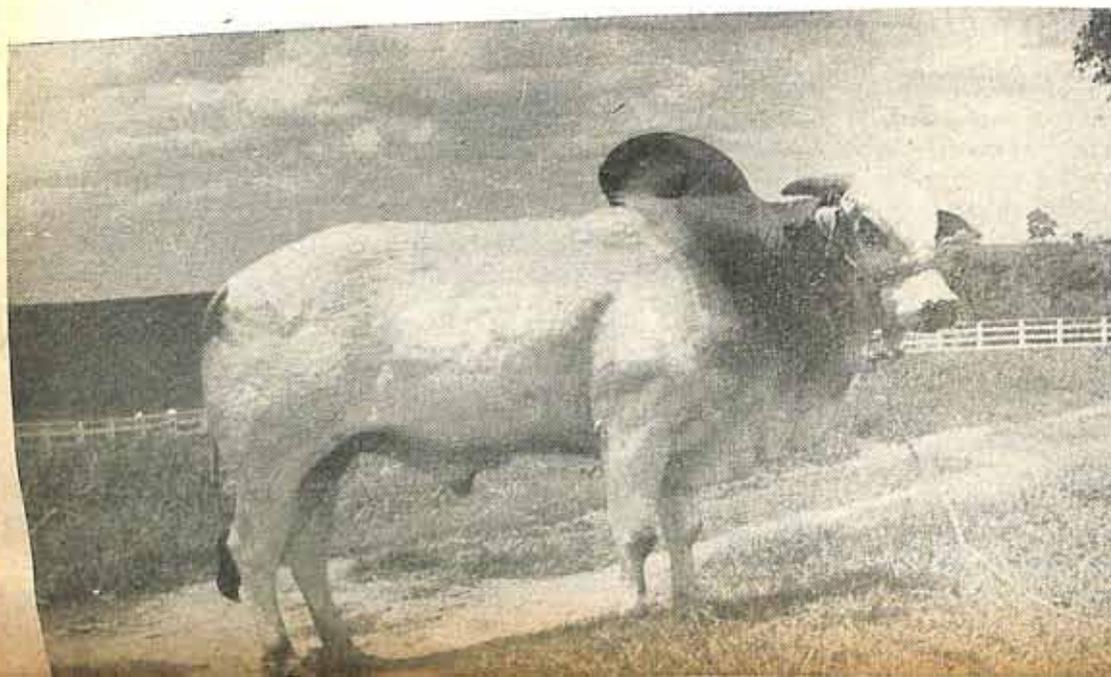


O N E FAZENDA S



PARANA — Campeão Sênior da raça Nelore na V Exposição de Animais e Produtos Derivados de São José do Rio Preto, realizada em outubro último. Seu pai é o importado Kakinada, reg. nº 4502; sua mãe é a nacional Sambeira, reg. nº B-2452. Nascido em 15/4/1962 e pesando 665 kg, demonstra notável precocidade de crescimento, aliada à pureza racial.

VIJAIA NARAYAMA RADHA — Crioulo do grande criador, selecionador e importador Celso Garcia Cid. Considerado um dos melhores filhos de importados, este garrote vem sendo preparado para futuro chefe do plantel NELORE da Fazenda São Vicente.



Proprietária
Viúva JOÃO ZALUAR

Termas de Ibirá (Catanduva)



Vista da sede da Fazenda São Vicente das raças NELORE

ENDE

EM SÃO PAULO: RUA JACQUES

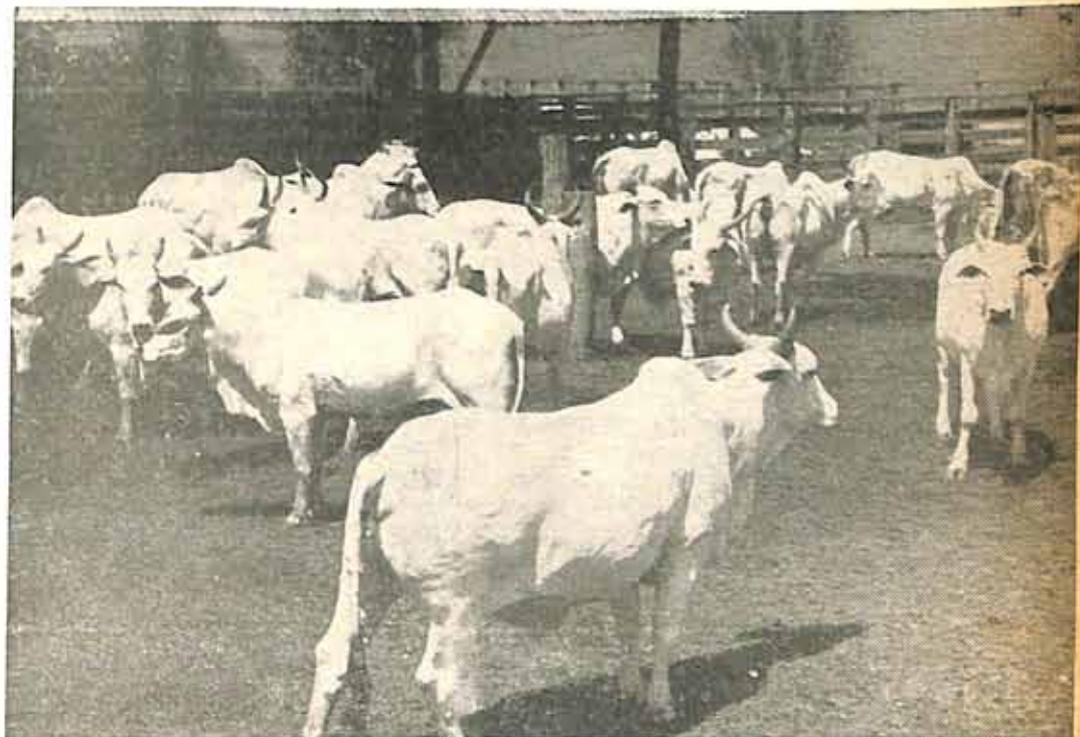
EM CATANDUVA: CAIXA

NELORE SÃO VICENTE

idade de

CANER E CINTRA

a) - Estado de São Paulo



Estas extraordinárias matrizes da raça NELORE dispensam adjetivos. Elas, pelo que o clichê demonstra, asseguram a solidez da pecuária de corte nacional.



ente, onde é selecionado o gado
e Nelore MÓCHO.

NEÇOS:

RÉZINHO, 166 - TEL. 8-3777

SIAL, 91 - E. F. A. - TEL. 76



GOVERNAR É ABRIR ESTRADAS

Como testemunha ocular, posso asseverar que a falta de alimentos nobres e saudáveis, doença da fome a corroer o estômago do povo que aqui moureja, decorre da morosidade da abertura e conservação de estradas e outros problemas.

LUIZ CARLOS CAMPOS
Veterinário

O título destas linhas, num país de dimensão territorial do nosso, encerra uma verdade meridiana.

Se o atraso do Brasil é devido à sua vasta extensão, que trouxe em consequência, por falta de meios de comunicação, a irregular distribuição de população e a dificuldade de escoamento da produção, é lógico que governar, ou melhor, administrar é fazer algo que corrija esse defeituoso processo de colonização, visando "derrame" equitativo de habitantes nessa imensidão de terra. A movimentação de massa humana em regiões antes inexpugnáveis torna-se possível pela abertura de estradas. E ir-se-ão criando novas cidades, a que acor-

rerão indústrias e praticar-se-á uma agricultura evoluída, por influência da ligação com cidades mais amadurecidas. Basta lembrar a estrada Rio-Bahia, em cuja extensão de mais de 1.600 km já florescem várias povoações. O mesmo se diga do progresso que trará à região do Norte e Centro do Brasil a estrada Belém Brasília-Acre: núcleos habitacionais surgirão em seu longo percurso, rasgando-se outras estradas tributárias, que espalharão o povo que se acotovela ao longo do litoral.

Ao lado das rodovias, a energia elétrica e a educação de base conjunto que garantirá a sobrevivência e o progresso dos núcleos popu-

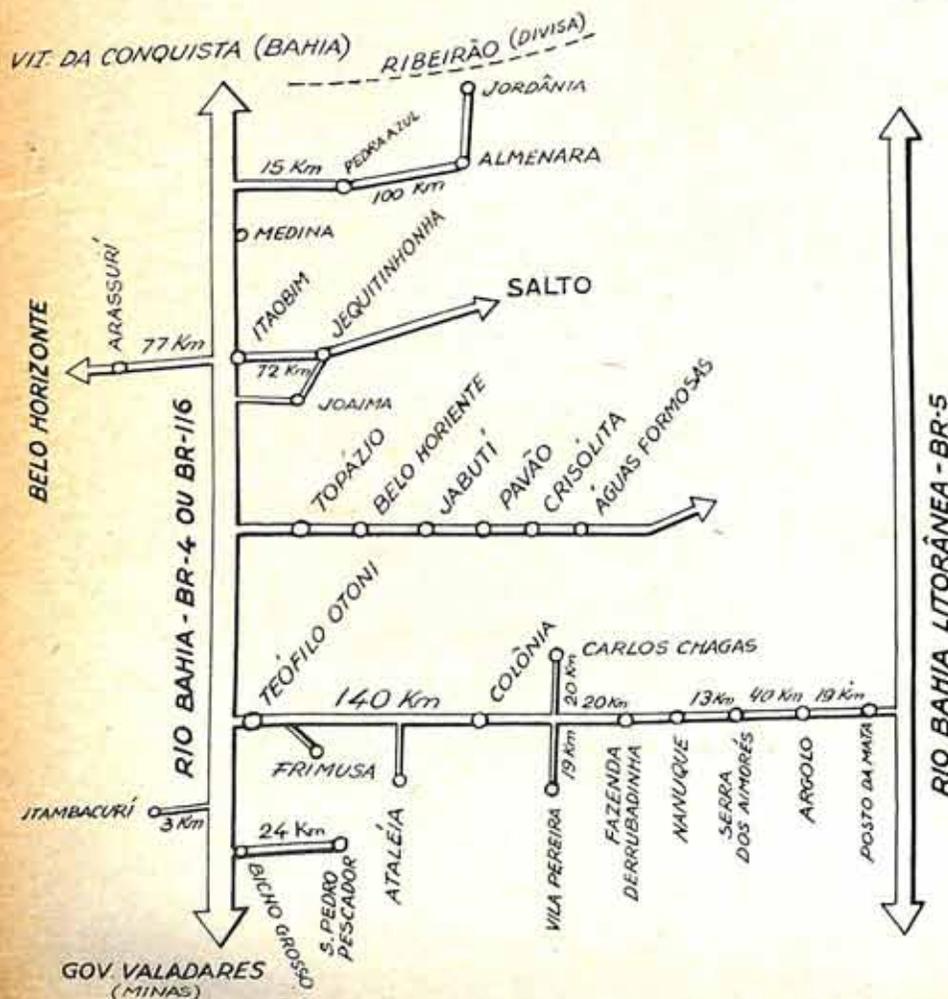
lacionais. Essa trindade, estrada-educação-energia não pode ficar exclusivamente a cargo dos governos. Os homens de dinheiro e de visão têm o dever indeclinável de "embarcar nesta canoa", deixando a demagogia para depois. Note-se que a carência de alimentação e habitação não é a causa, senão o efeito da não aplicação daquelas providências.

ANDANÇAS PELA RIO-BAHIA

Como testemunha ocular, posso asseverar que a falta de alimentos nobres e saudáveis, doença da fome a corroer o estômago do povo que aqui moureja, decorre da morosidade da abertura e conservação de estradas, da falta de energia elétrica e da falta de mão de obra especializada ou semi-especializada, ou seja, da falta de educação de base. O índice de analfabetos e dos sem profissão excede a estimativa mais pessimista.

A região tem-se guindado neste último lustro, graças ao asfaltamento da Rio-Bahia, a partir de Governador Valadares "nra riba" e à criação da CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais S. A.), que fincando postes, puxando fios e barrando a água dos rios, arranca a energia suficiente para movimentar a agro-indústria nascente. Que não esmoreca este patriótico programa. O povo de outras localidades, como o de Carlos Chagas, clama pela chegada da CEMIG por lá.

Em minhas andanças, percorrendo a rodovia Rio-Bahia, tive uma visão de conjunto da região, podendo dizer que é a estrada da integração sócio-econômica do Nordeste Mineiro, senão do Nordeste do Brasil. Hoje, com a sigla BR-116 em lugar de BR-4, a Rio-Bahia deita ramificações, que, de permeio com o abastecimento de energia, fazem pulsar o coração do povo. A conservação da rodovia se impõe, mormente no percurso de Governador Valadares a Vitória da Conquista. Caso contrário, a erosão fará perigosas armadilhas, como as já existentes não obstante os trabalhado-



A construção de estradas não é apenas fundamental no progresso das cidades, mas também na sua própria sobrevivência.

res do D.N.E.R. estejam em ação constante. Mas, a impressão é de que os fatores predisponentes à erosão ficam a desafiar os bravos operários do heróico órgão federal, pela constância do aparecimento dessas brechas, já que as "feridas" da pista não constituem problema. Uma pista dupla do trevo próximo a Itaipava até a cidade de Porto Novo é medida de importância, pois a periculosidade do trânsito ali é evidente, determinando por vezes engarrafamentos e desastres.

A EROSAO CORROI ESTRADAS

Entre as estradas estaduais, destacam-se as de Belo Horizonte a Salto da Divisa e de Teófilo Otoni a Nanuque, corroídas drasticamente pela erosão. O asfaltamento da primeira guindará a região a alturas privilegiadas: as cidades de Arassuaí, Itinga, Itaobim, Jequitinhonha, Joaima, Almenara, Pedra Azul, Jacinto, Santa Maria do Salto, Salto da Divisa e Jordânia, ficarão em situação vantajosa no esquema de desenvolvimento; crescerá a contribuição da energia elétrica em que a CEMIG trabalha com afinco tendo de presente do céu o caudaloso Jequitinhonha, esquecido pela agricultura do homem. A lei da natureza, colhe-se muito máxime nesse vale, uma região pecuarista por excelência, tendo, porém, na lavoura um futuro promissor. A estrada, uma vez transformada em realidade, insuflará ares de civilização a cidades agonizantes, como Arassuaí e Jordânia, as quais parecem ter saído de um recente dilúvio. Jordânia está ilhada pelo alagadiço daquela área tendo um deficientíssimo "caminho de boi" que a ela dá acesso a partir de Almenara ou pelo lado oposto, por Itapetinga, na Bahia, cujo percurso de 102 km constitui aventura.

Quanto à estrada Teófilo Otoni — Nanuque, sua ressuscitação não mais admite procrastinação. A região de Nanuque é celeiro de riquezas de madeira, onde se ergue a maior fábrica de compensados da América do Sul — a Brasil-Holanda — é o centro de convergência de várias cidades satélites, ligadas à BR-5 (Rio-Bahia litorânea). Mas é de lamentar o estado de conservação dessas rodovias, elevando-se a importância da estrada Otoni-Nanuque, pelos braços que estendem até Carlos Chagas e Ataléia, região onde o contingente bovino alcança 450 mil cabeças, talvez, o maior do Brasil. A estrada Teófilo Otoni-Pavão veio atender aos reclamos da população, que vivia isolada levando mais de um dia para chegar a Teófilo Otoni.

SÓ PARA CRIADORES

Finalmente a SOLUÇÃO, há muito esperada, para ensilar FORRAGEM VERDE...

...O SILO "FRIGIERI" **MM**



ALGUNS DOS SILOS FEITOS NA FAZENDA "SANTA RITA" DA AGRINDUS S. A. EM DESCALVADO SP, ONDE FORAM ENSILADAS MAIS DE 1.100 TONELADAS DE FORRAGEM VERDE (MILHO E SORGO)

Garanta a alimentação do seu gado durante o período da seca com o silo de forragem verde

"FRIGIERI"

MM

que é
ECONÔMICO
PRÁTICO
SIMPLES
MÓVEL

- Custa menos que um silo de alvenaria, concreto ou metálico.
- Dispensa qualquer tipo de instalação fixa.
- Permite ensilar em qualquer local da fazenda.
- Pode ser usado para formar quantos silos-forragem forem necessários.
- Não exige manutenção.
- Pode ser utilizado em cooperação por vários criadores.

METALMECÂNICA S.A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO, 206 - 31ª
FONE: 37-1488
TELEGR. "METALMECÂNICA" S. PAULO, 1

HÁ NECESSIDADE DE ASFALTO

A Teófilo Otoni-Nanuque, com um percurso de 160 km, corta zonas de mata fechada e se projeta à beira de abismos, verdadeiras armadilhas quando chove. Apresentando o perigo de derrapagem, aconselha-se o motorista inexperiente a não trafegar nesta via com mau tempo. Não faz muito, um caminhão, derrapando numa descida, despencou no abismo, ficando o ponto conhecido por "Morro da Farinha", pois o caminhão vi-

nha cheio de sacos de farinha de mandioca.

Hoje, em dia firme sem lama, o motorista cauteloso faz cinco horas o percurso Teófilo Otoni-Nanuque. Com o asfalto, esse tempo não ultrapassaria 3 horas. Segundo dizem, a locação é péssima, pelo grande número de curvas, fechadas em semi-circulo, aumentando o perigo de desastre pelo fato de ser bastante **e s t r e i t a**. O o saibro e o cascalho grosso tem papel importante, como agentes ci-

R E D P O L L E D

Puro sangue

Vendem-se machos e fêmeas

Tratar com o sr. COLOMBO

Tel. 34-8042 ou 62-8492

SÃO PAULO

mentantes nesta via rural: os operários do governo desdobram-se na constante "toalette" desta "ilustre dama".

Muito se tem falado de asfaltamento e abertura de trechos melhores. A estreiteza, as curvas, as subidas, são fatores que limitam a incursão de veículos de grande porte, só o fazendo com muita dificuldade. Região servida pelo caudaloso rio Mucui, cortada pela Estrada de Ferro Bahia Minas, não pode ficar à espera de maiores dádivas a não ser maior atenção do Banco de Desenvolvimento de Minas, do Banco Nacional de Crédito Cooperativo e de outros órgãos congêneres.

Outra vereda de valor, cujo asfaltamento é reclamado em favor do escoamento da produção, estende-se de Bicho Grosso (próximo a Itambacuri) a S. Pedro do Pescador, num raio de 24 km, inçados de mata burros e córregos a formar lagoas em meio da estrada. E' bom anotar que esses 24 km são percorridos em 4 horas com lama e, se fossem asfaltados não levariam mais de 30 minutos.

A vereda que vai da Rio-Bahia a Joaíma, num raio de 72 km, é de chão duro, aberta quase em cima de rochedo. Mantendo-se por ela, passa-se por verdadeiras chapadas havendo longo trecho em que não se vê um casebre. E' a desolação, a poeira, o gado, o chilrar dos pássaros é o calango atravessando a estrada, a fugir do incômodo veículo que se aproxima, é a região virgem clamando por colonização.

A RIO-BAHIA, ESPINHA DORSAL

Fica, assim, Teófilo Otoni, como um imã a atrair todos estes núcleos

de população, a que se estendem braços de estrada a partir da espinha dorsal que é a Rio-Bahia.

Pena é que a educação permaneça em "ponto morto", apesar do esforço das autoridades: não há escolas técnico-agrícolas, estabelecimentos que mais se coadunariam com a região.

José Resende Peres, um dos mais evoluídos fazendeiros do Brasil, diz que "na produção de carne está o caminho mais curto para o enriquecimento deste País." Comprovamos-lo por aqui, pelo valor incensurável que representa o boi e não menos pelo porco, mas são riquezas enclausuradas, somente agora com vislumbre de total aproveitamento.

UMA EQUIPE VALOROSA FÊZ A IV FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS

A IV Feira de Animais constituiu mais um vitorioso empreendimento da Associação Paulista de Criadores de Bovinos, presidida pelo sr. Urbano de Andrade Junqueira. A diretoria da Feira esteve assim constituída: presidente, Dario Freire Meireles; vice-presidentes, Eudoro Vilela e Sérgio A. Toledo Piza; secretário, Oto de Melo; e tesoureiro, Francisco de Figueiredo Barreto.

Essa diretoria foi assessorada por nove comissões, assim formadas:

Financiamento — Eudoro Vilela, Francisco F. Barreto e Severo Gomes.

Propaganda — Antonio Carlos Quartim Barbosa, Luciano Vasconcelos de Carvalho e Luís de Almeida Pena;

Admissão de gado leiteiro — Celso Souza Meireles, Gilberto Azambuja, Hugo Prata e Oto de Melo.

Admissão de gado de corte — Alberto Alves Santiago, Alfonso Tundisi e Brasiliano Cândido Alves.

Admissão de Equideos — Mário Santiago, Pedro Gouveia e Roberto Diniz Junqueira.

Admissão de pequenos animais — Alfredo Penteado Camargo Filho, Carson Geld, Eduardo Benedito Marchi e Guilherme Kawal.

Defesa sanitária — Acácio Wey, Ernesto Ranali, Fábio Meireles Reis, Luís B. S. Amaral e Valter Battiston.

Exposição — Arsenio Costa, Luís Paulin Neto, Pedro Luís Grasso, Salvador Berardinelli e Valter Miranda.

Movimento de animais — Agripino Augusto e Otaviano Basílio.

Os trabalhos de escritório estiveram a cargo dos srs. Paulo Lopes Carvalho e Paulo Truvilho Peres.

COMISSÃO E SECRETARIA DINÂMICAS

A Comissão Organizadora da IV Feira Nacional de Animais trabalhou dedicadamente na preparação do certame. Na sede da Associação Paulista de Criadores de Bovinos, em meio das atividades rotineiras, uma preocupação preponderava sobre tudo: a realização da Feira, em outubro. O agrônomo Otto de Mello, gerente-técnico e secretário da Feira, não cessava de promover as providências necessárias para esse fim, desdobrando-se e fazendo desdobrarem-se todos no afã de bem servir à preparação do certame. Aliás, não podia deixar de agir assim, pois dele dependia o êxito da iniciativa.

O setor de propaganda não foi descuidado: foram intensificadas as publicações em jornais e revistas e remetida muita correspondência por mala direta. Foram enviados mais de 35 mil folhetos a criadores, associações de registro, cooperativas de criadores, casas de lavoura, bancos, companhias de aviação e estradas de ferro; e distribuídos mais de 9 mil cartazes e 100 mil envelopes e papéis com selo da Feira.

Ademais, o catálogo obedeceu às normas técnicas das Feiras anteriores, mas foi mais volumoso, dado o número recorde de inscrições. Com isso, quem saiu lucrando foi o comprador, pois teve um volume maior de reprodutores para poder escolher o melhor.

PORCO CARUNCHO

Porco nacional
produtor de banha

59 anos de criação
e seleção

AURINO VILELA
DE ANDRADE

FAZENDA SANTA
MARIA DO RIO PARDO

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO

C. MOGIANA

ESTADO DE SÃO PAULO



1 garrafa térmica...

Lider

...e o prazer de saborear

um líquido QUENTE

ou GELADO

a qualquer hora!



- Modelos populares
- Modelos de alta luxo
- Nas mais variadas cores e formas
- A venda nas casas de utilidades domésticas, Ferragens etc.



FABRICA REAL DE GARRAFAS TÉRMICAS - CAIXA POSTAL. 880 - SÃO PAULO



O G U Z E R Á
DA
FAZENDA TUPÃ
DO
Dr. Joel de Paiva Côrtes
agora também no centro geográfico de São Paulo, com a
FAZENDA NOVA DELHI,
em MATÃO



130 km de Barretos
90 km de S. J. do R. Preto
22 km de Araraquara
370 km de São Paulo
145 km de Ribeirão Preto
280 km de Araçatuba

EM SÃO PAULO:
Av. Ipiranga, 1248 — 4º and.
conj. 408

VENDA PERMANENTE
DE REPRODUTORES MA
CHOS E FÊMEAS

Um Ceará verdejante de pecuária nova e pujante

A Cooperativa mista de Maranguape — Está provado que ter vacas que produzam 20 a 30 litros de leite por dia não é problema — A fazenda Marengo: o boi é a preocupação principal — A fazenda Iracema: feno, aipim, etc resolveram o problema da alimentação

PIMENTEL GOMES
Engenheiro agrônomo

Em julho de 1965, estive mais uma vez no Ceará. Fui assistir a uma reunião de secretários da Agricultura e de agrônomos e veterinários, presidida pelo prof. Hugo de Almeida Leme, então operoso e muito eficiente ministro da Agricultura. Havia administradores e técnicos das grandes regiões fisiográficas Norte (Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roráima e Amapá), Meio Norte (Maranhão e Piauí), Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas) e Leste Setentrional (Sergipe e Bahia). Acrescentem-se os que tinham chegado do Rio de Janeiro, todos do Ministério da Agricultura.

Foi uma reunião muito proveitosa. E vimos um Ceará verdejante, onde chovia torrencialmente todos os dias, com todos os seus rios, açudes e lagoas com muita água, cheios a mais não poder. Após a reunião, tive ocasião de viajar um pouco e de conversar com muitos

fazendeiros. Senti o estuar de uma agropecuária nova e pujante que vem surgindo em substituição à rotineira e frágil, ainda dominante. Vejamos alguns flagrantes.

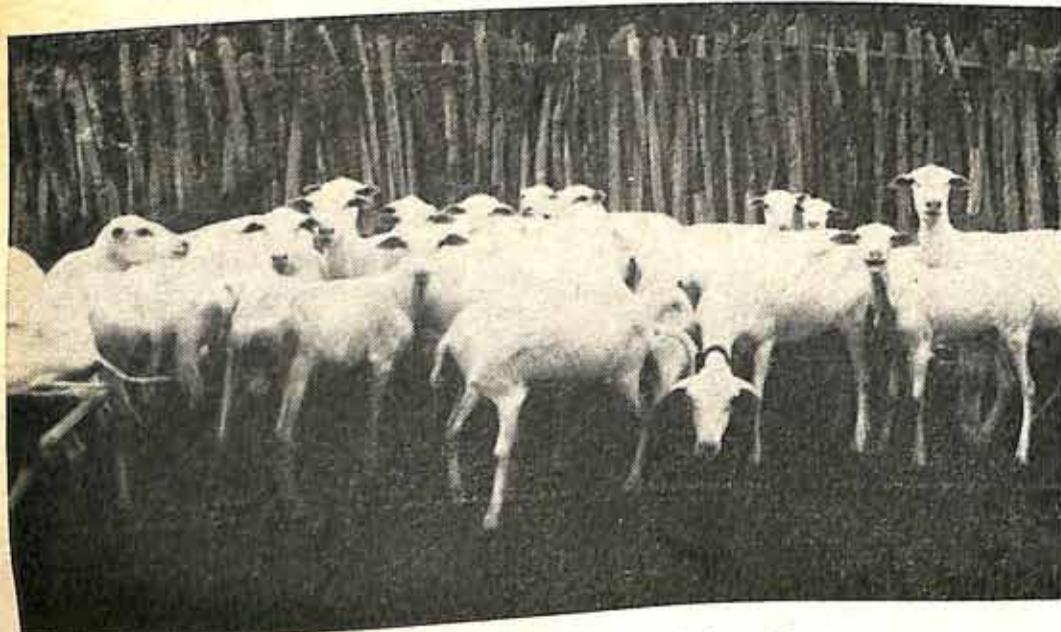
A COOPERATIVA MISTA DE MARANGUAPE

De Fortaleza, cidade de 700.000 habitantes que se agiganta numa planície lacustre, avistam-se as serras de Maranguape, Baturité, Aratanha e outras. No sopé da primeira, a 30 quilômetros da capital cearense e a ela ligada por uma estrada asfaltada, se encontra a cidade homônima. Ai, o prof. Frederico Pimentel Gomes, catedrático da Universidade de São Paulo, e quem escreve estas linhas, fomos encontrar uma Cooperativa interesantíssima — a Cooperativa Mista de Maranguape. Conta com 1.600 fazendeiros cooperados. Interessa-se principalmente pela cultura algodoeira e a produção de leite e laticínios.

Visitamos as suas instalações principais. Uma delas, uma moderna fábrica de beneficiar algodão, estava sendo consideravelmente aumentada. A Cooperativa recebe o algodão produzido pelos cooperados, em Maranguape e nos municípios vizinhos — Pacatuba, Guaiuba, Redenção, Aracoiaba e outros. A mecanização está permitindo o alargamento das culturas. Como a zona é bastante chuvosa, plantam algodão herbáceo. Ademais, os grandes lucros obtidos pelos fazendeiros são outro estímulo. Possuindo a fábrica que beneficia o produto, reúnem os lucros agrícolas aos industriais e comerciais.

Também impressiona muito bem a fábrica de laticínios. É moderna e ampla. Recebe 35 mil a 40 mil litros de leite diariamente. Pasteuriza-o. Remete-o a Fortaleza em seus próprios veículos. Distribui-o. Fabrica um pouco de manteiga. Vai fabricar queijo. A quantidade de leite recebida aumenta rapidamente, porque se expande a criação semi-intensiva de gado leiteiro. Em consequência, pensam num considerável aumento da fábrica.

Os fazendeiros criam, em regra, mestiços de Holandês preto malhado. Há quem possua bons touros Holandeses puros. O Guzerá está penetrando. O Ministério da Agricultura possui a uns 30 quilômetros na fazenda Itapevi, um bom plantel de Guernesi bem aclimado. Não interessa muito, porque é um gado pequeno. Os fazendeiros cearenses querem leite, sem dúvida, mas também querem carne. Graças a um entendimento do Departamento de Promoção Agropecuária do Ministério da Agricultura com a Universidade do Ceará, em breve a inseminação artificial será aplicada na devida escala. A Cooperativa Mista de Maranguape tem, entre seus funcionários, agrônomos e veterinários, o que facilita o emprego da inseminação artificial.



Fazenda Iracema. Ovinos deslanados.

O que há de mais notável na Cooperativa Mista de Maranguape é o dinamismo, o entusiasmo de seus diretores, técnicos e fazendeiros. Orgulhosos pelo muito já conseguido, cuidam de realizações muito maiores. Vencerão porque o problema da forragem abundante e de primeira ordem, durante o ano inteiro, está solucionado. Está mais do que provado que ter vacas que produzam 20 a 30 litros de leite por dia, não é problema. Já há quem as possua.

A FAZENDA MARENGO

Conversei com um velho amigo e primo, o general Wicar Parente de Paula Pessoa. É um grande fazendeiro, possuidor de uns 6.000 bovinos, talvez mais. Tem ainda alguns milhares de ovinos e caprinos. A maior propriedade agrícola, a fazenda Marengo, situa-se no semi-árido município de Quixeramobim. Em cooperação com o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, construiu diversos açudes. O maior représa uns 20 milhões de metros cúbicos de água. Nas margens dos açudes que se alongam por dezenas de quilômetros, plantou capim-de-planta, também chamado angola. São faixas sempre verdes que acompanham as águas. Avançam quando estas recuam. Há uma faixa irrigada a jusante do açude principal, com canavial, capinzal, pomar, etc. Onde não chegam as águas dos açudes, algarobais estremes e consorciados com a planta forrageira, pastagens com a planta forrageira, pastagens de naturais, algumas lavouras de mandioca, feijão, milho e algodão. O boi, porém, é a preocupação principal e quase única. Tudo gira em torno da produção do boi de corte, embora haja uma discreta produção de queijo e manteiga-de-porco, bem como de ovinos castrados. A carne de carneiro castrado e gordo é uma tradição no Nordeste.

O general Wicar Pessoa, embora muito viajado, conhecendo bem a Argentina, o Chile, o Peru e os Estados Unidos, é um tanto tradicionalista. Cuida muito de Nelore e Guzerá, porém pensa exclusivamente em carne, enquanto um seu vizinho, na fazenda Teotônio, descobriu as vantagens da pecuária mista e se tornou um notável produtor de leite, além de produzir muita carne. Não resta dúvida, porém, que, quanto ao aproveitamento dos açudes, que, além de regarem, produzem anualmente muitas toneladas de peixe e à criação de bovinos de corte, há muito que ver em Marengo. E não subestimemos o pomar amplo e de produção variadíssima.

Acredito que os algarobais puros



Fazenda Iracema. Pequena barragem-vertedoura, a jusante do açude Jucás. Ao lado, uma cultura de capim elefante.

e consorciados com a palma deveriam ser muito aumentados; que o carneiro bergamasco poderia ser introduzido, bem como o bode anglo nubiano; que a criação de bovinos com dupla finalidade — carne e leite — deveria merecer a preferência. O general Wicar Pessoa pode dar bons exemplos noutros setores.

A FAZENDA IRACEMA

A Fazenda Regional de Criação Iracema, uma dependência do Ministério da Agricultura, é notável. Situa-se no semi-árido município de Quixadá. Administra-a atualmente, e com notável eficiência, o engenheiro-agrônomo Jeremias Pereira da Silva. Sucedeu, há um

ano, o outro técnico de muito mérito, o engenheiro-agrônomo Paulo de Almeida Sanford. Ambos também são fazendeiros. O primeiro, no município piauiense de Barras; o segundo, no município cearense de Sobral.

A fazenda Iracema, ampla de uns 1.500 hectares, plana, fértil, é atravessada por alguns riachos afluentes do Sitiá e subafluentes do Banabuiu, este, por sua vez, o maior afluente do rio Jaguaribe. Não há grandes possibilidades de rega. A tendência, porém, é aproveitar toda a água disponível. Construíram pequenas barragens e açudes. Convém deter a maior quantidade possível de água das chuvas. Caem, anualmente, em média, mais de 750 milímetros de chuva e me-



Fazenda Iracema. Cultura consorciada de mandioca, feijão e milho.



Aborto de uma vaca com carência de Vitamina A.

Vitamina A



(estabilizada em pó, ou miscível em água)

assegura:

- maior fertilidade
- menos abortos
- maior resistência às doenças infecciosas e parasitárias
- crias mais robustas
- maior produção de leite

PRODUTOS ROCHE

QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS S. A.
RUA MORAIS E SILVA, 30 - RIO DE JANEIRO, GB.
TEL. 28-7100

B. Horizonte: Av. Augusto de Lima, 1241 - tel. 4-3435
Curitiba: Rua Des. Westphalen, 410 - tel. 4-1515
Porto Alegre: Rua Garibaldi, 853 - tel. 77-77
Recife: Rua do Sol, 143 - Loja C-3 - tel. 4-1951
S. Paulo: Av. Brig. Luiz Antonio, 1277 - tel. 37-9191
1A-41.015

nos de 800. E' sujeita a secas periódicas.

Há ótimos pastos naturais, que desaparecem no fim da estação úmida, e caatingas arbóreas. Surge, assim, o problema da alimentação durante a longa estação seca. Solucionaram o problema com feno, aipim, algumas capineiras irrigadas. Os algarobais ainda são pequenos, mas aumentarão rapidamente porque o dr. Jeremias Pereira da Silva os tem em alta conta. Também plantara palméis consorciados com a algaroba. A fazenda dispõe de um mandiocal de 60 hectares.

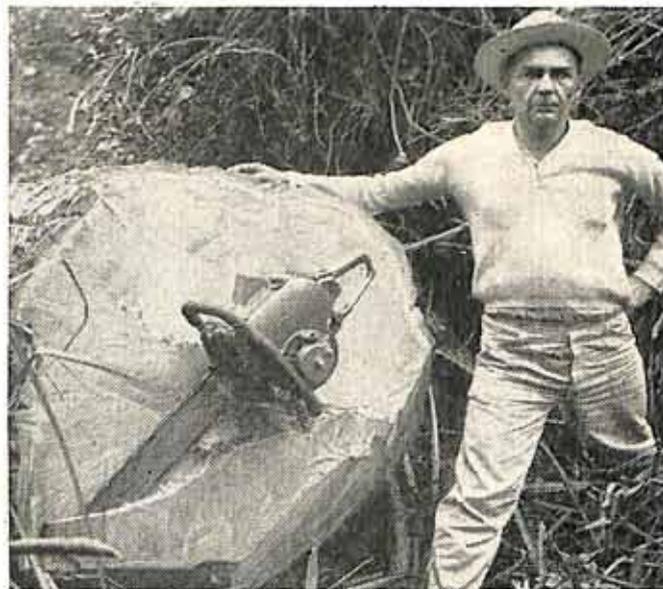
Verificou-se experimentalmente que os capins sempre-verde colônião e pangola se conservam verdochos, na longa estação seca, se estiverem semi-sombreados. Acorese, assim, a possibilidade ter bons capinzais verdochos, na estação seca, se forem arborizados com algarobeiras plantadas com o compasso aproximado de 8 por 8 metros. No primeiro ano, consorciaram o pangola com feijão. E' plantado em solo bem arado e grameado. Há uns 10 hectares de pangola. Em 1966, devem plantar mais 10 a 20 hectares. O capim elefante,

cultivado nos lugares mais úmidos, comporta-se muito bem. O capim de planta ou angola fornece algo como 150 toneladas de massa verde por hectare, se encontrar a umidade que lhe é indispensável durante o ano inteiro.

Na estação úmida, também plantam bastante milho, algumas dezenas de hectares. O dr. Jeremias costuma consorciar o milho com o feijão e a mandioca. A consorciação é uma velha praxe nordestina, aliás muito boa. Os baixos rendimentos das culturas nordestinas não exprimem a verdade. Nunca se informa que o hectare de solo produziu algo como 1.000 quilos de milho, mas produziu também 500 quilos de feijão e 30 arrobas de algodão herbáceo, por exemplo.

Criam bovinos de corte, ovinos deslanados, caprinos. Há a tendência de substituir os bovinos de corte por bovinos mistos, sem dúvida muito mais lucrativos. Acredito que o Guzerá leiteiro e os mestiços Holando-zebuínos deveriam ter a preferência.

O sr. Orlando Silveira só compraria a moto-serra Pica-Pau Jo-Bu caso ela derrubasse esta aroeira.



Em 12 minutos ele comprou.

Aconteceu em Regente Feijó. O sr. Orlando Silveira, proprietário da Fazenda São Pedro, naquele município, resolveu pôr à prova a eficiência da moto-serra Pica-pau Jo-bu. Escolheu a árvore mais resistente: uma aroeira de 1,45 m. de diâmetro.

Nosso vendedor pôs mãos à obra e, em 12 minutos, a moto-serra estava vendida.

A isto nós chamamos venda técnica: demonstração do produto e treinamento dos operadores. Serviços que poderemos lhe prestar a qualquer momento.

E sempre melhor. Para isso, aliás, já inauguramos nossa fábrica, o que lhe dá garantia de peças genuínas e assistência técnica permanente.

Mantemos distribuidores autorizados em todo o Brasil.

JO-BU S.A. fábrica de equip. industriais e agrícolas

Vendas: Av. Sto. Amaro, 1632 - fone 61-9934 - caixa postal 19.189 ZP 15 - São Paulo

Solicite Catálogo com maiores informações sobre a moto-serra Pica-pau Jo-bu:

nome: _____

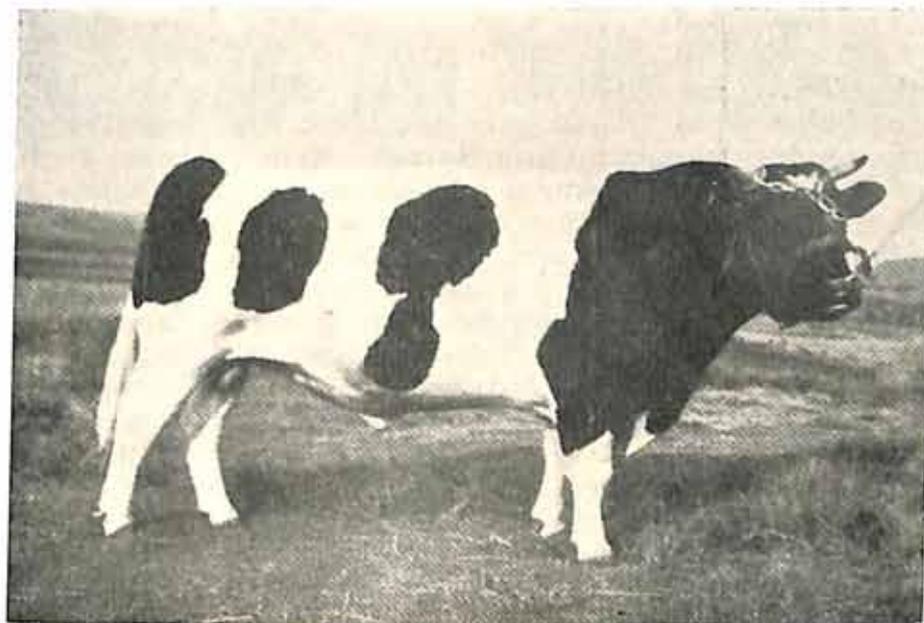
endereço: _____

caixa postal: _____

REPRODUTOR PROVADO MIDHUSTER PATRIOT

HBB-E 2/758 — Nascido em 18 de março de 1958 — Importado da Holanda

EM SERVIÇO NO CENTRO DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL DA
COOPERATIVA CASTROLANDA



Resultados do teste preliminar feito em Maio de 1965 (305 dias — 2x — adulto)

	Laetações	Leite (ks)	Gordura (ks)	%
43 Filhas	43	4.222	154,8	3,64
36 Pares mães-filhas				
Filhas	36(1)	4.229	155,1	3,67
Mães	89	3.953	150,2	3,80
DIFERENÇA A FAVOR DAS FILHAS		+ 276	+ 4,9	- 0,13
Índice do Reprodutor		4.505	160,1	3,55
Correspondência do Índice a 365 dias		5.271	187,3	3,55

Conclusão: Trata-se de reprodutor que está provando ser melhorante ao nível de produção em que foi utilizado.

Melhorante para sistema mamário e úberes.

Teste elaborado pelo Dr. Fidelis Alves Netto, baseado em resultados oficiais de controle da Associação Paulista de Criadores de Bovinos.

(1) 27 — vinte e sete lactações incompletas, ajustadas a 305 dias.

ACHAM-SE À VENDA FILHOS DÊSTE REPRODUTOR E ACEITAM-SE ENCOMENDAS DE PRODUTOS SEUS COM VACAS DE SUA PREFERÊNCIA DA

Sociedade Cooperativa Castrolanda Ltda.

CAIXA POSTAL, 131 — CASTRO — ESTADO DO PARANÁ

Representante em São Paulo:

GERALDO SCHEER

Rua 24 de Maio, 208 — 12º andar — sala 1210 — Telefone: 37-8855

CENÁRIO BAIANO PARA AS EURÁSIAS

OTHELLO TORMIN
Representante

— “Olhe o passarinho!” comandou o artista. E as bobocas olharam mesmo, torcendo o semblante no rumo do grito. Acostumadas à voz humana, obedientes, obedeceram. Tão acostumadas à beleza do local, para variar, desviaram a atenção para a objetiva.

A séde da fazenda começa na praia de mar aberto (que bela!), com um cercado na areia e caminho entre os coqueiros, onde o capim, pelos lados, vai se reforçando, avançando, to-

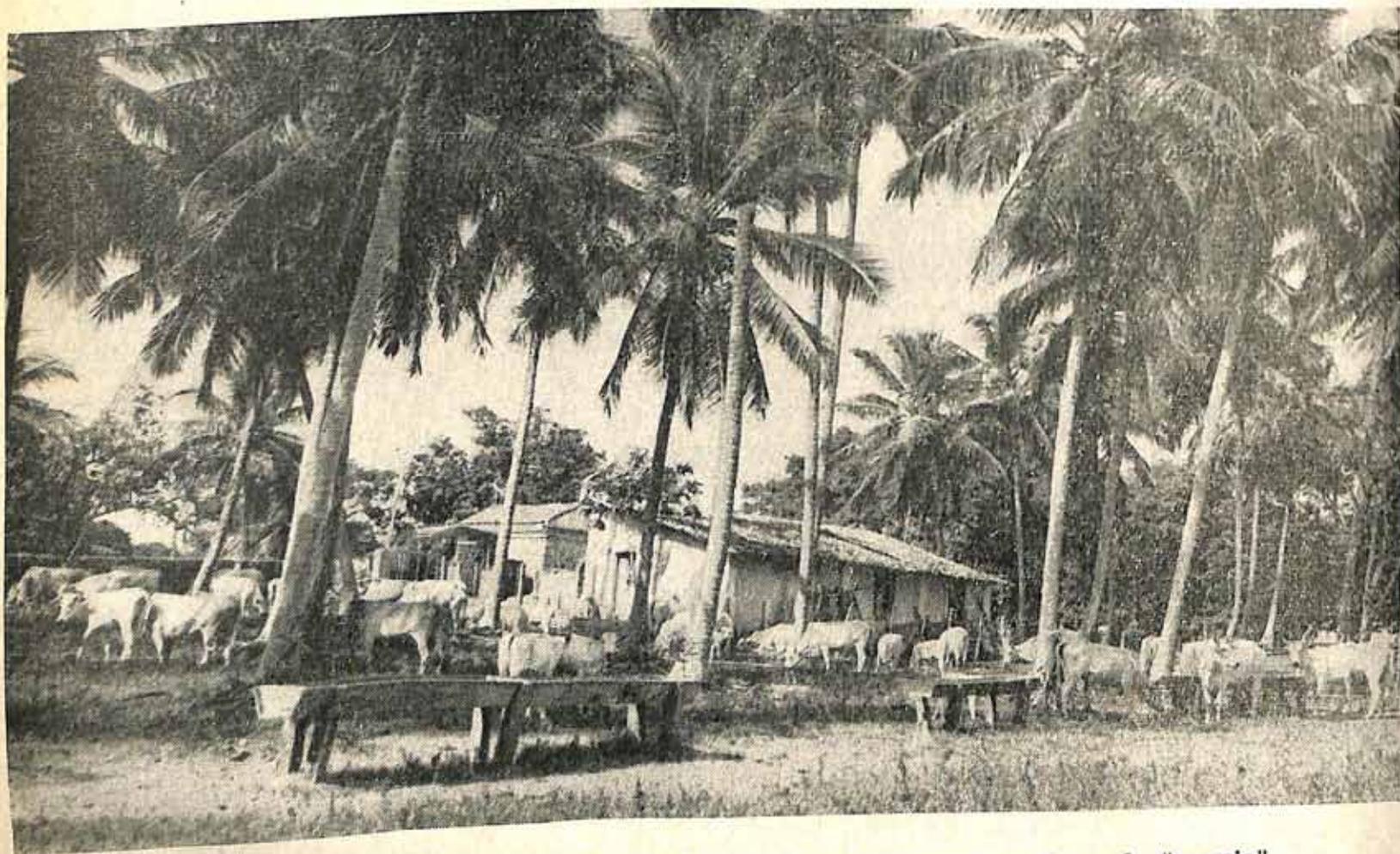
mando conta. Reforçando-se até formar uma pradaria, um pampa ou uma savana. Vem a casa, colonial com colunas romanas em volta de sua varanda. Vem o quintal. Vem o pomar. Vem a cêrca viva que marca o comêço dos pastos. Currais (que não aparecem na foto) mais pro lado; estábulo (idem) mais pro outro.

Uma construção (garage, sala de rádio e câmara escura) dá o fundo para o casinholo de armazenções. E mais pra

frente os côchos. Coqueiros se envolvem e se desenvolvem no meio de tudo.

Nêsse seu habitat as canchins servem de objeto, de motivo ou de modelos para a tela panorâmicas. E o sol da Bahia come o escuro, exagera o colorido do ambiente e lava de luz a atmosfera. Até o ar fica mais leve, mais fino, numa sinfonia de claridade.

É a hora do recreio para as operosas operárias da fábrica de carne, ou seja, para as matrizes euro-asiáticas que ali vi-



As eurásias, sob a proteção de imponentes coqueiros, delicias-se na hora do “recreio”.



A "Revista dos Criadores" esteve presente à tradicional "festa do vaqueiro" e parabenizou os presentes.



A exemplo da "Revista", também a "Tortuga" se fez presente à demonstração do folclore baiano, em Feira de Santana.

vem, em confinamento e bom tratamento. Na saúde cruzando sangue de dois continentes. Para a formação do gado CAN-

CHIM (Nelore puro com Charolês puro) que o Dr. Mário Espinheira de Sá (sócio remido da A.P.C.B.) está intensi-

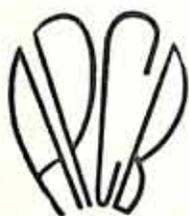
ficando nas Fazendas Reunidas Agricultura e Pecuária, em Lauro de Freitas, Estado da Bahia.

FESTA DO VAQUEIRO

Em qualquer lugar da Bahia, a Festa do Vaqueiro culmina com a passeata do séquito de cavaleiros, ajaezados a caráter, acompanhando a Rainha. — Em Feira de Santana, Alagoinhas, Ipiáú, no norte e no sul do Estado, a beleza do espetáculo contagia a multidão e contamina os cavaleiros. Cada qual quer ser o mais. Daí as provas de arrojado, de valentia, de técnica. E a

Festa se desenrola na boniteza, na animação, na emoção e no mais característico do povo: — nos festejos. E' tradição. E' folclore.

Como os clichés atestam (em Feira de Santana), a Revista dos Criadores está presente e parabeniza tôda Festa do Vaqueiro realizada na Bahia.



Associação Paulista de Criadores de Bovinos

Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de Outubro de 1958

34 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES

DIRETORIA

Presidente
Dr. Urbano de Andrade Junqueira
Vice Presidente
Hélio Moreira Salles
Secretários
— Dr. Gilberto Pires de Oliveira Dias
— Roberto Sampaio de Almeida Prado
Tesoureiros
— C.A. Willy Auerbach
— Dr. Carlos Amadeu de Arruda Botelho Filho

CONSELHO CONSULTIVO

Bernardo Gavião Monteiro, dr.
Antonio Luiz Ferraz
José Octavio da Silva Leme
Geraldo Diniz Junqueira, dr.
João Laraya, dr.

João de Moraes Barros, dr.
José Bonifácio de Coutinho Nogueira, dr.
Dario Freire Meirelles
Lafayette Alvaro de Souza Camargo, dr.
Urbano Junqueira
Severo Gomes, dr.

SUPLENTES

Antonio Coelho Guimarães
Oloysio Ramalho Foz, dr.
Guido Malzoni, dr.
Hélio Moreira Salles
José Procópio Meirelles
Antonio Luiz do Rego Neto, dr.

CONSELHO FISCAL

Arthur Monteiro Neves
Gilberto Azambuja
José Cassiano Gomes dos Reis, dr.

SUPLENTES

Joaquim Alves de Moraes, dr.
José Procópio do Amaral, dr.
Francisco Pereira Lima, dr.

GERENCIA

Gerente Técnico:
Dr. Otto de Mello
Gerente Comercial:
Virgílio de Almeida Penna

TECNICOS

Serviço de Contrôlo Leiteiro:
Dr. Otto de Mello
Registro Genealógico:
Dr. Celso de Souza Meirelles
Avicultura:
Dr. Henrique R. Raimo
Zootecnista:
Dr. Hugo Prata
Assistência Veterinária:
Dr. Walter C. Battiston

O preço da carne em Pôrto Alegre

O Rio Grande do Sul sempre foi o Estado brasileiro com carne mais barata. Essa situação que favorece o consumidor é o resultado natural da existência de pastagens nativas. Enquanto outros Estados tinham que fazer pastos, derrubando mato ou valendo-se das roças anuais para a sementeira de "capineiras", o criador gaúcho tinha a seu dispor as extensas pastagens nativas. Essa situação satisfaz plenamente, quando a população do Estado era pequena. Hoje, que sobem a seis milhões os seus habitantes, os campos nativos já não podem suportar

a crescente demanda nos meses de fins de inverno, quando o pasto é queimado pelas geadas e frios.

Enquanto alguns criadores se voltam para a formação de pastos artificiais, procurando que sejam econômicos (Custa mais de Cr\$ 100.000 fazer um hectare de pasto artificial), a carne ainda continua sendo vendida pelo custo do gado de campo nativo.

Em janeiro de 1966, verificou-se alta no preço da carne. Em açougues do Mercado Público da Capital gaúcha, o consumidor pagava no balcão e à vista os seguintes preços pelo tipo de carne que escolhesse:

Carne de primeira sem osso — Cr\$ 1.650.

Carne de primeira com osso — Cr\$ 1.350.

Carne de segunda sem osso — Cr\$ 950.

Carne de segunda com osso — Cr\$ 750 a Cr\$ 760.

Carne de carneiro com osso — Cr\$ 800 a Cr\$ 900.

Carne de galinha — Cr\$ 1.750 a Cr\$ 1.850.

O boi gordo continua aos preços de Cr\$ 340 a Cr\$ 370 o quilo vivo.

O RIO GRANDE DO SUL ABATERÁ 460.000 RÊSES EM 1966

Em reunião do Instituto de Carnes, em Pôrto Alegre, a 18 de janeiro, com a participação de membros da FARSUL e da indústria de carnes, foi fixado o total para a matança da indústria em 1966, na seguinte forma:

100.000 cabeças para o fabrico do charque, o qual se destina aos portos nacionais, como Rio, Bahia, Belém, Recife e outros; 335.000 reses para o preparo de carnes frigorificadas, enlatadas, visando o Exterior; 25.000 reses para estocagem, a fim de atender ao fornecimento de carne verde à população, nos meses de carestia, que ocorrem no fim do inverno e início da primavera.

Na reunião ficou assentada a ida de uma comissão

ao Rio de Janeiro para tratar de retenção dos 20% das cambiais das carnes que o Estado enviou para o estrangeiro em 1965. Segundo a Instrução 292, das cambiais produzidas pela carne vendida pelo Rio Grande do Sul ao Exterior, 20% seriam retidos pelo Poder Público. Essa retenção deveria ter sido aplicada integralmente no melhoramento da indústria gaúcha de carnes, o que ainda não se deu. Pleiteiam agora os industrialistas a devolução estabelecida por aquela instrução. Há também um movimento que pede simplesmente o cancelamento da retenção ou confisco cambial dos 20%, o qual recai somente sobre a carne exportada frigorificada, dêle estando isenta a carne quando se exporta enlatada.

Iniciado o combate à aftosa

A luta contra a febre aftosa, uma luta que visa riscar a aftosa da vida pastoril gaúcha, teve início a 15 de dezembro de 1965. Durante 30 dias, os criadores todos de uma rebaúda área vacinaram seus rebanhos. A área era constituída de seis municípios somente, seis grandes municípios pecuaristas localizados no extremo sudoeste do Estado. Quaraí, Uruguaiana, Livramento, Alegrete, Dom Pedrito e Bagé, cerca de dois milhões de bovinos vivem nesses campos.

A vacinação obrigatória foi feita

segundo o plano oficial. Naquela área, a primeira determinada, todos os criadores tinham 30 dias para vacinar seus bovinos. Para facilitar a fiscalização, o criador recebia do Posto Veterinário local a indicação do dia em que devia ser feita a vacinação. E no dia marcado, o fiscal lá estava, apresentando o criador a nota das vacinas compradas e, se o tempo estivesse bom, devia estar vacinando.

Os trabalhos foram começados no dia marcado e caminharam dentro do programado. A cooperação dos

criadores foi a esperada, facilitando em muito a execução do plano, o qual prevê vacinações repetidas a cada quatro meses.

Estabelece o plano que novas áreas contíguas às primeiras serão determinadas ainda este ano, de modo que progressivamente cobrirão todo o Estado. O êxito do plano, na primeira área mencionada determinará as datas para a inclusão de áreas adicionais. A vacina contra a aftosa exige gelo para seu manejo, o que não é nada prático.

O PORCO TAMBÉM PODE FICAR TUBERCULOSO

O autor menciona aqui os mais variados modos com que a terrível doença pode contaminar os porcos

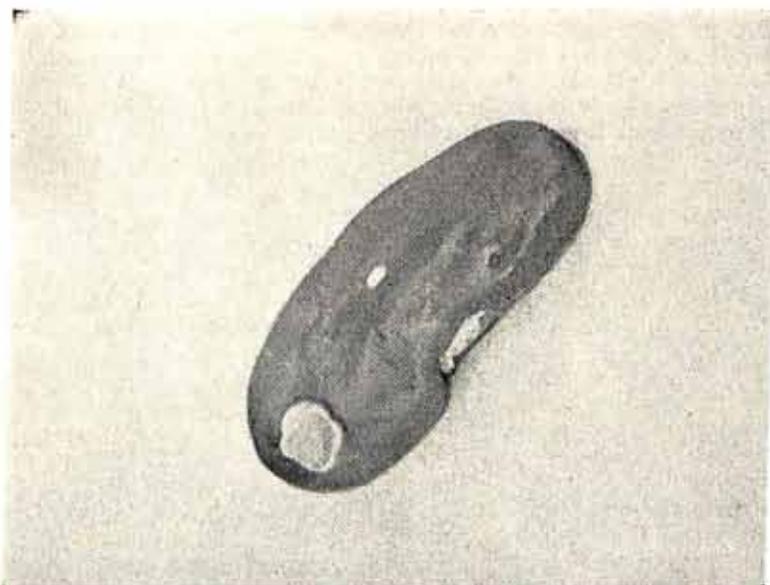
WALTER C. BATTISTON
Médico Veterinário da A.P.C.B.

A tuberculose é uma doença infecciosa crônica, produzida pelo Bacilo de Koch, caracterizada pela formação de nódulos que tendem a se caseificar ou a se calcificar. Pode atacar o homem e vários animais.

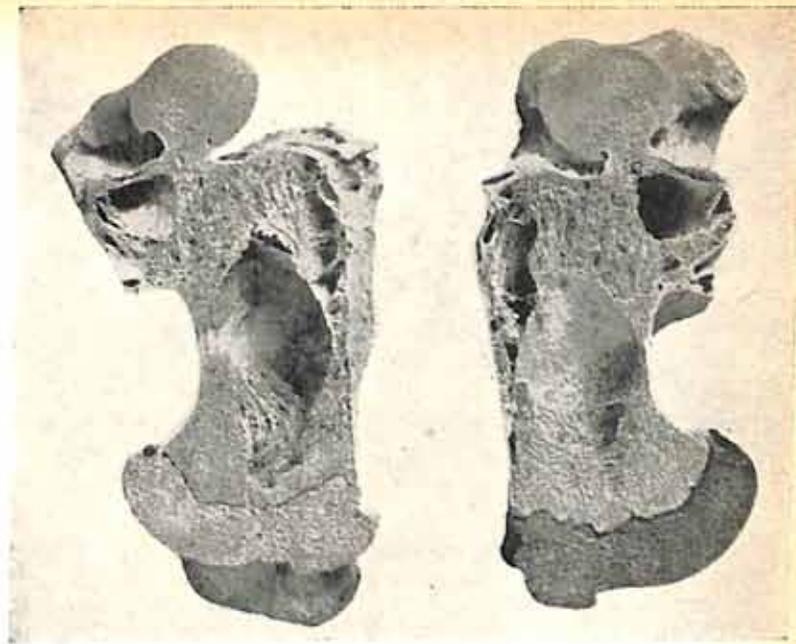
A via de penetração do micróbio é variada, mas, no porco, a penetração mais comum é pela boca, através de alimentos e, mais raramente, através da respiração.

Conhece-se o hábito de alimentação dos suínos, que comem praticamente tudo, principalmente restos de comida e mesmo fezes; quando tais alimentos provêm de hospitais ou restaurantes, onde pode haver pessoas tuberculosas, é bem fácil que cheguem à criação restos de comida contaminada. Entre a população da roça, onde pode haver gente tuberculosa, é costume servirem os fundos de quintal para as dejeções e aí é fácil que algum porco coma fezes de doentes. No Sudoeste do Paraná, hospedamo-nos, certa vez, em pensão cuja privada era construída sobre um estaleiro, debaixo do qual passeavam e se regosijavam porcos de várias idades.

É frequente alimentar suínos com restos de fábricas de queijos ou mesmo com leite desnatado, sem que se saiba o estado de sanidade das vacas produtoras. Muitos criadores adquirem restos de matadouro avícola, aproveitando as tripas das galinhas abatidas para sustentar os suínos. Sabe-se que o porco se contamina pelo bacilo tuberculoso tanto das galinhas, quanto do homem ou da vaca e, desse modo, o que acabamos



Tuberculose renal. (Foto de E. Cardoso).



Osteomielite tuberculosa (Cortesia do prof. F. A. Ubach).

de mencionar pode esclarecer a existência de rebanhos porcinos infestados.

A tuberculose nessa espécie animal é bem mais comum do que o povo julga. O pior é que, na maioria dos casos, a "descoberta" é feita quando matam o porco para o consumo.

As estatísticas de matadouro, onde a Inspeção Sanitária está vigilante, dão conta da quantidade de peças rejeitadas por essa causa. Assim é que, no Matadouro de Carapicuíba, onde somos responsáveis pelos exames, em dois anos, num lote de 7.426 porcos, pesando 482.690 kg, foram condenados:

- por cisticercose — 129, pesando 8.405 kg; tuberculose — 9, pesando 279 kg (0,1%); outras causas — 5, pesando 161 kg.

Noutro lote de 18.384 porcos, pesando 1.194.960 kg, foram rejeitados:

- 358 por cisticercose, pesando 24.921 kg (1,94%); 8 por tuberculose, pesando 576 kg (0,04%); 4 por outras causas, pesando 279 kg (0,02%).

Colegas do D.I.P.O.A., em 4.892.417 suínos examinados, encontraram 116.518 tuberculosos (2,2%). Somente no Estado do Rio, foram encontrados 1.395 porcos tuberculosos, num total de 185.035 abatidos.

Como já mencionamos, a tuberculose é causada por um micróbio que tem três variedades ou tipos: são chamados "humano", "bovino" e "aviário". Os porcos podem adquirir a doença, contaminando-se com qualquer dos três tipos. Exames feitos com cavalo, carneiro, cão, cabra, gato e porco, num total de 4.580 animais, identificaram 98 amostras do tipo humano, atacando porco, 1.116 do tipo bovino e 2.001 do tipo aviário como responsáveis pela tuberculose suína.

Poucas vezes podem ser notados os sinais da doença em porcos, porque os sintomas são muito vagos e se confundem com os de outras moléstias. Em geral, há emagrecimento, rápido ou lento, conforme o ataque do mal, aparecimento de "tumores" nas localizações dos gânglios linfáticos, que incham e podem "vir a furo". Os gânglios são confundidos e chamados de "glândulas" e se localizam em vários pontos do corpo, mas os mais "visíveis" são os próximos à virília e em frente à ponta inferior da paleta (adiante do chamado "so-vaco").

Quando os pulmões estão atacados, há tosse seca e dificuldade de respiração, "batedeira", a parte anterior

(Conclui na página 90)

NOTAS ZOOTÉCNICAS

LEOVIGILDO P. JORDAO
Médico Veterinario

CRUZAMENTO ENTRE "FRISIO" E "AMERICANO" PODE AUMENTAR A PRODUÇÃO DE LEITE

Cruzamento entre espécies, raças, variedades e mesmo linhagens de animais domésticos são muito comuns em diferentes países, tendo em vista o aproveitamento da heterose, isto é, de um grupo de fenômenos que incluem o aumento do vigor físico, a estimulação do crescimento, o incremento do tamanho, da resistência às doenças e da produção de utilidades.

O exemplo clássico da manifestação de heterose nos animais é o muar, resultado de acasalamentos entre asininos e equinos. Os criadores de aves, suínos, bovinos para corte, bovinos leiteiros, bicho da seda, assim como os produtores de plantas diversas, inclusive forrageiras, têm procurado tirar proveito do "vigor híbrido", isto é da heterose.

A heterose resulta do aumento da heterozigose nos produtos híbridos ou resultantes de cruzamentos, em comparação a seus pais. Evidentemente, as manifestações de heterose são em geral muito mais acentuadas nos produtos resultante de acasalamentos entre animais de espécies diferentes. Todavia admite-se que haja sempre algum grau de "vigor híbrido" no cruzamento entre raças afins e também entre linhagens da mesma raça.

Em avicultura são conhecidos exemplos de heterose entre linhagens. Segundo Hutt e Cole, pesquisadores norte-americanos, duas linhagens melhoradas de Leghorn Branca que haviam sido conservadas em "lotes fechados" durante 13 anos, foram "cruzadas" alternadamente, de sorte que cada reprodutor foi acasalado simultaneamente com fêmeas de sua própria linhagem e da outra. No decurso de dois anos, nove galos diferentes foram empregados, nascendo 1.074 filhos, sendo a metade, aproximadamente, puros e a outra metade "híbridos". As aves nascidas foram observadas até 500 dias de idade, tendo-se registrado o seguinte: A eclodibilidade nos "híbridos" foi 5 por cento maior do que entre as galinhas "puras". As fêmeas "híbridas" começaram a botar cinco dias mais cedo e produziram 25 ovos mais em média, em cada ano. Os ovos pesaram, em média, mais 2,3 g do que os das "puras". Ao atingirem a maturidade, o peso das galinhas "híbridas" foi maior do que o das "puras". As manifestações de heterose foram notadas em relação aos acasalamentos feitos com as nove linhagens, mesmo entre as que apresentavam menor grau de consanguinidade.

Entre bovinos, exemplos de heterose, em acasalamentos entre linhagens da mesma raça, são raros na literatura.

Na Suécia existiam, até 1928, dois agrupamentos com nomes diferentes, mas de mesma origem e com características fenotípicas semelhantes: Ayrshire sueco e Gado Sueco malhado. Os dois agrupamentos haviam sido conservados separados durante 35 anos. Entretanto, no referido ano resolveu-se fundi-los em uma só raça que foi denominada Sueca vermelha e branca. Após dez anos de acasalamentos entre as duas variedades primitivas o renomado zootecnista Johanson realizou pormenorizado estudo das vacas "mestiças" e "puras", da mesma idade e dos mesmos rebanhos. Verificou, então, que a produção média de leite e de matéria graxa era 5% mais elevada entre as "mestiças" do que entre as "puras", em confronto com os dois agrupamentos originais.

O relato provavelmente mais recente de heterose em bovinos produtores de leite procede do Estado de Israel, sendo de particular interesse para nossos criadores de gado Holandês malhado de preto. Nesse país, tal como no Brasil, o gado preto e branco provém, principalmente, da Holanda e dos EUA. Para determinar se o acasalamento entre animais das duas origens resultava em efeito heterótico sobre a produção de leite, dois investigadores, Soller & Bar Anan efetuaram a experimentação, descrita na revista britânica "Animal Production" 6 (1): 125/126.

(Conclui na página 53)



Apareceu aftosa em seu gado?!

use o poderoso desinfetante

MIOZOL
EM PÓ
no pedilúvio

ESTE PACOTE
DÁ PARA
200 CABEÇAS



INDÚSTRIAS BIO-QUÍMICAS MIOZOL LTDA.
Rua Clélia, 2.184 — Caixa Postal 11.818 — Endereço
Telegráfico: CORUJA — SÃO PAULO S.P.

FEVEREIRO DE 1966



A CIÊNCIA
E A TÉCNICA
A SERVIÇO
DA PRODUÇÃO
ANIMAL

NOTICIÁRIO TORTUGA

Carência mineral dos rebanhos brasileiros responsável por elevados prejuízos

DR. F. FABIANI

Finalmente, nos últimos anos, profissionais, entidades de classe, departamentos de produção animal e o Ministério da Agricultura vêm se manifestando, através da imprensa diária e das revistas especializadas, sobre os gravíssimos prejuízos trazidos aos rebanhos bovinos brasileiros, pela deficiência de minerais nos pastos e nas rações habitualmente usadas. Para nós, é esse interesse particularmente grato, porque há 14 anos que vimos, em nossos artigos, alertando os criadores, chamando-lhes a atenção para os distúrbios orgânicos causados pela "fome que não se vê".

Por outro lado, o encarecimento dos meios de produção, que tornou indispensável progredir para não sucumbir, e o surto de progresso zootécnico tornaram o problema objeto de crescente atenção. Sabe-se, por exemplo, que, por razões óbvias, não é econômico uma vaca produzir a média de dois a três litros de leite por dia, nem um bovino de corte atingir 500 quilos de peso vivo em 3 — 4, ou mais anos: que igualmente antieconômico é possuir um rebanho de fêmeas, com uma taxa de natalidade inferior a 95% de bezerros por ano (baixa fertilidade), ou um rebanho com uma taxa de mortalidade neo-natal superior a 5%. Sabe-se, também, graças ao progresso da zootecnia, que a carência mineral é uma das

principais causas da baixa produtividade, que compromete fundamentalmente não só a economia do criador, mas a de todo o País. Então, a necessidade do aumento constante da produtividade e os atuais conhecimentos zootécnicos conferiram ao problema das deficiências minerais dos rebanhos o relêvo a que faz jus. Por isso, sentindo a necessidade inadiável e antevendo a possibilidade de liquidar tão custoso sócio dos criadores, ou seja, a deficiência mineral, redobramos de intensidade o nosso trabalho. A par da publicação de artigos, incluímos em nosso programa reuniões e palestras em torno do assunto, assim como demonstrações práticas, através de inúmeros testes realizados nas mais diversas fazendas. Semelhante plano obrigou-nos, forçosamente, a, por um lado, dar grande preeminência ao departamento técnico de nossa organização, à pesquisa e à divulgação e, de outro lado, a muitas vezes manifestar ponto de vista contrário àquele dos empíricos, dos pseudotécnicos e dos fabricantes de "sais minerais em pacotinhos milagrosos". Panacéias que tudo pretendem resolver e são vendidas unicamente à vista, por preços exorbitantes, à porta das fazendas.

Infelizmente, os criadores, aqui como em todo o mundo, pagam caro por sua pouca fé na ciência. Fu-

gindo às experiências, que lhes mostrariam o caminho certo, aceitavam como normais a baixa fertilidade das fêmeas, a elevada mortalidade dos bezerros, o atraso no desenvolvimento e a reduzida produção de leite e carne. Em consequência, até 1957, quando milhares de bovinos morreram vitimados por deficiências minerais extremas, apenas alguns poucos criadores mais evoluídos, reconhecendo a importância da integração mineral, mantinham seus rebanhos devidamente "mineralizados". A seca, nesse ano de triste memória para os S. Tomé da pecuária, foi o despertador dos incrédulos, que, naquela época, perderam milhares de cabeças. Somente então, ante o vultoso desfalque dos plantéis, com sério prejuízo para o País, foi que o problema da carência mineral começou realmente a ser considerado pelos criadores. Somente então, esse problema, que no Brasil se revelara mais agudo que em muitos outros países, passou a ser encarado como assunto merecedor de estudo e de solução imprescindível. Contudo, ao mesmo tempo que surgia o interesse pela integração mineral, eram feitas as mais descontraídas hipóteses sobre as causas e recomendadas as mais surpreendentes soluções para o problema. Entre estas últimas, encontravam-se indicações claramente desones-

11º ANO

FEVEREIRO — 1966

N.º 127

FEVEREIRO DE 1966

tas, que empiricos e oportunistas faziam, com o único objetivo de ganhar dinheiro. Referindo-nos a esses fatos, devemos salientar que nossa intenção não é policiar, mas apenas alertar os criadores, prevenindo-os contra os aventureiros, e, concomitantemente, fornecer-lhes dados elucidativos sobre as reais necessidades minerais de seus rebanhos.

AFOSFOROSE PRINCIPAL CARÊNCIA

As centenas de análises de capins (Colonião, Jaraguá, Catingueiro, vários tipos de Mimoso de Mato Grosso e outros), que possuímos, evidenciam: 1) carência elevadíssima de fósforo; 2) carência menor de cálcio; 3) raros casos de deficiência de cobalto e cobre; 4) frequência pouco mais acentuada do déficit de iodo, zinco, manganês, brômio e boro. Convém salientar que as amostras analisadas são da parte dos capins que, habitualmente, os bovinos pastam, e não do solo. É importante frisar esse detalhe, porque a análise da terra dá apenas uma idéia da composição do

capim, pois a concentração e a proporção dos sais nele presentes não são iguais àquelas do solo. Há de se ver, por exemplo, os resultados de análises, realizadas durante 12 meses seguidos, de amostras de capim e de terra de um mesmo pasto. A terra, embora relativamente rica em minerais, produziu, em certas ocasiões, capim com teor de minerais inferior ao normal, principalmente na época das chuvas abundantes. Nesta quadra do ano, ele cresce rapidamente e a sua análise acusa uma sensível diminuição da concentração mineral. Estão, portanto, errados os criadores que julgam portador de minerais em quantidade suficiente para suprir a tódas as necessidades dos bovinos o capim produzido por uma terra boa. Outro grave erro cometem, também, os muitos criado-

res que, confundindo mineral com cálcio, atribuem a carência deste elemento todas as perturbações orgânicas e enfermidades que surgem no rebanho. É verdade que, em vários casos, nota-se insuficiência de cálcio, mas, normalmente, conforme o demonstram as análises realizadas, a maior e mais comum é a de fósforo. O cálcio e o fósforo são os dois minerais que entram em maior porcentagem na composição do organismo animal (90% das cinzas) e em proporção claramente definida, isto é, de duas partes de cálcio para uma de fósforo (2:1).

As duas análises abaixo reproduzidas, mostram, como muitas outras realizadas, que a uma concentração média de cálcio corresponde, muitas vezes, teor irrisório de fósforo e em grande desequilíbrio com o cálcio.

CAPIM SECO	CALCIO	FOSFORO	RELAÇÃO FOS- FO:CALCICA
Catingueiro	0,415%	0,102%	1: 4,06
(Gordura) Colonião	0,294%	0,070%	1: 4,2

Últimas horas de vida de uma vaca, propriedade de criador que não acreditava na necessidade de minerais. O valor deste animal e o de mais alguns, dos muitos que morreram por deficiência mineral, cobririam a despesa com uma "mineralização" racional, que evitaria o desastre e proporcionaria, ainda, boas produções.

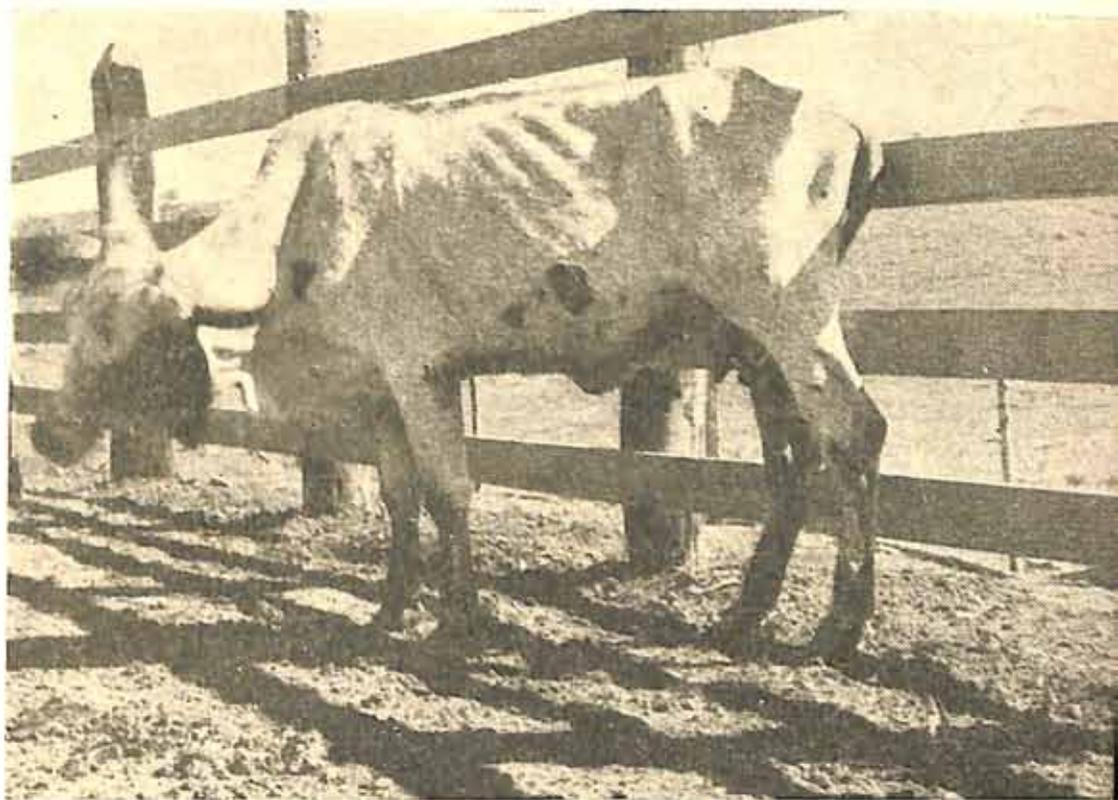


Sais Minerais e Vit

Os bovinos, que pastam capins, cujas análises apresentam as características da tabela ao lado, vivem, em sua grande maioria, em constante carência de fósforo. O ideal, para haver assimilação das quantidades corretas de cálcio e fósforo, seria a sua presença, no capim, na proporção de duas partes de cálcio para uma de fósforo, ou melhor, de 1,5 de cálcio para uma de fósforo. Já que isso não se verifica, é imprescindível corrigir, com minerais no côcho ou nas rações, o desequilíbrio. Deve-se usar um sal com relação cálcio/fósforo bastante estreita, ou um produto que contenha somente fósforo.

As nossas observações, assim como as experiências que realizamos, mostraram claramente que a farinha de ossos (relação fosfo-cálcica 1:2) não consegue corrigir o grande desequilíbrio. Nesta situação de carência, os bovinos são atacados por distúrbios orgânicos e doenças, qualificadas com os nomes mais variados, segundo a região, tais como: peste de secar, peste de suspender, mal da cabeceira, sablose, mal do colete, figueira interna, caraguatá, etc. Na realidade, nada mais são que perturbações orgânicas provocadas pela carência de fósforo e que podemos chamar de Afosforose.

Quem possui pastos com as concentrações de fósforo da tabela precedente é candidato à perda dos melhores animais de raça leiteira, ou de corte, por deficiência de fósforo. Por isso, é que vêem-se morrer as vacas de maior capacidade produtiva e seus filhos, assim como os novilhos mais precoces, dentre os das raças de corte, sobrevivendo, apenas, os adultos e os menos precoces. Em testes por nós levados a efeito em fazendas, onde o quadro era dos mais sombrios, observamos: 1) a farinha de ossos, colocada à disposição no côcho, não conseguia salvar a vida, pois não corrigia o desequilíbrio cálcio/fósforo; 2) que, com a "mineralização" à base de fosfato bicálcico, cuja relação cálcio/fósforo era da ordem de 1,27:1, houve uma aproximação do equilíbrio ideal, porque não mais se manifestaram fenômenos evidentes de carência de fósforo (afosforose) e o estado de saúde, os nascimentos de bezerros, a produção leiteira e o crescimento voltaram à normalidade. O problema foi, assim, completamente resolvido. Nessa propriedade, animais afetados de afosforose, como os das fotografias que reproduzimos, e condenados a morte certa e próxima, re-



Vaca próxima da morte, por Afosforose.

cuperaram rapidamente a saúde, unicamente com injeções de um sal de fósforo. A recuperação se efetivou sem a administração do menor traço de cálcio, o que documentou tratar-se de carência exclusivamente de fósforo.

As fotografias aqui reproduzidas são de bovinos em estado gravíssimo de Afosforose. Evidentemente, existem estados carenciais menos graves, os quais só poderão ser notados, à primeira vista, por conhecedores profundos, porém, o exame da produtividade facilmente os identifica. Infelizmente, na maioria das fazendas, ainda se notam baixa fertilidade das fêmeas, alta mortalidade de bezerros, crescimento e engorda retardados, baixa produção leiteira, enfim, produtividade reduzida.

Bovinos com sintomas evidentes de Afosforose podem ser observados ao longo de centenas de quilômetros da Sorocabana, da Araraquarense, da Paulista, do Vale do Paraíba, assim como nos Estados de Minas Gerais, do Paraná, Mato Grosso, etc. Portanto, só em raros oásis cresce capim com teor de fósforo suficiente para cobrir a necessidade fisiológica dos bovinos no Brasil.

METABOLISMO DO CÁLCIO E FÓSFORO

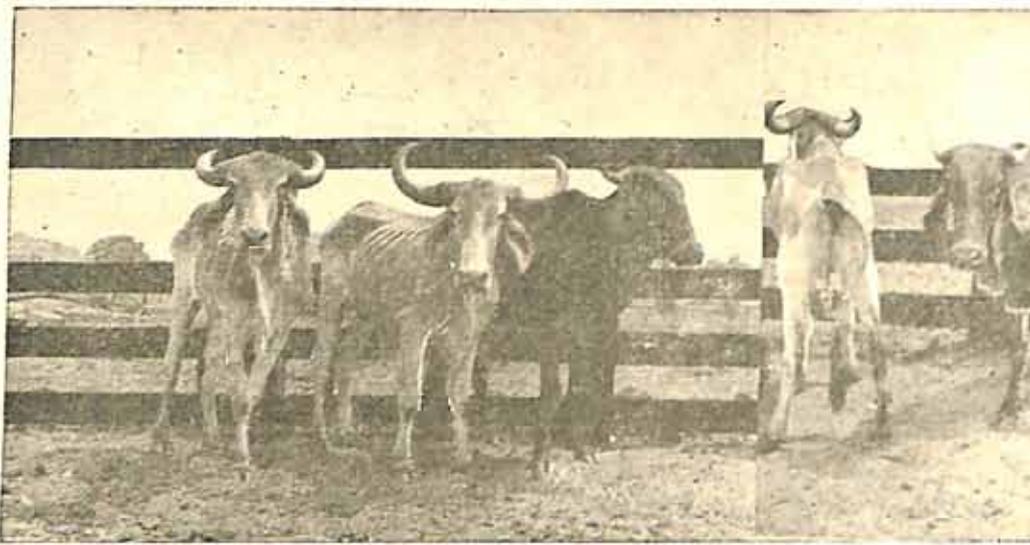
Os sais de cálcio são absorvidos, pelo organismo animal, sob a forma hidrossolúvel (gluconato, malonato, tiosulfato), em meio ligeiramente ácido (pH 5,5 — 6,5), quando o cálcio se encontra em estado iônico. Por outro lado, a presença da bile nos intestinos permite a união do cálcio aos ácidos graxos, com os quais forma complexos solúveis em água e assimiláveis pelo organismo.

O fósforo, sob a forma de fosfato de cálcio, é normalmente absorvido pelo intestino grosso. Porém, como fosfato tricálcico (farinha de ossos) é pouco assimilável.

Os fosfatos e outros sais de cálcio, após solubilizados pelo ácido clorídrico do estômago, têm sua absorção governada por enzimas. Contudo, a taxa de absorção é condicionada pela relação entre a quantidade de fósforo e a de cálcio. Se esta relação for correta, a absorção será boa.

Normalmente, no Brasil, somando-se o conteúdo de cálcio e de fósforo dos capins, ao da farinha de ossos colocada à disposição dos bovinos, resulta em um alto desequilíbrio por deficiência de fósforo, o que é causa de má assimila-

aminas "TORTUGA"



Lote de bois velhos. Em cada lote de 1.000 animais erados, 300 mantinham-se como estes, sempre magros. Após dois anos, em média, de permanência na fazenda, acabavam morrendo.

ção e, conseqüentemente, de distúrbios carenciais. Comprovamos experimental e plenamente o fato, através de dois lotes de bovinos mantidos em um mesmo pasto. Um lote recebeu, à vontade, farinha de ossos enriquecida com microelementos e o outro, também à vontade, Complexo Mineral Iodado "Tortuga". Enquanto o primeiro consumiu três quilos de farinha de ossos, o segundo gastou, em igual período e com um ganho de peso maior, apenas um quilo de Complexo Mineral.

A NECESSIDADE DE SUPLEMENTOS MINERAIS

Sabendo-se que os alimentos (pasto, silo, feno, cereais, tortas, farelos de sementes oleaginosas etc.) não suprem as exigências em minerais do animal em crescimento ou em produção, conclui-se que é indispensável suplementar sua alimentação com misturas minerais cientificamente preparadas.

É imprescindível o equilíbrio qualitativo e quantitativo dos minerais no organismo. O equilíbrio quantitativo requer a ingestão de um peso de determinados minerais, capaz de compensar a quantidade consumida pela produção zootécnica, a necessária à manutenção e a eliminada com as excreções. Por outro

lado, o equilíbrio qualitativo impõe relação exata entre os elementos acidogêneos (fósforo, cloro, enxofre etc.) e os alcalígenos (cálcio, sódio, potássio, magnésio etc.), variável com a espécie, raça e produção. Por isso, quando na alimentação, como acontece no Brasil, predominam os elementos acidogêneos, o seu excesso deve ser anulado proporcionando-se uma quantidade equivalente de elementos alcalígenos.

Sendo os pastos brasileiros formados, exclusivamente, de gramíneas, o resíduo, no aparelho digestivo, é ácido. Nestas condições, a atividade microbiana e a enzimática não se processam normalmente e, como conseqüência, diminuem a assimilação e a conversão alimentares.

Experiências, que realizamos com vacas leiteiras, comprovaram esse fenômeno. Constituímos dois lotes comparáveis. Um recebeu suplementação mineral de farinha de ossos enriquecida com minerais raros e o outro Complexo Mineral Iodado "Tortuga", à base de fosfato bicálcico e contendo, ainda, compostos alcalinizantes. Ambos receberam quantidades iguais de uma mesma ração. O lote suplementado com o Complexo Mineral produziu, devido à sua ação alcalinizante, dois litros diários de leite a mais.

Em um segundo estágio da prova, reduzimos de um quilo a ração farelada das vacas "mineralizadas" com o Complexo "Tortuga". Mesmo assim, produziram tanto quanto as do outro lote, o que vem demonstrar que as misturas minerais alcalinizantes aumentam a assimilação.

Além do mais, essas misturas minerais evitam não só distúrbios do aparelho digestivo, como a própria acidose (excesso de ácidos no sangue), grandemente prejudiciais à produção.

PRINCIPAIS FUNÇÕES BIOLÓGICAS DOS MINERAIS

Podem ser discriminadas da seguinte forma as principais funções dos minerais na economia orgânica:

1. Como integrantes normais do protoplasma, desempenham importante papel na recuperação e crescimento dos tecidos (função plástica).
2. Através da ativação das pró-enzimas, estimulam a digestão das substâncias orgânicas (função catalítica).
3. Agem como importantes reguladores da tensão osmótica celular.
4. Mantêm o equilíbrio ácido-básico no organismo, indispensável ao bom desenrolar dos processos vitais.
5. Além destas funções gerais, cada um deles desempenha outras, que lhes são próprias.

VINTE E TRÊS ELEMENTOS SÃO INDISPENSÁVEIS

Dos 92 elementos minerais conhecidos, cerca de 50 encontram-se nos animais e vegetais. BERTRAND os classificou em três grupos: Ao primeiro, formado por 29 elementos, pertencem 23 indispensáveis à vida.

Estes elementos indispensáveis são divididos em "MACROELEMENTOS (cálcio, fósforo, cloro, sódio, enxofre, magnésio etc.) e MICROELEMENTOS (cobre, cobalto, manganês, zinco, níquel, iodo, bromo etc.).

Sais Minerais e Vita

AS MISTURAS MINERAIS CASEIRAS

Assim denominamos as preparadas empiricamente, compostas de alguns microelementos diluídos em um mar de sal ou de farinha de ossos.

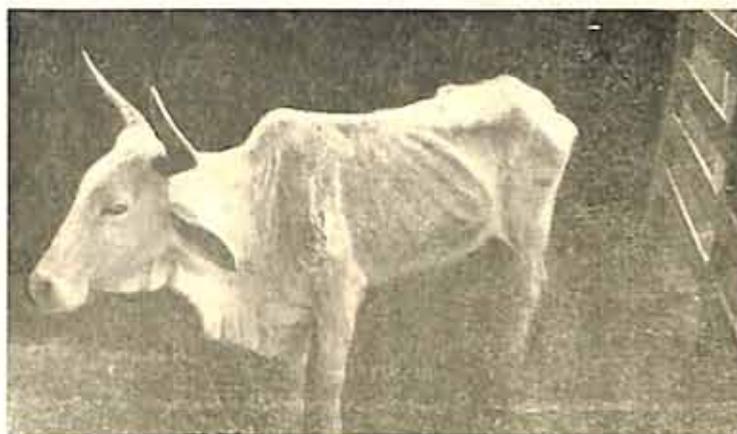
As fórmulas, que vários criadores preparam, são as mais variadas e as dosagens as mais disparatadas. Dependem da maior ou menor simpatia que têm para o cobre ou cobalto, ou para outro elemento raro. Existem criadores, que acham de o cobre um produto milagroso, no sentido nutricional, e, também, anti-parasitário (vermicida) usam-no em quantidade tal, que os animais vivem em permanente estado de intoxicação leve. Naturalmente, não sabem da função negativa do cobre, quando ministrado em doses excessivas, que, mesmo não manifestando sintomas aparentes de intoxicação, influi danosamente, insolubilizando outros minerais indispensáveis à vida e à produção dos bovinos.

Como acima dissemos, o número de elementos minerais indispensáveis à vida dos animais é de 23. Por que, então, teremos que condenar os nossos bovinos a receber apenas três ou quatro, esquecendo-nos dos demais?

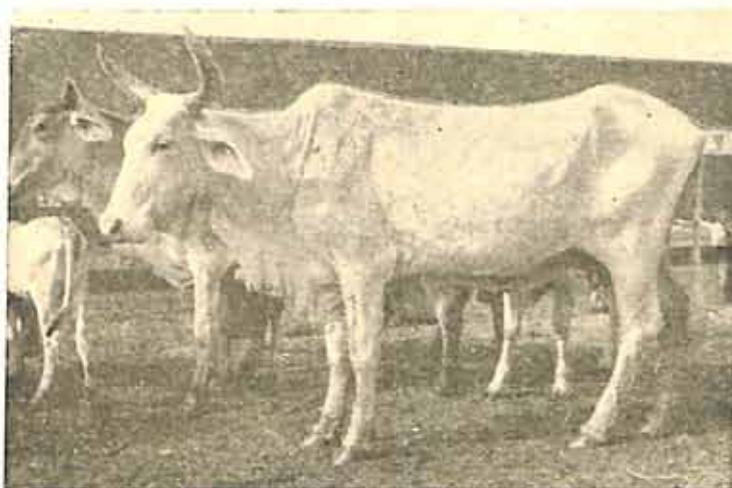
Deve-se ter presente um outro aspecto, que não pode ser descuidado nas misturas minerais, e que se refere ao sinergismo entre eles, ou seja, à ajuda recíproca que um mineral dá a outro, para uma racional nutrição mineral. Por isso, assim como é danosa a carência de um elemento, igualmente o é o excesso. Não se pode falar em "mineralização", se na fórmula faltarem elementos que desempenham funções específicas.

Os agricultores sabem perfeitamente que pouco adianta adubar uma cultura de milho com dose dobrada ou triplicada de fósforo, se privarem-na de nitrogênio, indispensável às altas produções. O resultado será uma despesa muito maior na adubação, sem nenhuma compensação.

As misturas caseiras são, quase sempre incompletas e, freqüentemente, com excesso prejudicial de algum elemento. Mal misturadas, com insuficiente estabilização, que é a causa de perda de valor, são de péssimo paladar, ao ponto dos animais refugarem-na.



Vaca em gravíssimo estado de Afosforose, às portas da morte. Fotografada dias antes do início do tratamento com fósforo (Phos-20).



A mesma vaca da foto acima, completamente recuperada, 40 dias após o início do tratamento com Phos-20.

O criador, iludido com o preço, que chega a ser metade do de uma mistura cientificamente elaborada, acaba dispendendo dezenas de vêzes mais, porque as misturas empíricas, em vez de sanar, normalmente pioram um estado de carência.

AS CARÊNCIAS MAIS FREQUENTES

As carências mais freqüentes são as dos macroelementos, notadamente de cálcio e fósforo. Pouco comuns são as devidas aos microelementos (cobre, cobalto etc.).

Por isso, os criadores devem se preocupar principalmente com os macroelementos e, destes, de modo particular com o fósforo para o gado em regime de pasto e com ambos para as vacas leiteiras.

Quando ministrado sob a forma de fosfato tricálcico (farinha de ossos), o fósforo é pouco assimilável, porém, o é muito, sob a forma de fosfato mono ou bicálcico.

Para se ter idéia da grande necessidade destes dois minerais, basta examinar as tabelas I, II, III e IV (Vide pag. seguinte).

minas "TORTUGA"



FRAUDES MAIS COMUNS NO COMERCIO DE MINERAIS

A análise de amostras de várias misturas, que encontramos em fazendas de pecuaristas incautos, permitiu-nos identificar produtos pouco recomendáveis:

1. **As latinhas e os pacotinhos milagrosos** — São vendidos com muita arte, nas fazendas e exclusivamente a vista. Além de integrativos minerais, lhes são atribuídas virtudes terapêuticas, capazes de proteger contra a aftosa, verminoses, convulsões verminóticas, berne e várias outras enfermidades. Contudo, o seu maior valor está na embalagem, pois o conteúdo é inerte, sem nenhuma ação "mineralizante" ou terapêutica.

Os saquinhos, também normalmente entregues nas fazendas por caminhonetas, contêm pedra calcária moída, na maioria dos casos melaçadas para melhorar o sabor; às vezes, contêm um corante de grande efeito à vista, o que influencia o comprador. Servem somente para prejudicar o já nefasto estado de desequilíbrio fosfo-cálcico dos rebanhos.

2. **As misturas incompletas, preparadas por associações e cooperativas** — São formulas superadas pelo progresso da ciência, que associações e cooperativas ainda vendem, porque requeridas por um certo número de criadores levados por um falso conceito de economia, que os faz esquecer a qualidade ante o preço aparente.

3. **As misturas elaboradas especialmente para determinadas fazendas** — Não há razão para tanto, pois, de muito pouco diferem as análises de capins provenientes de várias regiões. O certo é colocar à disposição dos animais todos os minerais indispensáveis ou úteis, tendo presente que a parte mais cara do mineral é constituída pelo fósforo, elemento, em geral, escasso.

Bezerro de 5 dias, com graves deformações ósseas, filho de vaca não "mineralizada".

TABELA I

Espécie	Cotas diárias necessárias					
	Cota de manutenção		Cota de produção		Total	
Vacas de seis litros diários de leite	Cálcio	Fósforo	Cálcio	Fósforo	Cálcio	Fósforo
		11 gr	11 gr	13,50 gr	9 gr	24,50

TABELA II

Espécie e peso	Cotas diárias necessárias	
	Cálcio	Fósforo
Bois de corte, 150 kg	20,5 gr	15 gr
Bois de corte, 250 kg	18,5 gr	15 gr

TABELA III

Espécie e peso	Cotas diárias necessárias	
	Cálcio	Fósforo
Ovelhas prenhes, 50 kg	4,3 gr	3,2 gr
Ovelhas prenhes, 60 kg	4,5 gr	3,4 gr

Sais Minerais e Vit

TABELA IV

Espécie e peso	Cotas diárias necessárias	
	Cálcio	Fósforo
Ovelhas em lactação, 45 kg	6,1 gr	1,5 gr
Ovelhas em lactação, 55 kg	6,4 gr	1,7 gr

nas terras brasileiras. Os minerais-traço, que são a parte menos onerosa do produto, devem sempre integrar qualquer mistura mineral cientificamente elaborada.

Portanto, "a mistura especial para uma determinada fazenda" não passa, normalmente, de uma tática comercial.

CRÍTICAS DE CRIADORES AOS MINERAIS

Esporadicamente, criadores apontam os sais minerais como causa de aborto nas vacas. Os casos, que examinamos até agora, não passavam de:

1. **Abortos provocados por brucelose.** A prova de sóroaglutinação por nós realizada revelou porcentagem elevadíssima de resultados positivos. Os minerais foram inadvertidamente responsabilizados, porque a maioria dos abortos coincidiu, por acaso, com o início da sua administração.

2. **Casos de intoxicação por ingestão excessiva de sal comum.** Esta intoxicação, constatamos, ocorria nos bovinos em grave estado de "desmineralização" e que passavam a receber, à vontade, sais minerais misturados ao sal comum. Eram, então, para preencher as deficiências de minerais do organismo, levados a ingerir grande quantidade de sal, tanto maior quanto mais baixa a porcentagem de minerais da mistura. Ora, o sal ingerido em elevada quantidade provoca desidratação violenta e aborto.

Evita-se tal intoxicação, administrando aos animais, que não tenham recebido suplementação mineral, o complexo mineral e o sal separadamente. Para tanto, destina-se uma parte do côcho ao mineral puro e, outra, ao sal. Controlando-se, por um certo período, o desgaste do sal e do complexo mineral, obter-se-á a porcentagem certa de cada um a ser usada na mistura. Previnem-se, assim, os fenômenos de intoxicação por excesso de sal.



O mesmo bezerro das fotos ao lado nascido com deformações dos ossos longos. Aprumos já quase normalizados, após 10 dias de tratamento com Phos-20 e Vitagold.

O mesmo inconveniente verifica-se, quando o complexo mineral misturado ao sal é fornecido aos rebanhos que, ao invés de ter sal e mineral sempre à disposição, como seria necessário, recebem a mistura apenas cada semana, cada 15 dias, ou a intervalos ainda mais longos.

ADUBAÇÃO DOS PASTOS

Como sistema para conseguir-se um aumento do teor de minerais nos capins, foi aconselhada a adubação dos pastos. Os resultados, ou não compensam economicamente, ou não atingem o objetivo de modo satisfatório.

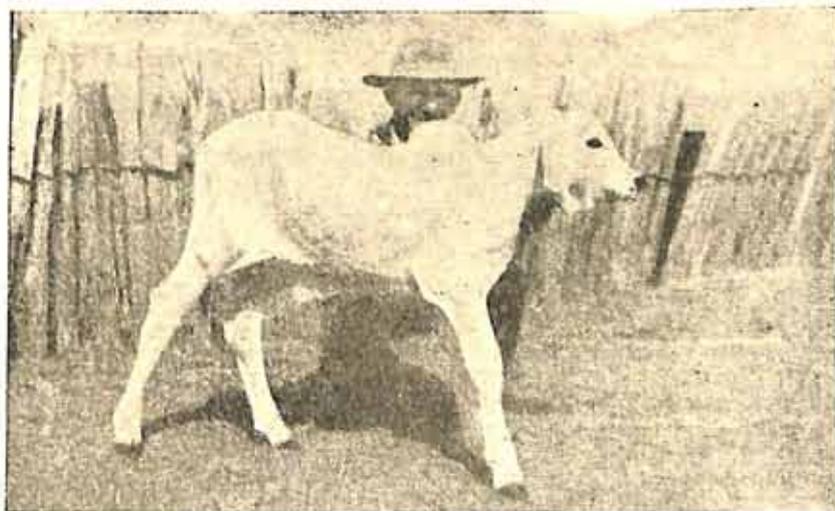
As análises de capins, que realizamos mensalmente durante um

ano, mostram claramente que o conteúdo mineral baixa na época das chuvas abundantes, quando rápido é o crescimento dos capins.

As adubações, estimulando o crescimento dos capins e ocasionando maior volume de massa verde, provoca o mesmo fenômeno.

Consegue-se um aumento do fósforo apenas quando o pasto é adubado exclusivamente com este elemento, mas isso é antieconômico, pois não aumenta o volume de massa verde. Para obtê-lo, é necessária, também, a adubação com nitrogênio, mas, neste caso, não se consegue boa concentração de fósforo.

Conclui-se, por conseguinte, que mesmo adubando os pastos, é indispensável que os bovinos encontrem minerais, à disposição, no côcho.



O bezerro das fotos ao lado, já completamente recuperado, após 30 dias de tratamento com Phos-20 e Vitagold.

aminas "TORTUGA"



Se fôsem filhos de vacas "mineralizadas, êstes bezeros não estariam nestas péssimas condições de crescimento e saúde.



Esta vaca é o "fac-simile" de milhares de bovinos, que todos os anos podem ser vistos, especialmente na época da seca. Uma "mineralização" racional evita completamente êste gravíssimo prejuízo.

CONCLUSÕES

1. A integração mineral da alimentação tem que ser realizada cientificamente e com produtos apropriados, a fim de poder-se corrigir as defi-

ciências e manter o equilíbrio ácido-básico no organismo. Por isso, as misturas minerais empíricas não mantêm perfeita a saúde e nem boa a produção.

2. Os criadores devem, antes, se preocupar com os elementos necessários em maior quantidade — macroelementos (fosforo, cálcio, magnésio etc.) —. Só depois de atendidas as exigências com relação a êstes elementos, as quais sobem a dezenas de gramas por dia, é que se devem voltar para os microelementos. Os animais estão menos sujeitos as carências dêstes, porque dêles necessitam apenas miligramas por dia.
3. Os componentes dos complexos minerais, além de estar em perfeito equilíbrio, devem ser de fácil assimilação. O desequilíbrio entre os componentes da mistura pode trazer mais prejuízos que vantagens.
4. Importa evitar fórmulas incompletas ou inadequadas às necessidades específicas do rebanho, porquanto, tais fórmulas são muitas vêzes, mais prejudiciais que úteis.

Incorrem nesse erro, por exemplo, os criadores que dão doses maciças de cálcio, ao gado carente de fósforo; ou aqueles que supõem satisfazer a demanda de minerais, administrando sal comum adicionado de altas doses de cobre e cobalto, capazes de, apenas, provocar estados de envenenamento crônico. A fórmula completa não pode ser substituída por dois ou três elementos: pois, é evidente, o cobre não supre a deficiência de manganês, o cobalto não afasta a de zinco etc.

5. Os minerais não são remédios, para serem administrados de vez em quando, mas alimentos, de necessidade diária, em quantidades certas e equilibradas.

COMPLEXO MINERAL IODADO "TORTUGA"

contém bifosfato de cálcio, altamente assimilável.

NOTAS . . .

(Conclusão da página 44)

As filhas de dois touros Holandeses e as de dois Holstein-Friesian foram separadas em dois grupos, segundo a origem de suas mães: a) filhas de mães Holandesas ou 3/4 holandesas; e b) filhas de mães Americanas ou 3/4 Americanas. O grupo "a" foi denominado "Holandês" e o grupo "b" "Americano".

Em relação a cada touro fizeram-se duas comparações contemporâneas, uma para cada origem de mães, tendo-se por base a produção diária de leite, dentro das estações, de filhas ou produtoras contemporâneas, cujos períodos de lactação eram de 265 a 365 dias.

Os resultados das comparações se acham na tabela abaixo. Em todos os casos, a média das filhas de um touro de origem diferente da das mães foi maior do que a média das filhas de origem igual à das mães.

COMPARAÇÃO CONTEMPORANEAS DE TOUROS HOLANDESES DE DUAS ORIGENS, DE ACORDO COM A PROCEDÊNCIA DAS MAES DE SUAS FILHAS (KG LEITE/DIA)

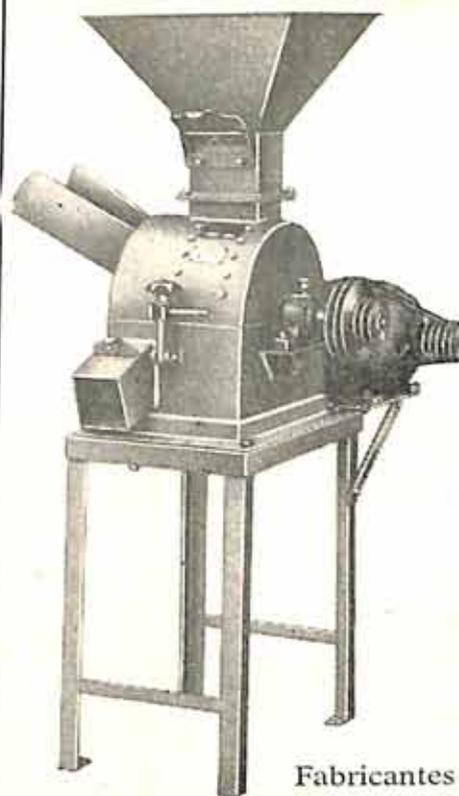
Origem do touro	Origem das mães Americana		Holandesa	
	Quant. total	Comparação contemporânea	Quant. total	Comparação contemporânea
Americana				
touro 1	16,7	— 0,17	11,3	0,64
touro 2	8,0	— 1,21	7,8	0,40
ambos touros	24,7	— 0,51	19,1	0,54
Holandesa				
touro 1	18,4	2,28	17,4	0,07
Touro 2	5,9	0,83	5,3	—0,47
ambos touros	24,3	1,91	22,7	—0,06

No que concerne aos touros de procedência Holandesa, as filhas de mães norte-americanas produziram 2 kg. mais de leite por dia do que as filhas de mães Holandesas. Já os reprodutores de origem norte-americana tiveram filhas com vacas de procedência Holandesa com 1kg mais do que as filhas nascidas de mães norte-americanas. Portanto o efeito médio do "cruzamento" entre as duas variedades foi da ordem de 1,5 kg de leite por dia, vale dizer, 450 kg durante um período de lactação de 300 dias.

Na opinião dos autores dessa experimentação o efeito heterótico revelado parece evidente e, em vista de terem as duas origens tido grande oportunidade para divergir geneticamente em consequência da "orientação" hereditária e da seleção. Desde que esse efeito heterótico seja confirmado, o acasalamento alternado com touros Holandeses e Americanos talvez possa trazer vantagens para a produção de leite. Todavia, a possibilidade de heterose também deve ser levada em apreço, ao se realizar a avaliação zootécnica de touros importados. Se o "vigor híbrido" for a causa da superioridade dos filhos de touros importados, o emprêgo em maior escala de genitores selecionados por esse motivo não contribuirá para o melhoramento genético da população leiteira a longo prazo.

Vários criadores brasileiros vêm realizando "cruzamentos" entre Holandeses malhados de preto de origem européia, norte-americana e argentina falando alguns das vantagens do que chamam de "choque de sangue". Em face do que foi verificado em Israel, torna-se interessante a realização de estudos semelhantes em nosso meio.

DUAS MÁQUINAS EM UMA SÓ



Moinho de martelos (desintegrador) e picador de forragens, marca "Tigre" modelo "M-5".

Produz fubá fino e grosso, quirera de milho, farelo de espigas inteiras de milho. Tritura ou corta forragens verdes, com cana, capim, etc.

Acionamento por motor elétrico ou de explosão, de 5 ou 6 H.P. Instalação e manejo facilísimos.

Fabricantes:

MÁQUINAS AGRÍCOLAS TIGRE S. A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua Guararino, 469 (Casa Verde Alta)
Caixa Postal 6099
SAO PAULO

INFLUÊNCIA DA LACTAÇÃO NAS FUNÇÕES SEXUAIS DE PORCAS

Estudos efetuados no Instituto de Zootecnia da Universidade de Gottingen, Alemanha, dizem que a lactação pode influir em diferentes características de sexualidade das porcas. O trabalho foi realizado com animais da raça Landrace alemã, cobrindo nada menos do que 2874 períodos de lactação. As conclusões alcançadas foram as seguintes: 1) O comprimento do período de lactação afetou o intervalo entre data de desmama e primeiro cio após desmama. 2) Com maior número de leitões desmamados verificou-se aumento do lapso entre desmama e cio após desmama, sendo isso devido ao maior "esforço" durante a lactação, mas de pequena importância prática. 3) O tamanho da leitegada aumentou levemente com a ordem da parição, sendo de 8,82, 9,29, 9,57, 9,55 e 9,66 as médias referentes à segunda, terceira, quarta, quinta e sexta leitegadas, respectivamente. A duração do período de lactação afetou o número de leitões nascidos em leitegadas subsequentes: os períodos de amamentação de 0-5, 6-10, 11-15, 16-20, e 21-25, proporcionaram leitegadas médias de 7,34, 8,14, 8,96, 8,80 e 9,74, respectivamente. O intervalo entre a desmama de uma leitegada e a concepção subsequente teve alguma influência nos casos em que o período de lactação foi inferior a duas semanas. Nos casos em que o número de leitões desmamados era inferior a 3, a leitegada seguinte foi de 8,7 bacos em média mas este número aumentou para 11,4 quando foram criados 13 a 14 leitões na leitegada anterior. 4) A ordem ou seqüência da lactação não teve influência palpável no intervalo entre desmama e o cio pós-desmama.

Normas para avaliação da produtividade das aves

Produtividade dos frangos de corte, produtividade das aves em postura e rendimento em pintos comerciais das "matrizes" de corte e de ovos — são pontos a considerar na avaliação da produtividade avícola.

HENRIQUE F. RAIMO
Médico Veterinário

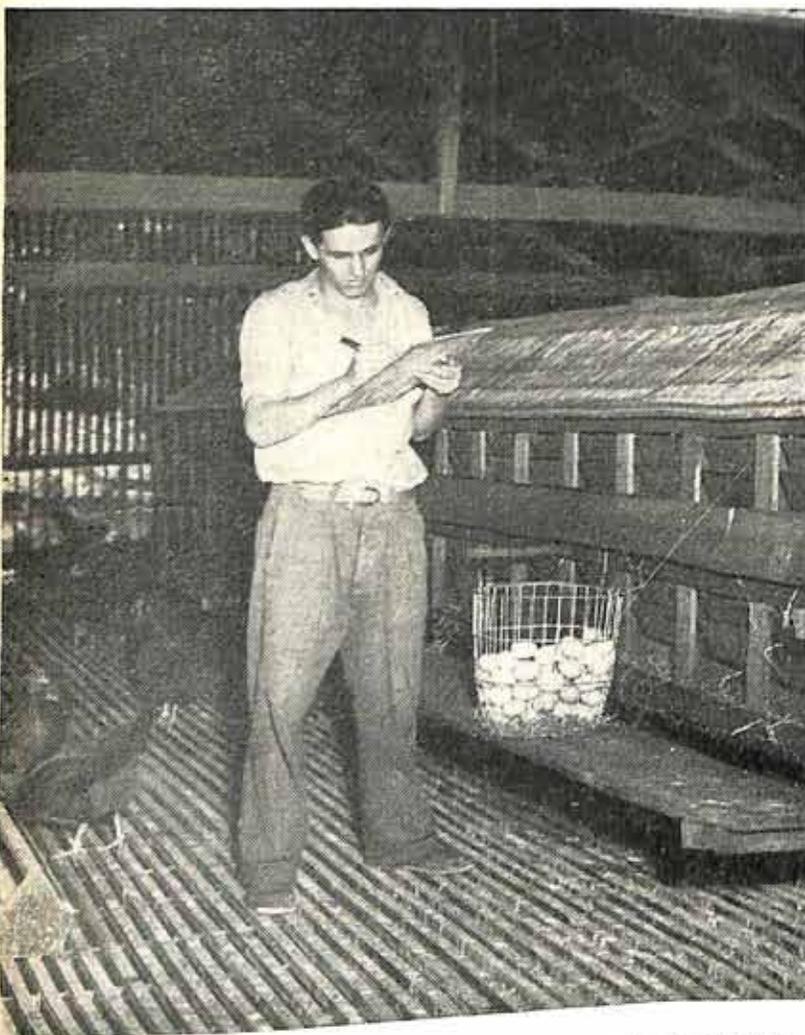
Na avicultura comercial, a avaliação da produtividade das aves é da maior importância para a correção das operações, tendo em vista a proteção do rendimento econômico, a ser obtido por via desta mesma produtividade.

De um modo geral, na avaliação específica da produtividade avícola, podem ser considerados os seguintes pontos:

1. Produtividade dos frangos de corte
2. Produtividade das aves em postura
3. Rendimento em pintos comerciais das "matrizes" de corte e de ovos.

PRODUTIVIDADE DOS FRANGOS DE CORTE

Especificamente pode ser considerado o ganho de peso no final de determinado período e o consumo de



O controle da postura é obrigatório nas granjas para atender à escrita zootécnica e para aferir o rendimento econômico da exploração.

ração necessário para atender a este ganho de peso vivo, em relação ao preço pago pela carne no mercado atacadista e o preço da ração inicial e da ração de engorda. A correlação destes elementos dá o balanço aproximado do rendimento econômico do lote calculado, ao qual serão juntados o preço dos pintos e o custo de operações de criação.

Como regra, acredita-se que, para um rendimento econômico comercial satisfatório, o custo de produção de um frango deve ser igual ao preço de um quilo de peso vivo no mercado atacadista. Ficando o custo de um frango em Cr\$ 760 e sendo vendido a Cr\$ 780 por kg vivo, há um bom rendimento econômico na criação de frangos de corte.

No conjunto das operações de controle da produtividade, os avicultores terão que anotar, para os frangos de corte: 1) peso total do lote de frangos vendido; 2) peso total da ração consumida pelo lote; 3) idade de venda dos frangos.

De posse destes elementos, fácil será a avaliação da produtividade obtida: a idade e o peso na venda dão a medida da velocidade do ganho de peso vivo para aquela idade. Pelo confronto com tabelas de peso vivo para determinada idade, será avaliado o rendimento da criação. Dividindo-se o peso total da ração consumida pelo peso total dos frangos, será obtido o índice de conversão de ração em carne. Por exemplo: um lote de 1.000 frangos com o peso total de 1.500 kg, consumindo 4.000 kg de ração, apresenta uma conversão de 1:2,60 ou seja 2.600 gramas de ração para produzir um kg de carne.

Portanto, o avicultor deve ter suas fichas de controle e anotar todas as condições técnicas exigidas para o desenvolvimento da criação de cada lote de pintos.

PRODUTIVIDADE DAS AVES EM POSTURA

Para as aves em postura, a medida da produtividade poderá ser efetuada em dois sentidos e depois conjugada, a saber: 1) intensidade mensal da postura, 2) conversão da ração em ovos.

A conjugação será feita pela associação destas duas medidas, em base anual ou período equivalente.

INTENSIDADE MENSAL DA POSTURA

Sabe-se que a intensidade mensal da postura apresenta variações estacionais: nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro observa-se a intensidade máxima e, nos meses restantes, a intensidade da postura diminui em variações diversas para cada aviário comercial e tipo de poedeira em exploração.

A medida da intensidade da postura é feita por dois sistemas práticos, a saber: a) intensidade galinha-dia, b) intensidade do galinheiro.

A soma da produção galinha-dia dá a média do galinheiro; o controle diário da produção do total das aves dá a média do galinheiro.

Como se vê, o controle pela média de galinheiro é o mais simples e o mais prático, embora a média galinha-dia esteja mais próxima da realidade.



Pesando frangos para contróle da venda e para calcular a conversão das rações em ganho de peso.

As fichas de contróle de cada galinheiro devem receber anotações diárias da produção de ovos e do consumo de ração, sendo o balanço fechado no fim de cada mês.

Descontadas a mortalidade e a refugagem das aves do total do mês, a anotação da população do galinheiro no mês seguinte torna-se possível. E assim por diante, até o fechamento do ano avícola ou do período desejado.

Como a ração representa a maior parte do custo de produção de ovos, o conhecimento do índice de conversão desta ração em ovos é de grande importância para o avicultor. Por exemplo: um galinheiro com 1.000 poedeiras, botando na proporção de 80% e consumindo 120 gramas de ração por dia, em 30 dias apresenta o seguinte balanço: 2.000 dúzias de ovos e 3.600 kg de ração consumida. Dividindo o total da ração pelo total de dúzias, teremos a conversão de 1.800 gramas de ração por dúzia de ovos.

A conversão de ração em ovos, na base de 1.800 gramas por dúzia de ovos, vem sendo obtida anualmente por grande número de avicultores de São Paulo.

A medida da intensidade média da postura pode ser estimada em 82% nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro, e de 54% nos outros meses, com a média anual de 68% para as poedeiras das melhores "marcas".

Resumindo, a medida da intensidade da postura na base média do galinheiro é obtida dividindo-se o total de ovos colhidos no mês, pelo total de aves anotado no primeiro dia do mês controlado.



A distribuição da ração em poedeiras, previamente pesada, é fundamental no cálculo do rendimento por dúzia de ovos produzidos.

O contróle da postura por galinha-dia é o total de galinhas existentes no fim de cada mês, multiplicado pelo número de dias do mês. A porcentagem de produção mensal se obtém dividindo-se o total de ovos produzidos pelo número de galinha-dia e multiplicando o resultado por 100.

RENDIMENTO DE PINTOS COMERCIAIS DAS "MATRIZES" DE CORTE E DE OVOS

Agora que se estabelece a produção de ovos destinados ao abastecimento das centrais de incubação, é útil o conhecimento das bases da produção comercial de pintos por "matrizes" em exploração.

De acordo com as especificações dos produtores de "matrizes" das várias marcas, as bases são as seguintes: matrizes de corte, 80 a 85 pintos por matriz; matrizes de ovos, 45 a 50 pintos fêmeas. A produção deste total de pintos se refere a uma safra mínima de oito meses de exploração.

Baseados nos elementos técnicos obtidos da conversão e do custo da ração, os avicultores, chegando a conclusões práticas poderão saber:

- 1) quanto pagar por uma ração e qual o valor da ração comprada e em consumo;
- 2) quando mais oportuna a época da venda dos frangos, de acordo com os preços vigentes no mercado;
- 3) quando deverão intensificar a refugagem das poedeiras, com base no preço dos ovos no mercado.

TROCANDO EM MIUDOS...

ÚLTIMAS DA CIÊNCIA

A TEMPERATURA AMBIENTE AFETA O TEMPO DE COAGULAÇÃO DO SANGUE DAS AVES

Já foi observado que as aves, quando mantidas em temperatura baixa, apresentam baixo índice de protrombina e baixo tempo de coagulação do sangue; a mesma observação é também verdadeira, em sentido contrário: galarotes mantidos em temperatura muito elevada, apresentam sangue com elevado tempo de coagulação, isto é o san-

gue se coagula com extrema dificuldade.

Praticamente foram obtidos os mesmos resultados quando galarotes foram mantidos em temperatura de 2, 21 e 32% durante um espaço de 15 meses, com medida do tempo de coagulação e de níveis de protrombina, o espaços regulares.

A temperatura elevada rebaixa o nível de protrombina do sangue e pode produzir homodiluição específica; assim, nível baixo dos fatores da coagulação pode ser en-

contrado em um volume conhecido de sangue colhido das aves.

Alem disso, a temperatura elevada reduz o consumo de ração, ao passo que as aves mantidas em temperatura baixa aumentam largamente o consumo de ração, afim de manter a temperatura do corpo, à custa de mais energia da ração. Assim, pode haver diferenças mais ou menos sensíveis no nível de vitamina K do organismo das aves, a qual é necessária à coagulação normal do sangue.

As exigências de vitamina K pelas aves dependem mais do peso do corpo do que do consumo de ração (como no caso das vitaminas do grupo B). Estas diferenças na

(Conclui na página 85)

SEMENTES

à venda na
A.P.C.B.



● PARA PASTO

Gramíneas Sementes

Gordura
Catingueiro Roxo
Cabelo de Negro
Jaraguá
Rodes
Colonião
Azul da Austrália
Grama Batatais
Kentuke Festuca 31
Red Top
Azevem anual e perene
Azevem-Italiano
Azevem-Inglês
Bermuda
Grama Castela
Aveia
Centeio

● LEGUMINOSAS

Alfafa
Ervilha
Cornichão
Trevo Branco
Trevo Branco Ladino
Trevo Vermelho
Soja Perene

● PARA CORTE, FENAÇÃO E SILAGEM

Alfafa
Soja Ootootan
Sorgo
Guandu
Mucuna

● PARA ADUBA- ÇÃO VERDE

Feijão de Porco
Feijão Mucuna

Feijão Soja

Labe-Labe

Crotolaria Juncea

Crotolaria Paulina

● REFLORESTA- MENTO

Sementes de
eucalipto:

Saligna

Tiriticornis

Alba

Citriodora

Semeadeiras e má-
quinas para plantar
grama • Formicidas
• Herbicidas • Roça-
deiras • Desintegra-
dores • Picadeiras.

**PEÇAM PREÇOS E FOLHETOS COM INSTRUÇÕES
SÔBRE AS VÁRIAS CULTURAS**

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Rua Jaguoribe, 634 - Tel. 51-6963 - 51-6380 - 52-6686 - 52-4388 - SÃO PAULO



SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

da

Associação Paulista de Criadores de Bovinos

Com a cooperação do Departamento da Produção Animal de S. Paulo

NOVEMBRO DE 1965

LACTAÇÕES TERMINADAS

Nome do Animal	Gráu do sangue	Idade anos meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg	%	Proprietário
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.								
Lactações até 365 dias (II DIVISAO)								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.								
De Geus Maartje 10-B 15157 — LM	PO	2-2	14096	365	4.856	175,4	3,61	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
De G.N. Juweeltje — B 10100 — LM	PO	2-5	14095	354	4.830	163,4	3,38	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. H. Riemkje 311 - B 15118 — LM	PO	2-3	14094	365	4.772	169,7	3,55	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. C. Sipkje 2 - B 15134 — LM	PO	2-2	13907	340	4.411	161,5	3,66	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. Gonda XXV — B 15313 — LM	PO	2-4	14341	365	4.308	153,4	3,56	Dohér Barbosa Nicolau
Cast. R. Hendrika 8 - F 5/2300 - RP	PO	2-1	13600	288	3.096	103,3	3,33	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. V. Doukje 80 — B 14110	PC	2-2	13595	239	3.021	110,5	3,65	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. J. Afke 50 — B 14112	PO	2-3	13604	275	2.741	104,9	3,82	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Martha 93 — B 14128	PO	2-1	13496	299	2.735	106,7	3,90	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Flora 10 — B 14109	PO	2-3	13675	301	2.732	109,8	4,01	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. S. Bontje 11-RP — B19/7939	PO	1-11	13674	243	2.607	94,9	3,64	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. S. Pasma 18 — B 15189	PO	2-1	14337	332	2.339	78,3	3,34	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. Bronkhorst Betrina — 1651	PC	1-11	13617	259	1.881	64,6	3,43	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.

FAZENDA SANTANA DO RIO ABAIXO S. A.

1962

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE GADO JERSEY, HOLANDES
PRETO E BRANCO E VERMELHO E BRANCO

1958, 59, 61, 62, 63, 64 e 65

O plantel mais premiado da raça Jersey nas Exposições Especializadas de Gado Leiteiro de São Paulo, e o que mais vèzes conquistou o prêmio máximo da raça, que é a **MEDALHA DE OURO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**, destinada ao expositor mais premiado da raça, nos anos de 1958, 59, 61, 62, 63, 64 e 65. Em 1962, conquistou a **MEDALHA DE OURO BANCO DO ESTADO**, consignada ao expositor mais premiado do certame.



Medalha de Ouro ao
Melhor Expositor da
Raça Jersey

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE CONTROLADA
PELA ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES

Sua visita, a qualquer momento, será sempre uma satisfação

Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Caixa Postal 20 — S. José dos Campos, SP — Em São Paulo:
Rua Boa Vista, 208 — 8.º andar — Telefone: 32-3804

Nome do Animal	Gráu do sangue	Idade anos meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg %	Proprietário	
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.								
M's G. Prilly F. Ross B-B15335 LM	PO	2-7	13961	365	4.683	185,7	3,96	Cia. Agrícola São Quirino
M's. S. Marksman 15-B15330 — LM	PO	2-10	14102	365	4.398	151,7	3,44	Cia. Agrícola São Quirino
S. A. Inedita D. Bastilha-B 13593	PO	2-9	13648	287	3.887	139,8	3,59	Cia. Agrícola São Quirino
Auca Veranito — B15447 — LM	PO	2-9	13940	365	3.595	148,3	4,12	Luiz. H. de Mello e T. Jórdan
Garrida — 42673	PC	2-6	14032	365	3.568	132,9	3,72	Lauro Miguel Saker
Geografia — 42654	PC	2-8	14033	365	3.555	140,3	3,94	Lauro Miguel Saker
Cast. K. Sjollemma 68-B15211 — LM	PO	1-10	14265	365	3.547	143,1	4,03	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. S. Flora 10 — B14144	PO	2-7	14336	338	3.415	127,6	3,73	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Gentileza — 42658	PC	2-8	14034	365	3.264	118,6	3,63	Lauro Miguel Saker
Cast. S. Annetta 5 — B15104	PO	2-7	14338	316	2.887	100,0	3,46	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Dora 24 — B14129	PO	2-8	14270	329	2.805	114,4	4,07	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. Bronkhorst Gonda	NR	2-10	13616	186	1.990	64,6	3,24	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.								
S. Howell S. Carnat. B14325 — LM	PO	3-4	12462	354	5.512	185,1	3,35	Domingos P. Junqueira
A. Slob Juweltje — 1754 — LM	PC	3-5	12878	365	4.457	178,5	4,00	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Azalea de Paraiba — 39546	PO	3-2	12749	365	4.040	139,8	3,46	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Cast. B. Martha 88-B13112	PO	3-3	13916	338	3.955	146,2	3,69	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Pietje 91 — B13087	PO	3-2	13594	297	3.763	138,4	3,67	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. T. Maaike — B13103	PO	3-2	13597	261	3.376	119,8	3,54	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Hawal C. Pabst — B13729	PO	3-4	14044	354	3.364	130,5	3,88	S. A. Faz. Paraíso Agro. Pec.
Cast. S. Reino 141 — B13968	PO	3-2	14091	322	3.347	121,9	3,64	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. C. Maaike 2-B13059	PO	3-3	12330	287	3.326	127,0	3,81	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Q. Insensível — 39344	PC	3-2	14216	335	3.225	113,1	3,50	Cia. Agrícola São Quirino
Cast. C. Janet 2-B13027	PO	3-4	13609	249	3.150	115,7	3,67	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. Bur Afke 41-B13037	PO	3-4	12324	292	3.123	132,5	4,24	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. J. Rosa 2 — B13086	PO	3-2	12232	229	3.031	110,6	3,64	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. J. Juliana 32 — B13952	PO	3-5	14280	332	3.027	121,4	4,01	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. J. Rooske 6 — B13097	PO	3-2	12332	220	2.690	93,9	3,49	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. C. Setske 5 — B13082	PO	3-3	12525	199	2.601	84,2	3,23	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
California J. B.	NR	3-0	13534	250	2.553	91,1	3,56	Urbano Junqueira
Cast. J. Tine 221 — B13125	PO	3-1	13606	180	2.154	81,6	3,79	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Alfa Tereca — 39567	PC	3-1	13578	244	1.766	65,2	3,69	Carlos Eduardo Baptistella
Hol. Vera XV — B13191	PO	3-1	13573	163	1.050	39,9	3,80	Fernando de A. Pinto S. A.
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.								
Pintada Castrense — 2232 — LM	15/16	3-10	13927	365	7.950	245,9	3,09	Guilherme Sleutjes
S. Harden R. M. Pabst — 39321-LM	PC	3-6	12565	365	6.287	221,2	3,51	S. A. Faz. Paraíso Agro. Pec.
Hia. C. Lilly 10 — 1819 — LM	PC	3-7	12705	365	5.902	209,0	3,54	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Biblioteca Med. II CAB — 3966 LM	PC	3-7	12248	365	4.364	164,1	3,76	Colégio Adv. Brasileiro
Amaz. Mr. Birba — 39178	PC	3-9	14022	339	4.343	144,0	3,31	Jotamar Adm. e Com. S. A.
S. Havana P. Carnation — B13689	PO	3-10	14043	365	4.235	151,1	3,56	S. A. Faz. Paraíso Agro. Pec.
Cast. L. Nijlander 200 — B13081	PO	3-7	12102	365	4.197	151,1	3,60	Brasil Agro-Pec. S. A. Agrobras
Cast. B. Janke 4-1 P-B13/5050 LM	PO	3-10	11474	310	4.029	158,8	3,93	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Garota de Paraiba — 36250 — LM	PC	3-11	12167	323	3.845	158,3	4,11	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Hia. A. Hendrikje 6-1882	15/16	3-11	11459	322	3.428	126,8	3,69	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Q. Habanera — 39464	PC	3-11	13647	288	3.345	117,9	3,52	Cia. Agrícola São Quirino
Cast. Vos Louise 5 — B12658	PO	3-9	12134	279	3.128	119,9	3,83	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Amaz. M. Alegre — 34184	PC	3-7	12487	234	2.925	111,0	3,79	Roberto Foz
Orion's 2847 S. Fatura — 40212	PC	3-6	12129	262	2.419	79,5	3,28	Luiz H. de Mello e T. Jórdan
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
Amaz. M. Aldina — 39935 — LM	PC	4-0	12384	306	5.366	202,6	3,77	Ruy Vieira Barreto
Hia. Erica Vera	NR	4-5	11469	365	5.307	162,8	3,06	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. Kool Romkje 9 — B12558 — LM	PO	4-5	12907	365	4.779	194,7	4,07	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Hia. L. Miengrietje	NR	4-2	10809	222	4.720	155,7	3,30	Coop. Agro-Pec. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Aaltje 96 — 2832 — LM	PC	4-5	12701	354	4.611	168,8	3,66	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. R. Sipkje 5 (1) — B12597	PO	4-0	10817	298	3.916	146,3	3,73	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CAB. Spuleta Medalist — B12402	PO	4-2	13944	365	3.738	142,1	3,80	Colégio Adv. Brasileiro
Bebê de Guarapiranga — 35857	PC	4-5	11003	273	3.665	122,2	3,33	Jotamar Adm. e Com. S. A.
Cast. R. Jeltje 5 — B12554	PO	4-2	10760	209	3.162	111,3	3,51	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. Voorsluys Emma 2	NR	4-2	11546	296	3.134	122,0	3,89	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
S. Q. Heroica Flood — B12169	PO	4-0	12057	219	3.114	100,9	3,24	Cia. Agrícola São Quirino
Cast. Exc. Janke 2 — B12686	PO	4-0	12934	321	2.853	100,7	3,53	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
S. Q. Holanda — 35323 — LM	7/8	4-10	10935	365	6.280	224,4	3,57	Cia. Agrícola São Quirino
S. Guara P. Glenafton — B12082 LM	PO	4-9	11203	299	6.009	206,2	3,43	S. A. Faz. Paraíso Agro. Pec.
Cast. H. A. Wiersma 473-B19/8008 LM	PO	4-10	11475	363	5.772	221,3	3,83	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
R. Paragon Wayne — B14547 — LM	PO	4-6	11342	348	5.587	198,7	3,55	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Hia. Erica Evelien — 2009 — LM	15/16	4-11	11394	365	5.130	182,7	3,56	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. Bur Uilkje 69 — B12511 — LM	PO	4-9	10302	365	4.731	204,8	4,32	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hia. Erica Clara — 2010	—	4-6	11395	287	4.517	144,3	3,19	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. Barca Corrie 30 — B12542	PO	4-9	11193	312	4.405	154,4	3,50	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. Jonge M. Paula — 2921	31/32	4-10	11795	179	4.321	149,2	3,45	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Cast. Pot Sjollemma 65 — B12526	PO	4-9	11661	315	4.265	180,5	4,23	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. K. Mina 42 — B12537	PO	4-9	14330	308	3.756	150,1	3,99	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. S. Pietje 25 — B19/8013	PO	4-8	13585	258	3.125	118,3	3,78	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. K. Verwachting — 3002	31/32	4-9	12900	317	2.790	120,9	4,33	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Nhandú Bella — B14193	PO	4-7	11018	279	2.693	113,9	4,22	Ruy Vieira Barreto
Finesa J. B. — 1325	PC	4-7	12350	241	2.054	70,9	3,45	Urbano Junqueira
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Hia. Jager Paulina — LM	NR	—	13910	365	6.866	247,3	3,60	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hia. Greida Vea 2 — 1657 — LM	15/16	5-1	10816	292	6.637	216,3	3,25	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hia. Tinus Jantje — 1028 — LM	31/32	10-11	14092	359	6.415	211,6	3,29	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Q. Eloá Confusa — B15/6141 LM	PO	7-0	10595	362	6.398	217,4	3,39	Cia. Agrícola São Quirino
CAB. Flnanca Medalist — B16/6438 LM	PO	6-9	9104	365	6.244	223,2	3,57	Colégio Adv. Brasileiro
CAB. Calada Medalist — B18/7489 LM	PO	6-1	9761	365	5.408	188,9	3,49	Colégio Adv. Brasileiro
Hol. Griet X-B14/5710 — LM	PO	8-7	6996	310	5.321	186,0	3,49	Ruy Vieira Barreto
Cast. D. Maartje 13/5153 LM	PO	8-5	9390	297	5.180	191,0	3,68	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.

Nome do Animal	Gráu do sangue	Idade anos meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg	%	Proprietário	
Hia. Barca Inge 1-2146 — LM	PC	15/16	—	14267	322	5.049	184,9	3,66	
Lembrança de Paraíba - 27354 — LM	PC	8-6	7297	365	4.965	195,7	3,94	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo	
Cast. J. Marie 33-B 16/6248 — LM	PO	6-10	9239	365	4.824	176,7	3,66	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
K. Moskop Carambel — 4182 — LM	PO	15/16	6-5	14152	312	4.785	175,8	3,67	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
Cast. K. Mina 37 — B 13/5055	PO	9-5	6309	345	4.756	167,0	3,51	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Hia. D. Clara 3	NR	—	12215	263	4.699	149,0	3,17	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Camponeza — 3262 — LM	PC	8-1	8614	365	4.659	188,9	4,05	Lélio de T. Piza e Almeida	
Hia. Juliana Annaliese 2	NR	5-0	10491	260	4.651	161,4	3,47	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Clarice Madcap CAB — 26245	PC	9-6	6246	314	4.554	160,2	3,51	Colégio Adv. Brasileiro	
S. Quirino Giella — 35378	PC	5-6	10672	365	4.493	155,1	3,45	Cia. Agricola São Quirino	
Cast. J. B. Gatske 6 — B 19/7936	PO	5-5	12529	353	4.487	163,9	3,65	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
S. Q. Gitana B. Africana — B 12009	PO	5-0	10936	365	4.403	158,2	3,59	Cia. Agricola São Quirino	
Camella — 32364 — LM	PC	8-0	8612	348	4.217	175,6	4,16	Lélio de T. Piza e Almeida	
S. Q. Gulana — 35340	PC	5-6	10538	363	4.186	143,5	3,42	Cia. Agricola São Quirino	
A. K. Violeta Cida — 3018	PC	7-2	12956	306	4.083	149,7	3,66	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.	
Cast. B. Beatrix — B 16/6636	PO	6-9	9181	319	3.975	130,5	3,28	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Hia. L. Annamarie 2	NR	8-5	8632	323	3.919	119,3	3,04	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Cast. S. Ankes R. Adema-B19/7863	PO	5-9	9555	309	3.897	147,3	3,77	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Hia. B. Jr. Cristina — 1839	15/16	5-10	13790	270	3.803	122,0	3,20	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
A. Verbena 2ª Violeta — B 13787	PO	6-5	12377	316	3.761	135,0	3,59	Luiz H. de Meilo e T. Jordan	
Schuierta Antje I-F 5/2330	PO	11-10	5367	250	3.733	142,9	3,82	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Hia. Cassis Terezinha 5	NR	—	14274	365	3.615	160,9	4,44	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Hia. Barca Franske 2-997	3/4	9-4	9271	141	3.604	113,3	3,14	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Hia. Kirs Gerry 6	NR	—	13953	274	3.580	128,0	3,57	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Cast. C. Douwiena — B 19/7836	PO	6-4	9557	289	3.552	134,7	3,79	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Cast. D. Tine XXI — B 12/4302	PO	10-0	9848	318	3.423	123,1	3,59	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Wilhelmina 16-F 6/2601	PO	11-11	6149	344	3.341	105,8	3,16	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Hol. Tietje XV — B 13280	PO	5-3	9905	287	3.209	100,6	3,13	João Arthur Ribas Vianna	
Riviera de Paraíba — 33748	PC	6-11	9365	308	3.135	109,8	3,50	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo	
Magnolia de Paraíba — B 16/6494	PO	7-11	9009	259	3.108	116,8	3,75	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo	
Cast. Exc. Lena 13 — B 15/5793	PO	8-3	7325	344	3.081	114,1	3,70	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Goattumer Foekje 52-F 4/1832	PO	12-9	9226	216	3.068	110,7	3,60	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
S. Quirino Groota — 32653	PC	5-6	10545	255	3.058	98,1	3,20	Cia. Agricola São Quirino	
S. Quirino Gallea — 32666	PC	5-4	10534	260	3.031	101,7	3,35	Cia. Agricola São Quirino	
Guarituba do Itaqui — 2801	15/16	10-5	14073	365	2.981	106,8	3,58	Brasil Agro-Pec. S. A. Agrobras	
Cast. S. Aafke 2-B 16/6732	PO	6-9	9556	324	2.967	106,6	3,59	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
S. Quirino Genia — 36568	PC	5-0	13650	258	2.953	94,8	3,21	Cia. Agricola São Quirino	
Hia. Cassis Hiltje 16-2101	15/16	5-11	13601	224	2.918	121,9	4,17	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Copacabana Imergida — 31306	PC	7-0	8697	215	2.916	88,1	3,02	D. Pires Agro-Pecuária S. A.	
S. Q. Germanica — 36569	PC	5-3	10540	259	2.821	96,7	3,42	Cia. Agricola São Quirino	
S. Quirino Greca — 32631	PC	5-6	10532	242	2.773	94,7	3,41	Cia. Agricola São Quirino	
Nazista S. Martinho — 36368	PC	5-11	13952	307	2.766	108,6	3,92	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo	
S. Quirino Gramina — 35388	PC	5-2	10539	252	2.747	94,4	3,43	Cia. Agricola São Quirino	
Itaqui Catarata — 2810	31/32	6-6	14071	340	2.694	84,7	3,14	Brasil Agro-Pec. S. A. Agrobras.	
Hia. Harm Rika 2-899	15/16	6-5	8886	140	2.694	100,8	3,74	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Atrevida Tereca — 38801	PC	10-7	11999	257	2.515	82,5	3,28	Carlos Eduardo Baptistella	
Hia. Lucas Pokje 3	NR	—	12710	306	2.493	94,8	3,80	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
Cast. S. Annetta 2-B 12/4300	PO	5-10	14449	307	2.286	82,2	3,90	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	
F. S. M. Falange — B 13/4755	PO	9-2	7313	228	1.593	55,7	3,49	Ministério da Agricultura	
Hia. Barca Truus 2-996	7/8	7-11	9273	100	1.592	51,1	3,30	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.	

RACA HOLANDESA — variedade vermelha e branca.

Lactações até 365 dias (II DIVISAO)

Duas ordenhas (2x)

CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.

Leme's Odalisca — BB 2/1333 PO 2-0 14376 342 3.205 118,4 3,69 Pedro Lunardelli

CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.

Contendas Formosa-BB2/1380 LM PO 2-6 13955 365 3.824 153,3 4,00 José Bastos Thompson

CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.

Sta. C. Deusa — 39864 PC 3-1 13947 365 3.756 143,4 3,81 Fernando José Santos.
Sta. C. Catalina — 39863 PC 3-6 14231 324 2.747 116,0 4,22 Fernando José Santos.
Miramar — 38006 PC 3-5 15156 139 2.426 81,4 3,35 Antônio Josino Meirelles

CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.

Lalca — BB 2/1326 PO 3-7 13463 278 2.976 124,6 4,18 Eduardo Simonsen

CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.

Rossana — 37437 — LM PC 4-4 11572 365 5.365 199,6 3,72 Antonio Josino Meirelles

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

Muquem Belonave II — 40685 — LM PC 7-8 13932 352 5.945 220,2 3,70 Donimar S. A. Adm. de Bens
Dora 80 — FF 1/334 — LM PO 8-8 8479 358 5.388 186,4 3,45 Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Muquem Unica — 38635 — LM PC 5-10 13157 316 5.118 181,0 3,53 Donimar S. A. Adm. de Bens
F. S. Formoseira — 34366 PC 6-2 11453 333 4.597 144,2 3,13 Fernando José Santos
Leme's Judia — 33452 PC 6-4 10138 335 4.579 155,4 3,39 Fernando José Santos
Mar. Indalá Diamantina — 31547 PC 6-10 9483 344 4.039 164,9 4,08 Luciano V. de Carvalho
Soberba — 29203 PC 8-7 12851 325 3.806 147,8 3,88 Antônio Josino Meirelles
Muquem Jupira — 38639 PC 5-2 11428 295 3.794 124,5 3,28 Cia. Adm. Com. Agr. Sta. Flomenga
Mar. Itapeva A. Diaman. 31548 PC 6-11 9566 311 3.577 129,7 3,62 Luciano V. de Carvalho
Mar. Julia Diamantina — 33679 PC 5-7 10651 365 3.344 139,0 4,15 Joaquim P. de Araújo
F. S. Fazendinha — 34364 3/4 6-0 10849 261 3.088 98,8 3,20 Fernando José Santos
Golabada — 29514 PC 7-7 9342 300 2.854 98,0 3,43 Carlos Whately
Sinceridade — 37988 (1) PC 6-2 15155 142 2.790 97,7 3,49 Antonio Josino Meirelles
Cast. Aaafje 11 — BB 2/2600 PO 5-9 13533 299 2.560 86,8 3,39 Eduardo Simonsen
Mar. Bastilha — 18446 PC 12-5 4947 306 2.454 93,4 3,80 Joaquim P. de Araújo
Sta. F. Batulra — 16072 PC 13-4 5841 280 2.070 67,6 3,26 Carlos Whately
Grega — 31371 (1) PC 7-7 15154 128 1.897 68,7 3,62 Antônio Josino Meirelles
Leme's Flexa — 24389 PC 10-1 5411 183 1.457 50,4 3,45 Fernando José Santos

Nome do Animal	Gráu do sangue	Idade anos e meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg	%	Proprietário
RACA JERSEY								
Lactações até 365 dias (II DIVISÃO):								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AJ — De 2 a 2 1/2 anos.								
Jaca Catita Galã — A/5854	PO	2-2	13576	273	1.605	91,7	5,71	Jose de M. Altenfelder Silva
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
S. A. Legenda Zanalua — 4142 — C	PO	4-0	11888	285	2.097	97,0	4,62	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
Jaboticaba B. Sta. Hilda — 4057 — C	PO	4-9	11341	349	2.724	144,4	5,30	João Laraya
S. A. Continencia Zanalua - 4040 - C	PO	4-8	12241	365	2.628	136,5	5,19	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
S. A. N. Midshipman - 3404 - CLM	PO	7-2	8406	365	4.239	190,0	4,48	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
S. A. Nina Patrician - 1655 — CLM	PO	11-0	4804	365	3.290	158,1	4,89	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Iara B. Sta. Hilda — 4047 — C LM	PO	5-7	10921	365	3.237	161,0	4,97	João Laraya
Imaculada B. de Canela — 4046 — C	PO	5-6	9798	331	3.124	146,1	4,67	João Laraya
Dora 19 — 3344 — C — LM	PO	9-1	6596	365	2.696	151,1	5,60	João Laraya
Dora 587 — 3343 — C	PO	9-2	6597	365	2.532	138,2	5,45	João Laraya
Imissão B. Sta. Hilda — RP/2888	PC	5-6	10146	320	2.415	119,6	4,95	João Laraya
S. A. Nautica Sybil (2)	—	—	14865	176	1.183	54,7	4,61	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
RACA SCHWYZ								
Lactações até 365 dias (II DIVISÃO):								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.								
Copacabana Delicia — 38859	PC	3-1	13558	157	1.638	61,6	3,76	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.								
Diva de Sta. Marina — 37066	PC	3-8	12805	365	2.992	114,7	3,83	Sylvio Lara Campos
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
Lindoa D. Rio Claro — 3040 — LM	PO	4-0	15239	365	4.949	189,7	3,83	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
Jussara de Pinheiro — 2942	PO	4-6	12974	365	2.604	96,9	3,72	Ministério da Agricultura
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Roselina — 2432 — LM	PO	7-8	11691	365	6.597	246,6	3,73	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Carminha — 21152	PC	10-6	6648	284	3.022	130,3	4,31	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Jaciara — 2313	PO	7-11	13561	293	2.901	104,1	3,58	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Agua Branca — 23906	PC	10-3	11704	339	2.838	129,3	4,55	Sylvio Lara Campos
Delicia de Pinheiro — 2005	PO	10-9	6373	365	2.719	102,2	3,75	Ministério da Agricultura
Elite de Pinheiro — 2153	PO	9-9	7311	358	2.470	102,4	4,14	Ministério da Agricultura
Inclusão de Pinheiro — 2772	PO	5-2	12114	293	1.732	62,8	3,62	Ministério da Agricultura
RACA GIR LEITEIRO								
Lactações até 365 dias (II DIVISÃO):								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.								
Minerva — LM	NR	3-3	14050	365	3.290	150,1	4,56	João Batista F. Costa
Alpaca — 143 — LM	RE	3-1	14291	365	3.146	161,7	5,14	Santana Agro Pastoral S. A.
Odalisca II	NR	3-3	14049	365	2.717	142,3	5,23	João Batista F. Costa
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.								
Abrigada — 49	RE	3-7	14286	355	3.177	154,9	4,87	Santana Agro Pastoral S. A.
Formigona	NR	3-7	13979	363	2.391	132,5	5,54	João Batista F. Costa
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Boa Sorte — 125 — LM	NR	7-0	13970	365	3.414	191,9	5,62	São Francisco Soc. Ltda.
Gaucha — 44251	PC	7-4	14099	342	3.330	144,0	4,32	São Francisco Soc. Ltda.
Saudade — 14	RE	6-4	14288	365	3.274	153,8	4,69	Santana Agro Pastoral S. A.
Ingrata — 44362	3/	9-0	11030	356	3.094	156,4	5,05	São Francisco Soc. Ltda.
Penteada — 64	NR	9-0	11025	280	2.950	119,1	4,03	São Francisco Soc. Ltda.
Sauva —	NR	8-3	13981	353	2.840	118,3	4,16	João Batista F. Costa
Pombinha	NR	6-7	12850	339	2.618	145,2	5,54	São Francisco Soc. Ltda.
Guaira — 36	RE	6-4	14195	302	2.584	105,9	4,09	Santana Agro Pastoral S. A.
Estrelinha	NR	8-0	14184	299	2.366	109,4	4,62	Santana Agro Pastoral S. A.
Lira — 44357	NR	13-4	13980	361	2.359	93,8	3,97	João Batista F. Costa
Rosinha — 0338	RE	—	14171	295	2.056	96,4	4,68	Santana Agro Pastoral S. A.
Carteira II — 42	RE	6-3	14176	264	1.971	105,3	5,34	Santana Agro Pastoral S. A.
Lacada — 19	NR	7-0	11059	261	1.881	73,1	3,88	São Francisco Soc. Ltda.
Desenhista — 294	RE	12-8	14172	272	1.794	88,6	4,93	Santana Agro Pastoral S. A.
Malta — B — 8196 (1)	RE	7-2	14149	206	1.491	71,6	4,79	Santana Agro Pastoral S. A.
Roma de Brasília — B — 2337	RE	—	13557	151	1.179	77,2	6,54	Rubens Resende Peres
Gemada — 44272 (1)	PC	9-8	14151	175	1.129	61,4	5,44	Santana Agro Pastoral S. A.

Nome do Animal	Gráu do sangue	Idade anos meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg %	Proprietário
RACA GUZERA							
Lactações até 365 dias (II DIVISAO)							
Duas ordenhas (2x)							
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.							
Rumbelra — LM	—	—	14018	365	3.236	184,3 5,69	João Carlos B. de Abreu
Reserva — SRTM/8414	RE	6-10	10123	215	1.981	113,8 5,74	João Carlos B. de Abreu
Acacia J.A. — SRTM/7047	RE	10-5	9268	245	1.566	106,1 6,77	João Carlos B. de Abreu
RED-POLLED 5/8 X GUZERÁ 3/8							
Lactações até 365 dias (II DIVISAO)							
Duas ordenhas (2x)							
CASSE A1 — Até 2 1/2 anos.							
Ipanema (8136)		2-3	14110	358	2.880	112,1 3,89	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.							
Primavera (A-432) — LM		5-0	12600	365	4.577	181,7 3,96	S. A. Frigorífico Anglo

PECUARISTAS DE TEÓFILO OTONI PRECISAM DE LIDER

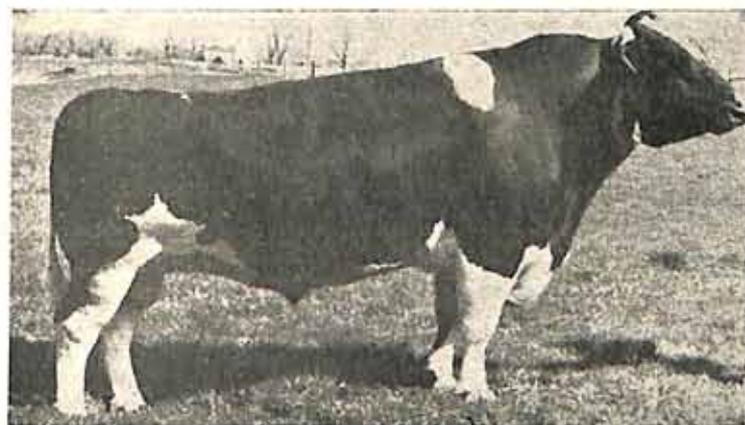
Teófilo Ottoni, Janeiro. (Do correspondente da "Revista dos Criadores") — Novidade interessante, é a construção de um matadouro de eqüídeos e bovinos em Itaobim, cidade a 160 km além de Teófilo Ottoni, à beira do rio Bahia. O matadouro chamar-se-á MAISA, (Matadouro Itaobim Sociedade

Anônima). O terreno, que fica entre os marcos 844 e 845 da rodovia, já foi aprovado pelo SIPAMA, estando as obras prestes a começar, obras essas que obedecerão a todos os requisitos da técnica moderna preconizada pelo Sipama. Começará com um abate de 30, depois 50 e no fim 100. Pena é que

ainda em Itaobim, não tenha surgido a idéia de uma fábrica de leite em pó. É a cidade estratégica para essa indústria, como também o é para o matadouro. O que falta aqui é um líder para os fazendeiros, pois dinheiro não falta, é guardado até em baús e enterrado em volta das sedes das fazendas.

Oportunamente enviaremos uma reportagem sobre o novo matadouro.

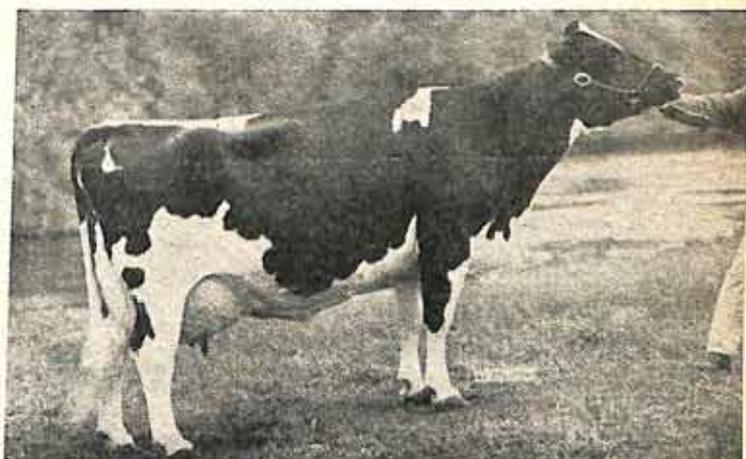
"SUNSHINE" AGORA NO BRASIL



HARBORCREST SUNSHINE — Class. EXCELENTE. (Aceita-se encomenda de filhos deste touro com vacas inscritas em Livro de Mérito).

HARBORCREST ROSE MILLY — EXCELENTE — 96 PONTOS. All-American Vaca Adulta em 1962 e 1964. Produção: 6-4 365 d 2 x 11.613 kg 484 kg mg 42%. 8-0 365 d 2 x 11.322 kg 563 kg mg 5,0%. Produção em vida: 47.938 kg 2.092 kg mg 4,4%.

SUA MÃE É HOJE CLASSIFICADA UMA DAS GRANDES MATRIZES DOS E. U. A.



GRANJA VIANNA

João Arthur R. Vianna

GADO HOLANDÊS BRANCO E PRÊTO FRÍCIO

PURO E AMERICANO

ESTRADA DE COTIA
Km 24

Caixa Postal 3.520 - SP

I DIVISÃO - Até 305 dias (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DOS 14 MESES)

Nome do Animal	Gráu do Sangue	Idade anos meses	Nº SCL	Produção Leite kg	Nova Gordura	Dias Parição lact. (dias)	Proprietário
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.							
Três ordenhas (3x)							
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.							
M's. Fond H. S. Reflection 12-B14754	PO	2-7	14107	262 3.885	139,0	3,57 327 210	Fernando de A. Pinto S. A.
Duas ordenhas (2x)							
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.							
Cast. Borg Trina 20 — B 15140	PO	2-3	14078	289 3.580	128,3	3,58 344 220	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. T. Roely 2 — B 15192	PO	2-0	14262	248 2.746	107,9	3,92 322 201	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. S. Lolkje 192 — B 15138	PO	2-2	13926	305 2.428	88,8	3,65 407 173	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. Bentum Dora 27 — B 15172	PO	2-2	14271	268 2.277	89,0	3,90 334 209	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.							
CAB. Floristica II Med. B 13181	LM	2-10	6196	305 5.074	191,6	3,77 426 154	Colégio Adv. Brasileiro
Cast. M. Tina 30 — B 14023	PO	2-10	13911	279 2.941	104,7	3,56 359 195	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Heroína — RP/22844	PC	2-11	13808	305 2.797	100,4	3,58 411 169	Lello de T. Piza e Almeida
Ch. P. Violeta F. Pabst — 37598	PC	2-9	13897	272 2.744	93,4	3,40 392 155	Carlos Eduardo Baptista
Cast. K. Henny 5 — B 14050	PO	2-11	14081	194 1.397	52,3	3,74 347 122	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.							
Cast. B. Trina 16 — B 13965	PO	3-4	12790	251 3.769	137,6	3,65 313 213	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hia. Barca Maalke 4 — 2164	31/32	3-1	13791	242 3.557	117,3	3,29 383 134	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Havre M. Carnation — B 13704	PO	3-5	13836	276 3.363	111,6	3,31 283 168	S. A. Faz. Paraíso Agro. Pec.
Cast. S. Pasma 17 — B 13976	PO	3-1	13925	305 2.921	105,6	3,61 390 190	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. Bronkhorst Bleske	NR	3-4	13782	241 2.809	107,7	3,83 386 130	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Cast. M. Heringa 40 — B 14029	PO	3-0	12704	221 2.738	104,7	3,82 318 178	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. S. Martie 5 — B 13977	PO	3-2	14090	289 2.504	94,3	3,76 340 224	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. Rincão Corrie — 3140	PC	3-0	13785	268 2.242	88,8	3,96 393 150	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.							
Cast. Vos Antje 34 — B 12679 — LM	PO	3-10	13801	305 5.685	206,4	3,62 393 187	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Clarus M. Glenafton - B 13685-LM	PO	3-8	12153	305 4.615	166,6	3,60 423 157	S. A. Faz. Paraíso Agro. Pec.
Amaz. Mr. Amorosa — 39239 — LM	PC	3-11	12847	301 4.505	160,1	3,55 338 238	Ruy Vieira Barreto
Cast. Beld Fetske 16 - B 13061	PO	3-6	12312	246 3.173	114,3	3,60 339 182	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.							
Hia. Cassis Herta 10	NR	4-3	12229	305 4.366	159,0	3,64 424 156	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. Rincão Annie — 1740 — LM	PC	4-5	14058	302 3.768	165,3	4,38 365 212	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Cast. L. Boukje 30 - B 12567	PO	4-5	11257	305 3.561	131,7	3,69 425 155	Brasil Agro-Pec. S. A. Agrobrás
Cast. S. Evellen 12 — RP/B16/6671	PO	4-3	12311	281 3.447	126,6	3,67 373 183	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. Exc. Anna 30 — B 125534	PO	4-5	13798	305 3.187	110,4	3,46 354 226	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Balalaika — 38485	PC	4-3	12655	209 2.091	61,8	2,95 408 76	Karl Walter Pfestorf
Medalha — 38483	PC	4-2	12658	194 1.968	63,9	3,24 357 112	Karl Walter Pfestorf
Jandaia — 38434	PC	4-2	12520	220 1.749	56,9	3,25 418 77	Carlos Eduardo Baptista
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.							
Hia. Barca Annie 6	NR	4-7	11144	304 4.256	135,9	3,19 386 193	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Copacabana Melodiosa — 21394	PC	4-8	12570	305 3.730	155,2	4,15 365 215	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Luzitana — 38474	PC	4-6	12966	192 1.674	54,4	3,24 354 113	Karl Walter Pfestorf
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.							
Alfena Castrense — 2236 — LM	15/16	5-1	13928	305 6.025	207,2	3,43 389 191	Gulherme Sleutjes
Cast. Beld Rieta — B 19/7949 — LM	PO	5-3	11286	305 5.047	189,3	3,75 393 187	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Sta. C. Maloca Pabst — B 15/5931	PO	8-7	9214	305 4.830	165,2	3,42 412 168	S. A. Faz. Paraíso Agro. Pec.
S. Quirino Eureka — 29466	PC	7-6	8212	305 4.431	166,3	3,75 425 155	Cia. Agrícola São Quirino
Cast. K. Lize 38 — B 19/7915	PO	5-6	11179	295 4.342	159,9	3,68 342 228	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Copacabana Inquisição — 31318	7/8	7-0	14060	278 4.330	164,1	3,78 366 187	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Carícia de Paraíba — 28679	PC	7-8	8812	305 4.280	154,5	3,61 399 181	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Hia. Loman Zwarte 2 — 1791	1/2	8-0	11174	305 3.983	130,4	3,27 412 168	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. D. Klazina 3 — B 12/4306	PO	9-8	8951	305 3.901	145,0	3,71 359 221	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CAB. Jana Medalist — B 18/7487	PO	5-11	9762	305 3.831	135,3	3,53 418 162	Colégio Adv. Brasileiro
A. Koopman Tor — 2989	31/32	9-4	12872	305 3.525	135,2	3,83 397 183	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Cast. J. Boukje 62 — B 16/6246	PO	6-8	9234	226 3.452	132,7	3,84 392 109	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. J. Froukje 3	NR	—	10245	282 3.294	111,1	3,37 390 167	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hia. K. Froukje 3	PO	5-1	11973	305 3.099	102,2	3,29 421 159	Ministério da Agricultura
F. S. M. Jangada — B 12216	PO	6-5	9308	241 3.052	117,1	3,83 355 161	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. C. Setske 3 — B 16/6682	NR	—	13820	305 3.027	120,4	3,97 385 195	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
A. Rincão Reina	NR	5-0	13781	300 2.838	104,8	3,69 370 205	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Arapoti Koopman Coba	PO	5-11	10570	230 2.593	92,5	3,56 361 144	Ministério da Agricultura
F. S. M. Italia — B 18/7357	31/32	6-10	14298	304 2.297	79,8	3,47 313 266	Brasil Agropecuária S. A. Agrobrás
Itaquil Loreta — 2795	PO	5-9	11520	247 2.205	77,8	3,52 323 199	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. F. N. Zuske 197 - B 19/7885							
RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca.							
Duas ordenhas (2x)							
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.							
E. S. Vermelha — 40601	PC	3-3	12820	270 3.117	142,6	4,57 346 199	Pedro Lunardelli
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.							
S. A. Alvorada — BB2/1228 — LM	PO	3-7	12171	305 4.110	167,6	4,07 383 197	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Muquem Alfenas — 39132	PO	3-9	13158	269 3.415	120,0	3,51 325 219	Donimar S. A. Adm. de Bens

Nome do Animal	Grau do sang.	Idade anos meses	Nº SCL	Dias Produção de Leite				Nova Gordura Pa-lact.		Proprietário
				lact. kg	kg	%	rição pre-			
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
Yette — 38012	PC	4-9	12603	305	4.276	167,1	3,90	410	170	Pedro Conde
Muquem Cascata II — 36229	PC	4-11	13445	258	3.320	115,0	3,46	331	202	Donimar S. A. Adm. de Bens
R. V. Deca Aukeana — BB2/719	PO	4-10	10953	296	2.831	114,2	4,03	391	180	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Muquem Gazela — 35154 — LM	PC	7-1	12493	305	5.794	206,3	3,56	425	155	José Pires Castanho Filho
Muquem Unica — 38635	PC	5-10	13157	305	4.939	174,7	3,53	321	259	Donimar S. A. Adm. de Bens
Mar. Fantasia A. Telana — 27783	PC	8-6	7414	305	3.769	144,1	3,82	407	173	Luciano V. de Carvalho
Sta. C. Prefeitura — 39869	PC	6-8	12477	271	3.499	101,8	2,91	391	155	Fernando José Santos
Diva — 28533	PC	9-1	10797	214	3.097	107,6	3,47	365	124	Antônio Josino Meirelles
Sta. C. Ivete — BB2/1212	PO	5-3	11093	256	2.933	109,4	3,72	323	208	Carlos Whately
Hortelã de Pinheiro — BB2/659	PO	6-1	9982	243	1.708	63,3	3,70	319	199	Ministério da Agricultura
RAÇA JERSEY										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AJ — De 2 a 2 1/2 anos.										
S. A. Nova Hipias — A/5947	PO	2-5	14004	305	2.448	116,2	4,74	372	208	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.										
S. A. Martinica Zanalua — 4145 - C	PO	4-2	12343	305	2.371	121,1	5,10	350	200	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
São José Altiva — 4215 — C	PO	4-0	12580	127	828	41,0	4,95	415	—	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
S. A. Nora 2.ª Zanalua — 3196 - C	PO	7-5	7704	305	3.045	149,6	4,91	420	160	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
S. A. Caneta Records — 1881 — C	PO	9-3	6189	305	2.807	141,1	5,02	391	189	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
S. A. Esperança 4.ª Records-3315-C	PO	5-8	9618	272	2.677	128,9	4,81	381	166	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
S. A. Xmas 2.ª Zanalua — 3280 — C	PO	6-7	9014	270	2.661	146,5	5,50	305	240	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
RAÇA SCHWYZ										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
Camara da Cachoeira — 34915	PC	4-10	12495	273	4.041	161,5	3,99	347	201	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Canção do Oriente — 2486	PO	7-3	12544	254	3.158	108,5	3,43	359	170	Adalpra S. A. Agr. Comercial
Revista — 31782	1/2	6-6	14251	259	3.113	130,8	4,20	303	231	Sylvio Lima Marinho
Fala de Pinheiro — 2251	PO	8-6	8842	305	2.678	97,0	3,62	418	162	Ministério da Agricultura
Esplendida de S. Joaquim — 2652	PO	6-6	10900	242	2.657	102,8	3,86	341	176	Faz. Sta. Francisca Camandocaia
Berisa do Camandocaia — 2674	PO	5-10	9908	143	2.383	83,6	3,50	370	48	Faz. Sta. Francisca Camandocaia
Diacul da Mantiqueira — 2384	PO	8-6	12371	145	1.423	51,4	3,61	328	92	Faz. Sta. Francisca Camandocaia
Rosalv do Camandocaia — 2593	PO	6-5	10554	120	1.272	49,6	3,89	374	21	Faz. Sta. Francisca Camandocaia
RAÇA GIR LEITEIRO										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.										
Pintura de Brasília — D — 955	RE	2-11	14016	234	2.535	125,2	4,93	377	132	Rubens Resende Peres
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
C. A. Iara — 43653 — LM	PC	11-9	13696	305	3.722	160,4	4,30	424	156	João Batista F. Costa
Vinagreira de Brasília — 43622	PO	11-5	11862	293	2.856	131,0	4,58	361	207	Rubens Resende Peres
Agula — 43678	7/8	5-1	11334	278	2.751	89,6	3,25	423	130	São Francisco Soc. Ltda.
Noronha de Brasília — B - 6397	RE	—	12251	287	2.404	137,7	5,72	419	143	Rubens Resende Peres
Sapucaia de Brasília — D - 2921	RE	11-0	14014	245	2.249	119,4	5,30	378	142	Rubens Resende Peres
Maravilha — 3	NR	12-0	11064	226	1.805	78,8	4,42	372	129	São Francisco Soc. Ltda.
Novidade de Brasília — 14361	RE	—	14064	216	1.760	95,8	5,43	357	134	Rubens Resende Peres
RAÇA RED-SINDI										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.										
Guanabara — 303	RE	4-2	12582	174	1.227	70,7	5,76	396	53	João Carlos P. de Freitas
RED-POLLED 5/8 X GUZERA 3/8										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AJ Até 2 1/2 anos.										
Mantilha (6087)		2-2	14404	244	1.684	67,0	3,97	304	215	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
Opera 2.ª (A - 436)		4-10	12768	282	3.088	119,4	3,86	365	192	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Carneira (4691)		6-2	10320	289	3.821	162,2	4,24	383	181	S. A. Frigorífico Anglo
Chinita (4391)		9-4	9866	280	3.604	149,1	4,13	421	134	S. A. Frigorífico Anglo
Serra Negra (4714)		6-0	10200	239	2.817	116,4	4,13	355	159	S. A. Frigorífico Anglo
Cibalena (2491)		10-4	10321	281	2.628	103,8	3,94	332	224	S. A. Frigorífico Anglo
Favorita (0993)		8-6	10268	231	2.456	100,2	4,08	325	281	S. A. Frigorífico Anglo
Suzana (6758)		5-2	11637	195	2.051	85,9	4,18	344	126	S. A. Frigorífico Anglo
Solidão (2497)		—	11502	142	1.924	79,5	4,13	338	79	S. A. Frigorífico Anglo

LM — LIVRO DE MÉRITO
(1) — VENDIDA
(2) — MORREU

O que vai pelo Contrôlo Leiteiro

Vinte e quatro lactações oriundas de quatorze diferentes rebanhos são aqui analisadas

F. A. N.

Como sempre eis as considerações que em nossa opinião podem ser feitas quanto ao relatório de n.º 252, referente às lactações terminadas em Novembro de 1965. Naturalmente estas observações se referem ao pontos altos desse relatório.

Em primeiro lugar diríamos que Novembro parece não ser o mês mais favorável para boas lactações. Estudos em marcha, considerando as lactações conforme o mês em que se iniciam, logo poderão indi-

car em média, quais os meses mais favoráveis. Por essa razão, ou pelo fato de serem observadas poucas lactações com boas produções é que avançamos tal hipótese.

Separamos, para comentar 24 lactações obtidas por vacas pertencentes a 14 diferentes rebanhos das raças Holandesa preta e branca (12 vacas), vermelha e branca (4), Jersey (1) Schwyz (2), Gir (3), Guzerá (1) e Tropical Leiteiro (1).

S. Q. Holanda, 7/8, por sua lactação iniciada aos 4-10, em 365 dias, 2x, quando alcançou 6.280 kg de leite e 224,4 kg de gordura ou 3,57%. Esta foi a terceira lactação desta vaca, que já tem a seu favor, uma, aos 2-5, 322 dias, 2x, 4.368 com 3,49% e outra aos 3-6, 531 dias, 2x, com 5.486 kg e 3,62%, estando agora com tres LM.

PINTADA CASTRENSE, DO SR. GUILHERME SLEUTJES, ABRE O PELOTÃO DAS HOLANDESAS PRETAS COM 7.950 KG DE LEITE

Na raça Holandesa, variedade preta e branca, destacam-se três lactações com registro na Divisão de 305 dias e nove outras na Divisão de 365 dias. Talvez os melhores destaques sejam desta vez para o sr. Guilherme Sleutjes, Castro, Paraná, com seu rebanho PC, (15/16), aparecendo com uma lactação de 7.950 kg de leite e 245 kg de gordura, em vaca de 3 anos e 10 meses com registro de duas ordenhas, em 365 dias.

Trata-se de Pintada Castrense, controlada pela primeira vez. Dêsse mesmo criador, aparece com destaque também outra 15/16, Alfena Castrense, também 1.ª lactação controlada, com resultado obtido aos 305 dias, e nova parição ao 389 dias. Essa vaca, aos 5-1, registrou em 311 dias, 6.143 kg e 6.025 aos 305 com 211,2 e 207,2 kg de gordura, respectivamente, ou seja 3,43%.

S. HARDEN R.M. PABST (6.287 KG DE LEITE) E S. GUARÁ PABST GLENAFTON (6.009 KG) MARCAM A PRESENÇA DA FAZENDA PARAISO

A Fazenda Paraíso comparece também com duas lactações dignas de menção, uma obtida por S. Harden R. M. Pabst, uma PC, filha de Pabst Reburke Senor e Astoria, em 2.ª lactação controlada, quando obteve, aos 3-6, em 365, 2x, 6.287 kg de leite e 221,2 kg de gordura ou

3,51%. A outra vaca do mesmo rebanho é S. Guará Pabst Glenafton PO, filha de Glenafton Adonis e Pabst Cyclone Movie, que obteve aos 4-9, em 299 dias, 2x, 6.009 kg de leite e 206,2 kg de gordura ou 3,42%. Esta vaca já está com tres lactações controladas, mediante as quais conseguiu dois LE e um LM.

GRANJA SÃO QUIRINO: DUAS BOAS PRODUÇÕES DE S. Q. ELOÁ CONFUSA (6.398 KG) e S. Q. HOLANDA (6.280 KG)

Da Granja São Quirino, Campinas, temos também duas lactações a destacar, sendo uma alcançada por S. Q. Eloá Confusa, PO, filha de SM Sir Hello O. Roakerco e S. Q. Confusa Juliana, que, aos 7-0,

em 362 dias em 2x, registrou 6.398 kg de leite e 217,4 kg de gordura ou 3,39%. Esta mesma vaca, aos 4-5, produziu, em 359 dias, 6.212 kg de leite de 3,57%. A outra vaca do mesmo rebanho a destacar é

PERTO DE 25 MIL QUILOS DE LEITE, PRODUZIDOS POR QUATRO VACAS DA COOPERATIVA CASTROLANDA, DÃO-LHE O MAIOR DESTAQUE NESTE RELATÓRIO

O maior número de destaques em um só rebanho coube à S. Cooperativa Castrolanda, por tres vacas PC e mestiças e uma quarta PO. Das Holândias, que é o prefixo das vacas que não são puras de origem, temos a Hia. Jager Paulina, não registrada e que alcançou, em 365 dias, 6.866 kg de leite e 247,3 kg de gordura ou 3,60, em 2x, em 1.ª lactação controlada; Hia. Greida Veação controlada; Hia. Greida Veação 2, 15/16, aos 5-1 em 292 dias, 2x, com 6.637 kg de gordura ou 3,25% (aos 3-0 fez, em 320 dias, 5.255 kg com 3,29% e aos 4-0, em 316 dias, 2x, 4.993 kg de leite com 3,40%); e Hia. Tunis Jantje, 31/32, 10-11, em 359 dias, 2x, que registrou 6.415 kg de leite e 211,6 kg de gordura ou 3,29%, em primeira lactação controlada.

Castrolanda Vos Antje 34, PO, filha de Adema 7 V. D. Ruitorhoeve e Antje 18, em sua primeira lactação controlada, iniciada aos 3-10, obteve um LE, por sua nova parição aos 393 dias, e uma produção de 5.685 kg de leite e 206,4 kg de gordura ou 3,62%, em 305 dias e 2x; nessa mesma lactação, aos 365 dias registrou 5.928 kg, com 215,2 de gordura e 3,62%.

Cast. Vos Antje 34 começa bem, confirmando o valor de sua mãe, uma Reprodutora Emérita, com 7 lactações, inscrita na Categoria de Longevidade com 33092 kg de leite e 1.168,2 kg de gordura, ou 3,53% em 2.092 dias de lactação controlada.

DUAS PRODUÇÕES DE CRIOULAS DO COLÉGIO ADVENTISTA ENCERRAM O DESFILE DAS HOLANDESAS PRETA E BRANCA

Dois outros destaques cabem a vacas do Colégio Adventista Brasileiro, CAB Finança Medalist, uma PO, filha de Carnation Flashy Medalist e Florinha Sentinel (4 lact. 20.127 kg com 3,49 %) que acaba de registrar, aos 6-9, sua quarta lactação controlada, na qual obteve em 2x, 362 dias, 6.244 kg de leite e 223,2 kg de gordura ou 3,57 %, totalizando em controle 19.159 kg de leite com 3,40 %. Outra vaca do Colégio a destacar é CAB Florística II

MUQUEM GAZELA, COM 6.009 KG DE LEITE, A GRANDE FIGURA DENTRE AS HOLANDESAS VERMELHAS

Da raça Holandesa variedade vermelha e branca, quatro destaques sendo uma de PO e tres de PC. Talvez o maior destaque caiba a Muquem Gazela, PC, filha de Muquem Quinau e M. Tirana, propriedade do sr. J. Pires Castanho Filho, por sua lactação, aos 7-1, em 2x, e por sua nova parição, aos 425 dias, com 5.794 kg de leite e 206,3 kg de gordura ou 3,56 % em 305 dias. Nessa mesma lactação, aos 316 dias M. Gazela alcançou 6.009 kg de leite com 3,56 %. Em sua primeira lactação controlada chegou, em 299 dias, aos 6-2, a 4.857 kg de leite, com 188,8 kg de gordura ou 3,88 %, que lhe valeu um primeiro LE, estando agora com 2 LE seguidos.

Rossana, de propriedade do sr. A. Josino Meireles, uma PCOD de 4 anos e 4 meses, em 2x, em 365 dias, obteve 5.365 kg de leite e 199,6 kg de gordura, ou 3,72 %. Esta vaca vai bem, pois, em 1.^a lactação, já registrou, aos 2,5, em 357 dias, 2x, 4.610 kg. com 3,92%, tendo obtido também inscrição em LM, estando agora com dois dêsses títulos.

Muquem Belonave III, é outra PCOC que se destaca, filha de M. Minas Gerais e Belonave II, propriedade da organização Donimar S. A. Adm. de Bens. M. Belonave III, em lactação iniciada aos 7-8, em 352 dias, 2x, acaba de produzir 5.945 kg de leite com 220,2 kg de gordura ou 3,70 % em sua primeira lactação controlada.

Finalmente, nessa raça, temos a destacar Dora 80, PO, importada filha de Tony e Dora 59, propriedade da Fazenda Sant'Ana, Jacareí, a qual, aos 8-8, em sua 4.^a lactação, produziu em 2x, 358 dias, 5.388 kg de leite e 186 kg de gordura, ou 3,45 %. Dora 80 está já com 17.506 kg de leite somados em 4 lactações.

Medalist, também PO, filha de EEPA Faleiro e CAB Florista Medalist (4-10, 2x, 328, 5.830 ks. e 3,45%), que registrou, aos 2-10, 2x, em 305 dias, com nova parição aos 426 dias, um total de 5.074 kg de leite e 191,6 kg de gordura ou 3,77 %.

Como se verifica, lactações de valor muito alto não foram assinaladas, mas são bastante uteis as que, sem atingir recordes, indicam altas qualidades zootécnicas.

RAÇA JERSEY: S.A. NOEMIA MIDSHIPMAN (4.239 KG), DA FAZENDA SANTANA DO RIO ABAIXO, SÉRIA CANDIDATA AO TÍTULO DE REPRODUTORA EMÉRITA

Na raça Jersey, um destaque pode ser feito, e merecidamente, a S.A. Noemia Midshipman, PO filha de Histon Midshipman e Nini Basil de Canela, propriedade e cria-

ção da Fazenda Sant'Ana. S.A. Noemia M. registrou, em lactação iniciada aos 7-2, em 365 dias, em 2x, 4.239 kg de leite com 190,0 kg de gordura ou 4,48 %. Esta foi sua quinta e melhor lactação, já com 3 LM e dois LE seguidos, podendo alcançar o título de Reprodutora Emérita se der nova lactação dentro do período 488 dias previsto em regulamento.

D. PIRES AGRO-PECUÁRIA DÁ AS CARTAS NA RAÇA SCHWYZ, COM LINDOIA D. LANY RIO CLARO (4.949 KG) E ROSELINA (6.597 KG)

A raça Schwyz aparece com muito bom destaque neste relatório de Novembro, com duas boas lactações, alcançadas por vacas pertencentes ao rebanho da organização D. Pires Agropecuária S. A. de Descalvado. Esse rebanho, em franca recuperação, mostra agora dois novos destaques alcançados por duas filhas de Arigideen Lanny, ambas Puras de Origem. Em sua primeira lactação controlada, temos Lindoia D. Lany Rio Claro, filha de A Lanny e Limeira, com início aos 4-0, em 365 dias, 2x, completando

(Conclui na página 86)

FAZENDA SANTA MARIA - IBIUNA DE JOSÉ PIRES CASTANHO FILHO E OUTROS

MÉDIA = 16 quilos e 808 gramas por dia

Resultado do Controle Leiteiro da A.P.C.B. em 11/1/66

Nome	Nº do cont.	dias de lact.	quilos
Jardineira II	1º	2	28,260
Malaguenha	1º	3	24,170
Dourada	1º	5	11,350
Lamparina LM	1º	27	24,650
Malagueta (novilha)	1º	29	17,490
Malícia (novilha)	2º	37	18,150
Gazela LM	3º	77	22,600
Lapidada	5º	113	19,750
Malba LM	6º	155	22,600
Cravelina (novilha)	6º	161	10,630
Malandra LM	7º	217	12,680
Cristalina LM	7º	220	16,280
Fronteira LM	8º	250	15,400
Cravina LM	9º	248	13,710
Portuguesa (novilha)	9º	254	6,480
Madrugada	10º	284	9,700
Aliança LM	11º	320	11,850

17 vacas em lactação deram num dia o total de 285,750 quilos. Apenas 2 vacas estavam secas: Portenha e Sevilha.

15,687 quilos foi a média geral do rebanho em 1965.

Seleção de Gado Holandês Vermelho e Branco

COLEGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

30 ANOS

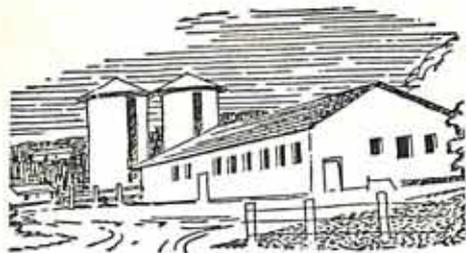
DE SELEÇÃO DE GADO HOLANDEZ

NOSSAS CRIOULAS



FAROLEZA SENTINEL, campeã pura por cruz da raça na I Exposição-Feira de Gado Leiteiro do Estado de São Paulo. No Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B., é recordista de classe na categoria de 1 a 5 anos, com a produção de 9.020 kg de leite.

- Longevidade e produção média comprovada.
- Temos várias crioulas inscritas na categoria de Longevidade e Livro de Mérito do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.
- **FORTALEZA**, crioula e pertencente ao nosso plantel, foi a primeira produtora a atingir a produção de 50 toneladas de leite.
- Vejam nas páginas desta edição, médias das nossas produtoras.



Durante sua estada em São Paulo conheça nosso rebanho. Sua visita será um prazer. Quilômetro 23 da estrada asfaltada de Itapeceira — via Santo Amaro

COLÉGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

Caixa Postal 7258 - Fone 61-2606
SÃO PAULO

RESULTADOS PARCIAIS DE CONTRÔLE

RACA HOLANDESA — variedade preta e branca

D. Pires Agro-Pecuária S. A., São Carlos, Est. de São Paulo

Controle em 18/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Nº SCL		Gráu do sangue	Idade anos	Dias Controle de lactação	Leite	Gordura	%
8.984	Sta. Carolina Cica Hoarne	PO	8-3	7º	156	18,700	0,633 3,38
9.495	Copacabana Javanesa	PO	7-5	4º	138	13,850	0,546 3,94
10.393	Copacabana Linda Flor	PCOC	6-2	7º	147	13,950	0,464 3,33
11.726	Copacabana Jacitara	PCOC	7-0	9º	225	13,450	0,468 3,47
12.245	Copacabana Jaqueta	7/8	6-10	2º	47	17,400	0,470 2,70
12.364	Copacabana Linda Luz	PCOC	6-6	2º	38	18,600	0,613 3,29
12.568	Copacabana Magia Hoarne	PCOC	5-4	1º	33	18,500	0,612 3,31
12.570	Copacabana Melodiosa	PCOC	5-8	1º	14	23,000	0,683 2,97
12.720	Copacabana Maxima Hoarne	PO	5-3	3º	77	15,600	0,547 3,51
12.721	Copacabana Jovial	PCOC	6-8	3º	83	19,100	0,704 3,68
12.722	Copacabana Indulgente	7/8	8-0	1º	13	26,500	0,926 3,49
12.723	Copacabana Malvacca	PCOC	5-0	9º	228	15,050	0,531 3,52
12.724	Copacabana Janita	PCOC	7-0	7º	177	18,200	0,587 3,22
13.030	Copacabana Loira	PCOC	5-8	7º	173	17,600	0,651 3,70
13.134	Copacabana Latinista	NR	5-8	10º	258	14,000	0,469 3,35
13.342	Copacabana Invencível	3/4	7-5	8º	185	17,100	0,588 3,44
13.479	Copacabana Letrada	PCOD	5-6	7º	180	13,150	0,440 3,35
14.060	Copacabana Inquisição	7/8	8-0	1º	10	27,100	0,889 3,28
14.677	Copacabana Montaria	PCOC	4-7	9º	206	17,300	0,574 3,31
14.731	Copacabana Nevasca	PCOD	4-2	8º	183	15,000	0,499 3,33
15.146	Copacabana Nossa Amizade	PCOC	4-1	6º	130	16,400	0,529 3,23
15.674	Copacabana Paralela	PCOC	2-4	3º	87	13,600	0,474 3,48
15.918	Copacabana Joanita	3/4	7-1	2º	31	13,900	0,628 4,52

Agrindus S. A. Empresa Agrícola Industrial, Descalvado, Est. de S. Paulo

Controle em 17/11/65

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.677	Agrindus Bígorna	PCOD	3-3	3º	90	20,000	0,773 3,86
15.678	Agrindus Balinha	PCOD	3-3	3º	85	18,850	0,698 3,70
15.679	Amazonas M. Dedé	PCOC	2-9	3º	76	15,600	0,538 3,45
15.680	Amazonas M. Direita	PCOD	3-0	3º	78	20,750	0,696 3,35
15.922	Amazonas M. Delta	PCOD	2-5	2º	52	16,050	0,512 3,19
15.923	Amazonas M. Donata	PCOD	2-8	2º	39	16,300	0,566 3,47
15.924	Amazonas M. Dinorá	PCOD	2-3	2º	51	14,900	0,497 3,33
15.925	Amazonas M. Dourada	PCOC	2-4	2º	50	14,850	0,513 3,45
15.926	Amazonas M. Dancalla	PCOC	2-10	2º	55	18,750	0,606 3,23
15.927	Amazonas M. Dulce	PCOC	3-0	2º	35	19,250	0,621 3,22
16.104	Amazonas M. Diadema	PCOC	3-0	1º	30	20,900	0,665 3,18
16.105	Agrindus Boquita	PCOD	3-2	1º	17	18,350	0,699 3,81

Cia. Paulista de Adubos Copas, São Carlos, Est. de São Paulo.

Controle em 24/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.089	Amazonas Marmaut Duqueza	PCOC	3-1	1º	22	18,400	0,596 3,24
16.091	Amazonas Marmau C.	PCOD	4-0	1º	80	13,850	0,505 3,64
16.092	Amazonas M. Cadena	PCOD	4-1	1º	55	18,800	0,746 3,97
16.093	Amazonas M. Criada	PCOD	3-11	1º	26	14,700	0,565 3,84
16.094	Amazonas M. Colonia	PCOD	4-0	1º	26	16,400	0,552 3,36

Sociedade Cooperativa «CASTROLANDA» Ltda., Castro, Est. do Paraná.

Controle em OUTUBRO de 1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.180	Hia. Barca Gerda 2	15/16	9-4	3º	83	23,300	0,798 3,42
10.772	Hia. Barca Franske 4	15/16	6-4	4º	94	21,400	0,760 3,55
10.773	Hia. Barca Anje 2	7/8	8-2	2º	25	27,000	0,969 3,58
11.144	Hia. Barca Annie 6	15/16	5-7	1º	12	27,850	0,817 2,93
11.146	Cast. Barca Pietje 88	PO	7-7	3º	81	22,350	0,742 3,32
11.266	Hia. Barca Reintje 7	15/16	5-2	2º	27	27,000	0,773 2,86
13.791	Hia. Barca Maalke 4	31/32	4-2	1º	15	28,800	1,202 4,17
10.837	Cast. Barca Pietje 89	PO	6-1	6º	150	20,660	0,764 3,70
9.236	Cast. Fok Nijlander 200	PO	7-3	4º	103	20,950	0,727 3,47
12.311	Cast. Streiker Evellen 12	PO	5-3	1º	18	20,230	0,611 3,02
12.312	Cast. Beld Fetske 16	PO	4-5	1º	18	18,650	0,509 2,73
9.298	Cast. Drentina's Grietje 3	PO	—	2º	—	21,350	0,731 3,42
11.178	Cast. Tina Charlotte 10	PO	5-0	3º	76	22,000	0,772 3,50
13.500	Cast. Tina Gina	PO	4-1	4º	121	18,300	0,614 3,35
10.245	Hia. Keegstra Froukje 3	NR	—	1º	16	19,470	0,532 2,73
10.581	Hia. Keegstra Riemkje	15/16	8-7	3º	81	24,430	0,710 2,91
12.441	Hia. Cassis Agatha 62	PO	5-3	3º	32	21,800	0,685 3,14
15.440	Anna	—	—	4º	103	18,730	0,579 3,09
9.605	Cast. Beld Mine 2	PO	7-4	4º	92	19,170	0,542 2,82
11.176	Cast. Beld Rosa	PO	5-4	2º	39	23,950	0,754 3,14
7.883	Cast. Jager Sietske 4	PO	8-7	3º	83	23,750	0,764 3,21
8.570	Cast. Borg Jantje	PO	8-0	2º	60	31,580	0,875 2,77

FEVEREIRO DE 1966

Nº SCL		Gráu do sangue	Idade em anos	Dias de Controle de lactação	Leite	Gordura	%		
10.351	Cast. Borg Foekje	16	PO	7-4	6º	169	20,080	0,639	3,18
10.822	Cast. Borg Sietske	6	PO	6-5	2º	47	28,370	0,862	3,03
11.170	Cast. Borg Jantje	1	PO	5-1	6º	142	21,450	0,920	4,29
12.223	Cast. Borg Trijntje	20	PO	4-8	3º	76	21,120	0,713	3,37
13.381	Cast. Borg Trina	20	PO	3-4	3º	70	22,690	0,798	3,51
15.423	Hia. Borg Ada	7	15/16	3-2	4º	83	21,300	0,657	3,08
15.767	Cast. Borg Lutske	7	PO	2-2	2º	54	20,450	0,910	4,45
15.987	Cast. Borg Ietje	8	—	—	1º	—	21,250	0,753	3,51
5.117	Hia. Loman Annamarie		15/16	10-7	1º	23	18,800	0,447	2,38
6.682	Hia. Loman Folkje	2	15/16	9-9	1º	21	26,100	0,859	3,29
10.013	Hia. Loman Marietje	3	15/16	6-3	3º	84	28,100	1,023	3,64
10.829	Hia. Loman Fokje	4	15/16	9-8	1º	1	32,500	1,185	3,65
14.989	Cast. Loman Johanna	100	PO	4-1	7º	157	18,400	0,652	3,54
11.667	Cast. Loman Jantje	53	PO	5-6	1º	7	23,920	0,627	2,62
12.530	Hia. L. Kromhoorn		7/8	6-3	1º	5	28,530	1,047	3,67
15.536	Hia. L. Jr. Bontje		15/16	5-0	3º	60	18,000	0,562	3,12
15.986	Hia. L. Jr. Beatrix		15/16	3-1	1º	10	20,200	0,605	2,99
15.535	Hia. Pals Carla		15/16	5-5	3º	55	19,350	0,762	3,94
11.262	Cast. Mirella's Wibrig	6	PO	5-1	3º	79	22,960	0,755	3,29
15.776	Cast. Mirella's Wibrig	7	PO	4-2	2º	48	21,040	0,713	3,39
11.172	Cast. Bur Wilmkje	23	PO	5-1	6º	150	22,320	0,778	3,48
11.377	Cast. Bur Wilhelmina	40	PO	5-1	2º	54	22,950	1,010	4,49
12.324	Cast. Bur Afke	42	PO	4-5	3º	74	24,000	0,758	3,15
15.758	Hia. Burke Hinke	1	15/16	4-11	2º	52	27,000	0,579	2,14
15.993	Hia. Bur Tjitske	1	15/16	5-1	1º	11	27,500	0,923	3,35
12.706	Hia. Cassis Hertha	24	15/16	4-0	4º	97	24,330	0,849	3,49
12.944	Hia. Cassis Dora	9	15/16	4-8	7º	182	18,970	0,605	3,19
15.746	Hia. Harrij Linda		15/16	5-5	1º	27	22,380	0,787	3,51
12.706	Hia. Cassis Hertha	24	15/16	4-0	5º	123	25,100	0,942	3,75
12.944	Hia. Cassis Dora	9	15/16	4-8	8º	208	21,800	0,651	2,98
15.746	Hia. Harrij Linda		15/16	5-5	2º	53	22,150	0,734	3,31
15.774	Cast. Salomons Emma	9	NR	5-2	2º	48	24,500	0,851	3,47
15.529	Cast. Marujo Siske	5	PO	3-2	3º	65	19,490	0,691	3,54
15.530	Cast. Marujo Harmanna	6	PO	2-11	3º	66	20,240	0,688	3,40
12.028	Hia. Harm Willy		15/16	6-0	2º	45	26,520	0,914	3,44
13.502	Cast. Raul Maaike	6	PO	3-4	2º	50	22,750	0,808	3,55
13.503	Cast. Raul Anna	7	PO	3-5	4º	103	21,100	0,821	3,89
13.504	Cast. Tinus Froukje	30	PO	3-10	2º	48	19,020	0,636	3,31
13.598	Cast. Harm Suze	41	PO	3-3	3º	81	20,110	0,534	2,65
13.794	Cast. Raul Suze	7	PO	3-2	2º	36	21,520	0,602	2,81
14.545	Hia. Harm Rika	3	31/32	2-1	8º	209	18,830	0,564	3,00
15.542	Hia. Harm Elizabeth	21	15/16	3-7	2º	59	23,360	0,769	3,29
15.543	Cast. Harm Maartje	14	PO	2-3	2º	50	18,590	0,684	3,70
15.992	Hia. Bur Jr. Dora	2	15/16	2-7	1º	20	18,210	0,581	3,19
9.234	Cast. Jager Bontje	62	PO	7-10	1º	23	20,400	0,553	2,71
9.715	Cast. Jager Dina	12	PO	9-7	4º	108	20,150	0,590	2,92
11.921	Cast. Jager Antje	50	PO	6-3	4º	132	18,680	0,616	3,30
12.325	Cast. Jager Rika	68	PO	4-3	3º	69	18,880	0,564	2,98
15.531	Cast. Jager Antje	9	PO	4-3	3º	57	19,600	0,618	3,15
10.824	Cast. Kiers Dora	36	PO	—	1º	46	18,800	0,618	3,29
11.918	Cast. Kiers Sjoltema	60	PO	4-2	4º	192	21,100	0,656	3,11
13.592	Cast. Kiers Ietje	18	PO	4-3	4º	94	18,200	0,598	3,29
11.130	Hia. Cassis Hertha	20	15/16	7-10	1º	1	24,300	1,143	4,70
13.797	Hia. Cassis Rosa	6	15/16	5-5	3º	79	18,150	0,571	3,14
14.993	Hia. Cassis Fatura	5	NR	—	8º	—	18,250	0,637	3,49
16.005	Hia. Cassis Aukje	6	31/32	2-8	1º	28	20,600	0,669	3,25
15.192	Hia. Deen Jannie	3	15/16	3-2	1º	2	22,430	0,785	3,50
15.437	Hia. Deen Jantje	8	15/16	—	4º	88	18,700	0,569	3,04
15.524	Hia. Deen Bertij		3/4	9-6	3º	47	23,500	0,694	2,95
6.945	Cast. Moorlag Heringa	19	PO	9-1	4º	90	22,730	0,637	2,80
8.249	Cast. Fini Leuwarder	44	PO	6-2	2º	24	18,900	0,604	3,20
8.951	Cast. D. Klazina	3	PO	10-8	1º	15	23,690	0,787	3,32
11.177	Cast. Fini Heringa	33	PO	4-10	3º	59	26,950	0,916	3,40
12.704	Cast. Moorlag Heringa	40	PO	3-10	1º	14	20,910	0,553	2,64
13.507	Cast. Moorlag Nette	72	PO	3-5	1º	7	23,230	0,690	2,97
13.508	Cast. M. Heringa	B	PO	3-4	2º	45	19,040	0,600	3,15
13.911	Cast. M. Tina	30	PO	3-10	1º	13	22,900	0,734	3,20
9.458	Cast. Conde Janet		PO	6-3	7º	213	18,200	0,590	3,24
9.557	Cast. Conde Douwiena		PO	7-8	1º	5	25,460	0,889	3,49
12.225	Hia. Conde Gelle	5	3/4	6-5	3º	71	25,290	0,757	2,99
10.008	Cast. Conde Jonge Smits		PO	5-10	7º	213	20,810	0,786	3,77
13.040	Cast. Conde Dina	15	PO	3-5	1º	28	29,170	1,098	3,76
13.041	Cast. Conde Sita	6	PO	3-1	5º	148	20,710	0,524	2,53
13.609	Cast. Conde Janet	2	PO	4-6	2º	48	19,450	0,638	3,28
15.224	Hia. Conde Pukkie	10	15/16	4-6	3º	92	19,750	0,610	3,09
15.762	Cast. Conde Tietia		PO	3-7	2º	70	18,350	0,692	3,77
15.763	Hia. Conde Lissij	3	15/16	3-9	2º	70	19,580	0,567	2,89
15.998	Hia. Conde Alie		15/16	4-1	1º	5	28,010	1,274	4,55
15.999	Hia. Conde Gelle	3	3/4	7-7	1º	29	21,100	0,748	3,54
16.000	Hia. Conde Pietje	3	15/16	4-10	1º	10	26,100	0,911	3,49
16.002	Cast. Conde Reny	3	PO	3-1	1º	25	20,250	0,751	3,71
10.487	Cast. Erica Liesje		PO	5-3	6º	165	18,850	0,603	3,20
15.522	Hia. Erica Trijntje	36	PCOC	1-11	3º	74	19,350	0,579	2,99
13.673	Cast. Vos Maaike	3	PO	6-3	4º	97	19,000	0,607	3,19
13.801	Cast. Vos Antje	34	PO	—	—	—	23,300	0,765	3,28
15.230	Cast. Vos Annéke	4	PO	4-11	1º	1	19,800	0,759	3,83
15.777	Cast. Vos Nanke	3	PO	5-0	3º	69	24,000	0,859	3,58
14.326	Hia. Bur Marlene	1	7/8	6-0	2º	35	25,450	0,716	2,81
11.181	Cast. Raul Romkje		PO	6-4	1º	4	23,350	0,803	3,44
11.182	Hia. Lucas Janny		NR	—	2º	—	20,000	0,720	3,60
15.425	Hia. Lucas Janke		15/16	4-10	4º	99	21,950	0,655	2,98
15.749	Hia. Lucas Thereza		31/32	3-8	2º	37	20,300	0,756	3,72
16.007	Hia. Lucas Juliana		15/16	4-10	1º	13	25,200	0,979	3,88
11.472	Hia. Kiers Trijntje	4	15/16	5-2	1º	21	18,850	0,546	2,89
13.591	Hia. Excelsor Bontje	1	15/16	5-11	4º	108	19,300	0,749	3,80
13.798	Cast. Exc. Anna	30	PO	5-7	1º	1	27,500	0,897	3,26
15.228	Hia. Kiers Pietje	4	31/32	5-10	3º	89	18,430	0,508	2,76
9.553	Cast. Raul Maaike	3	PO	6-7	2º	59	22,470	0,644	2,86
10.379	Cast. Raul Wiersma	4	PO	5-9	3º	70	21,340	0,757	3,54

para queijo de qualidade



coalho em pó
HALA

De procedência dinamarquês
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO



Cia. Fabio Bastos



Fazenda Campo Lindo

Recordista Brasileira de produção de leite e gordura com

JARDINEIRA II J. B.

Produções:

365 d 14.305 kg de leite 460,1 kg
- 3,21% 3x



JARDINEIRINHA JB — Nascida em 13-7-51. É a maior produtora entre as filhas de Jardineira II, de que parece ter herdado grande capacidade de produção. Já somou 44.549 kg de leite e 1.555,8 kg de gordura. Tem 6 lactações em LM e 2 em L. Escol. A produção máxima alcançou-a aos 9 anos, em duas ordenhas diárias, em 365 dias: 8.329 kg de leite com 285,2 kg de gordura de 3,42%.



Conquistamos:
o "Balde" e a
"Batedeira de
Ouro" com Jar-
dineira II J. B.

150 anos de seleção
URBANO JUNQUEIRA
Criação de gado Holandês, preto branco e vermelho e branco.
FAZENDA CAMPO LINDO
CRUZILIA — MINAS GERAIS

Nº SCL		Grão Idade do sangue	anos	Controle de lactação	Dias de	Leite	Gordura	%
10.492	Cast. Raul Gretha 5	PO	6-3	5	127	18,060	0,604	3,34
12.025	Cast. Raul Dina 132	PO	4-4	3	68	19,720	0,769	3,90
12.109	Cast. Raul Paulina 5	PO	4-4	3	84	23,300	0,733	3,14
13.260	Cast. Raul Hiltje 5	PO	4-8	2	36	18,840	0,527	2,80
13.382	Cast. Raul Willemke 5	PO	3-4	5	126	21,450	0,703	3,27
14.982	Cast. Raul Saakje 7	PO	3-5	4	154	19,150	0,602	3,14
15.421	Cast. Raul Teatske 86	PO	4-0	4	113	19,200	0,637	3,32
15.759	Cast. Raul Paulina 6	PO	2-2	2	55	19,300	0,597	3,09
15.996	Cast. Raul Wiersma 6 A	PO	2-7	1	17	22,950	0,870	3,79
15.997	Cast. Raul Geertje 352	PO	2-4	1	18	22,210	0,696	3,13
10.585	Cast. D. Jitske 140	PO		5		22,350	0,809	3,62
11.282	Hia. Tinus Zwaantje	15/16	7-2	4	113	19,230	0,617	3,21
12.007	Cast. Tinus Bontje 12	PO	6-1	2	50	30,100	1,110	3,68
12.100	Hia. Drentina Lena	15/16	5-6	2	54	26,940	0,974	3,61
15.225	Hia. Tinus Willy	15/16	5-0	3	66	23,550	0,715	3,03

Doher Barbosa Nicolau, Arapoti, Est. do Paraná.

Controle em 16/10/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.232	Cast. Excelsior Ana 6	PO	2-6	6	145	13,850	0,572	4,13
15.972	Cast. Leffers Pietje 27	PO	3-2	2	146	14,900	0,794	5,32

Dr. Ruy Vieira Barreto, Mocóca, Est. de São Paulo.

Controle em 9/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.819	Cast. Mirella's Margriet 2	PO	6-11	3	67	21,050	0,716	3,40
11.019	Alyorada	PCOC	5-0	6	150	21,150	0,810	3,82
11.830	Mocóca Briggitt	PO	4-2	10	247	19,050	0,746	3,91
12.263	Amaz. Mr. Ballarina	PCOD	4-7	4	119	21,800	1,048	4,81
12.383	Amaz. M. Actriz	PCOD	4-7	4	105	24,950	0,726	2,91
12.468	Amaz. M. Artemis	PCOD	4-7	4	118	20,250	0,749	3,70
12.551	Guará Misteriosa	PCOC	10-9	5	149	14,550	0,645	4,43
12.847	Amaz. M. Amorosa	PCOD	4-11	1	1	22,200	0,783	3,52
14.912	Mocóca Cadillac	PO	2-9	6	166	13,700	0,553	4,04
15.831	Amazonas Bajauca 2383 G. P.	PCOC	2-5	2	41	15,600	0,482	3,09

Dr. Ruy Vieira Barreto, Mocóca, Est. de São Paulo.

Controle em 28/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

CONTROLE DE INSPEÇÃO.

10.819	Cast. M. Margriet 2	PO	6-11	4	86	16,500	0,625	3,79
11.830	Mocóca Briggitt	PO	4-2	11	266	14,630	0,513	3,28
12.263	Amaz. Mr. Ballarina	PCOD	4-7	5	138	17,110	0,671	3,92
12.383	Amaz. M. Actriz	PCOD	4-7	5	124	21,080	0,683	3,24
12.468	Amaz. M. Artemis	PCOD	4-7	5	137	16,700	0,519	3,10
12.847	Amaz. M. Amorosa	PCOD	4-11	2	20	25,620	0,658	2,56
15.831	Amaz. Bajauca 2383 G. P.	PCOC	2-5	3	60	13,400	0,451	3,36

Ary Estevão, Mocóca, Est. de São Paulo.

Controle em 17/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.787	Amaz. M. Dançarina	PCOD	2-11	2	55	14,050	0,399	2,84
--------	--------------------	------	------	---	----	--------	-------	------

S. A. Fazenda Paraíso Agro-Pecuária, São João da Boa Vista, Est. de S. Paulo

Controle em 6/11/65.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

8.898	Sertão Duna	PO	8-3	3	89	20,240	0,461	2,28
10.459	Sertão Fatura P. Carnation	PO	5-7	4	106	30,050	0,888	2,95

2 ordenhas

5.985	Anca	PCOD	10-3	12	323	13,990	0,431	3,08
6.612	Glenafton N. Patsy A	PO	9-4	7	198	15,140	0,692	4,57
6.613	Band Haven C. M. Joy	PO	9-4	4	132	14,180	0,459	3,24
7.822	Saint R. E. 138. Wayne 3/6	PO	8-8	11	302	16,700	0,547	3,27
7.912	Saint A. A. Roland 309	PO	9-0	4	137	13,770	0,454	3,30
8.081	Willy's Sally T. Lucy.	PO	9-2	8	220	17,850	0,583	3,26
8.783	Sta. C. Rutica Pabst	PO	8-5	4	93	16,910	0,532	3,14
9.135	Sta. C. Mara Hoarne	PO	8-4	4	122	13,910	0,634	4,55
9.148	Duquesa	PCOC	8-1	6	178	16,080	0,490	3,04
9.214	Sta. C. Maloca Pabst	PO	9-8	1	46	16,060	0,545	3,39
9.218	Santabri Rag Apple Ajax	PO	8-1	11	301	17,240	0,614	3,56
9.384	Sertão Esthonia	PO	7-1	6	184	18,940	0,744	3,93
9.397	Sta. C. Mixa Marksman	PO	7-4	6	174	16,840	0,488	2,90

FEVEREIRO DE 1966

Nº SCL		Gráu do sangue	Idade do ano	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
9.582	Sta. C. Graça Pabst 91	PO	8-10	9º	267	14,160	0,648	4,57
9.792	Sertão Eduilita	PO	6-10	4º	117	15,180	0,516	3,40
9.794	Sertão Eritrea	PO	6-9	7º	205	17,320	0,556	3,21
9.796	Eleitora	PCOC	6-7	6º	170	14,720	0,516	3,51
9.940	Sertão Formosa P. Carnation	PO	6-0	10º	263	13,630	0,555	4,07
10.025	Sertão Efigie	PO	7-0	5º	134	14,750	0,447	3,03
10.028	S. Flama M. Pabst Burke	PO	6-1	5º	147	14,200	0,522	3,68
10.029	Sertão Estatua	PO	6-9	5º	146	16,430	0,509	3,10
10.154	S. Fama Pabst Burke	PO	6-4	5º	143	13,920	0,461	3,31
10.307	Sertão Forest Carnation	PCOC	5-9	7º	195	15,840	0,601	3,80
10.454	S. Fauna Calamo Carnation	PO	6-0	8º	225	13,300	0,481	3,61
10.460	Sertão First Pabst Senior	PCOC	5-5	10º	261	16,710	0,637	3,81
10.625	S. Flower Lalaur Carnation	PO	5-11	5º	148	19,850	0,680	3,42
10.626	S. Fitness M. Carnation	PO	6-0	2º	42	20,800	0,752	3,61
10.643	S. Frabela L. Pabst	PO	5-9	2º	58	18,350	0,543	2,96
10.998	Sertão Finesa Pabst Senior	PCOC	6-1	4º	125	20,200	0,684	3,39
11.203	S. Guara Pabst Glenafton	PO	5-7	1º	25	18,010	0,711	3,95
11.307	Sertão Feonia Pabst Senior	PCOC	5-10	4º	126	19,070	0,807	4,23
11.308	S. Gibraltar Roland Pabst	PCOC	5-4	6º	155	15,730	0,688	4,37
11.309	S. Grega Hello Carnation	PO	5-3	6º	173	20,200	0,663	3,28
11.311	S. Golondrina M. Carnation	PO	4-11	8º	216	17,330	0,611	3,52
11.438	Sertão Granfina Pabst	PCOC	5-7	3º	85	23,870	0,727	3,04
11.441	S. Genebra Vrouke Pabst	PO	4-3	8º	220	15,280	0,582	3,80
11.610	S. Guapita P. 295 Pabst	PO	5-3	4º	120	18,100	0,588	3,25
11.697	S. Gloria R. Aple Pabst	PO	5-0	3º	80	22,660	0,712	3,14
11.698	S. Gavea Posch Marksman	PO	5-6	4º	129	15,080	0,471	3,12
11.699	S. Guanabara E. 177 M.	PO	5-0	6º	155	16,310	0,629	3,86
11.700	S. Gabela P. Glenafton	PO	5-1	4º	91	19,350	0,559	2,89
11.772	S. Gademar Z. I. Martindale	PO	4-9	4º	92	16,290	0,578	3,55
11.773	S. Gary Gessie Marksman	PO	5-1	3º	85	16,870	0,637	3,78
11.989	S. Guariba L. Pabst	PO	5-7	2º	34	19,620	0,577	2,94
12.024	S. Holanda M. Hoarne	PO	4-9	1º	33	23,900	0,800	3,34
12.153	S. Glarus M. Glenafton	PO	4-10	1º	21	21,200	0,611	2,88
12.154	S. Guarapiranga S. M. Carn.	PO	5-3	4º	94	15,020	0,536	3,57
12.601	S. Gatinha E. Glenafton	PO	5-5	1º	19	18,420	0,585	3,17
12.757	S. Fany Marksman	PCOC	5-6	6º	168	16,140	0,492	3,04
13.116	S. Gitana Patsy Carnation	PO	5-1	5º	153	13,280	0,469	3,53
13.173	S. Grietje C. 87 Carnation	PO	5-2	4º	118	15,830	0,656	4,14
13.290	S. Hegira T. Carnation	PCOC	4-2	5º	144	14,100	0,429	3,04
13.521	S. Holly C. Carnation	PO	4-5	4º	94	14,320	0,549	3,83
13.701	S. Glasgow Emperor 96 Carn.	PO	4-10	2º	40	19,170	0,666	3,47
13.836	S. Havre M. Carnation	PO	4-6	1º	26	18,320	0,482	2,63
14.237	S. Himalala B. 84 Adonis	PO	3-5	12º	334	13,070	0,539	4,12
14.609	S. Harpe S. Adonis	PO	3-6	8º	226	14,770	0,504	3,41
14.743	P. Iena Aspice Pabst	PO	3-1	7º	194	14,920	0,527	3,53
14.903	P. Jocunda E. Fidalgo	PCOC	2-4	6º	184	13,480	0,486	3,60
14.904	P. Jamaica Aleia Fidalgo	PO	2-4	6º	163	14,320	0,492	3,43
14.905	P. Infinita Exata Exotico	PO	2-7	6º	161	13,830	0,444	3,21
14.906	P. Ivete P. Senior Falcão	PCOC	3-5	6º	155	13,580	0,505	3,72
15.031	P. Itagua Pabst	PO	3-1	5º	148	17,670	0,548	3,10
15.366	P. Iratua Frabella	PCOD	3-3	4º	130	16,490	0,575	3,49
15.367	P. Irma Gazela Gollas	PO	2-10	4º	129	15,740	0,552	3,51
15.370	P. Jola Marana Hoarne	PCOD	2-4	4º	120	14,960	0,541	3,61
15.931	P. Iriante Queen Adonis	PO	2-11	2º	62	15,020	0,426	2,84
15.932	S. Hidra S. Carnation	PO	4-1	2º	50	16,990	0,568	3,34
16.106	P. Imacula G. Adonis	PO	3-1	1º	14	15,900	0,516	3,24
16.107	P. Ilhoa Exotico	PO	3-6	1º	10	14,200	0,503	3,54
16.108	P. Jujê Dançarina Adonis	PO	2-5	1º	37	19,900	0,656	3,29
16.109	P. Isopetala M. Pabst	PO	3-0	1º	17	17,030	0,465	2,73
16.110	P. Japona Lita Adonis	PO	2-5	1º	6	17,670	0,619	3,50

S. A. Fazenda Paraíso Agro-Pecuária, São João da Boa Vista, Est. de S. Paulo, Controle em 17/11/65.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

CONTROLE DE INSPECAO.

3 ordenhas

8.898	Sertão Duna	PO	8-3	4º	98	19,300	0,557	2,88
10.459	Sertão Fatura P. Carnation	PO	5-7	5º	115	30,450	0,890	2,92

2 ordenhas

3.328	Muple Lane R. Lochinvar	PO	14-9	2º	44	15,770	0,458	2,90
6.612	Glenafton Nettie Patsy A	PO	9-4	8º	211	13,830	0,576	4,17
7.822	Saint R. E. 138 Wayne 306	PO	8-8	12º	313	15,020	0,479	3,19
8.081	Willy's Sally T. Lucy	PO	9-2	9º	232	17,490	0,576	3,29
8.783	Sta. Carolina Rutica Pabst	PO	8-5	5º	102	14,470	0,436	3,01
9.148	Duquesa	PCOC	8-1	7º	190	13,130	0,377	2,87
9.218	Santabri Rag Apple Ajax	PO	8-1	12º	312	15,350	0,544	3,54
9.384	Sertão Esthonia	PO	7-1	7º	195	17,780	0,708	3,98
9.397	Sta. C. Mixa Marksman	PO	7-4	7º	187	13,970	0,419	3,00
9.582	Sta. C. Graça Pabst	PO	8-10	10º	275	14,070	0,656	4,66
9.794	Sertão Eritrea	PO	6-9	8º	217	17,210	0,563	3,27
10.029	Sertão Estatua	PO	6-9	6º	156	13,580	0,461	3,39
10.454	S. Fauna Calamo Carnation	PO	6-0	9º	233	13,470	0,496	3,68
10.460	S. First Pabst Senior	PCOC	5-5	11º	273	15,200	0,589	3,87
10.625	S. Flower L. Carnation	PO	5-11	6º	158	18,850	0,754	4,00
10.626	S. Fitness M. Carnation	PO	6-0	3º	51	18,830	0,672	3,57
10.998	S. Finesa Pabst Senior	PCOC	6-1	5º	134	19,000	0,655	3,45
11.203	S. Guará Pabst Glenafton	PO	5-7	2º	35	18,300	0,696	3,80

FEVEREIRO DE 1966

**NOS MAIORES CERTAMES DO PAÍS
UMA RAÇA SEMPRE SE IMPÕE PELA
PUREZA E CARACTERIZAÇÃO DE
SEUS PRODUTOS:**

NELORE MOCHO

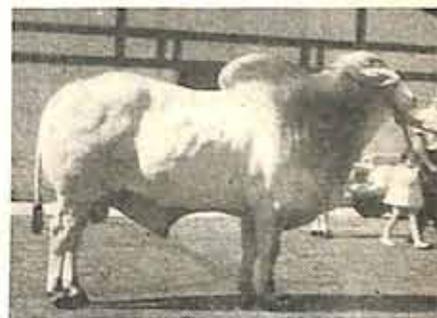
O melhor Nelore MOCHO do Brasil
está na

FAZENDA SÃO VICENTE "A MAIS PREMIADA"

Conta em seu rebanho com os
mais raros espécimes da raça, des-
tacando-se o campeoníssimo DAMAS-
CO, chefe de plantel.

A raça Nelore MOCHO provém de
criação própria, originando-se do
cruzamento de um touro Nelore
(puro) de nome Galã reg. 1588.
com uma reprodutora Nelore MO-
CHA de nascença.

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES



DAMASCO, o grande padreador.



FEDERAL, glória da pecuária Na-
cional, tio-avô de Damasco.

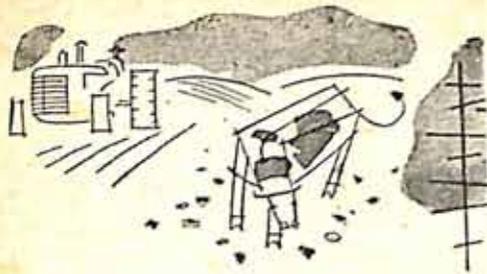
Fazenda São Vicente

Termas do Ibirá — S. P. — L. A.
de

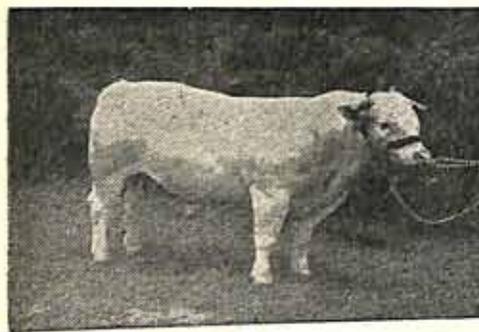
Viuva João Zancaner e Cintra

ENDERECOS

Em Catanduva: Cx. Postal 91 - Tel. 76
Em São Paulo: Rua Jacarézinho, 166
- Tel. 8-3777



Dê
a seu rebanho
de corte o que
lhe falta:
velocidade de
ganho de pêso
EMPREGANDO UM
CHAROLÊS
D A
PRIMAVERA



Touro Charolês significa mais
carne em menos tempo

Para maiores informações
dirija-se à

AGRO-PECUARIA

PRIMAVERA

S.A.

JARINU — Estado de São Paulo
Em São Paulo:
Rua João Bricola, 39 — 2.º andar

Nº SCL.			Gráu Idade do sangue mês	anos de	Controle de lactação	Dias	Leite	Gordura	%
11.204	S. Gazela B. Exotico	PO			1		23,080	0,771	3,34
11.307	S. Feonia Pabst Senor	PCOC	5-10	5	137		17,450	0,620	3,55
11.308	S. Gibraltar R. Pabst	PCOC	5-4	7	165		13,620	0,619	4,55
11.309	S. Grega H. Carnation	PO	5-3	7	184		18,800	0,578	3,97
11.311	S. Golondrina M. Carnation	PO	4-11	9	228		16,230	0,617	3,80
11.438	Sertão Granfina Pabst	PCOC	5-7	4	94		22,530	0,724	3,21
11.610	S. Guapita P. 295 Pabst	PO	5-3	5	130		15,820	0,527	3,33
11.697	S. Gloria Rag Apple Pabst	PO	5-0	4	87		22,470	0,747	3,32
11.699	S. Guanabara E. 177 M.	PO	5-0	7	167		14,700	0,685	4,66
11.700	S. Gabela Pabst Glenafton	PO	5-1	5	100		19,950	0,570	2,86
11.772	S. Gademar Z. Martindale	PO	4-9	5	101		15,470	0,555	3,59
11.773	S. Gary Bessie Marksman	PO	5-1	4	95		15,800	0,558	3,53
11.989	S. Guariba L. Pabst	PO	5-7	3	42		17,550	0,536	3,05
12.024	S. Holanda M. Hoarne	PO	4-9	2	40		22,850	0,855	3,74
12.153	S. Glarus M. Glenafton	PO	4-10	2	29		21,100	0,691	3,27
12.154	S. Guarapiranga S. M. C.	PO	5-3	5	103		13,800	0,480	3,48
12.601	S. Gatinha E. Glenafton	PO	5-5	2	26		19,290	0,588	3,04
12.757	S. Fany Marksman	PCOC	5-6	7	180		14,850	0,540	3,63
13.173	S. Grietje C. 87 Carnation	PO	5-2	5	129		13,710	0,642	4,68
13.290	S. Hegira T. Carnation	PCOC	4-2	6	153		13,400	0,452	3,37
13.521	S. Holly C. Carnat.	PO	4-5	5	103		13,350	0,481	3,60
13.701	S. Glasgow E. 96 Carnation	PO	4-10	3	49		17,050	0,585	3,43
14.903	P. Jocunda E. Fidalgo	PCOC	2-4	7	196		13,300	0,465	3,49
14.904	P. Jamaica A. Fidalgo	PO	2-4	7	175		14,530	0,590	4,06
14.905	P. Infinita E. Exotico	PO	2-7	7	172		13,700	—	—
15.031	P. Itagua Pabst	PO	3-1	6	158		14,600	0,474	3,25
15.366	P. Iratua Frabella	PCOD	3-3	5	141		17,630	0,508	2,88
15.367	P. Irma Gazela Gollas	PO	2-10	5	139		14,860	0,482	3,24
15.370	P. Jola Marana Hoarne	PCOD	2-4	5	129		14,000	0,467	3,34
15.931	P. Iriante Queen Adonis	PO	2-11	3	71		13,750	0,407	2,96
15.932	S. Hidra S. Carnation	PO	4-1	3	59		14,500	0,599	4,13
16.108	P. Juhu Dançarina Adonis	PO	2-5	2	44		20,000	0,799	3,99
16.109	P. Isopetala M. Pabst	PO	3-0	2	24		19,270	0,758	3,93
16.110	P. Japona L. Adonis	PO	2-5	2	13		18,300	0,558	3,04

Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo. São José dos Campos. Est. de S. Paulo.

Controle em 22/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.125	Jubilosa São Martinho	PCOC	10-11	1	6	16,300	0,526	3,23
6.418	Balada de Paraíba	PCOC	11-7	8	273	14,300	0,701	4,90
6.787	Bésta M 2170	PO	12-5	5	136	15,300	0,508	3,32
7.097	Colombia de Paraíba	PCOC	10-0	3	74	18,300	0,772	4,22
7.296	Limonada	PCOD	8-10	8	253	13,050	0,534	4,09
7.589	Camponesa	PCOD	9-2	4	117	22,400	0,795	3,55
7.922	Ciumenta de Paraíba	7/	12-4	5	144	13,500	0,447	3,31
8.487	Labruna	PCOD	9-1	6	153	16,050	0,679	4,23
8.490	Regencia de Paraíba	PCOC	8-10	1	1	16,770	0,548	3,27
8.491	Cordilheira de Paraíba	PCOD	9-9	1	11	25,800	0,840	3,25
8.559	Coroada II de Paraíba	PCOC	7-10	8	207	14,200	0,583	4,11
8.560	Arabia	PCOD	8-6	3	83	22,150	0,705	3,18
8.812	Caricia de Paraíba	PCOC	8-9	1	1	17,950	0,556	3,10
8.937	Corneta P. de Paraíba	PCOC	8-2	1	5	21,000	0,694	3,30
9.004	Cruz Branca P. de Paraíba	PCOC	7-9	1	23	29,150	0,925	3,17
10.048	Uberlandia de Paraíba	PCOD	7-7	1	1	18,450	0,668	3,63
10.126	Alvinegra de Paraíba	PCOC	6-7	3	80	18,250	0,678	3,71
10.426	Campista de Paraíba	PCOC	6-2	8	210	19,200	0,589	3,06
10.804	Oleira São Martinho	PCOC	6-4	2	68	13,150	0,489	3,72
12.276	S. Delta Roosevelt	PO	—	1	—	26,350	0,831	3,15
12.572	Nogales S. Abbekerk	PO	—	1	—	19,000	0,631	3,32
12.812	Nogales M. La Adantha	PO	3-4	6	181	18,900	0,658	3,48
13.060	Nona de Paraíba	PCOD	4-3	4	140	14,100	0,606	4,30
13.266	Castanhola de Paraíba	PCOC	—	1	—	24,250	0,814	3,35
13.267	Olaré São Martinho	PCOC	6-0	8	193	15,250	0,582	3,82
13.269	Javanesa de Paraíba	PCOD	—	1	—	19,100	0,647	3,38
13.273	Kitanda de Paraíba	PCOC	—	3	—	18,500	0,653	3,53
13.469	Bela de Paraíba	PCOD	3-10	2	43	20,150	0,619	3,07
14.642	Algebra de Paraíba	PCOC	2-7	8	218	14,100	0,583	4,13
14.643	Rocampo oPntilha	PCOD	3-10	8	234	14,450	0,449	3,10
14.831	Nevada São Martinho	PCOC	6-4	8	210	13,600	0,559	4,11
14.868	Sucurana	PCOD	—	6	—	13,750	0,498	3,62
15.131	Rocampo Guaraçai	PCOD	4-1	5	144	13,350	0,428	3,21
15.450	S. Aquiles Grima	PCOD	4-2	4	115	14,500	0,563	3,88
15.451	Carnaubeira de Paraíba	PCOC	3-1	4	101	16,950	0,570	3,36
15.453	Rocampo Arapuã	PCOD	4-2	4	106	14,450	0,560	3,88
15.462	Angela de Paraíba	PCOD	3-7	4	99	13,550	0,664	4,90
15.466	Farquesa	NR	—	4	112	15,950	0,600	3,76
15.467	S. Aquiles Paranjaba	PCOD	4-0	4	93	15,200	0,635	4,18
15.612	Bustamante Concebida	PCOD	4-4	3	67	18,350	0,662	3,61
15.614	BustamanteMaringá	PCOD	4-4	3	70	17,050	0,687	4,03
15.615	Bustamante Tertulla	PCOD	4-6	3	77	19,100	0,697	3,65
15.909	Rocampo Itaberaba	PCOD	4-5	2	46	26,350	0,840	3,18
16.113	Doutora de Paraíba	PCOC	3-4	1	13	17,200	0,620	3,60
16.114	Miniatura de Paraíba	PCOD	3-3	1	20	16,000	0,568	3,42
16.115	Deborat de Paraíba	PCOD	5-3	1	8	15,800	0,708	4,48
16.116	Pedernelra	PCOD	4-2	1	1	15,250	0,619	4,06
16.117	S.A. Dinamica	—	—	1	8	16,700	0,669	4,00
16.118	Balança	PCOD	7-3	1	12	20,900	0,592	2,83
16.119	Platina	PCOD	9-9	1	1	25,350	0,745	2,94
16.120	Primavera	—	—	1	6	25,220	0,880	3,49
16.121	Rumbelra de Paraíba	PCOD	3-7	1	5	17,050	0,811	4,75

Sociedade Cooperativa «CASTROLANDA» Ltda., Castro, Est. do Paraná.

Controle em NOVEMBRO 1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.180	Hia. Barea Gerda 2	15/16	9-4	4º	115	19,250	0,644	3,35
10.772	Hia. Barca Franske 1	15/16	6-4	5º	126	21,720	0,904	4,16
16.773	Hia. Barca Anje 2	7/8	8-2	3º	57	24,300	1,081	4,41
11.144	Hia. Barca Annie 4	15/16	5-7	2º	44	26,200	0,780	2,97
11.146	Cas. Barca Pietje 88	PO	7-7	4º	113	18,100	0,625	3,45
11.266	Hia. Barca Reintje 7	15/16	5-2	3º	59	22,400	0,870	3,88
13.791	Hia. Barca Maaike 4	31/32	4-2	2º	47	22,800	0,982	4,31
9.236	Cast. Fok Nijlander 200	PO	7-3	5º	136	18,000	0,548	3,04
9.236	Cast. Fok Nijlander 200	PO	7-3	6º	158	18,350	0,583	3,17
10.826	Cast. Vos Tjitske 10	PO	6-1	3º	70	19,700	0,580	2,94
12.311	Cast. Strelker Evellen 12	PO	5-3	2º	48	19,100	0,505	2,64
13.925	Cast. Sstrelker Pasma 17	PO	4-2	1º	8	18,900	0,523	2,77
9.298	Cast. Drentina's Grietje 3	PO	—	3º	—	19,100	0,623	3,26
11.178	Cast. Tina Charlotte 10	PO	5-0	4º	116	20,400	0,675	3,30
13.597	Cast. Tina Maaike	PO	4-6	1º	13	26,760	1,175	4,39
15.205	Hia. Tina Jantje	NR	—	6º	173	20,600	0,660	3,20
10.581	Hia. Keegstra Riemijske	15/16	8-7	4º	107	21,260	0,668	3,14
12.441	Hia. Cassis Agatha 62	PO	5-3	4º	58	19,120	0,556	2,90
11.286	Cast. Beld Rieta	PO	5-4	3º	69	19,220	0,714	3,71
11.176	Cast. Beld Rosa	PO	6-4	1º	1	30,060	1,019	3,39
7.883	Cast. Jager Sietske 4	PO	8-7	4º	115	20,870	0,677	3,24
8.570	Cast. Borg Jantje	PO	8-0	3º	92	24,150	0,785	3,25
10.822	Cast. Borg Sietske 6	PO	6-5	3º	79	22,740	0,660	2,90
11.170	Cast. Borg Jantje 1	PO	5-1	7º	174	18,750	0,728	3,88
14.078	Cast. Borg Trina 20	PO	3-3	1º	12	25,400	0,961	3,78
15.767	Cast. Borg Lutske 7	PO	2-2	3º	86	19,900	0,713	3,58
15.987	Cast. Borg Ietje 8	—	—	2º	41	18,200	0,622	3,11
16.149	Cast. Borg Sietske 10	PO	2-3	1º	10	20,830	0,770	3,70
6.681	Cast. Loman Elzina	PO	9-10	1º	15	19,470	0,554	2,84
6.682	Hia. Loman Folkje 2	15/16	9-9	2º	49	21,530	0,703	3,26
8.965	Cast. Loman Doutzen 74	PO	7-0	7º	236	18,680	0,556	2,97
9.279	Cast. Loman Sietske 40	PO	7-7	1º	27	24,680	0,923	3,74
10.013	Hia. Loman Marietje 3	15/16	6-3	4º	112	24,970	0,734	2,94
10.829	Hia. Loman Fokje 4	15/16	9-8	2º	29	25,100	0,714	2,84
11.174	Hia. Loman Zvarte 2	1/2	9-2	1º	2	24,130	0,928	3,84
11.667	Cast. Loman Jantje 53	PO	5-6	2º	35	18,450	0,516	2,89
12.530	Hia. Loman Jr. Kromhoorn	7/8	6-3	2º	33	18,850	0,646	3,43
16.146	Cast. Mirella's Gelske 7	PO	2-2	1º	2	19,650	0,732	3,72
4.099	Wilhelmina 35	PO	12-11	1º	20	18,680	0,546	2,92
11.172	Cast. Bur Wilmkje 23	PO	5-1	7º	179	20,270	0,779	3,84
11.377	Cast. Bur Wilhelmina 40	PO	5-1	3º	83	19,370	0,620	3,20
12.324	Cast. Bur Afke 42	PO	4-5	4º	103	21,100	1,001	4,74
12.447	Cast. Bur Wilmkje 24	PO	4-8	1º	16	21,460	0,714	3,32
15.758	Hia. Bur Hink 1	15/16	4-11	3º	81	26,150	0,580	2,22
15.993	Hia. Bur Tjitsk 1	15/16	5-1	2º	40	23,080	0,817	3,54
12.706	Hia. Cassis Hertha 24	15/16	4-0	6º	154	20,840	0,598	2,87
15.746	Hia. H. Linda	15/16	5-5	3º	84	20,840	0,772	3,70
13.502	Cast. Raul Maaike 6	PO	3-4	3º	80	19,250	0,551	2,86
13.598	Cast. Harm Suze 41	PO	3-3	4º	111	19,500	0,525	2,69
13.794	Cast. Raul Suze 7	PO	3-2	3º	66	19,960	0,669	3,35
15.542	Hia. Harm Elizabeth 21	15/16	3-7	3º	89	21,150	0,766	3,62
15.992	Holanda Bur Jr. Dora 2	15/16	2-7	2º	53	20,280	0,557	2,74
11.179	Cast. Kiers Lize 38	PO	6-5	2º	47	21,480	0,771	3,59
11.918	Cast. Kiers Sjollemma 66	PO	4-2	5º	220	18,730	0,652	3,48
13.592	Cast. Kiers Ietje 18	PO	4-3	5º	122	18,500	0,633	3,35
16.147	Hia. Kiers Sara 4	15/16	4-1	1º	7	26,460	0,934	3,53
11.130	Hia. Cassis Hertha 20	15/16	7-10	2º	25	23,450	0,839	3,57
12.229	Hia. Cassis Herta 10	NR	5-5	1º	1	24,400	0,824	3,37
16.005	Hia. Cassis Aukje 6	31/31	2-8	2º	52	20,300	0,747	3,68
15.192	Hia. Deen Jannie 3	15/16	3-2	2º	36	22,120	0,846	3,82
15.437	Hia. Deen Jantje 8	15/16	—	5º	122	19,850	0,543	2,73
15.524	Hia. Deen Bertij	3/4	9-6	4º	81	22,230	0,724	3,23
6.945	Cast. M. Heringa 19	PO	9-1	5º	123	19,200	0,625	3,25
8.249	Cast. Fini Leeuwarder 44	PO	6-2	3º	57	19,100	0,545	2,85
8.951	Cast. D. Klazina 3	PO	10-8	2º	48	21,100	0,720	3,41
11.177	Cast. Fini Heringa 33	PO	4-10	4º	92	27,800	0,917	3,30
12.704	Cast. M. Heringa 40	PO	3-10	2º	47	20,100	0,683	3,40
13.507	Cast. Moorlag Nette 72	PO	3-5	2º	40	21,400	0,621	2,90
13.508	Cast. M. Heringa B	PO	3-4	3º	78	20,400	0,692	3,39
13.911	Cast. Moorlag Tina 30	PO	3-10	2º	46	21,750	0,832	3,82
9.557	Cast. Conde Douwiena	PO	7-8	2º	30	19,850	0,711	3,58
9.997	Cast. Conde Atje 114	PO	8-4	1º	9	25,730	0,830	3,22
12.225	Hia. Conde Gelle 5	3/4	6-5	4º	96	25,710	0,943	3,67
13.040	Cast. Conde Dina 15	PO	3-5	2º	53	27,360	0,940	3,43
13.041	Cast. Conde Sita 6	PO	3-1	6º	173	18,750	0,706	3,76
13.609	Cast. Conde Janet 2	PO	4-6	3º	73	18,500	0,691	3,73
15.998	Hia. Conde Alie	15/16	4-1	2º	30	26,080	0,759	2,91
15.999	Hia. Conde Gelle 3	3/4	7-7	2º	54	20,430	0,834	4,08
16.000	Hia. Conde Pietje 3	15/16	4-10	2º	35	25,140	0,884	3,52
13.600	Cast. Raul Hendrika 8	PO	3-5	1º	16	20,700	0,795	3,84
15.522	Hia. Erica Trinjntje 36	PC	1-11	4º	105	18,440	0,598	3,21
16.143	Cast. Beld FetsFetske 17	—	—	1º	10	19,830	0,813	4,10
16.144	Cast. Beld Mina 8	—	—	1º	16	25,390	0,892	3,51
16.145	Hia. Erica Clara 2	—	3-2	1º	8	20,470	0,633	3,09
13.801	Cast. Vos Antje 34	PO	4-11	2º	28	23,770	0,760	3,20
15.230	Cast. Vos Annek 4	PO	5-0	4º	96	19,000	0,796	4,19
15.231	Cast. Vos Lutske 5	PO	3-2	4º	94	19,800	0,572	2,89
15.777	Cast. Vos Nanke	PO	4-4	3º	62	23,000	0,907	3,94
14.326	Hia. Bur Marlene 1	7/8	6-0	3º	66	18,040	0,621	3,44
11.181	Cast. Raul Romkje	PO	6-4	2º	32	21,500	0,716	3,33
16.007	Hia. Lucas Juliana	15/16	4-10	2º	41	20,700	0,707	3,41
16.138	Hia. Lucas Jantje 2	7/8	3-1	1º	11	21,500	0,703	3,27

NELORE DE SÃO BENTO:

VELOCIDADE DE GANHO
DE PÊSO, CONFORMAÇÃO
E PUREZA RACIAL



EGIPCIO — por Tirano e Sedução. Com 1066 quilos de peso, chefia um plantel de 200 fêmeas registradas. Transmite aos filhos sua precocidade, conformação e pureza.



ARGENTINA — demonstra em suas linhas inegável pureza racial, que a credencia como uma das expressões máximas do Nelore no País



FAZENDA SÃO BENTO

Dr. José Carlos Vilela
e Irmãos

DRACENA — Est. de S. Paulo

São Francisco Sociedade Ltda.

M O C O C A

ESTADO DE SÃO PAULO



Seleção de Gir Leiteiro



CONTROLE LEITEIRO
REALIZADO PELA
A.P.C.B.



**CONJUNTO PRIMEIRO COLO-
CADO** — na IX Exposição de
Gado Leiteiro de São Paulo.
Constituído de filhos de vacas
que, em controle feito pela
A.P.C.B., deram a média de
3.479 quilos de leite em 316 dias.

São Francisco Sociedade Ltda.

M O C O C A

ESTADO DE SÃO PAULO

Nº SCL		Grão Idade do sangue	anos mês	Controle de	Dias de lactação	Leite	Gordura
16.139	Hia. Lucas Janke 2	7-8	2-2	1	13	18,000	0,675
12.525	Cast. Cater Setake 5	PO	4-5	1	12	21,600	0,669
9.600	Hia. Juliana Mina 1	31-32	10-5	2	36	33,050	1,000
10.785	Cast. Juliana Rooske 4	PO	5-5	3	108	18,590	0,613
13.605	Cast. Juliana Sletske 5	PO	3-4	3	75	20,750	0,674
15.748	Cast. Juliana Froukje 4	PO	2-3	2	38	18,170	0,563
9.600	Hia. Juliana Mina 1	31-32	10-5	3	58	31,600	0,989
10.785	Cast. Juliana Rooske 4	PO	5-5	4	130	19,130	0,622
13.605	Cast. Juliana Sletske 5	PO	3-4	4	97	21,830	0,725
11.472	Hia. Kirs Trijntje 4	15-16	5-2	2	44	19,500	0,576
13.591	Hia. Exc. Bontje 1	15-16	5-11	5	131	19,100	0,700
13.798	Cast. Exc. Anna 30	PO	5-7	2	24	19,600	0,743
16.008	Cast. Exc. Tetje 010	PO	4-5	2	45	19,700	0,708
7.606	Cast. Raul Geertje 382	PO	9-1	1	16	27,020	0,933
10.379	Cast. Raul Wiersma 4	PO	5-9	4	96	18,700	0,588
12.109	Cast. Raul Paulina 5	PO	4-4	4	112	20,550	0,673
13.261	Cast. Raul Wlepkje 55	PO	—	1	—	20,980	0,766
15.996	Cast. Raul Wiersma 6 A	PO	2-7	2	43	23,390	0,816
11.282	Hia. Tinus Zwaantje	15-16	7-2	5	145	18,600	0,576
12007	Cast. Tinus Bontje 12	PO	6-1	3	82	23,200	0,755
12.100	Hia. Drentina Lena	15-16	5-6	3	86	22,250	0,735
15.225	Hia. Tinus Willy	15-16	5-0	4	98	21,700	0,651
11.518	Cast. Jager Trijntje 26	PO	4-10	1	16	20,950	0,774

Guilherme Sleutjes, Castro, Est. do Paraná.

Controle em 8/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13.802	Branquinha Castrense	15-16	5-4	2	74	28,960	0,821
13.803	Esperança Castrense	15-16	5-8	2	67	24,350	0,732
13.928	Alfena Castrense	15-16	6-2	1	1	29,720	0,883
14.978	Gaucha Castrense	—	—	5	181	19,180	0,565
15.534	Bleque Castrense	—	—	3	107	20,660	0,656
15.781	Mina Castrense	—	4-0	2	50	24,800	0,646
16.122	Francisca Castrense	—	—	1	38	18,170	0,495

Guilherme Sleutjes, Castro, Est. do Paraná.

Controle em 26/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13.928	Alfena Castrense	15-16	5-4	3	92	26,310	0,670
14.978	Gaucha Castrense	15-16	5-8	3	85	23,380	0,619
15.534	Bleque Castrense	15-16	6-2	2	19	24,720	0,741
15.781	Mina Castrense	—	—	6	199	17,720	0,550
16.122	Francisca Castrense	—	—	4	125	23,250	0,898
16.134	Borboleta Castrense	—	4-0	3	68	24,730	0,741
16.135	Andorinha Castrense	—	—	2	56	18,500	0,536
16.136	Bettij Castrense	31-32	2-2	1	9	21,140	0,854
16.137	Formosa Castrense	31-32	4-5	1	11	27,780	1,001
—	—	31-32	2-1	1	12	16,060	0,553
—	—	—	—	1	8	28,170	0,974

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra, Mogi Mirim, Est. de São Paulo.

Controle em 25/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.48	Holambra Betsy XI	PO	7-5	6	179	18,550	0,630
9.808	Holambra Atje XI	PO	5-10	6	195	18,850	0,697
11.711	Holambra Sipkje XXXV	PO	—	9	—	13,200	0,482
14.669	Holambra Holanda CXVII	PO	—	8	217	14,450	0,513
15.142	Holambra Holander CX	PO	—	5	133	14,580	0,539
15.631	Holambra Maria XXX	PO	—	3	—	16,120	0,547
16.055	Holambra Tietje XX	PO	—	1	13	17,750	0,621
16.056	Holambra Coba XX	PO	—	1	5	16,700	0,559

Colégio Adventista Brasileiro, Santo, Amaro.

Controle em 9/11/1965.

Regime de Semi-estabulação, 2 ordenhas.

3.636	Lindoia Sentinel II	PCOC	12-11	3	104	19,700	0,591
6.196	C.A.B. Florística II Medalist	PO	4-0	1	44	28,800	0,597
9.104	C.A.B. Finança Medalist	PO	6-9	12	372	14,450	0,547
9.516	Predlleta Madcap C.A.B.	PCOC	6-8	10	285	14,500	0,515
9.761	C.A.B. Calada Medalist	PO	6-1	10	360	13,650	0,545
9.762	C.A.B. Jana Medalist	PO	7-1	1	28	19,850	0,681
10.677	Regea Medalist C.A.B.	PCOC	6-5	2	74	22,400	0,692
10.866	Fortuna Medalist C.A.B.	PCOC	5-8	9	278	16,440	0,608
10.916	Fagonia Medalist C.A.B.	PCOC	5-3	5	157	21,300	0,841
11.000	Brota Medalist C.A.B.	PCOC	5-1	5	166	20,320	0,700
11.277	Reliquia M. II C.A.B.	PCOC	4-9	8	267	18,020	0,721
11.288	Bordada Medalist C.A.B.	PCOC	5-2	1	23	27,200	0,977
11.289	Diva Medalist C.A.B.	PCOC	6-0	3	88	21,700	0,693
11.497	Bis Medalist C.A.B.	PCOC	5-0	5	156	18,020	0,693
11.883	Realidade Med. II C.A.B.	PCOC	5-5	9	298	14,950	0,615
12.483	Finura Medalist C.A.B.	PCOC	4-11	5	151	13,300	0,519
2.1484	Liberta M. C.A.B.	PCOC	4-3	3	104	18,330	0,658

FEVEREIRO DE 1966

Nº SCL		Gráu do sangue	Idade do anos	Dias Controle de lactação	Leite	Gordura	%	
13.428	Roselandia M. I C.A.B.	PCOC	4-4	2º	68	18,580	0,594	3,19
13.623	Bela Medalist C.A.B.	PCOC	3-3	5º	188	15,600	0,616	3,95
14.898	Bogonia Medalist C.A.B.	PCOC	3-1	1º	13	18,400	0,595	3,23
14.899	Feira Libre Medalist II	PCOC	4-0	5º	166	15,480	0,580	3,74
15.047	Saplenca II Med. C.A.B.	PCOC	5-7	5º	159	16,450	0,578	3,51
15.048	Loitta Medalist C.A.B.	PCOC	3-9	4º	147	13,500	0,450	3,33
15.404	Resposta Medalist II C.A.B.	PCOC	3-0	4º	129	15,740	0,542	3,44
15.405	C.A.B. F. Med. I	PCOC	2-4	3º	113	16,520	0,677	4,09
15.564	Festa Medalist C.A.B.	PO	2-4	3º	87	16,770	0,629	3,75
		PCOC	2-6	2º	69	19,250	0,481	2,50

Dr. Lelio de Toledo Piza e Almeida, Jarinú, Est. de S. Paulo.

Controle em 23/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.026	S. M. 739 E. 15 L. Michael	PO	10-4	6º	162	14,750	0,530	3,59
8.582	Santabri Luz R. A. Ajax	PO	9-7	4º	113	15,450	0,508	3,29
8.686	Santabri C. R. A. Ajax	PO	9-10	4º	117	18,400	0,681	3,70
8.831	Diabinha	PCOC	8-2	6º	176	17,100	0,707	4,13
9.024	Dinamraça	PCOC	7-9	7º	214	18,350	0,650	3,54
10.145	Primavera Espoleta	PO	6-11	6º	166	19,300	0,640	3,31
10.717	Formosa	PCOC	6-3	5º	142	16,200	0,617	3,81
10.718	Gardenia	PCOC	5-7	3º	94	19,550	0,701	3,58
10.719	Primavera Frida	PO	6-0	5º	174	17,800	0,629	3,53
11.294	Primavera Flora	PO	5-5	7º	199	16,600	0,583	3,51
12.555	Eletra	PCOC	7-6	2º	70	22,600	0,698	3,09
12.998	Granada	PCOC	5-3	7º	171	13,150	0,464	3,53
13.077	Hellada	PCOC	4-0	9º	247	14,800	0,609	4,11
13.323	Primavera Hastea	PO	4-0	7º	169	14,600	0,533	3,65
13.511	Primavera Itatiba	PO	2-10	5º	113	13,150	0,570	4,33
13.532	Primavera Frineia	PO	5-9	3º	86	14,550	0,555	3,81
13.807	Primavera Golana	PO	4-10	2º	47	15,200	0,573	3,77
13.808	Heroina	PCOC	4-1	1º	17	16,850	0,552	3,28
13.931	Primavera Imperatriz	PO	3-9	2º	37	18,000	0,580	3,22
15.132	Primavera Ibluna	PO	3-0	1º	5	14,550	0,470	3,28
15.854	Impala	PCOC	3-2	3º	57	15,600	0,526	3,37

Empresa Bandeirantes de Administração S. A., São Bernardo do Campo, Est. de S. P.

Controle em 29/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.150	Coroa	PCOC	9-3	5º	142	13,400	0,413	3,08
12.406	Dourada	PCOC	5-3	1º	2	17,200	0,541	3,14

Dr. Guido Malzoni, Jundial, Est. de São Paulo.

Controle em 3/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

7.737	Estrela	PCOD	10-4	4º	98	37,300	1,257	3,37
9.103	Urca Rio das Pedras	PCOC	5-2	12º	343	22,000	0,796	3,61
12.838	Alerta	PCOD	7-3	1º	13	31,600	1,052	3,33
13.638	Copacabana	PCOD	5-4	2º	41	34,700	1,064	3,06

2 ordenhas

8.660	Saratoga	PCOD	11-1	1º	6	15,100	0,577	3,82
11.001	G. M. Maruelra	PCOD	9-9	6º	171	14,150	0,592	4,18
11.223	Espanhola	PCOD	11-0	2º	50	19,850	0,628	3,16
14.920	Perola do R. das Pedras	PCOC	2-10	6º	154	13,300	0,524	3,94
15.624	Amazonas II R. das Pedras	PCOC	4-3	3º	69	17,600	0,563	3,20

Junqueira Dias, Carmo de Minas, Est. de Minas Gerais.

Controle em 9/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.802	Ipanema II de Sta. Inês	31/32	2-9	3º	107	16,600	0,548	3,51
15.803	Simpatia de Sta. Inês	63/64	4-11	2º	77	16,400	0,493	3,01
15.804	Nhandú Blela	PO	3-9	2º	77	14,790	0,474	3,20

Jotamar Administração e Comércio S. A., Campinas, Est. de S. Paulo.

Controle em 28/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.750	B. V. Bena 3569 2.º Solid	PO	8-4	4º	113	18,900	0,544	2,88
11.764	Brisa de Guarapiranga	PCOC	4-10	6º	158	13,100	0,480	3,66
12.137	Guarapiranga Bruma	PO	5-2	2º	56	18,300	0,492	2,69
13.621	Amazonas Mr. Belhota	PCOC	4-6	3º	89	14,200	0,441	3,10
14.910	Amazonas Mr. Brava	PCOC	4-9	7º	171	14,500	0,530	3,65
15.139	E. M. de Guarapiranga	PCOC	2-4	6º	156	13,600	0,418	3,07
15.140	Guarapiranga M. Diana	PO	—	7º	149	13,600	0,560	4,11

SINDI

LEITE EM ZEBU

Registro genealógico
pela SRTM



Contrôle leiteiro pela
Associação Paulista de
Criadores de Bovinos



SITARI — filha de Símbolo e Braúna. Iniciou lactação aos 2 anos e 8 meses, sendo fiel seguidora de sua mãe Braúna.

FAZENDA FORTALEZA

JOÃO CARLOS PEDREIRA DE FREITAS

ARCEBURGO — M.G.

FAZENDA MACACU

José Geraldo Arêas

**CAVALOS CAMPOLINA E
MANGALARGA**



BAMBO DE MACACU — raça Mangalarga Marchador. Também presente em Belo Horizonte, defendendo o plantel da raça que se vai difundindo em terras fluminenses. Montando-o José Geraldo Arêas Filho, classificou-se o Melhor Cavaleiro do certame.



SUBLIME DE MACACU — raça Campolina. Representou-nos na XXXII Exposição de Belo Horizonte em 1965.

FAZENDA MACACU

ITABORAÍ — R.J
Escritório: Avenida Franklin Roosevelt, 23 - 15.º andar - Fones: 42-8665 e 42-7214
Rio de Janeiro — GB

Nº SCL

Gráu Idade do anos Controle de sangue meses
Dias Controle de lactação
Leite Gordura %

Dr. Manoel Alves de Castro, Passa Quatro, Est. de Minas Gerais.

Controle em 12/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

6.327	Arlete Clara Sylvia	PO	10.6	8º	210	17,310	0,593	3,43
9.466	Arlete Sorala	PO	7.5	3º	79	16,340	0,518	3,17
10.648	Arlete Vitoria 59	PO	6.0	8º	198	18,490	0,588	3,18
14.388	Arlete Bailarina	PO	4.7	11º	294	14,460	0,507	3,50
15.279	Arlete Nina III	PO	3.5	4º	105	14,250	0,533	3,74
15.280	Arlete Galera	PO	3.8	4º	101	19,820	0,749	3,77

Olimpio Garcia Dias, Mococa, Est. de São Paulo.

Controle em 19/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.815	Rabuja do Cêrvo	PCOD	5.10	2º	89	17,250	0,515	2,98
15.816	Amaz. M. Devedora	PCOC	3.0	2º	76	20,250	0,778	3,84
15.817	Suzana do Cêrvo	PCOD	5.10	2º	84	17,050	0,507	2,97
15.818	Amaz. Marmaut Dandan	PCOC	2.10	2º	81	20,850	0,547	2,62
15.819	Amizade do Cêrvo	PCOD	3.4	2º	43	23,250	0,768	3,30
16.032	Barraca do Cêrvo	PCOD	—	1º	—	14,400	0,592	4,11

Reynaldo Foresti, Varginha, Est. de Minas Gerais.

Controle em 5/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.782	Katia	NR	6.6	2º	97	21,020	0,798	3,79
15.783	S. Gabriel Senhorita	31/32	5.10	2º	70	19,870	0,603	3,03
15.784	Grinalda	15/16	10.8	2º	70	16,620	0,545	3,28
15.785	Zelinda	NR	—	2º	77	18,170	0,662	3,64
16.038	Culca	7/8	6.0	1º	21	24,660	0,826	3,35

Dr. Milton Pannain, Terezopolis, Est. do Rio de Janeiro.

Controle em 6/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

15.706	Cast. Leffers Annetta 9	PO	—	3º	—	22,000	0,800	3,63
--------	-------------------------	----	---	----	---	--------	-------	------

2 ordenhas

15.722	Correntinha	—	—	4º	—	13,050	0,461	3,53
--------	-------------	---	---	----	---	--------	-------	------

Nestor Chaves Filho, Itapeverica da Serra, Est. de São Paulo.

Controle em 11/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.589	Cast. Erica Trijntje 35	PO	6.6	3º	88	14,480	0,558	3,10
--------	-------------------------	----	-----	----	----	--------	-------	------

Dr. Francisco Ferreira Pinto Filho, Taubaté, Est. de São Paulo.

Controle em 20/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.574	Queluz	NR	—	3º	79	13,300	0,420	3,15
15.811	Cotla	NR	—	2º	32	14,300	0,459	3,21

Brasil Agropecuária S. A. — Agrobrás, Curitiba, Est. do Paraná.

Controle em 29/10/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.845	Cast. Leffers Minke 45	PO	4.8	4º	92	18,550	0,637	3,43
11.257	Cast. Leffers Boukje 30	PO	5.5	1º	21	18,450	0,733	3,97
11.389	Cast. Leffers Aukje 11	PO	5.3	1º	22	18,000	0,548	3,05

Carlos Eduardo Baptistella, Tremembé, Est. de São Paulo.

Controle em 17/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.421	V. B. Elva Senado	PCOC	7.9	1º	4	19,450	0,538	2,76
11.995	Ana's America Pabst	PCOD	7.2	10º	337	15,300	0,465	3,04
12.304	Amazonas Mr. Bicoca	PCOC	4.9	5º	144	14,000	0,499	3,56
12.520	Jandaia	PCOD	5.4	1º	27	16,550	0,609	3,68
13.174	Harpa de M. DyEste	PCOD	5.5	4º	114	14,000	0,439	3,13
13.175	Harpa de M. D'Este	PCOC	5.6	4º	105	20,600	0,768	3,72

FEVEREIRO DE 1966

Nº SCL		Gráu do sangue	Idade de anos	Dias de Controle de lactação	Leite	Gordura	%
13.248	Amazonas Mr. Bufone	PCOC	4-8	6º	296	17,150	0,577 3,36
13.661	Alegria Tereza	PCOD	4-0	3º	82	21,150	0,716 3,38
13.761	Apalxonada Tereza	PCOD	4-3	2º	47	15,650	0,610 3,29
13.897	Cr. P. Violeta F. Pabst	PCOC	3-10	1º	15	17,850	0,587 3,28
14.134	Ana's Corina Pabsta	PCOC	3-5	12º	337	13,650	0,455 2,91
15.179	Academia Tereza	PCOD	3-3	5º	139	14,750	0,493 3,34
15.181	Floresta E.E.P.A. 1213	PO	3-10	5º	149	15,900	0,527 3,32
15.410	Adorçãõ Tereza	PCOD	3-4	4º	100	13,950	0,447 3,29
15.550	Sylvia 2235	PCOD	8-6	3º	74	13,950	0,460 3,29
15.973	E.E.P.A. Gazeta 1241	PO	6-8	3º	65	13,600	0,373 2,74
15.977	Sylvia 2329 Monera	PCOC	8-0	2º	55	18,000	0,666 3,70
15.978	Sylvia 2826 Monera	PCOC	6-2	2º	44	14,400	0,514 3,57
15.979	Tanajuba	PCOD	5-8	2º	33	15,350	0,552 3,60
16.227	Julietta de Sta. Angela	PCOD	3-9	1º	48	16,300	0,616 3,78
16.228	Sylvia 2143 Guaracy	PCOD	7-10	1º	12	16,900	0,594 3,51
16.229	Sylvia 3501 Monera	PCOC	3-5	1º	18	13,050	0,440 3,37

Clá. Ad. Instradora Técnica e Agrícola «ATAGRI». Pindamonhangaba, Est. de S. P.

Controle em 24/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.180	Sudaneza de Sta. Helena	PCOD	8-3	5º	173	13,150	0,406 3,09
11.741	Estupenda de Sta. Helena	PCOD	8-4	5º	172	13,050	0,456 3,50
15.030	Pena	PCOD	5-1	5º	164	14,600	0,450 3,08
15.182	Jangá	PCOD	5-0	5º	178	18,050	0,567 3,14
15.186	Indiana	PCOD	—	5º	—	18,200	0,548 3,01
15.189	Lembrança	PCOD	5-1	5º	172	17,120	0,577 3,37
15.190	Balada	PCOD	5-2	5º	783	14,200	0,494 3,48
15.191	Cimba	PCOD	4-5	5º	158	15,550	0,497 3,19
15.320	Ada de Sta. Helena	PCOD	5-6	4º	148	16,350	0,545 3,33
15.321	Alagoas	PCOD	5-3	4º	126	18,270	0,591 3,23
15.323	Sinea	PCOD	5-2	4º	108	19,650	0,678 3,45
15.325	Seleta de Sta. Helena	PCOD	5-2	4º	132	18,950	0,607 3,20
15.326	Florida de Sta. Helena	PCOD	5-3	4º	126	16,750	0,505 3,01
15.327	Formosa de Sta. Helena	PCOD	8-5	4º	149	16,150	0,558 3,45
15.328	Deniza de Sta. Helena	NR	2-11	4º	149	13,350	0,427 3,20
15.329	Queimada	PCOD	5-1	4º	109	16,000	0,454 2,84
15.330	Londrina	PCOD	5-5	4º	159	14,600	0,488 3,34
15.658	Beta de Sta. Helena	PCOD	4-5	3º	96	20,950	0,712 3,40
15.659	Barata	PCOD	5-4	2º	75	21,500	0,603 2,80
15.660	Broca	PCOD	5-3	3º	69	21,250	0,726 3,41
15.661	Colombia	PCOD	5-4	3º	79	17,200	0,490 2,85
15.662	Corrente	PCOD	5-4	3º	77	17,400	0,417 2,40
15.664	Delicia de Sta. Helena	—	3-3	3º	63	15,000	0,462 3,08
15.665	Hípica	PCOD	5-5	3º	78	17,100	0,580 3,39
15.666	India	PCOD	5-3	2º	99	20,000	0,706 3,33
15.667	Martha 4	PO	—	3º	—	15,200	0,501 3,29
15.900	Boia	PCOD	5-5	2º	45	18,800	0,606 3,22
15.901	Brasília	PCOD	8-9	2º	53	22,900	0,661 2,88
15.902	Carola	PCOD	4-1	2º	53	20,100	0,598 2,98
15.903	Denda de Sta. Helena	NR	2-9	2º	59	17,450	0,580 3,32
15.904	Sta. Rolina's Bela	PO	2-8	2º	39	13,700	0,413 3,01
16.209	Gabiroba de Sta. Helena	PCOD	—	1º	—	18,350	0,502 2,73
16.210	Aleluia	PCOD	—	1º	—	17,200	0,564 3,28

Lavr Antônio de Souza, Araras, Est. de São Paulo.

Controle em 29/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.214	Querida	PCOD	6-3	1º	30	13,080	0,622 4,76
16.218	Roseira	7/8	3-1	1º	7	15,180	0,716 4,72
16.219	Nogales C. Pontiac	PO	7-9	1º	5	16,110	0,451 2,80
16.200	Holambra Antje XLV	PO	3-10	1º	4	15,830	0,733 4,63
16.221	Garcinha	7/8	3-0	1º	3	15,650	0,641 4,09

Urbano Junqueira, Cruzília, Est. de Minas Gerais.

Controle em 27/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.693	Esperança II J. B.	63/64	12-1	2º	90	13,560	0,488 3,60
6.485	S. M. R. A. Lochinvar	PO	10-3	5º	128	14,900	0,534 3,58
8.456	Riquesa J. B.	PCOC	—	1º	—	20,600	0,570 2,76
8.627	Bonte Andringa 240	PO	—	1º	—	17,200	0,500 2,90
11.201	Marcharé J. B.	PCOC	6-1	5º	121	16,050	0,507 3,15
11.362	Interrogação J. B.	NR	—	3º	75	13,700	0,448 3,27
12.354	Mantena J. B.	NR	—	2º	54	21,150	0,697 3,30
12.574	Marginal J. B.	NR	5-1	3º	87	14,050	0,507 3,61
12.646	Olinda J. B.	NR	—	5º	121	19,200	0,660 3,44
12.683	Cast. Leffers Beatrix 2	PO	—	1º	—	16,020	0,460 2,87
13.242	Manon J. B.	PCOC	5-10	4º	99	15,240	0,488 3,20

Fernando de Alencar Pinto S. A., Pindamonhangaba, Est. de S. Paulo.

Controle em 22/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

11.563	Falupa E. E. ... A. 1044	PO	7-0	12º	207	16,900	0,694 4,10
11.907	Existência E. E. P. A. 1135	PO	8-2	7º	155	20,600	0,665 3,22
11.910	Havana E. E. P. A. 1341	PO	5-3	6º	148	17,709	6,54 3,70

FEVEREIRO DE 1966

B FAZENDA CAMPO ALEGRE

ESPÓLIO

DR. JOÃO BATISTA DE FIGUEIREDO COSTA



a mais antiga seleção de Gir leiteiro no Estado de São Paulo



CONTROLE LEITEIRO PELA
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE
CRIADORES DE BOVINOS



CAMPO ALEGRE TOSCANA —
Reg. A-6494. Mãe de Curvelo, um
dos atuais reprodutores do plan-
tel Campo Alegre. Pureza racial
e peso aliados a produção leiteira
superior a 18 quilos diários.

FAZENDA CAMPO ALEGRE

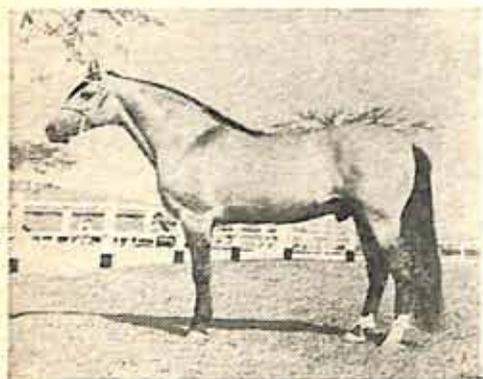
Casa Branca — Estado de
São Paulo

O bêrço da marca F

106 anos

de criação e seleção das raças Campolina, Mangalarga Machador e jumento Pêga

A marca F significa AGILIDADE, COMODIDADE BELEZA E RESISTÊNCIA



MIRAI DE PASSA TEMPO — notável chefe do plantel Campolina da Fazenda Campo Grande e até hoje o cavalo que maior número de pontos obteve no registro genealógico. Com 1,62 de altura, é atualmente um dos mais típicos representantes de da sua raça.



ZINABRE DE PASSA TEMPO — filho de Segundo Rio Verde de Passa Tempo e Aliança de Passa Tempo. Com 30 meses. Trabalhando o Mangalarga Marchador.

Seleção e venda de reprodutores equinos, asininos, búfalos Jafarabadi, porcos Piau e bovinos das raças Holandesa e Guzerá.

Fazenda Campo Grande
Bolivar de Andrade e Filhos
PASSA TEMPO — MINAS

Nº SCL	Gráu Idade do anos	Controle de sangue	Idade meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
12.080	Hellecula E.E.P.A. 1391	PO	5-3	10 ^o	274	20,650	0,683 3,31
12.961	Holambra Gonda VII	PO	4-3	7 ^o	139	17,100	0,601 3,51
13.025	Jangada Boa Vista	PO	3-7	10 ^o	246	17,950	0,605 3,37
13.574	Jangada Boa Esperanca	PO	4-4	1 ^o	24	21,850	0,758 3,45
14.107	M's Fond H.S. Reflection 12	PO	3-6	1 ^o	3	24,800	0,752 3,03
15.006	M's. Golden P. Madcap 13	PO	2-9	7 ^o	158	16,350	0,581 3,55
15.007	M's Rag Apple G. Prilly 15	PO	2-8	7 ^o	153	17,600	0,527 2,99
15.163	Jangada Caridade	PO	3-4	6 ^o	150	14,450	0,509 3,52
15.164	Jangada Coité	PO	2-6	6 ^o	150	15,800	0,619 3,92
15.657	M's Alpha Madcap 36	PO	2-10	3 ^o	78	14,600	0,466 3,19
15.906	Jangada Duquesa	PO	2-7	2 ^o	38	18,850	0,630 3,34
15.907	Jangada Divina	PO	2-5	2 ^o	35	20,300	0,657 3,23
16.206	Jangada Corearu	PO	3-0	1 ^o	14	18,900	0,585 3,09
2 ordenhas							
11.709	Hansa E.E.P.A. 1384	PO	5-4	4 ^o	94	18,000	0,697 3,87
12.079	Honra E.E.P.A. 1383	PO	4-10	4 ^o	101	15,100	0,550 3,64
12.184	Garatuza E.E.P.A. 1322	PO	5-9	3 ^o	83	19,350	0,634 3,27
13.493	Jangada Barbalha	PO	4-5	4 ^o	113	17,700	0,934 5,27
13.663	Jangada Canafistula	PO	3-4	3 ^o	89	14,550	0,564 3,87
13.664	Jangada Cascavel	PO	3-4	3 ^o	89	17,450	0,679 3,89
13.762	Impetuosa E.E.P.A. 1433	PO	4-0	3 ^o	91	16,250	0,603 3,71
14.213	M's Nell Front Row 10	PO	3-10	1 ^o	4	15,830	0,733 4,63
14.756	Jangada Catorina	PO	2-9	8 ^o	206	13,200	0,524 3,97
14.757	Jangada Cristais	PO	2-7	7 ^o	194	14,400	0,538 3,73
15.165	M's. Alpha Lochinvar 38	PO	2-8	5 ^o	161	13,300	0,448 3,37

Karl Walter Pfestorf, Pindamonhangaba, Est. de S. Paulo.

Controle em 20/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.208	Biritiba	PCOD	2-7	1 ^o	2	13,850	0,412 2,97
--------	----------	------	-----	----------------	---	--------	------------

Dr. Flávio Castelo Branco Gutierrez, Sete Lagóas, Est. de Minas Gerais.

Controle em 1/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

Controle de Inspeção

3 ordenhas

6.271	Jardim Narceja	15/16	—	3 ^o	—	23,350	0,760 3,25
-------	----------------	-------	---	----------------	---	--------	------------

2 ordenhas

14.710	Linda	31/32	—	8 ^o	235	15,250	0,526 3,45
14.713	Onix Marselhesa	15/16	—	8 ^o	205	13,950	0,472 3,38
15.115	Caipira	3/4	—	6 ^o	132	15,880	0,531 3,34
15.118	Mantiqueira	7/8	—	6 ^o	150	17,140	0,651 3,80
15.125	Onix Medalha	7/8	—	6 ^o	130	14,600	0,494 3,38
15.178	Laguna	15/16	—	5 ^o	117	18,800	0,561 2,98
15.296	Onix Moscarita	—	—	4 ^o	96	14,220	0,475 3,34
15.298	Onix Pianista	—	—	4 ^o	—	17,240	0,568 3,30
15.742	Providência Estrela	—	—	3 ^o	—	14,000	0,435 3,10
15.743	Troia	—	—	3 ^o	—	22,000	0,726 3,30
15.744	Inhandú Duquesa	—	—	3 ^o	—	16,470	0,482 2,93
15.745	Belgica	—	—	3 ^o	—	17,900	0,582 3,25

Dr. Flávio Castelo Branco Gutierrez, Sete Lagóas, Est. de Minas Gerais.

Controle em 24/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

6.271	Jardim Narceja	15/16	—	4 ^o	—	25,970	0,879 3,38
-------	----------------	-------	---	----------------	---	--------	------------

2 ordenhas

14.705	Caçula	31/32	—	8 ^o	226	14,450	0,510 3,53
14.706	Coramina	NR	—	8 ^o	249	13,070	0,365 2,79
14.710	Linda	31/32	—	9 ^o	258	13,360	0,438 3,28
14.718	Granfina	15/16	—	9 ^o	230	14,160	0,452 3,20
14.719	Odella	—	—	8 ^o	226	13,560	0,461 3,40
15.112	Paulina	NR	—	6 ^o	200	13,230	0,493 3,73
15.115	Caipira	3/4	—	7 ^o	155	14,970	0,536 3,58
15.118	Mantiqueira	7/8	—	7 ^o	173	17,520	0,633 3,61
15.125	Onix Medalha	7/8	—	7 ^o	153	13,940	0,473 3,40
15.178	Laguna	15/16	—	6 ^o	140	16,160	0,402 2,48
15.296	Onix Moscarita	—	—	5 ^o	119	13,780	0,463 3,36
15.298	Onix Pianista	—	—	5 ^o	—	17,950	0,505 2,81
15.742	Providência Estrela	—	—	4 ^o	—	13,420	0,446 3,32
15.743	Troia	—	—	4 ^o	—	20,630	0,705 3,41
15.744	Inhandú Duquesa	—	—	4 ^o	—	17,920	0,535 2,98
15.745	Belgica	—	—	4 ^o	—	17,460	0,511 2,93
16.224	Boa Sorte	NR	—	1 ^o	29	21,640	0,575 2,66

Nº SCL	Grão Idade do anos sangue	Controle de mês	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
Artur Carlos Ayres Dianda, Amparo, Est. de São Paulo.						
Controle em 12/11/1965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
14.889	Alba	PCOD	4-3	5º	184	14,150 0,511 3,61
14.890	Tartaruga	PCOD	7-8	6º	197	16,650 0,551 3,31
14.891	Amazonas do Rancho Iza	PCOD	2-6	6º	197	14,500 0,569 3,92
15.087	Mansinha do Rancho Iza	PCOD	3-1	5º	139	14,800 0,477 3,22
15.088	Granfina	PCOD	9-4	5º	157	13,000 0,558 4,29
15.089	A mada	PCOD	3-5	5º	154	14,450 0,442 3,06
15.090	F. O. Ormsby Canãa	PCOC	4-5	5º	162	14,600 0,450 3,08
15.091	Mineira	PCOD	7-10	5º	163	16,000 0,620 3,87
15.092	Alémã do Rancho Iza	PCOD	4-7	5º	163	14,350 0,570 3,97
15.267	Alteza	PCOD	5-8	4º	123	15,800 0,480 3,04
15.268	Alvorada	PCOD	5-5	4º	106	20,550 0,641 3,12
15.269	Ardosia	7/8	5-8	4º	121	15,100 0,597 3,95
15.270	Argentina	PCOD	4-4	4º	109	14,850 0,557 3,75
15.271	Vingança	PCOD	3-7	4º	126	13,650 0,514 3,76
15.273	Roseira	PCOD	4-1	5º	135	16,900 0,511 3,02
15.274	Nobreza	PCOD	9-1	4º	102	19,300 0,572 2,96
15.551	Ordalha do Rancho Iza	PCOD	4-4	3º	68	19,050 0,560 2,94
15.813	Fio de O. O. Fortuna III	PCOC	5-5	2º	47	14,800 0,485 3,28
15.814	Colina	PCOD	8-7	2º	46	18,400 0,570 3,10

Dr. Luiz Horácio de Mello e Tótila Jórdan, Sorocaba, Est. de S. Paulo.

Controle em 18/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.127	Nogales L. Sovereign	PO	8-10	2º	44	19,900 0,693 3,48
12.128	Orion's 2732 S. Estatuá	PCOC	4-10	5º	154	13,600 0,486 3,57
12.129	Orion's 2847 S. Fatura	PCOC	4-9	1º	31	17,200 0,533 3,10
12.252	Auca Lady Carnation	PO	6-8	4º	104	17,600 0,866 4,93
12.856	Orion's 2730 S. Economia	PCOC	4-6	10º	280	13,600 0,542 3,99
12.857	Orion's 2672 S. Eloá	PCOC	5-5	2º	47	17,950 0,667 3,71
13.017	Nogales S. L. Corina	PO	5-5	6º	180	15,550 0,578 3,71
13.094	Orion's 2678 S. Espuma	PCOC	5-5	1º	19	15,450 0,493 3,19
13.305	Nogales Mistress Della	PO	8-10	2º	56	18,200 0,703 3,86
13.458	Orion's 2706 S. Estrada	PCOC	5-2	2º	58	18,300 0,601 3,28
13.460	Orion's Dina 11	PO	5-7	4º	99	15,600 0,582 3,73
13.461	Auca Spring	PO	7-0	4º	114	16,200 0,556 3,43
14.611	Auca Tjerkje Violeta	PO	5-8	8º	242	13,600 0,599 4,40
15.072	Auca Verbena 4	PO	8-6	5º	157	17,350 0,663 3,82
15.342	Auca Gaivota Violeta	PO	7-0	4º	122	15,000 0,576 3,84

Jeão Arthur Ribas Vianna, Cotia, Est. de São Paulo.

Controle em 19/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

9.905	Holambra Tietje XV	PO	6-5	1º	21	17,400 0,566 3,25
10.619	Estrela do Mar Visser X	PO	6-0	4º	100	20,900 0,676 3,23
11.577	Holambra Baukje XCV	PO	4-10	1º	11	35,050 1,139 3,25
13.442	Ch. P. Helvetia Fred Pabst	PO	3-11	3º	80	29,100 0,910 3,12
15.391	Sylvia Carolina M. Burke	PO	5-9	4º	152	16,850 0,520 3,08
15.392	Sylvia 2838 MOACARA	PCOC	6-0	4º	106	22,150 0,582 2,62
15.549	Sylvia 2270 Irapuã	PCOC	8-4	3º	69	21,750 0,744 3,42
15.863	Sylvia Juriti Danton	PO	6-6	2º	49	17,900 0,600 3,35

2 ordenhas

12.558	V. Brandina Dida Senado	PCOC	6-4	11º	327	15,500 0,565 3,65
15.864	Sylvia 3030 Burke	PCOC	5-6	2º	39	13,000 0,413 3,17
15.865	Viviane do Cafezal	PO	11-4	2º	37	17,500 0,567 3,24

Cia. Agrícola Fazenda Sta. Maria da Posse, Itupeva, Est. de S. Paulo.

Controle em 28/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13.546	Marilisa da Prata	PCOD	3-7	2º	45	22,600 0,752 3,33
13.548	Amazonas Mr. Chuleta	PCOC	3-10	5º	120	15,500 0,537 3,46
13.549	Amazonas G. M. Clara	PCOC	4-0	5º	134	19,650 0,734 3,73
13.550	Amazonas G. M. Chinesa	PCOC	4-0	1º	7	21,630 0,614 2,84
13.551	Amazonas G. M. Comica	PCOC	4-0	5º	142	16,250 0,529 3,26
13.554	Amazonas G. M. Clemencia	PCOC	3-9	5º	128	18,800 0,685 3,64
13.555	Amazonas G. M. Cita	PCOC	3-9	5º	137	24,250 0,795 3,27
13.630	Macleira da Prata	PCOD	3-9	1º	13	21,450 0,733 3,41
13.632	Amazonas Mr. Campeona	PCOC	4-2	1º	8	21,650 0,661 3,05
13.693	Marisetela da Prata	PCOD	3-7	1º	1	23,050 0,620 2,69
13.811	Marcelina da Prata	PCOD	3-7	3º	62	14,250 0,570 4,00
14.485	Amazonas G. M. Celia	PCOC	3-8	10º	265	17,700 0,576 3,25
14.737	Amazonas Mr. Certa	PCOC	3-11	7º	222	13,350 0,427 3,20
16.077	Macatuba da Prata	PCOD	3-9	1º	34	17,400 0,386 2,22

FAZENDA BOA VISTA

de

Roberto Diniz
Junqueira

ORLANDIA — C.M.
MARCA RJ



WHISKY — por Sheik e Batéia, reprodutor da Fazenda Boa Vista. Pai de Bandeirantes, 1º prêmio na Exposição de São Paulo em 1963 e de Fragata, Campeã de Barretos em 1963.

Plantel registrado na ACCRM, descendentes de Astuto, Sheik, Absinto e Buritê.



Lote formado pelas éguas Estimada, Calabria, Anhuma, Etiqueta e Litorina.

Fazenda Boa Vista

Roberto Diniz Junqueira
ORLANDIA — C.M.

NOSSOS PRODUTOS
ACHAM-SE ESPALHADOS
POR VÁRIOS ESTADOS
DO BRASIL.

REVISTA DOS CRIADORES

uma secretária ativa, que zela pelos seus interesses dia e noite:

- estuda os vários mercados do País, para que os produtos de sua fazenda sejam vendidos sempre pelo melhor preço
- consegue, para sua criação, os conselhos dos mais experientes criadores e técnicos do País
- obtém, nos grandes centros técnicos do mundo inteiro, as novidades mais úteis para o seu progresso na criação, na lavoura e na industrialização agrícola
- no fim de cada mês apresenta-lhe um relatório completo de todo trabalho feito, com farta documentação fotográfica e todos os assuntos divididos para facilitar a leitura.

Essa secretária, com 36 anos de experiência comprovada, está às suas ordens por oito mil cruzeiros por ano. É a "Revista dos Criadores".

Pedidos de assinatura:

RUA CANUTO DO VAL,
216 — S. Paulo —
BRASIL

(Remessa de importância em nome da "Revista dos Criadores")

Nº SCL

Gráu Idade do anos Controle de sangue meses Dias de lactação Leite Gordura %

Açúcar e Alcool São Luiz S. A. Pirrassununga Est. de S. Paulo.

Controle em 24/11/1965.

Régime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Nº SCL	Nome	Gráu Idade do anos	Controle de sangue meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
16.033	Maravilha	PCOD	7-5	1º	61	20.190	0,903 4,47
16.034	Balana	16/16	5-9	1º	37	14.150	0,501 3,54
16.036	Agrária	3/4	6-7	1º	19	20.270	0,547 2,70

Dr. Antônio Luiz do Rego Netto, Pirrassununga, Est. de São Paulo.

Controle em 18/11/1965.

Régime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Nº SCL	Nome	Gráu Idade do anos	Controle de sangue meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
9.372	Rancheira	PCOD	9-9	9º	262	15.860	0,541 3,41
9.653	Artista	PCOD	7-11	4º	112	18.800	0,774 4,12
13.264	Pirrassununga Balalaica	PCOC	6-3	4º	123	17.290	0,677 3,91
13.429	Avelã	7/8	7-1	5º	146	13.680	0,453 3,31
15.606	Pirrassununga Manilha	PCOD	4-5	3º	84	14.870	0,550 3,36
16.072	F. de Ouro Doninha	PO	3-9	1º	17	15.900	0,483 3,04

Irmãos Bevilaqua, Queluz, Est. de São Paulo.

Controle em 17/11/1965.

Régime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

Nº SCL	Nome	Gráu Idade do anos	Controle de sangue meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
15.275	Hortência da B. Aurora	PCOD	6-5	4º	129	21.100	0,687 3,25
15.278	Caneta	NR	—	3º	136	13.350	0,538 4,03
15.820	Loteria	NR	2-11	2º	53	18.500	0,573 3,09
15.822	Leiteira	NR	3-6	2º	49	14.850	0,525 3,53

Domingos Pereira Junqueira, Carmo de Minas, Est. de Minas Gerais.

Controle em 13/11/1965.

Régime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Nº SCL	Nome	Gráu Idade do anos	Controle de sangue meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
12.459	Depejota Sevilha I	31/32	5-6	4º	98	18.170	0,581 3,20
13.350	Depejota Sevilha III	63/64	3-5	6º	144	14.490	0,448 3,09
15.098	Nhandú Bonança	PO	3-6	6º	161	14.520	0,507 3,49

Claudio Paiva, Indaiatuba, Est. de São Paulo.

Controle em 9/11/1965.

Régime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Nº SCL	Nome	Gráu Idade do anos	Controle de sangue meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
16.044	Neusa	NR	8-4	1º	2	13.350	0,436 3,26
16.045	Lembrança	NR	9-2	1º	4	13.460	0,315 2,34

Lauro Miguel Saker, Sorocaba, Est. de São Paulo.

Controle em 15/11/1965.

Régime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

Nº SCL	Nome	Gráu Idade do anos	Controle de sangue meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
16.059	Gloria	PCOD	3-8	1º	4	18.450	0,780 4,22
14.226	Frota	—	—	12º	32	13.100	0,602 4,59
14.529	Geleia	PCOD	2-11	10º	311	13.550	0,493 3,64
14.530	Geladeira	PCOD	3-0	10º	282	14.100	0,541 3,84
14.762	França	PCOD	3-7	8º	196	17.000	0,673 3,95
14.763	Felina	PCOD	3-4	8º	213	13.400	0,503 3,75
14.945	El Faizan	PCOD	3-0	7º	242	14.700	0,515 3,50
14.946	Filadelfia	PCOD	3-2	7º	206	14.050	0,582 4,14
14.947	Gazela	PCOD	3-7	7º	186	13.950	0,473 3,39
14.948	Florzinha	PCOD	3-8	7º	194	13.050	0,567 4,34
14.949	Fabulosa	PCOD	3-3	7º	199	18.250	0,647 3,54
14.950	Gleba	PCOD	3-1	7º	169	16.700	0,573 3,43
15.065	Gelatina	PCOD	3-4	6º	157	16.550	0,669 4,04
15.066	Farrupilha	PCOD	3-4	6º	156	13.700	0,554 4,04
15.067	Geada	PCOD	3-3	6º	140	16.650	0,702 4,21
15.068	Franquesa	PCOD	3-6	6º	167	14.150	0,579 4,09
15.069	Francesa	PCOD	3-7	6º	158	13.550	0,564 4,16
15.070	M's F. R. Lochinvar	PO	5-7	6º	166	16.700	0,670 4,01
15.071	Fortuna	PCOD	3-6	5º	170	13.800	0,283 2,05
15.261	Gloriosa	PCOD	3-5	5º	136	15.050	0,586 3,90
15.562	El Faizan Granfina	PCOD	3-5	4º	68	16.700	0,575 3,44

Joaquim Moreira Filho, Capela do Alto, Est. de São Paulo.

Controle em 12/11/1965.

Régime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Nº SCL	Nome	Gráu Idade do anos	Controle de sangue meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
16.052	Auca Guerreira	PCOD	3-6	1º	24	16.600	0,569 3,42
16.053	El Faizan Guiné	PCOD	3-10	1º	39	14.600	0,478 3,27

AS FORRAGENS INGERIDAS PELOS BOVINO

Nº SCL	Gráu Idade do anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
João Figueiredo Frota, Varginha, Est. de Minas Gerais.						
Controle em 16/11/965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
15.788	Barra Mansa	3/4	10-11	2º	168	20,560 0,770 3,74
15.789	Abelha	31/32	9-2	2º	107	21,810 0,632 2,89
15.790	Culatra	NR	6-0	2º	31	28,310 0,892 3,15
15.791	Alba	3/4	6-10	2º	30	25,750 0,732 2,84
15.792	Cachoeira	7/8	8-0	2º	100	17,630 0,672 3,81
15.793	Doll	NR	4-5	2º	79	18,700 0,729 3,89
15.794	Intimidade	NR	8-0	2º	81	20,870 0,824 3,95
15.795	Amelia	31/32	7-0	2º	35	21,160 0,708 3,34
15.796	Carolina	NR	5-1	2º	36	20,380 0,748 3,67
15.797	Dadiva	NR	4-7	2º	55	16,710 0,564 3,37
15.798	Cleopatra	—	5-1	2º	30	18,230 0,482 2,64
15.799	Anabela	31/32	—	2º	—	24,240 0,883 3,64
15.800	Bacana	NR	6-0	2º	74	18,280 0,594 3,25
16.064	Acacia	NR	6-11	1º	27	21,230 0,656 3,09
16.065	Aeriana	NR	6-0	1º	22	23,370 0,671 2,87
16.066	Roma	NR	7-0	1º	23	21,250 0,570 2,68
16.067	Babilonia	NR	6-4	1º	18	22,320 0,870 3,89
16.068	Pernambucana	NR	6-0	1º	16	24,970 0,732 2,93
16.069	Dandoca	NR	4-4	1º	13	24,790 0,821 3,31
16.070	Paulistana	NR	6-0	1º	9	25,860 0,740 2,86
16.071	California	NR	6-0	1º	3	26,060 0,754 2,89

José Miguel Saker Filho, Sorocaba, Est. de São Paulo.

Controle em 17/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.905	Diferença E.E.P.A. 1065	PO	9-8	1º	19	22,200 0,834 3,75
12.995	Encomenda E.E.P.A. 1138	PO	8-0	8º	193	13,900 0,614 4,42
15.262	Eureka	PO	—	5º	103	16,600 0,775 4,67

Ministério da Agricultura, Fazenda Experimental de Criação de Juparanã, Marquês de Valença, Est. do Rio de Janeiro.

Controle em 10/11/965.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

9.675	F. S. M. Ilma	PO	7-8	1º	38	13,600 0,438 3,22
11.973	F. S. M. Jangada	PO	6-3	1º	5	15,200 0,487 3,20

Cia. Agrícola São Quirino, Campinas, Est. de São Paulo.

Controle em 30/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

4.673	São Quirino Arapuá	PCOC	12-1	12º	343	20,150 0,620 3,67
9.882	S. Q. Formosa C. Xeura	PO	6-8	5º	113	29,200 0,865 3,30

2 ordenhas

2.919	Willy's Rossana M. Alegria	PO	13-8	6º	129	25,500 0,933 3,66
7.483	Chica 12 M. Baradero	PO	9-6	3º	84	16,100 0,431 2,67
7.686	São Quirino Deliciosa	PCOD	9-4	5º	94	15,500 0,466 3,00
8.212	São Quirino Eureka	PCOC	8-8	1º	15	15,700 0,552 3,51
8.929	S. A. Eliana C. Africana	PO	7-9	3º	65	16,300 0,569 3,49
10.280	S. Quirino Gamboa	PCOD	6-2	3º	88	17,750 0,791 4,45
10.666	S. Q. Gisela D. Bastilha	PO	6-5	3º	73	31,700 0,901 2,84
10.855	São Quirino Gabola	7/8	5-11	6º	157	18,350 0,547 2,98
10.930	São Quirino Glneta	PCOC	5-10	8º	243	15,550 0,521 3,35
11.306	São Quirino Favinha	PCOC	7-2	1º	26	25,800 0,736 2,85
11.443	São Quirino Hespndida	PCOC	5-2	6º	148	18,000 0,630 3,50
13.186	S. Q. Incredula Effy 7	PO	4-6	2º	57	19,850 0,557 2,80
13.187	S. Q. Imagem Quando 30	PO	4-7	2º	51	18,500 0,527 2,85
13.191	S. Q. Invicta Rossana	PO	4-5	2º	31	23,300 0,709 3,04
13.192	S. Q. Idealista C. 6 Master	PO	4-7	2º	58	18,500 0,499 2,70
13.193	S. Q. Incola Ciranda	PO	4-7	1º	5	22,800 0,678 2,97
13.425	S. Q. Iolanda Casualidad 8	PO	4-8	2º	43	21,750 0,794 3,65
13.644	São Quirino Ilustrada	PCOC	4-6	3º	72	15,050 0,564 3,74
13.645	São Quirino Imbauba (283)	PCOC	4-5	3º	62	18,000 0,593 3,29
15.414	Pabst Champion Queen	PO	—	5º	96	16,300 0,597 3,66
15.672	São Quirino Imuni	PCOC	4-1	3º	69	16,550 0,586 3,54
16.256	S. Q. K. 54 Cometa	PO	2-5	1º	10	16,600 0,541 3,26

RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca.

Dohér Barbosa Nicolau, Arapotí, Est. do Paraná.

Controle em 16/10/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.033	Holambra Elza XXX	PO	4-0	8º	226	15,350 0,603 3,93
12.909	Castro Lili	PO	3-9	7º	161	15,000 0,679 4,52
13.402	Holambra Theodora XXI	PO	3-0	7º	173	16,500 0,632 3,83
15.471	Arapoti C. Castro Mientje	PC	4-0	3º	73	17,400 0,932 5,35
15.488	Arapoti Curral Cajuru	PC	3-8	4º	111	17,900 0,726 4,06
15.971	Castro Aafje 21	PO	3-1	2º	31	20,850 0,801 3,84

Quanta forragem pode comer um herbívoro?

A pergunta não pode ser respondida facilmente, pois, precisamos saber, antecipadamente, se o animal está ingerindo forragens verdes ou secas; se recebe concentrados; se a forragem é ministrada em pasto ou no côcho, em estábulo; se foi empregada alguma droga capaz de acelerar ou modificar o ritmo de ingestão do alimento (hormônio, antibiótico, etc.).

Ademais, é necessário saber se o consumo é tomado em função do peso vivo do animal; da composição química do alimento; do clima; do grau de aceitação, ou apetibilidade.

As respostas podem ser dadas de várias formas e de diferentes ângulos da questão. Entretanto, torna-se conveniente compreender quais as necessidades do animal quanto a volume de forragem e a nutrientes específicos para dar a produção máxima.

MATERIA SÊCA

Nas forragens, o conteúdo de água é muito variável. Quando se estuda seu consumo pelos animais, há que levar em consideração a matéria seca, isto é, a forragem livre de seu teor de umidade.

Há duas espécies de matéria seca: "matéria seca ao ar" e "matéria seca absoluta". Convencionou-se chamar m.s. ao ar, a m.s. absoluta com 10% de umidade. Este conceito de matéria seca ao ar pode valer nos climas temperados, mas não nas regiões desérticas ou tropicais úmidas. Ademais, é sabido que os

V EXPOSIÇÃO

ESPECIALIZADA

DE GADO LEITEIRO

DE

CAXAMBU

4 a 11 de SETEMBRO

animais em pastoreio consomem forragens com conteúdo de água que varia de 30 a 90%.

Dados mais precisos e modernos, sobre consumo de forragens são publicados pelo Conselho Nacional de Investigações dos EUA, baseados em numerosas experimentações. Nessas publicações, verifica-se que o requisito mínimo de manutenção dos bovinos é de 1,6 a 1,8 de matéria seca ao ar por 100 kg de peso vivo, vale dizer, de 1,4 a 1,6 de matéria seca absoluta por 100 kg de peso vivo. Esta proporção foi calculada para a vaca, mas, quando se consideram outros herbívoros, como o cavalo e a ovelha, as proporções são diferentes.

Os valores referidos valem somente para as condições de manutenção do animal e foram obtidos com espécimes abrigados e que receberam alimentos concentrados.

No que se refere às forragens grosseiras, exclusivamente, um investigador norte-americano, Crampton, estima que o consumo seja de 3 kg por 100 kg de peso vivo.

Quando o animal apresenta peso superior a 450 kg, que é considerado padrão, sua capacidade de ingestão diminui em relação ao peso. Por exemplo, uma vaca de 730 kg é considerada bem alimentada quando consome 1,2% de seu peso vivo em matéria seca, mas outra vaca, com cerca da metade desse peso, ou 360 kg, necessita de um consumo de 1,6%.

A menor capacidade de consumo por unidade de peso vivo é um princípio válido tanto para o gado de corte e leiteiro, quanto para as ovelhas e equinos. Entretanto, isto não quer dizer que o espécime mais pesado seja o mais eficiente. Quer dizer, sim, que ele requer menor consumo por unidade de peso vivo, mas, como possui peso maior, tem maiores necessidades diárias totais de manutenção.

Relativamente ao maior consumo por unidade de peso, o fenômeno ocorre com os animais novos, na fase de crescimento mais rápido, como no caso dos bezerros de raças leiteiras que se acham entre 90 e 200 kg de peso. Nesta fase, o consumo é de cerca de 3,0 kg de matéria seca por 100 kg de peso vivo. A vaca em lactação pode apresentar maior consumo, mas ainda não há concordância quanto à média de aumento de consumo por unidade de leite produzido.

Vacas leiteiras, em bons pastos, consumiram 2,3% de seu peso em matéria seca, o que corresponde ao consumo diário de 18 kg de capim verde, para animais de 600 kg de peso vivo.

MATÉRIA VERDE

Torna-se necessário converter as normas de consumo de matéria seca em consumo de matéria verde, para se ter idéia do que este re-

Nº SCL	Gráu Idade do anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
Adrianus Sleutjes, Castro, Est. do Paraná.						
Controle em 15/10/1965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
5.672	Castro Aafje III	PO	12-0	2 ^o	55	28,800 0,744 2,58
5.943	Castro Aafje 4	PO	9-10	7 ^o	217	15,490 0,464 3,00
6.807	Castro Paula XI	PO	9-4	7 ^o	162	18,750 0,569 3,03
9.320	Castro Toosje	PO	6-9	7 ^o	184	13,550 0,440 3,25
9.396	Castro Margriet's IV	PO	6-5	10 ^o	255	14,900 0,514 3,45
9.840	Castro Paula XIII	PO	6-1	4 ^o	114	21,900 0,601 2,74
10.477	Holambra Truusje III	PO	8-5	7 ^o	170	18,200 0,467 2,56
10.493	Castro Lena VII	PO	5-11	3 ^o	69	27,600 0,787 2,85
13.511	Castro Linda II	PO	3-4	5 ^o	126	19,700 0,621 3,15
15.778	Castro Koosje	PO	7-1	2 ^o	73	29,000 0,798 2,75
15.779	Castro Aafje 23	PO	2-3	2 ^o	45	20,350 0,726 3,56
16.004	S. C. Ipiranga	PO	6-7	1 ^o	25	20,100 0,610 3,03
Dr. Fernando José Santos, Santa Cruz do Rio Pardo, Est. de S. Paulo.						
Controle em 24/10/1965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
10.708	Argentina	NR	—	3 ^o	60	16,690 0,488 2,92
11.838	Kaçula	PCOD	9-5	5 ^o	142	18,420 0,531 2,88
12.300	Santa Cruz zCatita	PCOD	6-4	3 ^o	72	22,760 0,658 2,89
12.301	Muquem Fantasia	PCOC	6-8	4 ^o	99	13,910 0,415 2,98
12.477	Santa Cruz Prefeitura	PCOD	7-9	1 ^o	23	16,280 0,428 2,63
12.665	Santa Cruz Amora	PCOD	8-7	3 ^o	78	20,050 0,658 3,28
13.210	Santa Cruz Aranha	3/4	4-11	3 ^o	72	18,920 0,578 3,05
13.466	Santa Cruz Sapecá	NR	—	5 ^o	—	14,250 0,483 3,39
15.649	F. S. Dinorá	PO	3-2	3 ^o	75	13,130 0,475 3,62
15.911	Santa Cruz Andorinha	PCOD	4-0	2 ^o	41	14,680 0,618 4,21
16.095	Santa Cruz Bandeira	PCOD	3-2	1 ^o	16	16,690 0,604 3,62
Dr. Joaquim Procópio de Araújo, São Carlos, Est. de S. Paulo.						
Controle em 10/11/1965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
6.978	Mar. Escrava A. Rolina's	PCOC	9-9	2 ^o	54	14,400 0,544 3,78
9.789	Mar. Ingrid A. Diamantina	PCOC	7-1	5 ^o	109	13,600 0,549 4,04
15.681	Galaxia Caclida Eden	PCOC	2-4	3 ^o	67	14,000 0,542 3,87
Cia. Agrícola e Imobiliária Brasil, São Carlos, Est. de São Paulo.						
Controle em 26/11/1965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
16.097	Ribalta	PCOD	5-1	1 ^o	30	15,050 0,618 4,10
16.098	Bacana das Américas	PCOC	5-2	1 ^o	13	13,020 0,500 3,84
16.100	Quita	NR	—	1 ^o	33	15,270 0,598 3,92
Cia. Administradora Comercial e Agr. Sta. Filomena, Pinhal, Est. de S. Paulo.						
Controle em 23/11/1965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
9.548	Alvorada	PCOD	6-3	4 ^o	92	28,150 0,823 2,92
11.837	Martha 12 (2)	PO	5-5	5 ^o	137	13,750 0,539 3,92
12.773	Holambra Jikke X	PO	3-10	4 ^o	108	13,760 0,496 3,61
13.299	H. W. Tjitske 4	PO	3-9	4 ^o	91	17,450 0,552 3,16
13.411	Muquem Lalca	PCOC	—	3 ^o	—	26,780 0,819 3,05
13.656	Dina T. das Américas	PCOC	—	3 ^o	—	22,210 0,941 4,24
13.738	Duquesa T. das Américas	PCOC	—	2 ^o	—	13,650 0,448 3,28
13.898	Sta. Helena Jamaica	PCOC	6-8	2 ^o	33	18,290 0,617 3,37
14.527	Certa T. das Américas	PO	—	10 ^o	273	15,920 0,582 3,66
14.649	Divá	PO	—	8 ^o	—	13,600 0,456 3,35
14.857	Dalva Jan das Américas	PCOC	2-6	6 ^o	172	16,300 0,660 4,05
15.103	Sta. F. Etiopia Sjouke	PCOC	2-2	5 ^o	129	13,470 0,472 3,50
15.104	P. Ivonete D. Galante	PCOD	2-7	5 ^o	126	13,950 0,439 3,15
15.291	Sta. F. Estrada Yate	PCOC	2-5	4 ^o	111	18,080 0,627 3,47
15.292	Sta. F. Elite Sjouke	PCOC	2-5	4 ^o	123	13,610 0,539 3,96
15.626	Sta. F. Estrela Sjouke	PCOC	2-5	3 ^o	63	14,400 0,521 3,62
15.936	Sta. F. Estela Sjouke	PCOC	2-4	2 ^o	51	13,550 0,575 4,24
15.937	Sta. F. Eva Ademas	—	6-8	2 ^o	35	14,800 0,565 3,81
16.101	Sta. F. Ethel Sjouke	PCOC	2-3	2 ^o	27	15,840 0,548 3,46
Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo, São José dos Campos, Est. de S. Paulo.						
Controle em 26/11/1965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
9.160	Beduina	PO	7-11	3 ^o	87	19,600 0,683 3,48
10.953	R. V. Deca Aukeana	PO	5-11	1 ^o	15	16,050 0,616 3,84
11.684	Baunilha de Paraíba	PCOD	—	1 ^o	—	17,300 0,768 4,44
12.171	Santana Alvorada	PO	4-8	1 ^o	15	20,150 0,812 4,03

Nº SCL		Gráu Idade do sangue	Idade dos mês	Dias de Controle	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
Adrianus Steutjes. Castro. Est. do Paraná.								
Controle em 9/11/965.								
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
5.672	Castro Aafje III	PO	12-0	3º	79	27,450	0,699	2,54
5.943	Castro Aafje 4	PO	9-10	8º	241	14,700	0,492	3,34
9.320	Castro Toosje	PO	6-9	8º	208	14,150	0,428	3,02
9.840	Castro Paula XIII	PO	6-1	5º	138	20,700	0,537	2,59
10.493	Castro Lena VII	PO	5-11	4º	93	27,250	0,950	3,48
13.511	Castro Linda II	PO	3-4	6º	150	17,530	0,585	3,33
15.778	Castro Kooosje	PO	7-1	3º	97	27,500	0,660	2,40
15.779	Castro Aafje 23	PO	2-3	3º	69	16,630	0,606	3,65
16.004	S. C. Ipiranga	PO	6-7	2º	49	20,130	0,605	3,00

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Mogi Mirim. Est. de S. Paulo.

Controle em 25/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.573	Holambra Bloem VI	PO	8-2	5º	155	21,450	0,675	3,14
10.846	Holambra Elsa XXV	PO	5-9	1º	6	22,750	0,819	3,60
15.141	Holambra Philomena XX	PO	—	5º	157	14,750	0,494	3,35
14.862	Holambra Mina XXV	PO	—	6º	—	13,650	0,489	3,58

Dr. José Bastos Thompson. Itirapina. Est. de São Paulo.

Controle em 12/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

6.735	Mar. Esmeralda Telana	PCOC	10-7	4º	93	14,700	0,510	3,47
11.291	Famela Nogal	PO	9-3	6º	166	15,800	0,554	3,50
11.941	Wolline Nogal	PO	4-7	5º	118	15,050	0,476	3,16
12.045	Maroni Nogal	PO	4-10	3º	71	17,400	0,546	3,14
12.557	Uberaba	PCOD	7-2	2º	50	17,250	0,516	2,99
13.443	Contendas Catita	PCOD	6-7	7º	177	13,250	0,454	3,43
15.619	Canela	PCOD	6-7	3º	67	13,250	0,637	4,80
15.682	Contendas Faisca	PCOC	3-5	3º	65	17,350	0,537	3,10

Dr. Pedro Conde. Itú. Est. de São Paulo.

Controle em 7/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.796	Cascata	PCOD	5-7	6º	169	19,350	0,701	3,62
12.603	Yvette	PCOD	5-10	1º	9	20,650	0,688	3,33
12.604	Bahia	PCOC	5-2	4º	105	18,300	0,570	3,11
12.605	Palmeira	PCOD	6-10	2º	35	24,950	0,809	3,24
14.952	Maravilha	PCOD	8-4	6º	155	15,710	0,487	3,10
15.284	Dadiva	PCOD	5-10	4º	112	20,550	0,682	3,31
15.605	Dançarina	PCOD	7-9	3º	76	25,050	1,009	4,02
16.076	Meiguice	PCOD	4-0	1º	17	21,600	0,949	4,39

João de Souza Dantas. Indaiatuba. Est. de São Paulo.

Controle em 14/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.039	Holambra Anna IV	PO	4-11	2º	35	22,200	—	—
15.647	Ruurdje 10	PO	4-5	3º	71	18,000	—	—
15.648	Sta. Rosa Caçula	31/32	5-3	3º	99	17,200	—	—

Dr. José Pires Castanho Filho. Ibiuna. Est. de São Paulo.

Controle em 13/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

12.493	Muquem Gazela	PCOC	8-3	1º	19	27,020	1,004	3,71
--------	---------------	------	-----	----	----	--------	-------	------

2 ordenhas

11.383	Muquem Cristalina	PCOC	—	5º	—	18,050	0,612	3,39
11.417	Muquem Cravina	PCOC	7-5	7º	190	15,780	0,599	3,80
11.689	Muquem Fronteira	PCOC	10-2	6º	168	16,300	0,727	4,46
11.760	Lobos Aliança	PCOD	7-1	9º	254	13,850	0,591	4,27
12.369	Muquem Malba	PCOC	8-2	4º	87	23,800	0,773	3,24
12.370	Malandra	PCOC	4-1	5º	137	14,850	0,506	3,41
12.492	Muquem Lapidada	PCOC	7-8	3º	55	22,300	0,779	3,49

presenta em forragem produzida pelos pastos.

A vaca padrão de 450 kg de peso para sua manutenção precisa de 1,7 kg de matéria seca por 100 kg de peso vivo e, portanto, comerá o total de 7,6 kg de matéria seca. Se o pasto à sua disposição contém 80% de água, as necessidades de forragem verde são de 38 kg. Se o pasto estiver maduro e contiver 40% de matéria seca, o consumo será de 19 kg. Mas, se o pasto estiver muito tenro e contiver 12% de matéria seca, somente, o consumo será de 63 kg de capim verde.

Em geral, o herbívoro prefere as forragens de elevado teor de umidade. Isto foi confirmado em várias experiências realizadas com vacas leiteiras. Mas, a produção de leite nem sempre acompanha essa preferência, porque o consumo máximo de uma vaca típica de 450 kg é aproximadamente de 60 kg de pasto verde. Quando ela chega a ingerir essa quantidade de um capim muito apeteido, resulta que, dos 60 kg comidos, toda a energia contida na forragem é gasta com a manutenção e nada resta da matéria seca para as funções produtivas.

Um exemplo deste princípio foi obtido em Turrialba com novilhos que ingeriram grande quantidade de talos de bananeira (90% da ração) em 3 meses e que não exibiram o menor aumento de peso, apesar de comerem esse muito apeteido alimento em grandes quantidades.

É claro que os animais, cujo consumo chega facilmente a 2,8 kg de matéria seca por 100 kg de peso vivo, não podem proporcionar os rendimentos máximos com alimentação exclusiva de pastos médios. Para uma bezerra de 100 kg de peso vivo isto representa um consumo de 14 kg de pasto com 80% de água. Verificado que 14% do peso vivo, em termos de capim verde, são a capacidade máxima do consumo de um bovino adulto, verifica-se que a aludida bezerra, isto é um animal em crescimento, não obtem seus requisitos de matéria seca com forragens que contém mais de 80% de umidade, ou, se o consumo não chegar a 14 kg, por falta de apetite, com forragens de menos de 80% de água.

A vista do que acaba de ser exposto, não deve haver surpresa se animais em pastoreio, na América Latina, não alcançam as normas de crescimento e de engorda reconhecidas como ótimas pelos livros e boletins técnicos editados em terras de clima temperado. Essas normas baseiam-se no emprego extensivo de alimentos concentrados. O animal em pastoreio exclusivo fica com uma margem muito reduzida de sobras de matéria seca para crescer, produzir leite ou engordar depois de ter atendido às suas necessidades de manutenção. Além disso,

nas regiões que sofrem secas prolongadas, ou que têm pastos de qualidade inferior, o animal comumente não consegue obter requisitos mínimos de manutenção e começa a perder peso.

Depreende-se do que foi dito que as normas de alimentação, estabelecidas para os climas temperados, não se ajustam aos animais que vivem nos trópicos.

(Adatado de um artigo do Dr. J. de Alba, intitulado "La capacidad de consumo en relacion con el estudio de los forrages", na revista interamericana de ciencias agrícolas "Turrialba" 9 (3): 74/78/).

A FAZENDA TRÊS...

(Conclusão da página 12)

economizou Cr\$ 3.870.000 de farelo de algodão, que forçosamente teria que comprar para igual período, se não tivesse essa reserva guardada na forma de silagem, o que permitiu a construção dos melhoramentos projetados com Cr\$ 1.500.000, para três unidades com capacidade para 142 toneladas de silagem, carga e mão de obra na construção.

Este ano, ressalta Toninho, vai repetir a dose, isto é, vai construir mais três silos-trincheira, dobrar a produção de "agricultura de pasto" e dar silagem para todo o gado de leite na seca. Para tanto, estamos solicitando um planejamento suplementar ao PLANO DE MELHORAMENTO DA ALIMENTAÇÃO E MANEJO DO GADO LEITEIRO.

Para muitos, isto não constitui novidade, mas é bom que se diga que dos 850 cooperados fornecedores de leite, apenas sete guardam parte das sobras de verão, o que na seca, concorre severamente para a procura de concentrados, não para manter a produção de leite, mas sim para *manter as vacas*, pois a maioria corre o risco de não vê-las atingir as chuvas do ano seguinte.

Mas, Deus é brasileiro!

Ainda é tempo para que os aliados (Banco do Brasil, Cooperativa de Laticínios, PLAMAM), e você, cooperado, inicie alguma coisa para reduzir o custo de produção da seca que vem, como já o faz o Toninho das Três Barras e muitos outros cooperados, que reagem com o que podem contra a crise cíclica de produção, com prejuízo para todos e acentuada elevação dos custos de produção.

Plante e crie melhor, consultando o agrônomo e o veterinário de sua cooperativa.

Nº SCL	Gráu Idade do sangue	Idade em meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
Pedro Lunardelli, Bragança, Est. de São Paulo.						
Controle em 24/11/1965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas						
12.374	Castro	10-4	2º	83	16,030	0,529 3,30
12.480	Batalha	4-7	5º	122	13,300	0,566 4,25
12.523	Belinha de Virginia	5-5	3º	81	19,800	0,763 3,85
12.731	Leme's Matilde	4-11	2º	55	22,000	0,783 3,55
12.820	E. S. Vermelha	4-2	1º	3	26,100	0,924 3,54
13.001	Bela de Virginia	4-11	8º	239	14,450	0,480 3,32
13.002	Copacabana	3-9	7º	209	14,600	0,505 3,46
13.089	Divina de Virginia	3-6	5º	134	16,750	0,631 3,77
13.302	Contilena de Virginia	3-6	7º	193	14,550	0,504 3,46
13.942	Leme's Olimpia	3-2	2º	51	15,650	0,616 3,93
14.767	E. S. Catarina II	2-2	7º	193	14,400	0,617 4,28
15.266	E. S. Carioca	2-6	4º	109	13,700	0,513 3,74
15.862	California	2-5	2º	51	13,050	0,513 3,93
16.079	E. S. Brilite	3-0	1º	24	17,600	0,561 3,19

Dr. Flavio Castelo Branco Gutierrez, Sete Lagoas, Est. de Minas Gerais.

Controle em 1/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

CONTROLE DE INSPEÇÃO.

15.105	Fenix Columbia	—	—	6º	170	13,900	0,486 3,50
15.106	Ramona	15/16	—	6º	132	14,700	0,560 3,60
15.293	Fantasia	—	—	4º	110	16,510	0,495 3,00
15.294	Lobos Itaca	—	—	4º	108	18,020	0,574 3,18
15.297	Naná	NR	—	4º	112	16,790	0,511 3,04
15.299	Sete Copas	31/32	—	4º	111	16,870	0,573 3,40
16.566	Sta. Helena Frisia	31/32	—	2º	15	26,100	0,685 2,62

Dr. Flavio Castelo Branco Gutierrez, Sete Lagoas, Est. de Minas Gerais.

Controle em 24/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas							
16.006	Sta. Helena Frisia	31/32	—	3º	38	28,230	0,723 2,56
2 ordenhas							
15.106	Ramona	15/16	—	7º	155	14,830	0,541 3,65
15.110	Lobos Nerolina	63/64	—	6º	176	16,320	0,533 3,26
15.116	Sta. Helena Magica	15/16	—	6º	171	14,370	0,346 2,40
15.293	Fantasia	—	—	5º	133	14,480	0,505 3,49
15.294	Lobos Itaca	—	—	5º	131	15,920	0,467 2,93
15.295	Muquem Vedete	61/62	—	4º	140	13,750	0,503 3,65
15.297	Naná	NR	—	5º	135	15,330	0,458 2,98
15.299	Sete Copas	31/32	—	5º	134	16,000	0,488 3,05
15.741	Muquem Dança	—	—	3º	—	13,640	0,318 2,33
16.225	Lira	NR	—	1º	27	15,610	0,503 3,22
16.226	Madame	—	—	1º	27	18,100	0,578 3,20

Urbano Junqueira, Cruzília, Est. de Minas Gerais.

Controle em 27/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.662	Jardineirinha J. B.	31/32	4-2	3º	82	18,700	0,568 3,04
12.157	Jardineira Volta Murdo J.B.	PCOC	4-1	4º	94	16,720	0,564 3,37

Antônio Josino Meirelles, Batatais, Est. de São Paulo.

Controle em 12/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.797	Diva	PCOD	10-1	1º	17	18,620	0,553 2,97
10.800	Mineira	PCOD	9-11	6º	184	20,080	0,740 3,68
11.551	Risa	PCOD	8-10	10º	297	14,920	0,502 3,36
13.653	Marly	PCOD	3-10	5º	135	17,350	0,691 3,98
13.654	Bandeira	PCOC	6-5	3º	93	20,390	0,735 3,60
13.964	Elite	PCOC	3-1	2º	37	23,050	0,713 3,99
14.621	Ada	PCOC	6-5	8º	237	14,400	0,565 3,92
14.766	Miragem	PCOD	11-2	7º	171	18,230	0,609 3,34
14.773	Willy's Danela II	PCOD	2-8	7º	210	15,600	0,639 4,10
14.774	Willy's Juliana II	PCOD	2-7	7º	195	18,650	0,668 3,58
14.775	Willy's Diana	PCOD	2-11	7º	204	17,000	0,641 3,77
14.777	Artista	PCOC	2-2	7º	227	13,270	0,527 3,97
14.914	Berenice	PCOD	5-5	6º	183	15,000	0,521 3,47
15.337	Siriema	NR	3-6	4º	104	19,480	0,728 3,74
15.338	Bela Cruz	7/8	12-6	4º	111	20,110	0,783 3,89
15.339	Mangueira	PCOD	6-0	4º	129	19,480	0,772 3,96
15.908	Risada	PCOD	3-8	2º	68	17,760	0,543 3,06
16.062	Willy's Matinada	PCOD	3-5	1º	25	17,850	0,681 3,81

Dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho, Vinhedo, Est. de S. Paulo.

Controle em 22/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.619	Marambaia Delicia Telana	7/8	11-2	3º	77	15,900	0,538	3,38
7.410	Mar. Eltana Teiana	PO	10-7	3º	76	15,550	0,699	4,48
7.414	Mar. Fantasia A. Telana	PCOC	9-8	1º	14	19,500	0,601	3,08
9.655	Mar. Iara T. Diamantina	PCOC	7-7	2º	49	17,680	0,774	4,39
10.756	Mar. Josefina Diamantina	PO	5-11	4º	116	18,000	0,598	3,32
10.901	Mar. Isidora A. Diamantina	PCOC	6-8	9º	284	13,850	0,496	3,58
11.219	Mar. Juvenia Diamantina	PO	6-0	1º	24	13,600	0,432	3,18
13.524	Mar. Mantilha H. Joquei	PCOC	4-0	3º	90	14,300	0,511	3,57
13.525	Mar. Miss D. Joquei	PCOC	4-5	3º	93	17,130	0,707	4,12
13.526	Mar. Mussa D. Joquei	PO	4-2	2º	56	16,720	0,625	3,73
13.527	Mar. Marinha A. Helniana	PCOC	4-0	4º	114	14,730	0,498	3,38
14.629	Mar. Ninfa T. Diamantina	PCOC	2-9	9º	246	13,050	0,585	4,48
15.251	Mar. Nostalgia Jangadeiro	PO	—	4º	114	13,700	0,660	4,82
15.604	Mar. Ofelia Teio Royal	PCOC	2-6	3º	91	18,250	0,583	3,19
15.833	Mar. Olimpia Teio Royal	PO	2-5	2º	45	15,600	0,535	3,42
15.835	Mar. Navarra Royal	PO	2-11	2º	44	17,250	0,620	3,59

Donimar S. A. Administração de Bens. Itú, Est. de São Paulo.

Controle em 5/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.624	Froukje	PO	5-6	4º	83	13,100	0,514	3,92
11.429	Muquem Manga Verde II	PCOC	5-4	4º	80	16,800	0,607	3,61
11.625	Holambra A. Joukje XX	PO	—	3º	57	16,950	0,622	3,67
11.970	Muquem Patrulha	PCOC	6-4	3º	52	22,900	0,773	3,37
12.064	Muquem Otima II	PCOC	7-4	3º	50	22,100	0,671	3,03
13.228	Muquem Rendeira	PCOC	8-5	3º	46	19,650	0,696	3,54
13.444	Muquem Cascata	PCOC	5-3	8º	190	19,650	0,759	3,86
13.446	Leme's Lavra	PCOC	6-2	6º	148	13,050	0,442	3,38
13.568	Dalida T. das Américas	PCOC	3-5	3º	47	13,050	0,430	3,30
13.628	Muquem Caneta	PCOC	7-1	6º	131	16,400	0,510	3,11
13.694	Muquem Paisagem	PCOC	6-4	5º	110	15,200	0,462	3,04
13.933	Riqueza	PCOC	4-4	3º	39	19,300	0,900	4,66

Antônio Carlos Rachou Vaz de Almeida, São Manuel, Est. de S. Paulo.

Controle em 25/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.622	S. M. Paraíso Carola	PCOC	3-3	3º	79	15,100	0,546	3,61
--------	----------------------	------	-----	----	----	--------	-------	------

Carlos Whately, Bernardino de Campos, Est. de São Paulo.

Controle em 20/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.157	Curiosa	NR	—	2º	49	18,280	0,601	3,28
9.338	Guatemala	PCOC	8-3	4º	117	13,690	0,512	3,74
9.339	Framboise	PCOC	8-10	7º	208	13,550	0,519	3,83
9.342	Golabada	PCOC	8-9	1º	26	14,400	0,510	3,54
9.528	Grotta	PCOC	8-3	4º	111	14,580	0,577	3,96
9.699	Geada	PCOC	8-4	2º	53	15,700	0,541	3,44
10.805	Gaita	PCOC	8-5	2º	50	18,840	0,609	3,23
11.093	Sta. Cecilia Ivete	PO	6-2	1º	32	16,930	0,607	3,58

Adib Feres, Socorro, Est. de São Paulo.

Controle em 26/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.861	Holambra Roosje I	PO	—	6º	—	18,200	0,461	2,53
--------	-------------------	----	---	----	---	--------	-------	------

Cla. Administradora Técnica e Agrícola «ATAGRI», Pindamonhangaba, Est. de S. P.

Controle em 24/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.744	Carla 2	PO	6-3	5º	178	16,300	0,519	3,18
15.183	Ria	PO	6-5	5º	168	17,350	0,508	2,92
15.185	Marie 9	PO	6-5	5º	143	13,000	0,340	2,62
15.324	Coba 34	PO	6-4	4º	117	22,500	0,855	3,80
15.668	Marie 36	PO	6-5	3º	92	15,500	0,466	3,01
15.660	S. H. Rias Alfa	PO	3-9	3º	69	21,250	0,726	3,41

Ministério da Agricultura, Fazenda de Criação de Pinheiro, Pinheiral, Est. do Rio de Janeiro.

Controle em 20/11/1965.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

9.982	Hortelã de Pinheiro	PO	7-0	1º	15	13,500	0,423	3,13
16.233	Mudança de Pinheiro	—	—	1º	8	13,000	0,421	3,24

O SISTEMA BRASILEIRO DE EXTENSÃO RURAL

Uma obra benemérita no campo da assistência ao homem do campo

Fala-se frequentemente em Extensão Rural. Que vem a ser isso, afinal?

Uma tese apresentada para discussão ao IV Congresso Brasileiro de Agronomia, reunido há pouco em Belo Horizonte, assim define essa atividade: "Extensão Rural é, em essência, um processo de ação educativa, envolvendo os agricultores, suas famílias e as próprias comunidades, orientando de modo a induzir mudanças quanto ao comportamento individual e coletivo, por via de novos conhecimentos, atitudes, hábitos e habilidades em face dos problemas de produção, comercialização, administração da propriedade e do lar, saúde e outros, que são obstáculos ao progresso da agricultura, à elevação dos níveis de renda do agricultor e à melhora das condições de vida das populações rurais". Um belo programa, sem dúvida, mas, deixem-nos dizer, com nome absolutamente errado. O de que se trata, em essência, é, sim, de Educação Rural. Mas, o que vale é o que se faz, tenha este ou aquele nome — e, no caso, o que se faz é realmente obra de todo ponto meritória.

Cuida-se adequadamente da transmissão dos conhecimentos tecnológicos, recorrendo a todos os meios possíveis e eficientes nesse assunto. "As ciências aeronômicas, veterinárias e zootécnicas são a chave do incremento da produtividade agrícola e pecuária", mais é preciso que o cabedal de conhecimentos por elas acumulado seja posto "a serviço dos que dele necessitam e devem aplicá-lo na prática. Operar essa transferência do conhecimento é a tarefa básica da Extensão Rural". Todavia, cumpre que o elemento humano seja preparado para receber os dados de solução do problema. Razão pela qual este excelente programa visa o homem, o solo, as plantas e os animais, partes do meio em que ocorre a ação agro-pecuária. "O desenvolvimento de agricultura depende tanto do próprio processo de produção quanto do nível de vida e de renda dos produtores e sua família, cujas prioridades busca elevar".

Aumento da produção e da produtividade, melhor renda para o produtor e, em consequência, maior bem-estar, maior segurança social e estabilidade para a família rural — são os pontos visados pela benemérita campanha. "A Extensão Rural considera o homem o verdadeiro agente da mudança e não

um recipiendário passivo de assistência. O agricultor é quem deve sentir e compreender a necessidade de sair do imobilismo, melhorar as práticas de trabalho aumentar sua renda. Somente então ele se torna receptivo às ideias de progresso, passa a desejar-las e quer adotá-las, já certo de suas vantagens".

O Sistema Brasileiro de Extensão Rural, ou Sistema ABCAR, estende-se hoje por dezesseis Estados do País, cada um dos quais conta com uma Associação de Crédito e Assistência Rural, operando sob o patrocínio do governo federal e do governo estadual. Recorrem essas entidades a métodos de ação junto à família do agricultor e à sua coletividade, orientando-as quanto às práticas recomendáveis para melhor aproveitamento de seu esforço de trabalho. Preparam seus líderes, os quais procuram realizar tarefa de proselitismo, difundindo práticas racionais de agricultura e criação, assim como práticas tendentes a melhorar a alimentação, a higiene e a saúde da família, assim como iniciando a juventude no bom caminho, afim de que encontre ela na roça o encanto que a vida rural pode proporcionar.

A cooperação é um dos grandes elementos de que se vale o Sistema ABCAR. Daí a organização de grupos de ação como os Clubes 4-S, que agremiam a juventude em redor de quatro ideias: saber, sentir, saúde e servir. Já passa de seiscentos o número dessas agremiações, reunindo mais de treze mil jovens de dez a vinte anos. Promove o Sistema a feitura de hortas e pomares, a criação de pequenos animais, a conservação de alimentos, melhor emprego do leite na alimentação, assim como o planejamento da alimentação e a adoção de novos hábitos alimentares. A higienização do lar se manifesta na construção de fossas sépticas, aquisição de filtros, modernização de cozinhas e banheiros, instalações elétricas e hidráulicas, numa reforma completa dos hábitos de morar do agricultor.

"O Sistema Brasileiro de Extensão Rural articula-se organicamente com as fontes de financiamento afim de canalizar crédito para os agricultores e sua família, não como simples intermediário mas com o propósito de adequar os empréstimos à função educativa que preside e caracteriza todo o trabalho extensionista. Apoiando a ação educativa, o crédito aumenta-lhe a eficácia pois facilita os meios com os quais o agricultor pode levar à prática o que aprende, contribuindo assim para acelerar o processo de modernização da agricultura". E não somente orienta mas superintende a aplicação dos empréstimos.

Nº SCL	Grão Idade do anos	Controle de sangue	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
RAÇA JERSEY						
Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo, São José dos Campos, Est. de S. Paulo.						
Controle em 12/11/95.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
6.928	S. A. Niagara Patrician	PO	4-9	3*	71	20,750 0,938 4,52
2.626	Mimosa Basil de Canela	PO	13-8	7*	291	10,800 0,561 5,20
4.206	S. A. Harpa Patrician	PO	11-8	10*	292	11,100 0,518 4,67
4.692	S. A. Bartira Patrician	PO	11-5	9*	267	12,200 0,594 4,87
5.688	S. A. Havana Patrician	PO	11-7	4*	121	13,100 0,633 4,83
5.816	S. A. Novela Patrician	PO	10-5	4*	100	15,450 0,728 4,71
6.060	S. A. Regia Records	PO	10-1	2*	48	11,050 0,628 5,68
6.188	S. A. Granada Patrician	PO	10-0	4*	107	14,150 0,582 4,11
6.189	S. A. Caneta Records	PO	10-4	1*	18	20,500 0,883 4,30
6.419	S. A. Realeza Patrician	PO	9-9	4*	119	17,600 0,789 4,48
6.846	S. A. Lapa Patrician	PO	8-8	6*	151	13,300 0,556 4,18
7.390	S. A. Raquel 2.* Zanalua	PO	8-1	12*	335	11,100 0,527 4,74
7.704	S. A. Nora 2.* Zanalua	PO	8-7	1*	6	17,150 0,779 4,54
7.705	S. A. Coroada 2.* Coronation	PO	8-5	7*	162	16,150 0,772 4,78
8.343	S. A. Irauna Midshipman	PO	7-11	6*	148	15,300 0,675 4,41
8.820	S. A. Grinalda 3.* Paxford	PO	7-8	1*	9	10,600 0,465 4,38
8.822	S. A. Hiera 3.* Patrician	PO	7-4	7*	166	13,900 0,629 4,52
8.824	S. A. Esperança 3.* Zanalua	PO	7-5	3*	69	16,250 0,912 5,61
9.011	S. A. Lampadosa Paxford	PO	6-11	8*	214	15,750 0,829 5,26
9.014	S. A. Xmas 2.* Zanalua	PO	7-5	1*	10	16,800 0,787 4,68
9.078	S. A. Heroica Zanalua	PO	7-2	3*	62	16,450 0,880 5,35
9.081	S. A. Confiança Paxford	PO	6-8	7*	179	12,950 0,639 4,93
9.361	S. A. Grinalda 4.* Records	PO	6-10	2*	32	18,800 0,935 4,97
9.480	Primeira Comary	PO	10-2	1*	10	16,200 0,662 4,08
9.481	Serena Comary	PO	6-9	4*	96	13,200 0,658 4,98
9.618	S. A. Esperança 4.* Records	PO	6-9	1*	4	14,150 0,662 4,70
9.709	S. A. Narrativa Zanalua	PO	6-9	8*	209	11,050 0,539 4,88
10.053	S. A. Xmas 3.* K. Count	PO	6-2	3*	90	19,150 0,987 5,15
10.221	S. A. Indonésia K. Count	PO	5-10	4*	126	16,050 0,699 4,35
10.222	S. A. Cristal 3.* K. Count	PO	5-7	10*	296	11,300 0,583 5,16
10.514	S. A. Canoa 3.* K. Count	PO	6-1	3*	96	15,250 0,747 4,90
11.012	S. J. Alvorada Records	PO	5-5	3*	77	15,350 0,761 4,95
11.206	S. A. Cubana Paxford	PO	8-4	2*	59	10,450 0,467 4,47
11.421	S. A. Diana K. Count	PO	5-1	7*	184	14,550 0,762 5,23
11.775	Ondina Basil de Canela	PO	11-9	3*	85	10,150 0,522 5,14
11.813	S. A. Galileia Zanalua	PO	5-5	2*	38	14,650 0,676 4,61
11.814	S. A. Herdade Zanalua	PO	5-5	3*	63	16,250 0,785 4,83
11.885	S. A. Nostalgia Cortes	PO	4-5	4*	122	13,950 0,747 5,35
11.887	S. A. Esfinge Hicso	PO	4-11	3*	110	12,350 0,590 4,78
11.889	S. A. Lira Invasor	PO	4-9	9*	226	12,000 0,698 5,82
11.890	S. A. Noiva Oceano	PO	4-9	6*	132	15,700 0,778 4,95
11.891	S. A. Bastilha Zanalua	PO	4-11	5*	129	16,600 0,816 4,92
11.892	S. A. Atlantica K. Count	PO	—	3*	—	18,150 0,965 5,31
11.893	S. A. Estrelinha Zanalua	PO	5-2	3*	73	15,250 0,759 4,98
12.003	S. A. Novena Cortes	PO	4-9	2*	60	13,420 0,645 4,80
12.029	S. A. Ramagem Oceano	PO	4-11	2*	60	15,650 0,860 5,49
12.030	S. A. Fortuna K. Count	PO	5-8	3*	63	17,500 0,929 5,31
12.123	S. A. Idolatria Oceano	PO	4-9	5*	80	16,450 0,867 5,27
12.146	S. A. Energia Zanalua	PO	5-0	3*	66	12,500 0,688 5,50
12.147	S. A. Galera Oceano	PO	5-0	1*	13	17,600 0,768 4,36
12.148	S. A. Eleita Oceano	PO	4-8	4*	97	13,850 0,693 5,00
12.343	S. A. Martinica Zanalua	PO	5-3	1*	9	15,700 0,643 4,09
12.345	S. A. Bailza Zanalua	PO	5-2	2*	54	12,300 0,651 5,29
12.472	S. A. Havaiana Paxford	PO	6-2	4*	94	11,100 0,488 4,40
12.624	S. A. Manaiba Oceano	PO	4-7	2*	31	13,150 0,578 4,40
13.161	S. A. Eunice Corinto	PO	3-11	6*	150	13,500 0,667 4,94
13.471	S. J. Odalisca C. Prince	PO	3-9	3*	81	10,250 0,499 4,87
13.472	S. A. Balada Cute Prince	PO	4-1	4*	110	10,140 0,527 5,19
13.529	S. A. Bertioiga Midshipman	PO	4-2	3*	65	15,300 0,793 5,18
13.845	S. A. Edda Sybil	PO	3-6	2*	40	15,350 0,930 6,06
14.005	S. A. Corveta K. Count	PO	5-11	1*	6	12,950 0,683 5,27
15.093	S. A. Nair Luzitano	PO	2-4	5*	134	12,250 0,698 5,70
15.242	S. A. Divana Barão	PO	2-8	4*	109	13,300 0,759 5,71
15.244	S. A. Ninon Oasis	PO	—	4*	99	15,550 0,728 4,68
15.247	S. A. Padova Oasis	PO	—	4*	119	12,850 0,654 5,09
15.609	S. A. Iris Oasis	PO	2-3	3*	80	10,300 0,579 5,62
15.610	S. A. Xandú Manifesto	PO	4-3	3*	71	10,650 0,652 6,12
15.838	S. A. Nirvana Lilac	PO	2-1	2*	59	12,650 0,605 4,78
15.839	S. A. Oradora Lilac	PO	2-4	2*	61	12,650 0,604 4,77
15.841	S. A. Graminha Lilac	PO	2-4	2*	52	10,350 0,501 4,84
15.842	S. J. Princesa C. Prince	PO	3-6	2*	42	13,000 0,598 4,60

Alain Bud'hors, Jundiá, Est. de São Paulo.

Controle em 21/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.331	Garça (Ricota)	PO	7-7	7*	191	13,750 0,833 6,06
9.623	Iemanjá W. Jubilant	PO	6-2	3*	96	12,450 0,608 4,88
10.871	Vitoria do Banharão	PO	8-8	5*	137	14,150 0,603 4,26
15.556	Pinheirinho Eva As	PO	2-1	2*	89	10,460 0,567 5,42

Nº SCL	Gráu Idade do sangue	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%		
Dr. João Laraya, Jacareí, Est. de São Paulo.								
Controle em 9/11/965.								
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
6.496	Elite de Sta. Hilda	PCOD	9-6	9º	291	11,550	0,522	4,52
6.595	Esponja B. de Sta. Hilda	PO	10-6	2º	41	14,300	0,638	4,46
6.932	Fagulha B. de Sta. Hilda	PO	8-8	9º	275	12,400	0,554	4,47
7.858	Falsa B. de Sta. Hilda	PO	9-1	2º	47	16,600	0,702	4,23
8.137	Eufória do Banharão	PO	8-6	4º	106	12,800	0,578	4,51
10.067	India J. de Sta. Hilda	PO	5-10	4º	99	11,800	0,595	4,74
10.226	Iguaria B. de Sta. Hilda	PO	6-1	5º	147	12,650	0,564	4,46
10.418	Imigração B. de Sta. Hilda	PO	5-10	5º	158	10,700	0,460	4,30
10.510	Jangada S. de Sta. Hilda	PO	5-2	3º	71	11,700	0,642	5,49
12.044	Jaci B. de Sta. Hilda	PO	5-6	2º	32	12,200	0,689	5,65
13.660	Marquesa J. de Sta. Hilda	PO	3-8	2º	54	10,000	0,498	4,98

Dr. José de Moraes Altenfelder Silva, São José dos Campos, Est. de S. Paulo.

Controle em 30/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.010	Jaca Fanfarra Xenefonte	PO	—	1º	—	14,600	0,461	4,39
13.052	Pipeta Comary	PO	10-6	1º	4	12,300	0,733	5,96
13.575	Jaca Faceira Esmond	PO	3-1	2º	56	13,800	0,643	4,66
16.232	Iracema Comary	—	—	1º	5	10,050	0,493	4,90

RACA SCHWYZ

D. Pires Agro-Pecuária S. A., São Carlos, Est. de S. Paulo.

Controle em 18/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.786	Ariana do Haras	PO	9-9	3º	85	13,800	0,491	3,56
9.292	Jurema	PO	9-1	3º	64	22,400	0,735	3,28
9.636	Maracanã	PCOC	9-4	9º	238	14,650	0,488	3,33
9.643	Rainha	PCOC	8-3	6º	144	15,400	0,621	4,03
9.760	Lindoia	PCOC	7-6	4º	104	16,600	0,643	3,87
9.943	Morena	PCOC	7-10	3º	85	14,550	0,555	3,82
9.947	Rola	PO	7-8	2º	36	16,850	0,698	4,14
11.690	Aliança de R. Claro	PO	5-10	6º	135	13,000	0,420	3,23
11.691	Roselina	PO	7-8	12º	358	15,070	0,590	3,91
12.365	Bom Café Sozinha	PO	5-3	9º	194	13,500	0,522	3,87
12.495	Camara da Cachoeira	PCOC	5-9	1º	24	21,450	0,824	3,84
13.657	Colaba da Cachoeira	PO	5-6	2º	57	13,200	0,462	3,50
15.144	Copacabana Dakota	PO	3-10	6º	135	18,180	0,769	4,23
16.102	Copacabana Duartina	PCOC	4-4	1º	12	13,380	0,510	3,81
16.103	Copacabana Eliza	PCOC	2-9	1º	22	15,400	0,633	4,11

Fazenda Santa Francisca do Camandocala, Jaguariuna, Est. de S. Paulo.

Controle em 15/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.908	Berisa do Camandocala	PO	6-10	2º	52	15,860	0,645	4,06
10.900	Esplendida de São Joaquim	PO	7-5	1º	2	15,820	0,512	3,23
16.054	Valsa de Ressaca	PO	3-7	1º	21	13,550	0,521	3,85

Dr. Sylvio Lima Marinho, Andradina, Est. de São Paulo.

Controle em 2/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13.875	Altaneira	1/2	7-6	5º	102	15,000	0,636	4,54
14.251	Revista	1/2	7-5	1º	1	14,000	0,636	4,54
15.008	Marill n	1/2	6-6	5º	136	13,000	0,520	4,90
15.009	Rosinha	PCOD	6-4	5º	132	14,450	0,583	4,03
16.060	Cica	NR	2-6	1º	3	14,000	0,566	4,04
16.061	Violeta	PCOC	2-2	1º	4	13,500	0,573	4,24

Silvio Lara Campos, Sorocaba, Est. de São Paulo.

Controle em 10/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.400	Adella do Haras	PO	9-1	3º	80	17,300	0,609	3,52
8.401	Aurora do Haras	PO	9-3	3º	69	17,100	0,689	4,03
11.702	Colombina de Sta. Marina	PO	5-1	10º	269	13,300	0,469	3,52
11.707	Alegria	PCOD	11-0	6º	140	13,150	0,546	4,15
11.765	Alteza	PCOC	10-1	4º	85	18,000	0,720	4,00
11.767	Aleluia	PCOC	9-11	3º	71	15,800	0,638	4,04
11.945	Alhambra de Sta. Marina	PO	6-7	5º	84	14,100	0,611	4,33
15.283	Albania	PCOD	9-7	5º	94	14,600	0,591	4,05
15.557	Fuzil Nanci	PO	5-11	4º	68	13,550	0,592	4,36
16.043	Neve	PCOD	7-11	1º	13	20,200	0,941	4,66

No que respeita à criação de gado, tem sido valiosa a ação da ABCAR, em Minas Gerais, particularmente na bacia leiteira de Belo Horizonte, no Espírito Santo, no Estado do Rio de Janeiro, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul e em outros Estados.

A Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural tem sede no Rio de Janeiro - GB - Av. Marechal Camara, 210 - 7.º andar.

ÚLTIMAS DA...

(Conclusão da página 55)

ingestão de vitaminas K, entre grupos de aves de peso equivalente podem ter contribuído para a observação das diferenças no tempo de coagulação do sangue, no trabalho realizado por P. Griminger, H. Fisher e H. S. Weiss, do Departamento de Ciência Animal, da Universidade de Rutgers (New Jersey E.U.A.).

Estes resultados são de importância para as nossas condições climáticas e mostram a influência decisiva de vitamina K na prevenção das hemorragias nas aves, especialmente nas coccidioses dos pintos, frangos e frangas e nas poedeiras, quando provocam as manchas de sangue nos ovos, com grande depreciação comercial.

Acredita-se que, mesmo que as rações contenham farinha de alfafa, que condiciona um bom nível de vitamina K nas rações, uma suplementação com duas gramas desta vitamina, por tonelada de ração, cobrirá todas as deficiências climáticas ou do próprio corpo das aves.

EXPOSIÇÃO

A A.P.C.B. fará realizar a X Exposição Especializada de Gado Leiteiro de São Paulo, no Parque da Água Branca.

2 a 12 de junho

O QUE VAI...

(Conclusão da página 65)

4.949 kg de leite com 189,7 kg de gordura ou 3,83 %, o que lhe garante um LM. Já na Categoria de adultas temos Roselina, filha de A. Lany e Rosely, em sua 2.^a lactação controlada, iniciada aos 7,8, em 365 dias, 2x, registrando 6.597 kg de leite com 246,6 kg de gordura ou 3,73 %. Esta vaca, aos 5.11, teve sua primeira lactação controlada, obtendo um LM, com seus 4.538 kg de leite de 3,85 %, em 272 dias.

GIR LEITEIRO: SETE LACTAÇÕES ACIMA DE 3.000 KG ASSINALAM O ESFÓRÇO DOS CRIADORES NO DEMONSTRAR A CAPACIDADE DE PRODUÇÃO DA RAÇA

Passando ao Gir da variedade leiteira, podem ser destacadas as produções de tres vacas. Antes, porém, deve ser assinalado que, no esforço de mostrar a capacidade de produção de vacas desta raça, nesse mesmo relatório, vários criadores conseguem sete lactações com mais de 3.000 kg, o que é bastante significativo. Minerva, uma não registrada, propriedade do sr. J. Batista Figueiredo Costa, em 1.^a lactação, iniciada aos 3-3, em 365 dias, 2x, obteve 3.290 kg de leite com 150,1 kg de gordura ou 4,56 %. Do mesmo rebanho se destaca também a lactação de C. A. Iara, PC, filha de Astuto e Galera, que, aos 11-9, em sua lactação já comentada, nesta coluna, quando produziu 4.149 kg de leite em 365 dias, deu nova parição aos 424 dias, o que lhe garantiu registro na Divisão de 305 dias, com a produção de 3.722 kg e 160,4 kg de gordura ou 4,30 % ficando com direito ao titulo de LE. O terceiro destaca a vacas desta raça cabe a uma representante do rebanho da S. Francisco Soc. Ltda. de Mococa: Boa Sorte 125, não registrada, que, aos 7-0, em 365 dias, 2x, alcançou 3.414 kg de leite com 191,9 kg de gordura ou 5,62 %. Como se vê, vai bem o Gir leiteiro do Brasil, mercê do esforço dos seus proprietários.

RUMBEIRA, GUZERÁ DA CRIAÇÃO DO SR. JOÃO B. DE ABREU, PRODUZ 3.236 KG EM PRIMEIRA LACTAÇÃO

Dentro dos zebuinos submetidos a controle, aparece com destaque, também neste relatório, a vaca Rumba, da raça Guzerá, propriedade do sr. J. Carlos B. de Abreu,

Nº SCL	Gráu Idade do anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
Adalpra S. A. Agricola e Comercial, Campinas, Est. de S. Paulo.						
Controle em 19/11/965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
12.392	Elizabeth do Oriente	PO	6-2	2º	46	16,470 0,658 4,00
12.993	Elvira	PO	8-6	9º	225	13,800 0,544 3,94
13.087	Gallela do Oriente	PO	4-5	7º	161	13,070 0,550 4,20
13.088	Batulra do Oriente	PO	9-9	2º	46	16,000 0,704 4,40
13.698	Adalpra Alvorada	PCOD	3-6	3º	57	14,390 0,518 3,60
15.362	Granfina do Oriente	PO	3-11	4º	90	13,600 0,455 3,34

Ministério da Agricultura, Fazenda de Criação de Pinheiro, Pinheiral, Est. do Rio de Janeiro.

Controle em 20/11/965.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

8.842	Faia de Pinheiro	PO	9-8	1º	9	13,900 0,421 3,03
-------	------------------	----	-----	----	---	-------------------

RAÇA GIR LEITEIRO

Dr. João Batista Figueiredo Costa, Cosa Branca, Est. de S. Paulo.

Controle em 4/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13.353	C. A. Paquinha	PCOC	7-8	5º	130	11,250 0,640 5,69
13.356	C. A. Amada	7/8	11-1	7º	194	9,880 0,451 4,57
13.358	C. A. Lagoa	15/16	6-2	4º	118	10,160 0,462 4,55
13.360	C. A. Jangada	PCOC	6-8	3º	73	11,880 0,503 4,24
13.361	C. A. Fogueira	7/8	6-7	4º	119	12,120 0,458 3,78
13.362	C. A. Graha	3/4	8-7	6º	162	12,200 0,665 5,45
13.364	C. A. Andorinha	PCOC	5-10	6º	159	9,750 0,389 3,99
13.365	C. A. Surpresa	7/8	8-2	6º	175	12,660 0,578 4,56
13.367	C. A. Rancheirinha	3/4	10-8	5º	139	11,000 0,590 5,36
12.368	C. A. Barca	3/4	8-2	4º	114	13,520 0,511 3,78
13.370	C. A. Lonita	PO	12-1	1º	10	12,470 0,511 4,10
13.371	C. A. Manja	PCOD	8-8	4º	93	12,140 0,527 4,34
13.372	C. A. Roma	7/8	16-1	4º	109	12,050 0,511 4,24
13.438	C. A. Ladeira	PCOC	12-0	5º	131	13,000 0,499 3,83
13.439	C. A. Cachoera	7/8	6-4	4º	125	17,200 0,608 3,53
13.538	C. A. Jarrinha II	PO	4-7	2º	33	14,440 0,603 4,18
13.540	C. A. Cascata	3/4	11-3	5º	139	8,530 0,460 5,39
13.681	Bahia	NR	7-7	2º	43	12,190 0,319 2,61
13.696	C. A. Iara	PCOC	12-11	1º	8	14,610 0,678 4,64
13.698	C. A. Paraguaia	PO	8-7	2º	32	13,700 0,455 3,32
14.050	Minerva	NR	3-3	14º	352	9,460 0,402 4,25
14.220	Luminosa	NR	9-9	12º	309	9,450 0,459 4,86
14.396	Seda	NR	4-9	10º	273	8,260 0,477 5,77
14.484	Tulipa	NR	10-8	11º	245	9,320 0,457 4,90
14.882	Malaguenha II	RE	9-11	7º	178	8,000 0,440 4,90
14.883	Juta	RE	11-10	6º	175	10,090 0,550 5,51
14.885	Ministra	NR	8-3	6º	163	11,250 0,478 4,25
14.886	Duquesa	NR	11-3	7º	164	8,240 0,408 4,96
14887	Dama	NR	5-3	6º	160	9,590 0,442 4,61
15.034	Opala	NR	12-1	5º	142	10,990 0,450 4,17
15.312	Tabajara	NR	6-5	4º	124	9,070 0,488 5,38
15.314	Formiga	NR	12-2	4º	118	9,160 0,420 4,59
15.315	Esmeralda	NR	4-1	5º	117	8,010 0,444 5,54
15.316	Laranjeira	NR	13-2	4º	116	9,530 0,373 3,92
15.318	Jussara	NR	2-7	4º	113	11,000 0,514 4,67
15.319	Toscana	PO	13-2	4º	105	17,150 0,695 4,65
15.565	C. A. Opalinha	PO	4-9	3º	85	9,340 0,498 5,33
15.567	Barcelona	NR	6-3	3º	73	9,110 0,482 5,29
15.568	C. A. Apaixonada	PO	7-6	3º	71	9,680 0,458 4,74
15.569	Grecla	NR	3-6	3º	64	10,300 0,445 4,32
15.570	Plateia	NR	11-2	3º	59	12,670 0,675 5,32
15.830	Lagrira	NR	9-9	2º	40	8,720 0,400 4,58
15.890	Espuma	NR	4-1	2º	56	13,280 0,567 4,27
15.891	Garimpeira	NR	4-3	2º	56	9,070 0,550 6,07
15.892	Pioneira	NR	3-7	2º	55	10,100 0,420 4,16
16.029	Brama	NR	5-4	1º	15	11,150 0,502 4,51
16.030	Amazonas	NR	12-5	1º	15	11,490 0,540 4,69

São Francisco Sociedade Ltda., Mococa, Est. de S. Paulo.

Controle em 4/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.021	Dinamarca	3/4	9-7	12º	308	9,300 0,552 5,94
11.023	Pompeia	3/4	3-1	5º	132	10,400 0,494 4,75
11.025	Penteada	NR	10-0	1º	24	15,300 0,618 4,04
11.028	Violeta	3/4	7-10	6º	179	11,750 0,586 4,99
11.029	Catita	3/4	5-2	3º	77	9,600 0,491 5,11
11.034	Rainha	NR	13-0	2º	55	11,550 0,536 4,64
11.036	Champanha	NR	9-4	2º	51	10,500 0,459 4,37
11.038	Carreta	NR	—	3º	73	11,350 0,465 4,10
11.040	Granfina	3/4	8-3	4º	113	15,500 0,633 4,08
11.044	Apurada	7/8	5-8	10º	251	11,700 0,696 5,95
11.053	Campinas I I	PCOC	9-2	4º	103	11,300 0,508 4,49

Nº SCL	Gráu Idade do anos	Idade meses	Dias Controle de lactação	Leite	Gordura	%		
11.054	Apollce	NR	7-0	4º	94	9,400	0,431	4,58
11.057	Indiana	3/4	11-8	11º	274	9,350	0,456	4,87
11.061	Atalhada	7/8	6-7	11º	274	9,300	0,621	6,67
11.062	Renda	PO	9-1	4º	95	10,500	0,580	5,52
11.064	Maravilha	NR	13-0	1º	27	10,000	0,378	3,78
11.065	Aveia	NR	6-0	8º	221	8,100	0,453	5,60
11.066	Ariranha	3/4	6-11	6º	152	8,700	0,360	4,13
11.241	Sombra	NR	8-0	3º	86	9,800	0,500	5,10
11.324	Pauliceia	3/4	4-10	6º	161	9,650	0,550	5,70
11.329	Audacia	NR	6-0	2º	58	11,900	0,706	5,94
11.332	Vila Nova	3/4	10-0	4º	104	10,250	0,579	5,65
11.334	Agulã	7/8	6-4	1º	4	20,100	0,895	4,45
11.710	Armada	NR	7-0	6º	156	10,700	0,498	4,65
11.841	Vitrina	NR	8-0	6º	154	8,700	0,459	5,27
11.960	Traidora	PCOD	7-11	7º	195	10,800	0,576	5,33
11.962	Ella	3/4	9-4	1º	36	12,000	0,546	4,55
11.966	Japonesa	3/4	11-10	6º	222	15,750	0,724	4,60
12.071	Antilha	NR	12-0	4º	135	9,000	0,476	5,29
12.260	Guanabara	7/8	9-1	3º	84	8,650	0,467	5,40
12.381	Sorocaba	3/4	9-6	6º	219	10,450	0,565	5,40
12.466	Mulatinah	3/4	7-11	6º	187	10,650	0,551	5,17
12.852	Boneca	PCOC	5-8	4º	121	10,200	0,626	6,14
13.419	Chacara	NR	—	5º	160	9,550	0,586	6,13
13.713	Campinas I	3/4	7-9	5º	130	21,350	1,126	5,27
13.865	Pintura	NR	—	2º	40	10,100	0,379	3,75
13.866	Abadia	NR	4-8	3º	78	10,850	0,535	4,93
14.099	Gaucha	PCOD	7-4	14º	364	8,600	0,574	6,68
14.415	Coroa	NR	6-0	11º	277	8,800	0,462	5,25
14.584	Marambala	NR	8-0	10º	246	11,200	0,496	4,43
14.585	Labareda	NR	5-0	10º	252	8,200	0,464	5,67
14.588	Patro	NR	6-0	10º	249	10,000	0,642	6,42
14.592	Baleia	NR	12-0	1º	9	11,800	0,553	4,69
14.593	Mansinha	NR	—	9º	236	9,550	0,507	5,31
14.595	Lindola	NR	5-0	10º	259	9,950	0,499	5,02
14.728	Avenida	NR	—	7º	177	10,500	0,551	5,25
14.925	Brilhantina	NR	10-0	6º	144	11,350	0,504	4,44
14.926	Esperança	NR	13-0	6º	254	8,700	0,510	5,86
14.927	Moringa	NR	9-0	6º	153	11,050	0,619	5,60
14.928	Garota	NR	5-0	6º	157	8,200	0,636	7,76
14.931	Chilena	NR	8-0	6º	155	9,050	0,434	4,80
14.932	Inhá	NR	8-0	6º	152	9,650	0,537	5,56
14.933	Mangaba	NR	6-0	6º	150	11,200	0,603	5,38
14.934	Estimada	NR	9-0	6º	154	9,350	0,500	5,35
14.935	Doutrina	NR	13-0	6º	149	10,100	0,560	5,55
14.936	Americana	NR	10-0	6º	155	10,750	0,635	5,91
14.937	Francesa	NR	5-0	6º	163	9,050	0,563	6,22
15.039	Canhota	NR	9-0	5º	130	12,900	0,721	5,59
15.040	Amazonas	NR	5-0	5º	128	9,950	0,554	5,56
15.041	Desordelra	NR	6-0	5º	139	12,100	0,672	5,56
15.042	Fidalga	NR	9-0	5º	127	9,000	0,516	5,73
15.043	Garça	NR	9-0	5º	134	13,150	0,568	4,32
15.344	Bahia	NR	3-0	4º	105	8,950	0,512	5,73
15.345	Aventura	NR	4-0	4º	104	8,450	0,442	5,23
15.347	Serenata	NR	9-0	4º	100	13,000	0,664	5,11
15.349	Princesa	NR	—	4º	95	9,700	0,562	5,79
15.350	Campineira	NR	10-0	4º	94	10,150	0,530	5,22
15.351	Nelbina	NR	7-0	4º	105	11,900	0,589	4,95
15.352	Morinha	NR	7-0	4º	89	11,650	0,605	5,19
15.353	Castanhola	NR	—	4º	122	10,500	0,530	5,05
15.354	Gambeva	NR	8-0	4º	98	10,750	0,582	5,41
15.355	Loirinha	NR	7-0	4º	89	9,800	0,506	5,16
15.357	Caçula	NR	5-0	4º	114	9,000	0,494	5,49
15.358	Roleta	NR	9-0	4º	89	12,100	0,637	5,26
15.360	Paquinha	NR	5-0	4º	89	11,200	0,496	4,43
15.581	Javanesa	NR	4-0	3º	140	9,900	0,616	6,22
15.582	Bandelja	NR	3-4	3º	69	8,600	0,381	4,43
15.584	Banda	NR	3-5	3º	69	9,900	0,432	4,36
15.585	Pituxa	NR	—	3º	—	13,800	0,793	5,74
15.586	Areia	NR	9-0	3º	85	11,700	0,674	5,76
15.588	Esmeralda	NR	3-0	3º	65	8,100	0,450	5,55
15.590	Abonada	NR	—	3º	64	13,550	0,592	4,37
15.591	Represa	NR	9-0	3º	71	12,100	0,534	4,41
15.592	Tampinha	NR	7-0	3º	68	14,550	0,741	5,09
15.594	Uberaba	NR	10-0	3º	75	10,600	0,567	5,35
15.595	Carlota	NR	—	3º	97	10,750	0,503	4,68
15.846	Pateia	NR	—	2º	61	10,050	0,480	4,78
15.847	Manchada	NR	—	2º	47	10,550	0,447	4,23
15.848	Barreira	NR	3-3	2º	44	9,100	0,436	4,79
15.849	Correnteza	NR	9-0	2º	57	13,150	0,600	4,56
15.850	Paulista	NR	7-0	2º	55	16,050	0,818	5,10
15.851	Arrala	NR	6-0	2º	52	14,050	0,737	5,24
15.852	Caseira	NR	6-0	2º	60	11,500	0,497	4,32
15.853	Ribalta	NR	5-0	2º	65	9,350	0,421	4,51
16.081	Pinta Toxa	NR	11-0	1º	29	15,200	0,821	5,40
16.082	Campineira	NR	6-0	1º	27	14,000	0,709	5,06
16.083	Rolandia	NR	12-0	1º	2	11,700	0,508	4,34
16.084	Pitanga	NR	5-0	1º	15	14,750	0,623	4,22
16.085	Gaviana	NR	—	1º	22	11,000	0,561	5,10
16.086	Babel	NR	—	1º	24	9,500	0,350	4,73
16.087	Violenta	NR	10-0	1º	21	11,800	0,479	4,06
16.088	Catarata	NR	3-0	1º	26	8,300	0,376	4,53
16.130	Talaia	NR	—	1º	8	15,550	0,931	5,98
16.131	Artista	NR	—	1º	15	11,500	0,513	4,46
16.132	Angola	NR	—	1º	26	9,300	0,409	4,40

Cantagalo, RJ., não registrada, a qual em primeira lactação controlada, obteve 3.236 kg de leite com 184.3 kg de gordura ou 3,69 %.

RAÇA TROPICAL OU 5/8 RED POLL X 3/8 GUZERÁ: PRIMAVERA REGISTRA O MELHOR RESULTADO COM 4.577 KG DE LEITE

Finalmente, há a destacar, no relatório de Novembro, algumas lactações obtidas por vacas da raça Tropical Leiteiro, ou 5/8 Red Poll X 3/8 Guzerá, propriedade do Frigorífico Anglo S/A, Pitangueiras, SP. Se bem que não mostre as melhores produtoras, apresenta 4 lactações acima de 3.000 kg de leite, tres delas na Divisão de 305 dias, ou seja, com nova parição em menos de 427 dias. Mas o melhor destaque cabe a Primavera, que, aos 5-0, em 365 dias, 2x, registrou 4.577 kg de leite com 181,7 kg de gordura ou 3,96 %. Esta vaca já está com duas lactações em LM, a primeira obtida aos 3-10.

DE MINAS GERAIS

O REGISTRO GENEALÓGICO DE ZEBUINOS

A Sociedade Rural do Triangulo Mineiro, com sede em Uberaba, que por delegação do Ministério da Agricultura se encarrega do registro genealógico de zebuinos no País, reuniu o Conselho Técnico do Serviço de Registro Genealógico das Raças Bovinas de Origem Indiana, que tomou importantes deliberações.

LIVROS DE REGISTRO ABERTOS E FECHADOS

Uma dessas decisões prende-se ao fechamento do livro de registro da raça Guzerá fixado para agosto de 1968 por considerar que essa providencia permitirá seleção em moldestes realmente técnicos.

O livro de Nelore continuará aberto, pois essa raça ainda não está convenientemente estudada quanto à seleção genotípica e ainda é reduzido o número de animais registrados em sistema de livro aberto.

O Conselho decidiu ainda abrir o registro da raça Kangayan, em regime de livro fechado, devendo o padrão dessa raça ser estabelecido por comissão a ser formada pelo serviço de Registro Genealógico.

Quanto à raça Tabapuã, deliberou não abrir o registro, dado o reduzido número de exemplares da raça e sua pouca uniformidade exterior.

Abriu-se o registro da raça Nelore Mocho, como variedade da raça Nelore, dentro do padrão já existente, com exclusão dos chifres.

GIR LEITEIRO

No que respeita ao Gir Leiteiro, ficou estabelecido que o Serviço de Registro não poderá admitir a inscrição de animais mestiços sejam quais forem as suas características. O regulamento prevê a criação de linhagens leiteiras dentro do próprio padrão da raça, sem que se justifique o registro de animais mestiços dotados de características leiteiras.

Serão aplicadas medidas repressivas aos criadores que usarem ilegalmente a denominação de Gir leiteiro para bovinos mestiços.

JUIZ UNICO NA INSCRIÇÃO

Ficou a critério do diretor do Serviço de Registro Genealógico a designação de juiz único, em casos especiais, para efetuar a inscrição de bovinos. Para esse fim, a diretoria do Serviço reconhecerá como técnicos, além dos agrônomos e veterinários habilitados, os criadores aptos a opinar em matéria de ordem técnica.

Essa decisão pôde ser tomada com base na nova regulamentação dos serviços de registro genealógico baixada pelo Ministério da Agricultura, que prevê a presença de um técnico, pelo menos, no ato da inscrição. A constituição de uma comissão completa, além de ser problemática em face das atividades particulares dos juizes torna onerosa para os criadores interessados as providencias de registro dos plantéis.

TABELA DE PESOS MINIMOS

O critério da tabela de pesos mínimos para efeito de registro foi examinado principalmente do ponto de vista da executabilidade, dada a dificuldade de disporem os criadores de balança em sua propriedade. A comissão da raça Nelore sugeriu quanto a essa questão a elaboração de uma tabua de conversão de medidas em peso, embora considerasse essa providencia de difícil execução.

Nº SCL	Grão do sangue	Idade anos meses	Controle	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras %
São Francisco Sociedade Ltda., Mococa, Est. de São Paulo.						
Controle em 24/11/1965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
CONTROLE DE INSPEÇÃO.						
11.025	Penteada	NR	10-0	2º	34	10,980 0,361 3,29
11.028	Violeta	3/4	7-10	7º	191	8,820 0,463 5,25
11.029	Carlita	3/4	5-2	4º	87	8,200 0,317 3,87
11.031	Delta	7/8	—	1º	—	12,000 0,413 3,44
11.036	Champanha	NR	9-4	3º	63	8,720 0,382 4,39
11.038	Carreta	NR	—	4º	83	9,130 0,314 3,44
11.040	Granfina	3/4	8-3	5º	125	9,630 0,406 4,22
11.053	Campinas II	PCOC	9-2	5º	113	8,350 0,359 4,30
11.056	Avenca	PCOC	—	1º	—	12,480 0,516 4,14
11.329	Audacia	NR	6-0	3º	75	9,230 0,456 4,95
11.330	Faxina	3/4	—	1º	—	10,870 0,332 3,06
11.332	Vila Nova	3/4	10-0	5º	114	8,010 0,397 4,96
11.334	Agula	7/8	6-4	2º	14	13,230 0,426 3,22
11.960	Traidora	PCOD	7-11	8º	14	13,230 0,426 3,22
11.962	Ella	3/4	9-4	2º	46	8,670 0,284 3,27
11.966	Japonesa	3/4	11-10	7º	234	10,050 0,402 4,00
12.142	Parasita	NR	—	1º	—	11,050 0,404 3,66
12.381	Sorocaba	3/4	9-6	7º	231	8,600 0,383 4,46
12.466	Mulatinha	3/4	7-11	7º	199	8,430 0,370 4,39
12.852	Boneca	PCOC	5-8	5º	131	8,550 0,470 5,50
13.713	Campinas I	3/4	7-0	6º	142	17,050 0,845 4,95
13.865	Pintura	NR	—	3º	50	10,330 0,386 3,74
14.592	Baleia	NR	12-0	2º	26	9,220 0,377 4,09
15.039	Canhota	NR	9-0	6º	147	9,440 0,484 5,13
15.041	Dezordeira	NR	6-0	6º	158	8,090 0,413 5,11
15.043	Garça	NR	9-0	6º	153	9,400 0,454 4,83
15.347	Serenata	NR	9-0	5º	119	10,230 0,503 4,91
15.350	Campineira	NR	10-0	5º	111	10,270 0,517 5,03
15.351	Nebolina	NR	7-0	5º	122	8,500 0,417 4,90
15.352	Moirinha	NR	7-0	5º	106	8,150 0,452 5,55
15.358	Roleta	NR	9-0	5º	106	8,500 0,514 6,05
15.585	Pituxa	NR	—	4º	—	8,820 0,454 5,14
15.590	Baleia	NR	—	4º	81	8,900 0,414 4,65
15.591	Represa	NR	9-0	4º	88	8,850 0,454 5,13
15.592	Tampinha	NR	7-0	4º	85	8,900 0,376 4,22
15.594	Uberaba	NR	10-0	4º	92	9,850 0,373 3,79
15.849	Correnteza	NR	9-0	3º	74	9,850 0,373 3,79
15.851	Arrala	NR	6-0	3º	69	9,350 0,426 4,56
16.081	Pinta Roxa	NR	11-0	2º	46	10,850 0,426 3,93
16.083	Rolandia	NR	12-0	2º	19	8,580 0,358 4,17
16.084	Pitanga	NR	5-0	2º	32	11,270 0,584 5,18
16.130	ATALAIA	NR	—	2º	25	12,400 0,557 4,49

Dr. Leilo de Toledo Piza e Almeida, Jarinú, Est. de S. Paulo.

Controle em 23/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.860	Hulha J. 5	RE	11-11	5º	142	8,950 0,440 4,91
11.975	Pinta Roxa de Brasília	RE	—	2º	50	15,700 0,642 4,09
12.429	Ancora	RE	—	3º	73	10,800 0,416 3,85
14.863	Begonia	RE	—	5º	132	12,150 0,418 3,44

Rubens Resende Peres, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais.

Controle em 5/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

CONTROLE DE INSPEÇÃO.

11.855	Brasília de Brasília	PO	7-1	4º	61	14,280 0,594 4,16
11.977	Alegria B. de Brasília	PO	11-7	6º	96	15,530 0,850 5,47
12.306	Troia B. de Brasília	PO	9-1	3º	40	15,280 0,604 3,94
12.430	Japonesa de Brasília	PO	13-9	2º	23	11,000 0,529 4,80
12.506	Maconha T. de Brasília	PO	11-6	6º	104	13,200 0,569 4,30
12.508	Sibonel de Brasília	PO	12-8	4º	64	12,220 0,612 5,01
13.019	Lagoinha de Brasília	PO	—	7º	—	9,180 0,442 4,81
13.413	Bateria de Brasília	RE	6-0	4º	91	9,050 0,456 5,03
13.415	Frisia de Brasília	PO	8-8	4º	64	15,300 0,758 4,95
13.556	Bandeira T. de Brasília	PO	10-9	2º	31	12,390 0,599 4,84
13.685	Sota B. de Brasília	PO	6-8	3º	43	14,670 0,641 4,37
13.688	Venezia de Brasília	PO	8-8	3º	40	13,390 0,562 4,20
14.754	Juranda de Brasília	RE	—	8º	—	9,640 0,472 4,90
15.010	Rumba de Brasília	RE	—	7º	—	9,620 0,433 4,50
15.096	Renuncia de Brasília	RE	8-0	6º	127	10,200 0,535 5,24
15.363	Baloneta de Brasília	RE	—	5º	106	11,350 0,518 4,56
15.364	Caratinga de Brasília	RE	5-0	6º	88	8,870 0,422 4,76
15.365	Calibrosa de Brasília	PO	8-0	6º	84	14,750 0,545 3,69
15.627	Angola de Brasília	RE	13-0	4º	81	12,150 0,558 4,59
15.628	Escovada de Brasília	RE	8-0	4º	68	11,200 0,517 4,62
15.629	Orvalhada de Brasília	RE	5-1	4º	65	11,470 0,493 4,30
15.630	Figueira de Brasília	RE	13-0	3º	51	11,480 0,479 4,17
15.933	Indiana de Brasília	RE	3-9	2º	22	9,080 0,443 4,88
15.934	Alsacia de Brasília	RE	3-4	2º	20	9,650 0,528 5,47
15.935	Varsovia de Brasília	RE	4-8	2º	11	16,730 0,723 4,32

Nº SCL		Gráu Idade do sangue	Idade anos mês	Dias de Controle de lactação	Leite	Gordura	%
Santana Agro Pastoral S. A., Fazenda Far-West, Caleolândia, Est. de Minas Gerais.							
Controle em 19/11/1965.							
Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.							
3 ordenhas							
16.194	D-7646	RE	—	1º	5	20,130	0,625 3,10
16.195	Viola	RE	4-11	1º	5	12,750	0,351 2,73
2 ordenhas							
14.147	Harpa	PCOC	10-1	7º	175	10,640	0,623 5,84
14.154	Panacéa	PO	6-11	7º	176	10,120	0,584 5,77
14.161	Katia	PO	7-10	5º	80	14,720	0,576 3,91
14.174	Roxona	PO	—	6º	—	16,250	0,905 5,56
14.195	Guaira	15/16	7-6	1º	12	14,900	0,718 4,81
14.526	Imbula	RE	10-2	10º	274	8,030	0,384 4,74
14.612	Coleirinha	RE	4-11	10º	255	8,430	0,365 4,32
14.614	Bordada	RE	12-8	10º	247	8,210	0,473 5,74
14.957	Confusão	RE	6-0	7º	178	8,480	0,404 4,75
14.959	Brauna	RE	7-1	6º	176	10,550	0,549 5,20
14.960	Collina	RE	8-11	7º	163	11,300	0,561 4,95
15.157	Jarrinha	NR	7-11	6º	159	9,400	0,454 4,81
15.159	Lembrança I	RE	9-0	6º	153	13,100	0,567 4,32
15.160	Bolívia	RE	9-0	5º	137	8,650	0,470 5,43
15.306	Anhanguera	RE	—	5º	126	8,100	0,369 4,56
15.307	Sucupira	RE	4-0	4º	114	8,120	0,414 5,10
15.308	Agata	RE	3-10	5º	112	13,340	0,763 5,71
15.704	Papiza	RE	9-2	3º	60	10,010	0,532 5,31
15.980	Liberia	RE	12-11	2º	54	8,800	0,465 5,28
15.981	Corona	NR	—	2º	49	8,950	0,433 4,83
15.982	Rosana	RE	7-3	2º	31	12,850	0,639 4,97
15.983	Maca	RE	—	2º	29	13,850	0,479 3,45
16.196	Alvorada II	RE	5-3	1º	12	12,450	0,541 4,34
16.197	Hiena	RE	13-2	1º	8	10,900	0,547 5,01
16.198	Turea	RE	—	1º	25	11,310	0,454 4,03
16.199	Minerva	RE	3-9	1º	24	10,100	0,426 4,21
16.200	Doninha	RE	8-4	1º	23	15,310	0,782 5,10
16.201	Mescla	RE	13-4	1º	12	9,220	0,461 5,00
16.202	Andorinha	RE	12-4	1º	2	12,440	0,587 4,71

Dr. João Leite Sampaio Ferraz Jr., Reginópolis, Est. de S. Paulo.

Controle em 23/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13.165	Peixinha	NR	—	5º	141	12,050	0,546 4,53
14.901	Esperança	NR	—	5º	175	8,100	0,332 4,10
13.815	Fingida	NR	—	2º	38	9,400	0,333 3,55
15.829	America	NR	—	2º	44	8,800	0,294 3,34
16.073	Brasília	NR	—	1º	11	8,100	0,333 4,11
16.074	Tesoura	NR	—	1º	28	15,750	0,579 3,67
16.075	Carneira	NR	—	1º	7	9,600	0,324 3,37

Roberto Antônio Jacintho, Franca, Est. de São Paulo.

Controle em 18/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.684	Bizerta	PO	10-1	3º	114	11,500	0,507 4,40
15.685	Verdade	PO	5-3	3º	84	12,100	0,537 4,43
15.686	Rainha	7/8	6-0	3º	67	9,900	0,446 4,51
15.913	Baderna	RE	3-3	2º	54	14,350	0,596 4,15
15.914	Garça	3/4	5-1	2º	46	11,800	0,462 3,91
15.915	Baviera	RE	3-3	2º	42	13,100	0,476 3,63
15.916	Agenda	RE	4-0	2º	39	10,950	0,476 4,35
16.230	Carauna	RE	3-4	1º	11	10,550	0,482 4,57
16.231	Arari	RE	4-1	1º	5	11,100	0,519 4,67

Dr. Breno Lima Palma, Franca, Est. de São Paulo.

Controle em 29/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.371	Moamba	PO	10-0	7º	271	8,100	0,398 4,91
15.374	Paciência	NR	10-0	6º	180	8,200	0,345 4,20
15.379	Ervilha	PO	12-0	4º	145	9,900	0,285 2,90
15.380	Harpa	PO	9-0	4º	131	8,600	0,247 2,87
15.382	Lola	NR	—	4º	129	8,900	0,307 3,44
15.921	Lagôa	NR	—	2º	72	12,200	0,275 2,25
15.687	Genuina	NR	—	3º	86	15,000	0,385 2,56
15.920	Cafelandia	NR	—	2º	—	8,950	0,351 3,91
16.237	Bordalina	—	—	1º	—	9,200	0,562 6,10

Estudar-se-á uma tabela de peso mínimo em relação à idade, variável de acordo com o sexo, a qual deverá ser levada em consideração nas inspeções zootécnicas para efeito de registro. A Diretoria do Serviço justificou tal proposta com "a importância de considerar os fatores economicos no melhoramento das raças, sem o sacrificio de suas características fundamentais".

SELEÇÕES FABIO BASTOS

Recebemos exemplares das quatro primeiras edições de "Seleções Fábio Bastos" — publicação dedicada à agropecuária. Trazem elas interessante série de trabalhos técnico-práticos acerca da produção e tratamento do leite: de assuntos da agricultura e sua mecanização além de notas informativas, resumos e transcrições.

Cumprimentamos a Companhia Fábio Bastos, Comércio e Indústria por essa iniciativa e os interessados em receber as publicações poderão solicitá-las à matriz na rua Teófilo Otoni, 81/83, 4.º andar, Rio de Janeiro, ou às suas filiais em todo o Brasil.

THIBENZOLE

THIBENZOLE, o eficiente vermifugo contra vermes gastrointestinais que infesta o gado, agora também é encontrado em latões de 5.400 g (envelopes plásticos com 450 g). Além da eficiência comprovada de THIBENZOLE, o latão poderá ser aproveitado para vários serviços na fazenda como recipiente de leite, água e outros líquidos. THIBENZOLE — é um produto de MERCK SHARP & DOHME.

XV EXPOSIÇÃO DE
ANIMAIS E PRODUTOS

DERIVADOS

BARRETOS

3 a 12 de maio

PRODUÇÃO DE LEITE POR HECTARE-DIA

Um dinamarquês, fazendeiro em Três Corações, Minas Gerais, tem uma fazenda de 150 hectares. Produz 13 litros de leite por hectare-dia. Usando a técnica brasileira mais moderna, não é difícil produzir 15 litros de leite por hectare-dia. É mesmo possível ir a 20 litros de leite. Satisfaçamo-nos com 10 litros. Uma fazenda de 100 hectares pode produzir algo como 1.000 litros de leite por dia. De 200 hectares, 2.000 litros. Calculando-se o leite a Cr\$ 50 o litro, seriam Cr\$ 50.000 no primeiro caso e Cr\$ 100.000 no segundo. Outra renda seria proporcionada pela venda de bois (vacas velhas e chamurros, isto é, touros velhos emasculados. Haveria outras rendas proporcionadas pelas vendas de porcos, de alguns produtos da lavoura etc. Uma fazenda assim é altamente produtiva e lucrativa.

O PORCO TAMBÉM...

(Conclusão da pág. 43)

do animal fica inchada e há morte, dentro de tres semanas.

Na localização no aparelho digestivo, que é a mais comum, o animal emagrece muito, há falta de apetite, modificações no intestino, podendo haver retenção de fezes ou diarréia.

Uma forma pouco frequente é a tuberculose óssea, que se nota pelas "juntas" inflamadas, dificuldades de movimentação e, ao ser descarnado, ossos porosos.

Quando se examinam nos matadouros principalmente, os porcos suspeitos, e que mais facilmente se encontra é a lesão dos gânglios linfáticos da região da cabeça e da "papada"; entretanto, outros órgãos podem estar atacados, como os intestinos (parede interna), rins e pulmões (sinais de brocopneumonia).

O tratamento não é aconselhável: o melhor é eliminar os suspeitos (podendo ou não ser aproveitados como alimento depois de bem cosidos, dependendo das lesões) e fazer boa desinfecção das pocilgas. Pode-se tentar a tuberculização como diagnóstico.

Nº SCL		Gráu do sangue	Idade em meses	Controle de lactação	Dias de Leite	Gordura	%
Santana Agro Pastoral S. A. Granja Bela Vista - Leopoldina, Est. de Minas Gerais.							
Controle em 23/11/965.							
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
14.146	Abacá	PO	4-9	3º	51	10,800	0,446 4,10
14.150	Medalha	PCOC	6-11	4º	92	13,350	0,966 7,20
14.166	Dentina	PO	4-7	3º	49	9,450	0,480 4,70
14.183	Jarra	PO	9-4	1º	7	11,000	0,520 4,70
14.186	Maravilha	PO	7-4	3º	72	10,000	0,451 4,51
14.187	Duquesa	3/4	9-0	1º	5	14,450	0,712 4,90
14.255	Renuncia I	RE	9-4	3º	59	9,350	0,363 3,90
14.276	Delicia	PO	15-5	1º	21	14,200	0,762 5,30
14.525	Descoberta	RE	13-3	11º	261	9,000	0,469 5,21
14.961	Maceteira	—	7-0	6º	—	12,000	0,589 4,90
14.964	Franca	RE	—	6º	174	8,900	0,382 4,30
15.966	Abalva	RE	6-0	7º	169	10,400	0,496 4,80
14.967	Carangola	RE	10-10	7º	160	9,900	0,598 6,04
14.968	Beladona	RE	9-3	5º	156	11,450	0,587 5,10
14.969	Ita	RE	4-0	6º	156	10,800	0,550 5,10
15.135	Granada	RE	8-0	5º	142	8,350	0,319 3,60
15.136	Urbana	RE	6-0	6º	134	10,800	0,490 4,50
15.137	Araponga	RE	3-4	5º	127	9,400	0,552 5,90
15.147	Bela Vista	RE	9-0	6º	124	16,200	0,959 5,90
15.304	Suely	RE	10-5	4º	115	10,100	0,409 4,00
15.305	Caneta	RE	8-1	5º	108	9,000	0,354 3,90
15.688	Malva	RE	11-2	3º	66	12,850	0,341 2,60
15689	Caicara	RE	11-2	3º	66	13,300	0,626 4,70
15.690	Violeta	RE	7-1	5º	98	14,250	1,000 7,00
15.692	Grã Betanha	RE	5-4	4º	65	10,500	0,548 5,20
15.693	Java	RE	4-2	3º	66	9,100	0,409 4,50
15.694	Magia	RE	3-2	3º	65	8,700	0,442 5,10
15.695	Rodilha	RE	11-3	4º	59	9,900	0,442 4,50
15.696	Marani	RE	7-1	4º	97	13,900	0,657 4,70
15.698	Brilhantina	RE	9-1	4º	88	9,700	0,543 5,60
15.699	Gravata	RE	3-0	4º	77	11,650	0,735 6,30
15.700	Bilca	RE	10-2	4º	70	11,800	0,362 3,10
15.701	Simpatia	RE	8-2	4º	66	14,000	0,622 4,40
15.893	Famosa	RE	9-2	3º	58	8,950	0,331 3,70
15.894	Carteira I	RE	7-6	3º	55	11,050	0,436 3,90
15.895	Pastorinha	RE	8-3	3º	49	12,700	0,572 4,50
15.896	Prima	RE	5-3	3º	49	10,300	0,431 4,20
15.897	Lendaria	RE	12-3	3º	42	11,300	0,524 4,80
15.898	Calcioandla	RE	7-3	3º	39	12,850	0,579 4,50
15.899	Bonita	RE	7-3	3º	37	13,000	0,513 3,90
16.242	Lontra	RE	12-3	4º	44	9,000	0,419 4,60
16.243	Boneca	RE	—	1º	33	12,150	0,566 4,60
16.244	Casa Branca	RE	6-4	1º	17	11,050	0,645 5,83
16.245	Barra Funda	RE	—	1º	14	8,700	0,449 5,20
16.246	Alegria	RE	—	1º	11	11,350	0,470 4,10
16.247	Inglaterra	RE	7-10	1º	11	12,200	0,522 4,30
16.248	Carteira II	RE	7-4	1º	10	10,950	0,543 4,90
16.249	Gaiola	—	9-10	1º	8	11,300	0,559 4,95
16.250	Bastilha	RE	—	1º	3	10,250	0,520 5,10
16.251	Collna	RE	9-4	1º	2	11,000	0,474 4,30
16.252	Varsovia	RE	7-11	1º	2	13,600	0,699 5,10
16.253	Ginga	RE	13-1	1º	1	10,300	0,491 4,80

RACA GUZERA

Allyrio Jordão de Abreu. Boa Sorte. Est. do Rio de Janeiro.

Controle em 10/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.666	Fortaleza	RE	8-0	9º	252	9,850	0,451 4,58
15.334	Gaivota	—	6-8	5º	123	9,000	0,528 5,86
15.806	Pompeia	—	—	2º	—	13,150	0,638 4,85
15.807	Caravela	—	—	2º	—	12,400	0,638 5,14
16.127	Caicara	—	—	1º	—	13,150	0,623 4,74
16.128	Promessa	—	—	1º	—	12,450	0,516 4,14

Dr. Roberto Martins Franco. Sales de Oliveira. Est. de S. Paulo.

Controle em 16/11/965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.880	Moçona	RE	6-9	6º	178	9,000	0,459 5,10
15.881	Cedula	RE	3-7	6º	199	8,500	0,337 3,96
15.886	Guzerá	NR	9-8	4º	100	11,000	0,648 5,89
15.888	Patota	RE	6-6	2º	82	10,500	0,442 4,21
15.889	Granada	NR	4-7	2º	82	9,000	0,448 4,97
16.238	Gufoza	—	—	1º	—	8,600	0,440 5,11
16.241	Gaiçara	—	—	1º	—	8,000	0,476 5,95

Nº SCL.	Gráu Idade do anos sangue	Controle de meses	Dias lactação	Leite	Gordura	%
RACA RED-SINDI						
João Carlos Pedreira de Freitas, Arceburgo, Est. de Minas Gerais.						
Controle em 27/11/1965.						
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
CONTROLE DE INSPEÇÃO.						
12.133	Fortaleza	RE	4-8	3º	80	14,430 0,654 4,53
15.014	R. S. 22	RE	14-5	6º	159	8,700 0,477 5,48

João Carlos Pedreira de Freitas, Arceburgo, Est. de Minas Gerais.

Controle em 30/11/1965.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.133	Fortaleza	RE	4-8	4º	83	14,300 0,570 3,99
12.586	Guanabara	RE	5-3	1º	2	10,150 0,609 6,00

OBSERVAÇÕES: Hol. — Holandêsa; pb — preta e branca; vb — vermelha e branca; NR — não registrada; PCOC — puro por cruzar de origem conhecida; PCOD — puro por cruzar de origem desconhecida; PO — puro de origem; RP — registro provisório RE — registrada.

São Paulo, NOVEMBRO de 1965.

Dr. Otto de Mello
Gerente Técnico

SERVIÇO DE CONTRÔLE DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL

Fazenda Primavera
Agro-Pecuária Primavera S. A.
Jarínú — S. Paulo
Raça Charolesa
Pesagem realizada em 13.12.65

NOME	IDADE EM MESES	PÊSO
MACHOS		
Primavera Armande 28	11	307
Primavera André 27	11	283
Primavera Alexandre 29	11	278
Primavera Aristoteles 30	11	317
Primavera Arquimedes 31	11	268
Comet 32 Euridice Rajá	9	294
Camembert 34 Java San Cy Fidalgo	9	251
Cabrion 35 Circe San Cy Fidalgo	7	273
Camus 36 Moglana CDaracol	7	255
Calais 37 Dubarry Bebedouro	7	266
Calvus 38 Brasília Bebedouro	7	255
Calixto 39 Isis San Cy Fidalgo	7	273
Cambridge 40 Venus Caracol	6	209
Caracala 41 Dallia San Cy Fidalgo	3	120
Cameron 42 Maratona Bebedouro	1	67
Cantú 44 Pipoca Bebedouro	1	51
FÊMEAS		
Catalini 119 Majorca San Cy Fidalgo	8	226
Catlanla 120 Astoria Bebedouro	7	231
Carina 121 Cecilla Bebedouro	6	176
Celta 122 Corvette Bebedouro	6	178
Celtica 123 Tanagra San Cy Fidalgo	5	152
Chabata 124 Atris Caracol	3	128
Chagrin 125 Saga Caracol	3	126
Chamonix 126 Magnolia Bebedouro	3	126
Chablais 127 Zaba Caracol	2	102
Chaperone 128 Fatura Caracol	2	53
Caan-SI 129 Pindaiba Bebedouro	2	78
	1	60

Dr. Otto de Mello
Gerente Técnico

FEVEREIRO DE 1966



DE 6 A 12 DE
OUTUBRO
NO PARQUE DA
ÁGUA BRANCA, EM
SÃO PAULO
PROMOÇÃO DA
A. P. C. B.

Os criadores devem ter em dia suas fichas cadastrais nos bancos abaixo relacionados, os quais prestigiam a

FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS:

- Banco Mercantil de São Paulo S.A.
- Banco Brasileiro de Descontos S.A.
- Banco Comercial do Estado de S. Paulo S.A.
- Banco Novo Mundo S.A.
- Banco Comércio e Indústria de S. Paulo S.A.
- Banco Federal Itaú S.A.
- Banco do Brasil S.A.
- Banco do Estado de São Paulo S.A.

Anúncios Classificados

CALENDARIO DE EXPOSIÇÕES

ESTADO DE SÃO PAULO

MARÇO

14 a 20 — IX Exposição Agro-Pecuária e Industrial, em Bragança Paulista.

ABRIL

18 a 24 — Exposição de Animais e Produtos Derivados, em Presidente Prudente.

MAIO

3 a 12 — XV Exposição de Animais e Produtos Derivados, em Barretos.

JUNHO

2 a 12 — X Exposição-Feira de Gado Leiteiro, Caprinos, Coelhos e Apicultura e X Exposição-Feira de Cavalos Mangalarga, Campolina e Jumentos, Capital de São Paulo.

22 a 25 — I Feira de Gado de Itapetininga.

JULHO

11 a 17 — III Exposição Estadual de Animais e Produtos Derivados, em São João da Boa Vista.

AGOSTO

8 a 15 — IX Exposição de Animais e Produtos Derivados, em Bauru.

SETEMBRO

4 a 15 — IX Exposição-Feira de Gado Zebu e outras raças de corte, suínos, ovinos e aves e IX Exposição de Cavalos de Esporte, Trabalho e Fins Militares, Capital de São Paulo.

OUTUBRO

6 a 11 — V Feira Nacional de Animais, Capital de São Paulo.
24 a 30 — VI Exposição de Animais e Produtos Derivados, em São José do Rio Preto.

NOVEMBRO

21 a 27 — VIII Exposição de Animais e Produtos Derivados, em Araçatuba.

ANÚNCIOS CLASSIFICADOS COLUNAS DE 4 cm

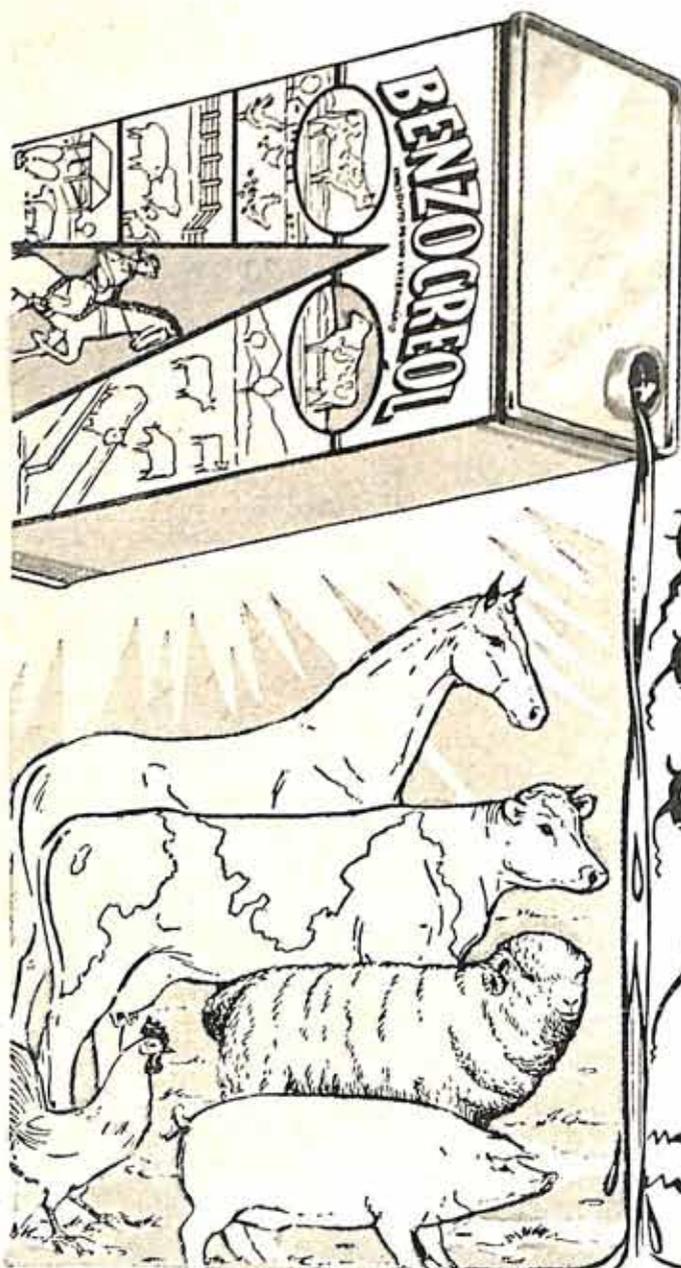
Cada em por coluna comporta no máximo 10 palavras, inclusive nome e endereço.

Cr\$ 3.000 por centímetro e por publicidade.

Ótima oportunidade para os sts. fazendeiros, criadores, comerciantes, etc., fazerem suas ofertas. Todo pedido de publicação deverá vir acompanhado da respectiva importância líquida e em nome da

REVISTA DOS CRIADORES
RUA CANUTO DO VAL, 216
SAO PAULO

PROTEÇÃO TOTAL CONTRA DOENÇAS



para os quais é indicado, eis o que Benzocreol oferece aos animais. Por isso, siga os Criadores experimentados e use Benzocreol, esse maravilhoso remédio veterinário consagrado por uma preferência absoluta de mais de 50 ANOS. Peça grátis: "O GUIA DO CRIADOR", remetendo este anúncio à Cx. Pt. 1002 - São Paulo.

BENZOCREOL

CICATRIZANTE • GERMICIDA • FORTIFICANTE

um produto de Industrias J. B. Duarte S/A.



EBERLE São Paulo S. A.

Comércio, Indústria, Importação e Exportação
FABRICAÇÃO PRÓPRIA

Selas — Arreios e artigos para montaria — Arreios para carroças e charretes — Cabrestos para gado — Coleiras e guias para cães — Capas de lona — Capas de retreiros.

Metalúrgica: Esporas — Estribos — Freios — Ferragens para montaria — Artigos para presentes — Cutelaria.

Revendedores: Capas Rener — Palas — Pelegos — Pastas — Malas.

MATRIZ — Rua Paula Souza, 146/164 — Fones: 34-5791 — 34-0584 e 34-8432

LOJA 2 — Av. Casper Libero, 598 — Fones: 37-2042

LOJA 3 — Av. Adolfo Pinheiro, 256 — Fone: 61-2408. Caixas Postal 1282 e 2049 —

SÃO PAULO

FORMULARIO INDUSTRIAL AGRICOLA

com SUPLEMENTO DE QUÍMICA INDUSTRIAL E FARMACÊUTICA.

O maior LIVRO da atualidade, contendo em um só volume 1.000 Indústrias — 5.000 FÓRMULAS DIFERENTES.

INSTITUTO CIENTIFICO DE QUÍMICA

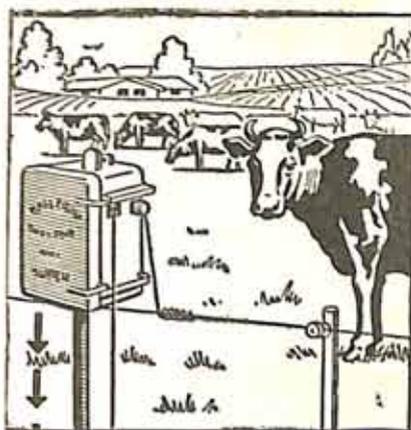
CAIXA POSTAL 6-ZC-00

Solicito enviar-me por Reembolso Postal exemplar (es) do "FORMULARIO INDUSTRIAL" — (Cr\$ 8.000)

Nome

Rua

Cidade Estado



CERCAS ELÉTRICAS BALLERUP

(DINAMARCA)

80% DE ECONOMIA
EFICIÊNCIA COMPROVADA

SOCIEDADE ALFA LTDA.

REP. EXCLUSIVO PARA O BRASIL

RUA BÉLGICA, 152 - TEL.: 80-6766
SÃO PAULO

MOINHO PICADOR CIMSA

para rações



Trabalha ao mesmo tempo com entrada e saídas separadas com:

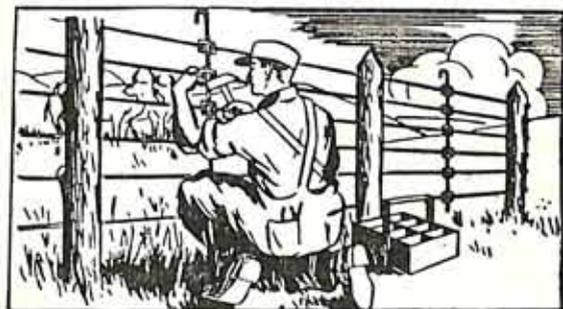
RAÇÕES VERDES — batata doce e rama, cana forrageira e folhagem, mandioca, rama.

RAÇÕES VERDES — batata doce e inclusive palha e sabugo, milho, fubá fino e grosso, quirela, alfafa e muitos outros produtos.



CIMSA

Rua Araritagua-
ba, 228 - Vila
Maria - Tel.:
93-2734 - Caixa
Postal 14.271 —
São Paulo



O CEREBRO INATIVO ATROFIA A MENTE

ECONOMIZE MADEIRA, TEMPO E DINHEIRO...

ARAME DE AÇO "CATLELAND WIRE". (NOSSA EXCLUSIVIDADE) extra resistente. (Marca registrada cert. I.P.T.

resist. 140/150 Kls. m/m² — regula Cr\$ 23, o metro).

Usado para cercar criação há mais de 50 anos... preferido pelos pecuaristas tradicionais. Cada 10 metros uma lasca fincada, e cada 2 metros um balancim do próprio arame fixo com presilha "CARRAPATO". Firma de Fazendeiros para Fazendeiros — DIRETAMENTE AO CONSUMIDOR — Preços Especiais.

Soc. Com. S. PAULO-MATO GROSSO — São Paulo — Rua Quintino Bocaiuva, 231 — Fones: 33-4053 e 33-1548
PECUARISTA D'OESTE — Araçatuba — Pres. Prudente. Soc. Com. MATO GROSSO — Campo Grande — Aquidauana — COOPERATIVA AGRO-PECUÁRIA TRIANGULO MINEIRO — UBERABA.

CARBOLINEUM

Protege e imuniza toda a classe de madeira contra a podridão e cupim, principalmente as madeiras brancas de pequena resistência.

OTTO BAUMGART

Indústria e Comércio S/A

AV. PRESTES MAIA, 356

Caixa Postal, 3492 — São Paulo

Anuario dos Criadores

volume correspondente a
1964/65

Peça hoje mesmo
seu exemplar por
Cr\$ 5.000

Pedidos:

Rua Canuto do Val, 216
SÃO PAULO



PAGE S.A.

Praça da Sé, 371 — 1.º andar
Telefone: 35-0869 — São Paulo

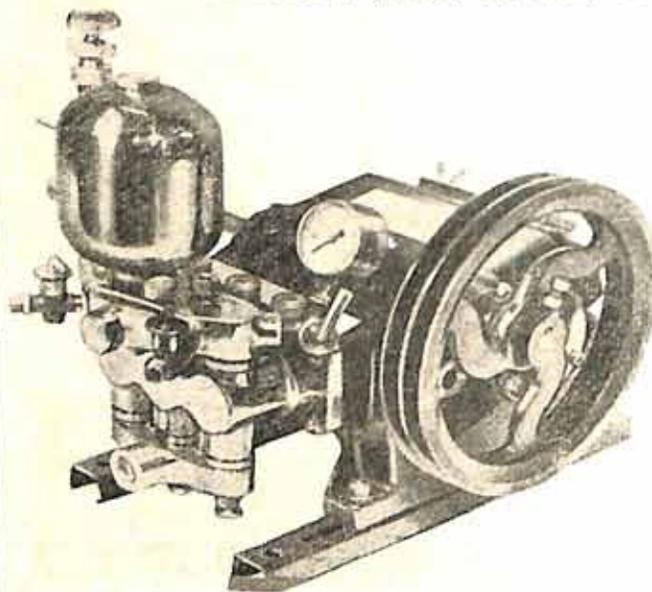
Exposições de gado e máquinas em 1966

A Associação Paulista de Criadores de Bovinos, em colaboração com o D.P.A. da Secretaria da Agricultura de São Paulo, fará realizar:

- X Exposição Especializada de Gado Leiteiro de S. P., no Parque da A. Branca
2 a 12 de junho
- V Feira Nacional de Animais e Máquinas, no mesmo local
6 a 12 de outubro

10 MIL RAZÕES PARA V. EXIGIR O PULVERIZADOR HATSUTA-SU

Existem mais de 10 mil pulverizadores motorizados HATSUTA trabalhando nos mais diversos pontos do País. E trabalhando bem. Tanto



que resolvemos fabricá-lo no Brasil. Com a mesma perfeição técnica dos modelos japoneses: revestido de latão nas partes que têm contacto com os inseticidas, pressão máxima de 500 libras, adaptável ao trator, de fácil manejo e econômico.

HATSUTA - modelo SU é o pulverizador recomendado para qualquer tipo de tamanho de cultura. Garantia de ótimas colheitas.

FABRICAMOS TAMBÉM:

PULVERIZADOR MANUAL FUJI (que equivale a 5 aparelhos costais)
POLVILHADEIRA MANUAL HATSUTA (com processo especial de misturador e alimentador. Permite o uso de todos os tipos de inseticida em pó, mesmo com umidade).

Hatsumec IND. E COM. S.A.

VENDAS: Rua Barão de Duprat, 191 — São Paulo

FABRICA: Rua Endres, 840/910 — Guarulhos - SP

Orientação técnica da **HATSUTA INDUSTRIAL Co. Ltd.** — Japão

Solicite-nos maiores informações:

Nome:

Distribuidor: sim: não:

Enderço:

Cidade: Estado:

a porcada "limpa" o côcho...



Quando a ração é boa e uniforme, a PORCADA LIMPA O CÔCHO. Mas, como preparar uma ração boa e sempre uniforme, aproveitando ao máximo o milho produzido na fazenda? É fácil. Basta misturar de 10 a 20% de SUPERSUIGOLD^{ki}, ao fubá ou ao milho previamente pôsto de mólho. Está assim preparada uma ótima ração e assegurado mais lucro ao criador, pois:

- A ração é perfeitamente balanceada, contendo as proteínas, vitaminas e mineirais indispensáveis.
- Garante maior aumento de pêso, com menor consumo de alimento.
- Permite o aproveitamento máximo do milho e de outros produtos da fazenda, mandioca, "verdes" etc.
- Com um só concentrado, o SUPERSUIGOLD^{ki}, usado em diferentes proporções, se farão rações para as diversas idades e tipos de explorações.

SUPERSUIGOLD ^{KI}

Concentrado proteico-vitamínico-mineral

MATRIZ: AVENIDA JOÃO DIAS, 1356
CAIXA POSTAL 12635 - SANTO AMARO
FONES 61-1712 - 61-1856 - SÃO PAULO



FILIAL: AVENIDA FARRAPOS, 2953
C. P. 3.084 - END TELEGR. "TORTUGA"
PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL

Distribuidores exclusivos dos produtos veterinários CARLO ERBA, para todo o Brasil

Revista dos Criadores

ORGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Redação: Rua Canuto do Val, 216 — São Paulo — Brasil

Telefones: 51-9234 e 52-3429

End. Telegráfico: «Criadora»

CORRESPONDENTES

SÃO PAULO

Piracicaba
Octavio de Almeida Penna
Rua Prudente de Moraes, 679

GUANABARA

Rio de Janeiro
Armando de Almeida
Av. Churchill, 94 — s/ 1110

MINAS GERAIS

Uberlândia
Lauro Coelho de Oliveira
Caixa Postal, 116

RIO GRANDE DO SUL

Livramento
Achylls Alves
Pôrto Alegre
Geraldo Veloso Nunes Vieira
Parque Menino Deus

AMAZONAS

Manaus
Danilo du Silvan
Rua Mandacarú, 109

PARANÁ

Curitiba
Mario Marcondes Loureiro
Al. Cabral, 519
Caixa Postal 1506

PERNAMBUCO

Recife
Dr. Leandro Estima

GOIAS

Goiânia
Romildo de Carvalho Coutinho
Rua 83, nº 472 - Setor Sul
Fone: 21-16
Caixa Postal 1506

BAHIA

Salvador
Othello Tormin
Rua Cons. Dantas, 20
(altos da casa Pirangy)
Fone: 2-2645

ARGENTINA

Buenos Aires
Eng.º Agr.º Pedro Luis Bibé
Cangallo 4318

AFRICA

Mocambique
José Antônio Cardoso Vilhena

REPRESENTANTES

BRÁSILIA — D. F.

José Luiz Cerqueira L. Rocha

GUANABARA

Rio de Janeiro
Sogeco — Soc. Geral de Co-
mércio de Livros e Revistas
Ltda.
Av. Rio Branco, 9 — s/278

MINAS GERAIS

Belo Horizonte
Levy Alves de Almeida
Rua Frutal, 276
Santa Ifigênia
Juiz de Fora
Francisco Carlos Martins
Rua Marmore, 132
Fone: 4025

RIO GRANDE DO SUL

Pôrto Alegre
Dr. Geraldo Veloso Nunes
Vieira
Parque Menino Deus

GOIAS

Goiânia
Sotave Ltda.
Fone: 27-10
Rua 6, 17

PARANÁ

Curitiba
Dr. Mário Marcondes Loureiro
Rua dr. Cândido Xavier, 225

BAHIA

Salvador
Representações O. Tormim
Rua Cons. Dantas, 20
(altos da casa Pirangy)
Fone: 2-2645
Representações
End. Teleg.: «XARMAN»

ESTADOS UNIDOS

New York
Halpern Associates
108 West 43rd Street
New York, 36, N. Y. — USA

REPÚBLICA ARGENTINA

Buenos Aires
Asociación Argentina de Cria-
dores de Cebu
Bartolomé Mitre, 754 — 2º P.

VENDA AVULSA E

ASSINATURA

GUANABARA

Rio de Janeiro
Sogeco — Soc. Geral de Co-
mércio de Livros e Revistas
Ltda.
Av. Rio Branco, 9 — s/278

SÃO PAULO

Capital
Pedro Lazarini
Livraria da Estação da Luz
Livraria do Aeroporto
Aeroporto de Congonhas
Interior
São José do Rio Preto
Agência Comercial
Baurá
Salomão Gantus
Piracicaba
Licínio A. Hufenbaecker
Taubaté
Judith Mazella Moura

MINAS GERAIS

Juiz de Fora
Agência Campos
Uberlândia
Agência Lopes
Montes Claros
Agência Thais
Eloi Mendes
Astolfo C. Telxreira Filho
Cambuquira
Benedito Ferreira
Itajubá
Casa Lucy
Três Pontas
Conceição A. R. Marques
Barbacena
José Francisco de Assis
São Gonçalo do Sapucaí
José Siqueira Noronha
Lavras
Papeleria Pádia
Belo Horizonte
Soc. Distr. de Jornais e Re-
vistas
Araxá
Wantrín Batista Costa

BAHIA

Salvador
Afonso C. Queiróz

Distribuidora de Revistas
Souza

GOIAS

Goiânia
Distribuidora Jardim
Rua 6, esq. com Rua 17
Caixa Postal, 45

RIO GRANDE DO SUL

Rio Grande
Ernani R. Lages
Pôrto Alegre
Ernesto Soveral
Octavio Sagebln S/A
Santa Vitória do Palmar
Flor Amaral
Lagôa Vermelha
Gráfica Lagoense
Santa Maria
Livraria do Globo
Santana do Livramento
Lojas Brisolla
Júlio de Castilhos
Malvina Walhrich

ESPIRITO SANTO

Vitória
Alfredo Copollo
Alegre
Emílio dos Santos Abreu
Mimoso do Sul
Zildo Corrêa

CEARA

Fortaleza
J. Felinto & Cia.

RIO GRANDE DO SUL

Natal
Luiz Romão

PERNAMBUCO

Recife
Agência de Revistas Mauricéa
Recife Distribuidora de
Revistas
Rua do Hospício, 340
Caixa Postal, 1.300

SANTA CATARINA

Agência Distribuidora de
Revistas
Florianópolis
Pôrto União
Livraria Iguassú

MARANHAO

São Luiz
Livraria H. C.
Rua Tarquínio Lopes, 292

PARANÁ

Curitiba
Haroldo Maciel Camargo
Ponta Grossa
Livraria Montes

PIAUÍ

Terezina
José Alves Martins

SERGIPE

Aracaju
Winston Corrêa Dantas
Rua Siqueira, 969

FRUGAI

Montivideo
Livraria Monteiro Lobato

AFRICA O. PORTUGUESA

Lourenço Marques
J. A. Carvalho & Cia. Ltda.

DEBULHADOR DE MILHO COM ALIMENTADOR MANUAL OU AUTOMÁTICO

Despalha, debulha e ventila com perfeição.

Totalmente de ferro, rotor e pinos são de ACO, construção
sólida, grande durabilidade.

Fabricado para 100, 200, 300, 600, e 1.000 sacas diárias, re-
quer pouca força. Facilidades para pagamento

Peca informações sem compromisso à

METALÚRGICA SANTA LUZIA FUNDIÇÃO E MECANICA

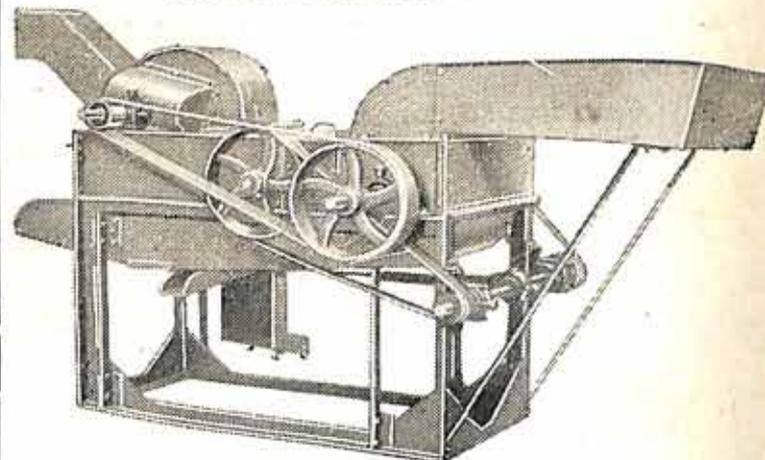


Marca
Registrada

Fabricantes de Máquinas Agro-Pecuárias

JAYME ESTEVAM BENEDETTI &
CIA. LTDA.

Praça Vicente de F. Guimarães, 36, 59, 64 - Fones: 2462 e 2464
Caixa Postal, 35 — End. Teleg. «BENEDETTI»
PINHAL — EST. DE SÃO PAULO



DEBULHADOR DE MILHO

Alimentação manual para 100 sacas
diárias — Inteiramente de FERRO e AÇO



O modo mais rápido e eficiente de controlar bernes e vermes de bovinos



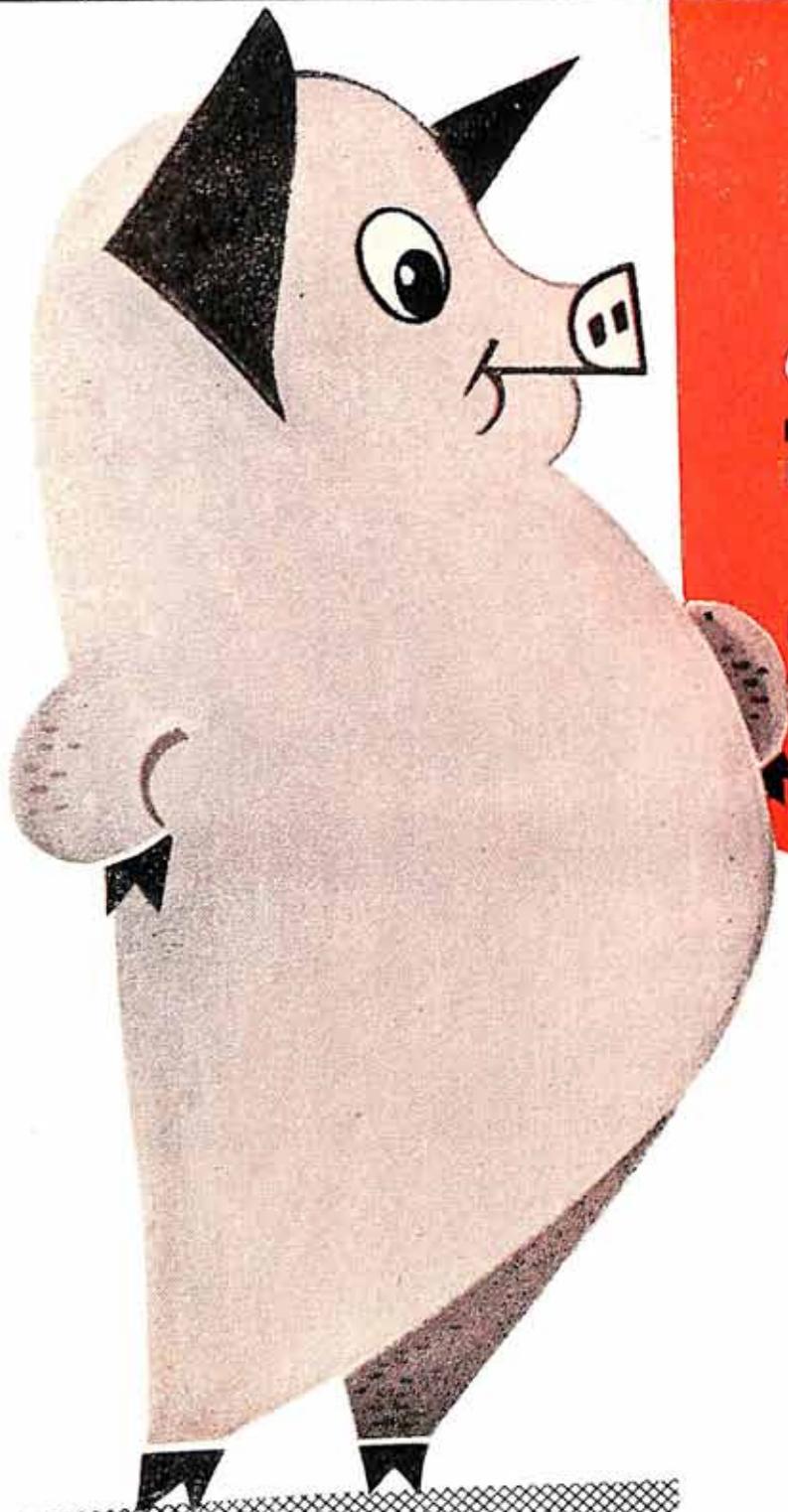
é com RUELENE 25E

O berrnicida sistêmico RUELENE® 25E, aplicado pelo método de derrame sôbre o lombo, expulsa bernes e controla vermes intestinais, permitindo maior ganho de pêso e menos estragos no couro. É absorvido rapidamente através da epiderme e levado pelo sistema circulatório, exterminando todos os bernes de qualquer parte do corpo. Este sistema de tratamento, é muito mais prático e econômico que

por pulverização ou com escôva. RUELENE 25E, pode ser aplicado em animais de tôdas as idades, inclusive nas vacas em gestação. Para maiores detalhes procurem nosso departamento técnico - Dow Agro-Pecuária Ltda, R. da Assembléia, 92-15, andar - sala 1.502 - Fone: 52-0081 - Rio de Janeiro. São Paulo Rua Timbiras, 390-1, andar Fones: 33-7997, 35-9670, 36-3298 e 37-4824.

* Marca Registrada de The Dow Chemical Company





TENHO
6 meses
E JÁ PESO

100
QUILOS!

O alimento representa 75 a 80% do custo na criação de porcos. Os outros gastos por cabeça - instalações, empregados, remédios - não variam. Porque obter 100 quilos em 12 meses quando, com alimentação adequada, se obteria o mesmo peso em 6 meses? E consumindo a metade em ração!

As proteínas são básicas para a produção de carne. Com os **CONCENTRADOS PROTÉICOS DA SOCIL*** seus lucros poderão duplicar.

SOCIL PRÓ-PECUARIA S.A.

S. Paulo - R. Campos Vergueiro, 85 - Tels.: 5-0298 e 5-0050 - C.P. 5013
P. Alegre - Av. Plínio Brasil Milano, 2593 - Tel.: 2-1204 - C.P. 1966
Curitiba - R. Mal. Floriano Peixoto, 7024 - Tel.: 4-8163 - C.P. 503

* Colaboramos com a Campanha Nacional do PORCO CARNE, fornecendo plantas de instalações e assistência técnica.

